



**Departamento de Gestão**

**MENINOS EM RISCO NA AMAZÔNIA: MODELOS DE CONDUTA DESVIANTE  
DE JOVENS APREENDIDOS NA FASEPA E DE ATENDIDOS PELO PROPAZ**

Jadson Fernandes Chaves

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Doutor em Métodos Quantitativos  
Especialidade em Estatística e Análise de Dados

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Doutora Elizabeth Reis - Professora Catedrática  
ISCTE-IUL - Departamento de Métodos Quantitativos

Dezembro - 2015

**MENINOS EM RISCO NA AMAZÔNIA: MODELOS DE CONDUTA DESVIANTE  
DE JOVENS APREENDIDOS NA FASEPA E DE ATENDIDOS PELO PROPАЗ**

**MENINOS EM RISCO NA AMAZÔNIA: MODELOS DE CONDUTA DESVIANTE  
DE JOVENS APREENDIDOS NA FASEPA E DE ATENDIDOS PELO PROPАЗ**

Jadson Fernandes Chaves

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Doutor em Métodos Quantitativos  
Especialidade em Estatística e Análise de Dados

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Doutora Elizabeth Reis - Professora Catedrática  
ISCTE-IUL - Departamento de Métodos Quantitativos

Dezembro 2015

Lisboa - Portugal

## AGRADECIMENTOS

O sonho de desenvolver uma investigação tão desafiadora é algo instigante e apaixonante. Foi uma preparação desde a infância, mas nos últimos quatro anos foi uma batalha gigantesca e intensa. Ver uma ideia concluída, encaminhada, é algo estimulante, que nos remete ao encorajamento, ao empoderamento e à vontade de olhar as pessoas com a melhor das intenções e fazer pelo menos um pouquinho por aqueles que mais precisam. Quisera que os meninos envolvidos em fatos tão tristes e cruéis possam ter uma nova chance ou uma oportunidade, através de políticas de gestão eficiente, de serem protagonistas de uma nova história de vida.

Agradeço, em primeiro lugar, sem titubiar, a este supremo ser que me acompanhou desde o ventre da minha mãe, que é Deus. Ele é incrível, é real, é grande e opera maravilhas. Sem **Ele**, nada seria possível.

Agradeço à professora Elizabeth Reis, pela disponibilidade e inteligência com as quais conduziu a orientação e a correção deste trabalho, além da profunda visão dos problemas, sendo uma mulher visionária, sem dúvida nenhuma, à frente de nossos tempos; ao professor José Dias, coordenador do curso de doutoramento em Métodos Quantitativos, que me deu a oportunidade e aceitação no programa Doutoral e que, em suas belas aulas, apontou-me caminhos a trilhar na tese, com seu vasto conhecimento em métodos quantitativos; à professora Ana Sampaio, da Universidade de Évora, pelas opiniões, sempre balizadas nos assuntos referentes a equações estruturais; à professora Fátima Salgueiro, que, exigente nas correções, ajudou muito no avanço do estudo, com suas inteligentes observações; e aos professores José Dias Curto e Rui Meneses.

Agradeço, ainda, ao professor Nilton Formiga, pelos esclarecimentos valiosos, fundamentais para o aperfeiçoamento deste trabalho, e pela transmissão de conhecimentos ao longo dessa trajetória. Ao professor Josimar Costa, de Fortaleza (capital do Estado do Ceará, no Brasil), pela coragem em ajudar em desafios tão complexos, testando seus conhecimentos e pela paciência. Ao professor Thomas Mitschein, um grande incentivador, encorajador e referência na resolução de problemas na Amazônia. Não posso deixar de citar que a ideia do projeto de tese surgiu em 2010, em um bate-papo com ele no POEMA-UFPA sobre a Amazônia e os problemas da violência urbana nessa região; à professora Izabela Jatene, que me deu a oportunidade de participar da Fundação PROPAZ e vivenciar a tese de perto, dando-

me condições para avançar no estudo; ao presidente da Fundação PROPAZ, Jorge Bittencourt, pela confiança e apoio nas horas que precisei, e aos colegas de trabalho da Fundação, pelo estímulo e apoio; à professora Maysa Tobias, Ex-superintendente da Superintendência de Mobilidade de Urbana de Belém (SemoB), que concedeu minha cessão ao PROPAZ, e a todos os colegas de trabalho dessa instituição.

Também agradeço ao Doutor Vanderley de Oliveira, Juiz de direito da 3ª Vara da Infância e Juventude de Belém do Pará, por autorizar o acesso às unidades da FASEPA; aos pesquisadores de campo, Rodrigo Nascimento e Líria Vale, pelo apoio e coragem na hora das entrevistas nas unidades da FASEPA; a todos os funcionários do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), que foram solícitos em todas as minhas necessidades, tanto da residência, quanto da administração. Ao povo maravilhoso de Portugal, que me acolheu tão bem em todas as vezes que estive aqui, e, em especial, aos moradores da cidade de Lisboa, gelada, linda, histórica, maravilhosa e encantadora - faço um convite a todos que lerem esta tese: conheçam Lisboa.

Também convido os leitores a conhecer Belém do Pará, minha cidade do coração, que, em 2016, fez 400 anos, quatro séculos de história relacionada a Portugal e que muito tem das terras lusitanas. Cidade apaixonante, com belos e irradiantes pôr e nascer do sol, que podem ser admirados de inúmeros pontos turísticos. Belém, tenho orgulho de fazer parte desse pedacinho do mundo!

Ao meu amigo pastor Carlos Soares de Belém, pelos ensinamentos e incentivos em minha caminhada. E a outro grande amigo em Lisboa, o Reverendo Leandro Machado, pelos conselhos, incentivos e a direção diante da palavra.

E, finalmente, e não menos importante, meus agradecimentos aos meus familiares, em especial a minha mãe (Romana) e a meu pai (Jurandir) pela oportunidade que me deram ao me educarem e darem as condições necessárias, desde a infância, para eu chegar até aqui; aos meus irmãos pelo incentivo e apoio; a minha esposa (Silvaneide), que contribuiu de forma técnica e pessoal para a conclusão desta tese; e minha filha (Maria Rita), que me deu ânimo para trilhar o caminho que me trouxe a este momento.

*Em memória da  
minha avó,  
Elza Fernandes de Macêdo*

*Em memória de Eduardo Gomes Cardoso  
Ex-Presidente do INDEG-ISCTE*

## RESUMO

A realidade da Região Metropolitana de Belém (RMB), no Estado do Pará, que fica localizada na Amazônia, é o objeto de estudo desta tese. O crescimento demográfico urbano na RMB, que se concretizou entre as décadas de 60 a 80, foi aquecido pelos fluxos intensos das migrações inter-regionais. A explosão demográfica é resultado do êxodo rural de micro-regiões vizinhas, tendo como fatores desencadeantes a incipiente infraestrutura social, aliada às crises agroextrativistas, questões de origem fundiária, expansão da pecuária, falta de estrutura para a produção da agricultura familiar e inadequados créditos rurais. Assim, criaram-se ambientes propícios à marginalização socioeconômica e a falta de sentimento de empatia. Há, então, um processo de erosão progressiva, que faz com que os valores culturais de convivência coletiva e pacífica venham a perder sua importância como referencial normativo. Nesses ambientes vulneráveis e de risco, a autoridade familiar dispõe de reduzidos meios simbólicos e materiais para influenciar, de modo efetivo, o futuro dos adolescentes. Neste contexto, a violência dos jovens manifesta-se na transgressão das regras sociais, perpetuando sua exclusão social.

O principal objetivo desta tese é estimar o efeito das variáveis ‘atividades de lazer’ (hedonista, instrutivo e lúdico), ‘valoração familiar’ e ‘sentimento anômico’ sobre as condutas desviantes de jovens. No trabalho de campo, foi utilizado um questionário estruturado, desenhado a partir de estudos já testados, aplicado a duas amostras de jovens de ambos os sexos e na faixa etária de 12 a 19 anos: 270 socioeducandos das 11 unidades da Fundação FASEPA e 288 alunos da Fundação PROPAZ, atendidos em cinco polos. Usou-se a modelagem de equações estruturais, para estimar os modelos e suas estruturas. A análise de multigrupos foi usada para avaliar as diferenças entre os dois grupos pesquisados. As hipóteses definidas no modelo conceitual foram testadas tendo-se obtido os seguintes resultados: o fortalecimento da valoração familiar entre os jovens é um importante balizador, que influencia no equilíbrio comportamental, tendo efeito inibidor nas condutas desviantes. A mesma interação familiar é também inibidora do sentimento anômico. Quanto maior a valoração familiar dos jovens, menor será o seu sentimento anômico. O sentimento anômico atua como fator incentivador da conduta desviante ao associar-se positivamente a esse tipo de conduta, ou seja, quanto maior o sentimento de anomia social, maiores serão as condutas desviantes; neste caso, a auto-estima age como fator de proteção dessa conduta. Os hábitos de lazer assumem, neste estudo, uma perspectiva psicológica, pois revelaram a capacidade estimulante (hábitos hedonistas) e inibidora (hábitos instrutivos e lúdicos) das condutas desviantes. Este estudo aponta em direção de um modelo inovador de gestão social, com o intuito de frear as condutas desviantes de jovens, por meio de estratégias de marketing social, consolidando uma estrutura voltada à família, aos hábitos saudáveis de lazer, aos aspectos motivacionais e à relação do Estado com a comunidade.

Palavras-chave: Jovens, Condutas desviantes, Modelos de equações estruturais, Marketing social

Classificação JEL: I31, J13, C30

## ABSTRACT

The reality of the metropolitan area of Belém (RMB) in the state of Pará, located in the Amazon Region, is the main research object of this thesis. The urban population growth of (RMB), which took place between the 60's and 80's, was influenced by intense flows of inter-regional migration. The population explosion is a result of the rural exodus from the neighboring micro-regions, triggered by incipient social infrastructure, combined with agricultural crisis, land issues, livestock expansion, lack of infrastructure for family farming and an inadequate rural credit system. The resulting environment favored socio-economic marginalization and lack of empathy. Therefore, there is a process of gradual erosion, which decreased the reference standard of collective peaceful and cultural values. On this vulnerable and risky environment, the family authority has reduced symbolic and material resources to effectively influence the future of youths. In this context, youth violence is demonstrated by transgression of social rules, perpetuating social exclusion.

The main objective of this thesis is to estimate the capacity of variables “leisure activities” (hedonist, instructive and playful), “family valuation” and “anomic feeling” to explain youth deviant behavior. Fieldwork was carried out with a structured questionnaire developed from previously tested studies, applied to two samples of both males and females from 12 to 19 years-old: 270 adolescents undergoing sociability activities in 11 FASEPA facilities, and 288 students from PROPAZ Foundation, coming from 5 locations. Structural equation modeling was applied to estimate measurement and structural models, and differences between the two groups were assessed by applying multi-group analysis. The conceptual framework allowed several hypotheses to be tested and the following results were obtained: strengthening family valuation among young people is a major benchmark that influences the behavioral balance, having inhibitory effects on youth deviant behavior. The same family interaction also inhibits anomic feelings. The higher the importance given to family valuation by adolescents, the lower their anomic feelings. Anomic feelings act as a promoter factor of deviant conducts, that is, the higher the social anomie, the greater the deviant behavior. In this case, self-esteem acts as a protective factor of violent behavior. This study shows that leisure habits adopt a psychological perspective, since they stimulate (hedonist habits) and inhibit (instructive and playful habits) deviant behavior. This study points towards an innovative model of social management, in order to curb the deviant behavior of youth through social marketing strategies, consolidating a dedicated family structure, healthy leisure habits, motivational aspects and Government's relationship with the community.

Keywords: Youth, deviant behavior, structural equation models, social marketing

JEL Classification: I31, J13, C30



## SUMÁRIO

### CAPÍTULO 1

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
1.1 <b>Objetivos</b>	9
1.2 <b>Estrutura do trabalho</b>	10

### CAPÍTULO 2

<b>ENQUADRAMENTO, CARACTERIZAÇÃO, ASPECTOS ESTRUTURANTES E CONFLITOS DA VIOLÊNCIA URBANA NO MUNDO, BRASIL E RMB</b>	11
2.1 <b>A VIOLÊNCIA URBANA E AS CARACTERÍSTICAS DA JUVENTUDE COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA</b>	11
2.1.1 <b>A violência desenfreada gerando o crescimento das mortes entre a juventude no mundo</b>	11
2.1.2 <b>A influência dos fatores educacionais na vida dos jovens</b>	14
2.1.3 <b>O mercado de trabalho e a estrutura etária da população mundial</b>	15
2.1.4 <b>A violência armada no mundo e suas características</b>	17
2.2 <b>AS CARACTERÍSTICAS URBANAS E AS AMEAÇAS ORIGINADAS DA VIOLÊNCIA NO BRASIL</b>	20
2.2.1 <b>As características sociais e os aspectos dinâmicos que influenciam na qualidade de vida da juventude brasileira</b>	20
2.2.2 <b>O retrato da violência urbana nos estados brasileiros e sua influência na juventude</b>	27
2.2.3 <b>A segurança pública e as características do sistema carcerário brasileiro</b>	28
2.3 <b>AS CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM E SEUS ASPECTOS ESTRUTURANTES E A REGIÃO DO ESTUDO</b>	35
2.3.1 <b>A RMB e seus aspectos e localização</b>	35
2.3.1.1 <b>A Localização da região e do objeto de estudo na RMB</b>	36
2.3.1.2 <b>Estatísticas da Fundação PROPAZ</b>	46
2.3.2 <b>A RMB e conflitos e entraves que influenciam na dinâmica da população urbana</b>	50

### **CAPÍTULO 3**

<b>O MARKETING SOCIAL NA GESTÃO PÚBLICA</b>	59
3.1 A GESTÃO DO MARKETING SOCIAL E SUAS INFLUÊNCIAS	59
3.1.1 Analisando o ambiente do marketing social	64
3.1.2 O ambiente e a força do marketing social para influenciar as pessoas	66
3.1.3 Estratégias do marketing social e as alternativas comunitárias	70
3.1.4 Mix de mercado, os 4P's do marketing social	72
3.1.5 Determinando o primeiro "P" (produto) em marketing social	72
3.1.6 Determinando o segundo "P" (preço) em marketing social	74
3.1.7 O terceiro "P", (praça) como estratégia no marketing social	76
3.1.8 O quarto "P" (promoção) nas estratégias de marketing social	78
3.1.9 Administrando programas de marketing social	80

### **CAPÍTULO 4**

<b>MODELO TEÓRICO A PARTIR DAS CONDUTAS DESVIANTES NA JUVENTUDE DA RMB</b>	87
4.1 ANALISANDO AS CONDUTAS DESVIANTES A PARTIR DO REFERENCIAL TEÓRICO PESQUISADO ENTRE AUTORES SELECIONADOS	87
4.2 CASOS ESTUDADOS QUE SERVIRAM DE BASE PARA A CONSTRUÇÃO DO MODELO TEÓRICO	89
4.3 MODELO CONCEITUAL EXPLICATIVO DAS CONDUTAS DESVIANTES DOS JOVENS DA RMB	100

### **CAPÍTULO 5**

<b>METODOLOGIA</b>	111
5.1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	111
5.1.2 População alvo e amostra	112
5.1.3 Instrumento de Recolha de Informação	118
5.2 MÉTODOS DE ANÁLISE ESTATÍSTICA	120
5.2.1 Conceitos e evolução dos modelos de equações estruturais	120
5.2.2 Representando as estruturas através de Diagramas de Caminho	122
5.2.3 Etapas para a utilização da modelagem de Equações Estruturais	123
5.2.4 Os submodelos de medida e de estrutura	127
5.2.5 A qualidade do ajustamento e a parcimônia nos modelos	132

5.2.6	<b>Validade das escalas de medida e a fiabilidade dos dados</b>	134
5.2.7	<b>Comparação Multigrupos</b>	135
<b>CAPÍTULO 6</b>		
	<b>RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO</b>	137
6.1	AVALIAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DA AMOSTRA DE JOVENS	137
6.2	ANÁLISE DESCRITIVA DAS ESCALAS DE MEDIDA	139
6.2.1	<b>Análise comparativa dos grupos PROPAZ e FASEPA</b>	146
6.3	AVALIAÇÃO DAS ESCALAS PSICOMÉTRICAS DAS ESCALAS DE MEDIDA	152
6.3.1	<b>Validação dos Construtos</b>	152
6.3.2	<b>Discussão dos resultados do modelo de medida</b>	163
6.4	VERIFICAÇÃO DO MODELO ESTRUTURAL EXPLICATIVO DAS CONDUCTAS DESVIANTES DE JOVENS EM RISCO SOCIAL	164
6.4.1	<b>Avaliando e comparando os resultados a partir de modelos multigrupos</b>	169
<b>CAPÍTULO 7</b>		
	<b>CONCLUSÃO DOS RESULTADOS</b>	181
7.1	IMPLICAÇÕES PARA A GESTÃO	184
7.1.1	<b>Os desafios do marketing social na construção de uma estratégia de mudança</b>	184
7.1.2	<b>Perspectivas e abordagens para um cenário desafiador na gestão pública</b>	188
7.2	CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO	190
7.3	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	190
7.4	PERSPECTIVA PARA UMA INVESTIGAÇÃO FUTURA	191
	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	193
	<b>ANEXOS</b>	205

## LISTA DE FIGURAS

	P.
Figura 1 - Mapa da Mesorregião Metropolitana de Belém, Região de Integração Metropolitana, Municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara	35
Figura 2 - População de 12 a 19 anos que cumpriram medidas socioeducativas no Estado do Pará, em 2011	37
Figura 3 - Taxa de autores de atos infracionais por mil habitantes que cumpriram medidas socioeducativas no Pará, 2011	38
Figura 4 - Tipos de atos infracionais cometidos por pessoas da faixa etária de 12 a 19 anos, no Estado Pará, 2011	38
Figura 5 - Atividades realizadas pelo projeto PROPAZ nos bairros na UFRA	40
Figura 6 - Campanha contra a exploração sexual de crianças e adolescentes em maio/2013	41
Figura 7 - Entrega de certificado de conclusão do curso de qualificação do jovem trabalhador	42
Figura 8 - Alunos em atividade de informática nas escolas	43
Figura 9 - Reunião com parceiros do MOVER, em maio/2013	44
Figura 10 - Serviços ofertados à população pelo PROPAZ CIDADANIA	45
Figura 11- Atividades executadas no espaço PROPAZ, na base da UIPP Terra Firme	46
Figura 12 - Fluxo de atendimento em situações de violência a partir da escola	58
Figura 13 - Princípios e objetivos da proteção social	60
Figura 14 - Fatores e forças que influenciam o seu mercado-alvo e seus esforços	68
Figura 15 - Os três níveis do produto de marketing social	73
Figura 16 - Canais de distribuição em vários níveis	77
Figura 17 - Modelo estrutural que analisa as relações entre criminosos presos com envolvimento em crimes sexuais, em outros crimes e não envolvidos em crimes sexuais	90
Figura 18 - Modelo determinante do comportamento antissocial na adolescência	92
Figura 19 - Parentalidade e pares de influências sobre o comportamento violento de grupos de 8ª a 10ª ano	93
Figura 20 - Modelo de equações estruturais para prever comportamentos ofensivos em adolescente	94

Figura 21- Modelagem para explicação da conduta desviante (antissocial e delitiva) a partir dos hábitos de lazer instrutivos em jovens	95
Figura 22- Modelagem estrutural para explicação da conduta desviante (antissocial e delitiva) dos hábitos de lazer lúdicos em jovens	96
Figura 23- Modelagem estrutural para explicação da conduta desviante (antissocial e delitiva) dos hábitos de lazer hedonista em jovens	97
Figura 24 - Modelo para explicação das condutas desviantes de jovens a partir da valoração familiar em jovens	98
Figura 25 - Modelo explicativo da conduta antissocial e delitiva a partir do sentimento de estar à margem da sociedade	99
Figura 26 - Modelo estrutural teórico de condutas desviantes	101
Figura 27 - Modelo de medida da valoração familiar (IDF)	102
Figura 28 - Modelo de medida do sentimento anômico (SA)	103
Figura 29 - Modelo de medida dos hábitos de lazer lúdicos (AHLu)	104
Figura 30 - Modelo de medida dos hábitos de lazer hedonista (AHLh)	105
Figura 31 - Modelo de medida dos hábitos de lazer instrutivos (AHLi)	106
Figura 32 - Modelo de medidas das condutas antissociais (CDAN)	108
Figura 33 - Modelo de medida das condutas delitivas (CDDE)	110
Figura 34 - Etapas do plano amostral	114
Figura 35 - Etapas da análise de equações estruturais	124
Figura 36 - Modelo global de medida estimado	162
Figura 37 - Representação gráfica do modelo das condutas desviantes estimado GLOBAL	168
Figura 38 - Representação gráfica do modelo das condutas desviantes estimado FASEPA	171
Figura 39 - Representação gráfica do modelo das condutas desviantes estimado PROPAZ	173
Figura 40 - Resumo comparativo das estimativas dos três modelos: amostra global, amostra PROPAZ e amostra FASEPA	176
Figura 41 - Campanhas de mudança social	186

## LISTA DE GRÁFICOS

	P.
Gráfico 1- Maiores taxas de homicídios no mundo	12
Gráfico 2 - Faixa etária de 15 a 24 anos	12
Gráfico 3 - Ranking da taxa de homicídios em jovens adolescentes no mundo	13
Gráfico 4 - Ranking da taxa de homicídios de crianças e adolescentes	13
Gráfico 5 - Proporção de crianças de 4 anos de idade que frequentam Instituição de Ensino, por país da OCDE e Brasil, 2010	14
Gráfico 6 - Taxa de abandono escolar precoce da população de 18 a 24 anos de idade, por sexo, segundo países europeus e Brasil, 2011	15
Gráfico 7 - Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade, por condição de atividade na semana de referência, segundo países selecionados, 2010	16
Gráfico 8 - Razão de dependência entre Jovens e Idosos, segundo as grandes áreas e países selecionados, 2011	17
Gráfico 9 - Índice de envelhecimento, segundo as grandes áreas do mundo e países selecionados, 2011	17
Gráfico 10 - Proporção de crianças, adolescente e jovens, divididos em grupos de faixa etária no Brasil	20
Gráfico 11 - Proporção de domicílios particulares permanentes urbanos, com serviços de saneamento, segundo as Grandes regiões do Brasil, 2001/2011	21
Gráfico 12 - Proporção de domicílios particulares permanentes urbanos, com serviços de saneamento, segundo as classes de rendimento médio mensal domiciliar per capita do Brasil-2001/2011	22
Gráfico 13 - Proporção de crianças de 0 a 14 anos de idade vivendo em domicílios sem abastecimento de água por rede geral, sem esgotamento sanitário por rede geral ou fossa séptica e sem coleta de lixo no Brasil, regiões nordeste e sudeste em 2011	22
Gráfico 14 - Taxas de Ocupação por pessoas e por grupo de idade, segundo as grandes regiões - Brasil, 2011	23
Gráfico 15 - Demanda atendida de crianças de 0 a 5 anos de idade nas matrículas em creches ou pré-escola , segundo as unidades da federação, Brasil-2010	25
Gráfico 16 - Percentual de pessoas que não frequentavam escola na população de 6 a 17 anos de idade, residentes em domicílios particulares, por grupos de idade, segundo as classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita, Brasil, 2010	26

Gráfico 17 - Evolução de de pessoas atendidas nos núcleos do PROPAZ Integrado a partir de novembro de 2004 até outubro de 2015	41
Gráfico 18 - Evolução dos atendimentos de mulheres vítimas de violência nas unidades do PROPAZ Integrado no Pará de novembro de 2004 até outubro de 2015	48
Gráfico 19 - Evolução de crimes nas áreas de atuação do Programa PROPAZ 2010/2012/2013	49
Gráfico 20 - Comparativos de crimes nas áreas de atuação do Programa PROPAZ (Marituba, Terra Firme, Sacramenta, Mangueirão, Barreiro e Guamá), 2010-2012-2013	49
Gráfico 21 - Comparativo anual da inflação do Brasil e RMB	53
Gráfico 22 - Comparação das condutas antissociais entre os grupos PROPAZ e FASEPA	147
Gráfico 23 - Comparação das condutas delitivas entre os grupos PROPAZ e FASEPA	148
Gráfico 24 - Comparação do sentimento anômico entre os grupos PROPAZ e FASEPA	149
Gráfico 25 - Comparação da valoração familiar entre os grupos PROPAZ e FASEPA	150
Gráfico 26 - Comparação dos hábitos de lazer entre os grupos PROPAZ e FASEPA	151

## LISTA DE TABELAS

	P.
Tabela 1 - População residente por situação rural e urbana para RMB (1970 - 2010)	6
Tabela 2 - Despesas realizadas com a função Segurança Pública, gastos em % do PIB e homicídios do Brasil e Países selecionados, 2009/2010/2011	18
Tabela 3 - Homicídios por AF nos 12 países mais populosos do mundo	19
Tabela 4 - Número de mortes diretas e taxas por 100 mil hab em 12 países com conflitos armados no mundo e por armas de fogo no Brasil, 2004/2007	19
Tabela 5 - Renda e Pobreza no Brasil em 2010	24
Tabela 6 - Brasil: Número médio de anos de estudo dos jovens de 15 a 29 anos por sexo segundo a categoria	27
Tabela 7 - (%) de atendimentos do Sistema único de saúde-SUS de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por violências segundo tipo de violência e faixa etária das vitimas/Brasil, 2011	27
Tabela 8 - Evolução de taxas de homicídio (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por idade simples, Brasil, 2000/2010	28
Tabela 9 - Taxas de mortalidade (100 mil) da população jovem por armas de fogo segundo causa básica, Brasil, 1980/2010	29
Tabela 10 - Taxas de óbito (em 100 mil) por armas de fogo nas capitais, Brasil, 2000 a 2010	30
Tabela 11 - Presos no Sistema Prisional, Vagas existentes, Razão entre Presos e Vagas e Déficit de vagas-unidades da Federação, 2010/2011	32
Tabela 12 - Quantidade de presos/internados no Estado do Pará em dezembro/2012	33
Tabela 13 - Perfil do preso por sexo no Estado do Pará em dezembro/2012	34
Tabela 14 - Evolução dos atendimentos nos polos PROPAZ nos Bairros	39
Tabela 15 - Atendimentos do PROPAZ nos Bairros em 2012	47
Tabela 16 - Evolução de casos novos de vítimas de violência, crianças e mulheres nos núcleos do PROPAZ Integrado no Pará a partir de novembro de 2004 a outubro de 2015	47
Tabela 17 - Atendimentos realizados / PROPAZ nas escolas em 2012	48
Tabela 18 - Áreas de atuação do PROPAZ	50
Tabela 19 - População e PIB percapita da RMB	50
Tabela 20 - Indicadores sociais dos municípios da RMB e do Estado do Pará, 2010	51



Tabela 21- Índice de vulnerabilidade juvenil nas cidades com mais de 100 mil habitantes na RMB, faixa etária de 12 a 29 anos, 2010	52
Tabela 22 - Número de pessoas abaixo da linha da pobreza <sup>1</sup> para o Brasil, Região Norte Estado do Pará e Região Metropolitana de Belém-RMB (1.000 pessoas), 2007-2011	52
Tabela 23 - Saldos de empregos na RMB, Pará e demais municípios em 2011	53
Tabela 24 - Percentual da população Economicamente Ativa desocupada (Taxa de Desocupação) no Brasil, Região Norte, Estado do Pará e Região Metropolitana de Belém, 2008-2011 (1.000 pessoas)	54
Tabela 25 - Demonstrativo da distribuição da movimentação dos postos de trabalhos formais, ocupados por jovens de 16 a 24 anos, no Estado do Pará em 2011 (Jan-Dez)	54
Tabela 26 - Evolução dos crimes e da população da RMB e o indicador de crimes por (100 mil) habitantes	55
Tabela 27 - Número de homicídios e de óbitos por AF e taxas médias 2008/2010 de óbitos por AF na RMB, 2008-2010	55
Tabela 28 - Indicadores de crimes proativos na RMB	56
Tabela 29 - Uso de drogas psicotrópicas (exceto álcool e tabaco), de acordo com os tipos de uso, conforme gênero e faixa etária	56
Tabela 30 - Quantidade de ato infracional cometido por crianças e adolescentes na Região Metropolitana de Belém-Pa	57
Tabela 31 - Evolução dos Registros de atos infracionais cometido por crianças e adolescentes na Região Metropolitana de Belém/Pa	57
Tabela 32 - Quantidade de socioeducandos na faixa etária de 12 a 19 anos e estratos proporcionais das entrevistas realizadas na FASEPA/RMB	115
Tabela 33 - Quantidade de jovens atendidos na faixa etária de 12 a 19 anos nos polos do PROPAZ e estratos amostrais na RMB	115
Tabela 34 - Estatísticas descritivas dos itens da escala atividades de hábitos de lazer	140
Tabela 35 - Estatísticas descritivas dos itens da escala sentimento anômico	141
Tabela 36 - Estatísticas descritivas dos itens da escala condutas antissociais	142
Tabela 37 - Estatísticas descritivas dos itens da escala condutas delitivas	144
Tabela 38 - Estatísticas descritivas dos itens da escala valoração familiar	146
Tabela 39 - Comparativos entre os valores de fiabilidade: alpha de Cronbach, Fiabilidade Compósita e Variância Extraída Média (VEM)	153

Tabela 40 - Índices da qualidade do ajustamento da escala das atividades dos hábitos de lazer hedonista - amostra global	154
Tabela 41 - Estrutura fatorial da escala das atividades dos hábitos de lazer hedonista	154
Tabela 42 - Índices da qualidade do ajustamento da escala das atividades dos hábitos de lazer instrutivo - amostra global	155
Tabela 43 - Estrutura fatorial da escala das atividades dos hábitos de lazer instrutivo	155
Tabela 44 - Índices da qualidade do ajustamento da escala das atividades hábitos de lazer lúdicos - amostra global	155
Tabela 45 - Estrutura fatorial da escala das atividades dos hábitos de lazer lúdicos	156
Tabela 46 - Índices da qualidade do ajustamento da escala da valoração familiar - amostra global	156
Tabela 47 - Estrutura fatorial da escala valoração familiar	157
Tabela 48 - Índices da qualidade do ajustamento da escala do sentimento anômico - amostra global	157
Tabela 49 - Estrutura fatorial da escala do sentimento anômico (ESA)	158
Tabela 50 - Índices da qualidade do ajustamento da escala de condutas delitivas - amostra global	158
Tabela 51 - Estrutura fatorial da escala da conduta delitiva (CDDE)	159
Tabela 52 - Índices da qualidade do ajustamento da escala condutas antissociais - amostra global	160
Tabela 53 - Estrutura fatorial da escala condutas antissociais (CDAN)	160
Tabela 54 - Estimativas das correlações e valores ao quadrado das variáveis latentes	161
Tabela 55 - Matriz de VEM e correlações ao quadrado	161
Tabela 56 - Resultados do ajustamento dos modelos: análise multigrupos	170
Tabela 57 - Comparativos das estimativas entre os modelos PROPAZ e FASEPA	174
Tabela 58 - Comparativos entre os P-valores dos modelos PROPAZ e FASEPA	174
Tabela 59 - Comparativos entre os valores de R <sup>2</sup> nos modelos PROPAZ e FASEPA	175
Tabela 60 - Estatísticas do teste t-Student para a igualdade de médias populacionais	177

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões de marketing social relacionados com a proteção social	64
Quadro 2 - Exemplo de três níveis de produtos	74
Quadro 3 - Custos potenciais para se chegar ao comportamento desejado	75
Quadro 4 - Canais de distribuição do marketing social	76
Quadro 5 - Resumo criativo de uma campanha voltada para as vítimas de abusos sexuais e mulheres vítimas de violência no Programa PROPAZ Integrado	79
Quadro 6 - Resumo do plano de marketing social da Fundação PROPAZ para reduzir a violência e a desigualdade social Pará em 2013	81
Quadro 7 - Hipóteses de investigação	101
Quadro 8 - Indicadores da valoração familiar (IDF)	102
Quadro 9 - Indicadores do sentimento anômico (SA)	103
Quadro 10 - Indicadores de medida dos hábitos de lazer lúdicos (AHLu)	104
Quadro 11 - Indicadores de medida dos hábitos de lazer hedonista (AHLh)	105
Quadro 12 - Indicadores de medida dos hábitos de lazer instrutivos (AHLi)	106
Quadro 13 - Indicadores de medida das condutas antissociais (CDAN)	107
Quadro 14 - Indicadores de medida das condutas condutas delitivas (CDDE)	109
Quadro 15 - Símbolos utilizados no diagrama de caminho	123
Quadro 16 - Resumo de Estatísticas e índices de qualidade de ajustamento, com respectivos valores de referência - medidas de valor absoluto	133
Quadro 17 - Resumo de Estatísticas e índices de qualidade de ajustamento, com respectivos valores de referência - medidas de ajustamento incremental	133
Quadro 18 - Resumo de Estatísticas e índices de qualidade de ajustamento, com respectivos valores de referência - medidas de parcimônia do ajustamento	133
Quadro 19 - Síntese Sociodemográfico entre os grupos PROPAZ e FASEPA	138
Quadro 20 - Resumo dos resultados da comprovação das hipóteses	178
Quadro 21 - Modelo de avaliação: programa para prevenção de condutas desviantes de jovens	187

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

Violência urbana é um dos assuntos mais pautados nos debates mundiais. A mesma violência motivada por, ódio, ciúmes, comida, consumo, religiosidade, roubo, drogas, estupros, entre outros fatores, vista como algo inadmissível em uma sociedade que tanto fala em convivência harmônica, também é banalizada e se torna parte do cotidiano dos relacionamentos sociais, diariamente.

Segundo Galtung (1972), a violência se torna estrutural na medida em que as imperantes relações socioeconômicas obstaculizam ou até impedem o pleno desenvolvimento físico e mental das pessoas em seu cotidiano.

Além de muito debatido, esse tema também é inquietante e muito polêmico. Aferindo valor ainda maior à paz como sua opositora, sendo considerado por estudiosos como um fenômeno avassalador, que fere o bom convívio dos indivíduos.

Vale destacar que se assiste, nos últimos anos, a uma mudança profunda de caráter mundial no comportamento, atitudes e valores das pessoas, nesse começo do século XXI. Mudanças essas nas formas de manifestações, de percepções e de discussão de fenômenos que têm características marcantes da atualidade, como as que remontam à violência cotidiana e banal e à sensação de insegurança, como práticas de acontecimentos costumeiros das relações sociais entre as pessoas. Nesse sentido, assistimos a grandes transformações em relação aos novos significados e reconceitualização que o tema “violência” assume hoje, com o incremento nos indicadores relacionados à violência urbana, principalmente nos crimes de narcotráficos, homicídios, conflitos étnico-religiosos, culturais e raciais, entre outros.

Essa profunda mudança leva a um olhar mais atento aos acontecimentos urbanos, principalmente aos que refletem na sociedade como o todo, como os valores, as desigualdades, as diferenças, as injustiças, o isolamento, a falta de solidariedade e de amor ao próximo, que estão se perdendo em meio ao vazio e à distância entre as populações.

Para Arendt (1994), a violência é um sentimento de reação frente à impotência diante das perspectivas sociais que, por mais que sejam mudadas, perpetuam-se. Nisso, podem-se encontrar as respostas para atitudes violentas da juventude moradora de favelas urbanas mundiais, resultado dos valores adquiridos e acumulados durante a formação familiar (Mitschein e Paraense, 1989).

A violência urbana continua a ser um problema sério que não é igualmente prevalente entre os adolescentes pretos e brancos. Compreender os mecanismos por trás das diferenças de comportamento violento entre grupos raciais pode nos permitir especificar mais claramente as intervenções de prevenção.

Estudo aplicado por Haggerty et al. (2013) explica dois mecanismos para as diferenças na perpetuação da violência entre os dois grupos, relacionados a cor da pele e ao comportamento de estudantes. O autor, ao questionar se existem diferenças raciais na exposição aos fatores de risco, chegou à conclusão que os negros estão mais expostos a níveis mais elevados de fatores de risco, como baixa renda e nível baixo de educação dos pais. Esses adolescentes sofreram mais com a pobreza, são mais propensos a fazer colegas, tem dificuldade escolar grave e direcionam a se juntar com os colegas envolvidos com o álcool e a droga. Portanto, demonstraram maior risco de envolver-se em situações violentas.

Relacionado a isso, é importante destacar que dados do programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (UN-Habitat), de 2007, mostram que a maioria da população mundial vive em áreas urbanas, provocando o crescimento das *shanty-towns* (favelas). As favelas do Hemisfério Sul, que hoje possuem mais de um bilhão de pessoas, recebem, por ano, 30 milhões de novos moradores (Chaves e Mitschein, 2006).

Jorge Gavida, diretor do UN-Habitat para a América Latina e o Caribe, diz que as aglomerações da América do Sul, por mais que apontem núcleos de riqueza e oportunidades, têm-se revelado regiões propensas ao crime, doenças, falta de infraestrutura urbana, de apoio governamental e de oportunidades, quadro que gera pobreza, desigualdades e exclusão social de boa parte de seus habitantes.

Dados apontam para a influência decisiva do crescimento demográfico acelerado e das mudanças de comportamento nos grandes centros urbanos de países em desenvolvimento na devastação ambiental, favelização do espaço urbano, desigualdades sociais e êxodo do campo para a cidade. Essas tendências cooperam de maneira decisiva para o flagelo da violência, portando-se como porta de entrada para esses fenômenos que, muitas vezes, são incontroláveis (Chaves e Mitschein, 2006).

No Brasil, o cenário não difere muito. Existe uma profunda e enraizada polarização socioeconômica manifestada através da convivência entre a menor e maior parte da população, sendo que a menor é comandada por uma avançada sociedade industrial, com poderio produtivo e avançada tecnologia de gestão inovadora, às vezes superior a muitas escolas europeias e americanas. Já a grande maioria não é lembrada, definha em condições sub-humanas de extrema pobreza, condenada a um futuro incerto, às margens dessa sociedade

industrial, sem perspectiva de interagir com essas oportunidades abertas no mercado (Jaguaribe, 1986).

Por outro lado, a democracia brasileira, por mais que proporcione livre abertura do ponto de vista das organizações, nos diálogos e de suas estruturas em relação aos movimentos sociais e à superioridade da lei como método para solucionar conflitos, não consegue reduzir as desigualdades sociais, mesmo que os debates apontem para esse caminho. Esse desafio é balizador importante na avaliação das condições nas quais se encontram hoje as populações mais vulneráveis. Nesse contexto, a luta deve ser para que os mais pobres possam usufruir das melhorias dessa condição, para que o Estado tenha a capacidade de implantar iniciativas políticas que visem à redução da desigualdade social.

Com o enfoque ao combate à desigualdade, pode-se, então, traçar uma estratégia, voltada à condição inicial, ou seja, para os que mais necessitam. No entanto, é preciso entender que não se pode ter como solução somente uma política de tolerância zero ao crime, contando com o aumento das forças policiais, combate ao narcotráfico e que dê condições para a melhoria da qualidade de vida dos mais pobres. O mais importante é atuar no âmbito da ressocialização dos egressos, principalmente de jovens. Aliado a isso, deve-se promover a modernização e a melhoria do sistema carcerário, com políticas voltadas à educação e redução das desigualdades sociais, projetos para a juventude e ações para agilizar a atuação da justiça criminal e civil no âmbito interno (Chaves e Mitschein, 2006).

Em relação à Amazônia brasileira, que corresponde a 55% do território do Brasil, participa com 5% do PIB nacional e não ultrapassa 10% do efetivo populacional do Brasil, uma das características marcantes de desenvolvimento nas últimas décadas é o expressivo crescimento da população urbana, movimento iniciado com a política de integração ao espaço nacional e à economia internacional, tendo como ponto de partida o início da década de 1960.

No período, foi criado o Modelo Amazônico de Desenvolvimento e Crescimento Desequilibrado Corrigido (Sudam, 1976). Desequilibrado, pois dava ênfase aos segmentos mineral, madeireiro, pesqueiro, elétrico e empresarial; e Corrigido, porque o Estado interferia nas ações estruturais, socioeconômicas e ambientais desses segmentos. Essa política de modernização não se mostrou eficiente, pois o modelo não adotava característica de aporte regional de desenvolvimento, priorizando outros setores de características diferentes da região.

Nesse caso, a atitude corretiva do Estado foi atuar como moderador da economia local, mas com capacidade de planejamento além do que poderia oferecer, com uma fraca disposição de alcançar recursos financeiros que pudessem suprir as necessidades cruciais que

o modelo implicava. Portanto, tornou-se um sistema incipiente de gestão desses recursos. Foi uma política de desenvolvimento que não dispunha dos meios técnicos e financeiros necessários para sobrepor os desequilíbrios provocados (Chaves e Mitschein, 2006).

Vale lembrar que fatores externos - como a crise da dívida externa, a inflação, modestas taxas de crescimento, desemprego e desigualdades sociais geradas por uma crise de explosão demográfica do campo para cidade-, provocaram crises de violência urbana cotidiana nas últimas duas décadas. Esses fatores causais minaram o poder de atuação do Estado como instituição moderadora.

Do ponto de vista político, a população que viveu este movimento de marginalização socioeconômica ficou exposta a mazelas irreversíveis em alguns casos. Nesse caso, há a tendência de cobrar mais do poder público, exigindo o mínimo de condições básicas para satisfazer necessidades urgentes. Mas, na maioria das vezes, tais necessidades não são atendidas de acordo com as demandas, já que o Estado não dispõe de recursos financeiros para suprir as carências na periferia urbana. Portanto, ressalta-se que setores marginalizados da sociedade foram inseridos nessas estruturas urbanas em condições precárias de sobrevivência.

Assim, há um cenário negativo que impede a consolidação e a reprodução pacífica da paz social nas aglomerações urbanas, estando essas ligadas a setores marginalizados em seu contexto histórico. Há, ainda, as mensagens, imagens e interlocução das mídias sobre a sociedade de consumo, balizadas por telenovelas, filmes, noticiários e internet, que disseminam que só tem valor quem possui os melhores e mais caros bens, como moradias adequadas, carros do ano, produtos de última geração - vestuário, calçados, celulares inovadores, iPad e tablet. Os consumidores, segundo Bauman (2008), são bombardeados de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam cumprir suas obrigações sociais e proteger a autoestima.

É o consumismo, entendido por (Bauman, 2008:41), como ‘...um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos, anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto identificação individual e de grupos, assim como na seleção e execução de políticas individuais”.

Bourdieu (2011) nos leva a questionar a relação entre a expansão do mercado, uma das metas do capitalismo, e o poder de consumir. A busca por um mercado ampliado, a divulgação, que é, ao mesmo tempo restrita, a distinção, é uma necessidade da sociedade moderna que se diferencia pelos signos, pela distribuição desigual dos recursos simbólicos.

Nessa linha, valores sociais agregados podem sugerir, em determinados momentos, uma reserva gratuita de dominação. Conforme Mitschein e Chaves (2006:24) “...*Porque facilitam a aceitação do status quo por parte das classes subalternas no contexto urbano. Entretanto, esta reserva está sujeita a um esvaziamento progressivo, sobretudo, entres os jovens que já nasceram na periferia urbana. Influenciados em seus sonhos pelas imagens e valores transmitidos pela mídia, vivem em seu cotidiano a dura realidade da favela...*”.

A tendência é para desprezar esforços de auto-organização em seu próprio ambiente social, que tende a planejar melhores condições de sobrevivência. Desprezam esforços desta natureza, inclusive, pelas tendências de desagregação de suas estruturas de famílias, que denotam a ideia de que não tem futuro (Mitschein e Chaves, 2006).

Para Bourdieu (1979:331) “...*pressupondo que não possuem meios materiais e simbólicos para rejeitar o mundo social imposto pelas estruturas vigentes, procuram garantir a sua autoafirmação através de atos-violentos que se dirigem, principalmente, contra as pessoas que vivem em seu entorno, ou seja, sua própria vizinhança...*”.

Tudo isso se reflete na maneira como os povos da Amazônia brasileira vêm se constituído ao longo do tempo, acreditando que viver nesse ambiente é um desafio de sua auto-afirmação. Uma consulta realizada com esse público mostra que o cidadão da região Norte, na Amazônia, vive sob o medo da violência. Os dados revelam que o medo de se envolverem em eventos de violência, como “*o assalto à mão armada*” é muito grande (69,8%), quase o mesmo indicador de “*medo de ser assassinado*” (69,2%). Portanto, de cada 10 pessoas entrevistadas, 7 têm muito medo de serem assaltadas ou mortas em assaltos (Ipea, 2012).

A realidade da Região Metropolitana de Belém (RMB), no Estado do Pará, que fica localizada na Amazônia, é o principal objeto deste estudo acadêmico. Nela, moravam, no período estudado, 2.046.843 habitantes, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, divididos em cinco municípios<sup>1</sup>. É a região de integração com a maior população do Estado. Com uma média de crescimento anual de 2,5% ao ano, a maioria dos municípios possui altas taxas de urbanização, como a capital paraense,

---

<sup>1</sup> Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara - são os municípios que compõem a Região Metropolitana de Belém.



Belém, (99,35%), Ananindeua (99,76%) e Marituba (87,16%). Paralelamente, o espaço urbano de Belém se verticaliza e se expande em direção aos municípios do seu entorno<sup>2</sup>. Vale destacar que a RMB na área urbana alcançou a marca de quase de 1 milhão de habitantes no ano de 1980 e, em 2010, registrou crescimento em torno de 138%.

Esse crescimento demográfico urbano na RMB, que se concretizou entre as décadas de 60 a 80, foi aquecido, principalmente, pelos fluxos intensos das migrações inter-regionais, que cresceram linearmente ao longo dos anos, com taxas acima da média nacional. A tabela 1 mostra a população residente na RMB a partir da década de 70 (Vasconcelos et al., 2001 apud Chaves, 2010).

A explosão demográfica é resultado do êxodo rural de microrregiões vizinhas, como a Bragantina, Baixo Tocantins, Campos de Marajó, Salgado, entre outras, tendo como fatores desencadeantes a incipiente infraestrutura social (saneamento básico, precária saúde, as baixas condições de educação e a falta de oportunidades de emprego) aliada às crises agroextrativistas nessas microrregiões, aguçadas por questões de origem fundiária, expansão da pecuária, falta de estrutura para a produção da agricultura familiar e inadequados créditos rurais, de acordo com dados do estudo de Mitschein e Paraense (1989).

Tabela 1 - População residente por situação rural e urbana para RMB (1970 - 2010)

Região Metropolitana de Belém-RMB	Situação do domicílio	1970	1980	1991	2000	2010
	Urbana	609.261	837.913	931.599	1.754.786	1.993.522
Rural	60.507	183.560	469.706	40.750	53.321	
Total	669.768	1.021.473	1.401.305	1.795.536	2.046.843	
Municípios	Situação do domicílio	1970	1980	1991	2000	2010
Ananindeua	Urbana	2.923	6.850	68.846	392.627	470.819
	Rural	19.604	59.028	175.597	942	1.161
	Total	22.527	65.878	244.442	393.569	471.980
Belém	Urbana	602.829	824.405	849.187	1.272.354	1.399.689
	Rural	30.545	108.875	395.502	8.260	9.158
	Total	633.374	933.280	1.244.689	1.280.614	1.408.847
Benevides	Urbana	3.509	6.658	5.901	20.912	28.912
	Rural	10.358	15.657	12.966	14.634	22.739
	Total	13.867	22.315	18.867	35.546	51.651
Marituba	Urbana	-	-	2.874	64.884	107.123
	Rural	-	-	41.619	9.545	1.123
	Total	-	-	44.492	74.429	108.246
Santa Bárbara do Pará	Urbana	-	-	2.460	4.009	5.548
	Rural	-	-	6.049	7.369	11.683
	Total	-	-	8.509	11.378	17.141

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (1970,1980,1990,2000,2010)

(1) Elaboração e cálculo SEPOF/DIEPI/GEDE

<sup>2</sup> Em Belém e Ananindeua multiplicam-se os conjuntos habitacionais, paralelamente as áreas de ocupação (invasão) se estendem aos municípios de Benevides e Marituba.

O auge do crescimento populacional da RMB a partir da década de 60, em decorrência, principalmente, ao fluxo migratório de pessoas do interior paraense, que trouxeram consigo todo o arcabouço cultural herdado de seus lugares de origem, onde prevalecia respeito à hierarquia familiar, convivência pacífica e relação amistosa entre vizinhos.

Em um contexto urbano altamente competitivo e socialmente desigual (onde prevalece sempre o mais forte), essa população enfrenta dificuldade em se legitimar politicamente e passam a absorver valores de dominação, influenciados, às vezes, por valores disseminados pela mídia brasileira, que prega altivez para aqueles que possuem mais bens, o que não é a realidade das favelas, onde prevalece condições precárias de sobrevivência. Dessa forma, os migrantes tendem a desprezar as iniciativas de auto-organização social em suas próprias comunidades, em favor das novas tendências de desestruturação das estruturas familiares, que disseminam a ideia de que o coletivo não tem vez (Magalhães, 1986).

Assim, criam-se, na RMB, ao logo desse período, ambientes propícios à marginalização socioeconômica e a falta de sentimento de empatia, que faz parte da base da confiança social e que permite reconhecer e respeitar a condição humana do outro. Há, então, um processo de erosão progressiva, que faz com que os valores culturais de convivência coletiva e pacífica venham a perder sua importância como referencial normativo, o que torna mais distante uma vida melhor na área urbana.

Nesses ambientes vulneráveis e de risco, a autoridade familiar, via de regra, dispõe de reduzidos meios simbólicos e materiais para influenciar, de maneira efetiva, o futuro de filhos adolescentes, que querem experimentar - e nisso não diferem dos jovens que nasceram em berços esplendidos - as oportunidades da cultura urbana, inacessíveis a eles por causa dos orçamentos apertados das famílias, o que, para eles, compromete a afirmação individual que isso proporciona. Nesse contexto, os jovens da periferia urbana, que vivem a fase natural de protestos, manifesta-se na transgressão das regras e leis sociais, que perpetua sua exclusão social.

Zhang e Eamon (2012) afirma que um ambiente de comunidade violenta é prejudicial às crianças. Expostas à violência na comunidade, são mais propensas a experimentar uma grande variedade de resultados negativos, tais como sintomas de depressão, mau desempenho escolar, irritação, uso de droga e a se envolver em comportamentos delinquentes, podendo se perpetuar para as fases adolescente e adulta. Já os pais dos expostos à violência comunitária e urbana podem, por fim, serem mais agressivos com os filhos.

Nesse contexto, é importante citar o relatório do “Diagnóstico de violência na RMB na população Infato-juvenil”, PROPAZ (2005), pelo programa PROPAZ<sup>3</sup>, que levantou para a juventude a seguinte pergunta: “Quando você anda sozinho na rua, como você se sente?”. Dos jovens de 12 a 24 anos, 79,4% responderam que se sentem inseguros, pois têm muito medo de serem assaltados ou/e roubados. Esses mesmos jovens foram indagados sobre as principais causas da insegurança/violência nos bairros e as respostas com as maiores incidências foram: “consumo de drogas” (ilegais) (32,4%); de “bebidas alcoólicas /bares/ festas” (20,9%); “desemprego/falta de ocupação”(16,1%); e “falta de policiamento” (14,1%).

Além disso, ao responderem em que situação estariam dispostos a ameaçar ou até agredir alguém fisicamente, ficou claro que a predisposição à violência está maior entre aqueles que consomem drogas ilegais (40%) e bebidas alcoólicas/bares/festas (20,9%).

A pesquisa mostrou, ainda, que entre os jovens e adultos há consenso que fatores como a destruição familiar, o consumo de drogas, o ensino básico deficiente e a falta de emprego, criam um ambiente propício à multiplicação da violência. O estudo mostra também que a juventude destaca mais o consumo de drogas e os mais velhos focalizam, primordialmente, a falta de oportunidade de emprego.

Diante de todos os pressupostos da violência acima indicados, propõe-se um estudo para avaliar os efeitos e as consequências das condutas desviantes, antes e pós-violência, entre a juventude da RMB, sendo jovens que cumprem medidas socioeducativas nas 11 instituições de acolhimento da FASEPA<sup>4</sup> e jovens em situação de risco, que são atendidos pelo projeto PROPAZ nos Bairros, que faz parte da Fundação PROPAZ.

O objetivo é medir os efeitos do comportamento da juventude em situação de risco social na RMB, confrontando à valoração familiar, os hábitos de esporte, cultura e lazer (lúdico, instrutivo e hedonista) e o sentimento anômico sobre as condutas desviantes e também identificando se há diferença de comportamento entre dois grupos e dando ênfase à aplicação de modelos de equações estruturais e as estratégias de marketing social e gestão social. A intenção também é dispor de indicadores capazes de avaliar, mitigar e comparar o efeito de diferentes variáveis latentes no estudo do comportamento violento.

Este estudo pretende propor alternativas viáveis, dado ênfase à gestão social, com intuito de avaliar, discutir os diversos entraves na situação em que se encontram esses jovens

---

<sup>3</sup>“Programa de Governo criado em 2004 com o objetivo de viabilizar à população do Estado do Pará em situação de vulnerabilidade social, ações de inclusão social visando à redução dos índices de violência e da criminalidade e a propagação da cultura de paz e não violência” (PROPAZ, 2012: 1).

<sup>4</sup>Fundação de atendimento Socioeducativo do Pará: vinculada ao Governo do Estado do Pará, tem como missão coordenar e executar a política estadual de atendimento socioeducativo a adolescentes e jovens com prática de ato infracional, bem como de seus familiares, orientados pela doutrina da proteção integral.

e estudando as condições de vida dessa juventude da periferia urbana, que vive em situação de risco permanente. Em outro ponto, pretende-se destacar as ações da gestão do marketing social que a Fundação PROPAZ promove em prol da redução dos eventos de violência cometidos por e contra os jovens atendidos.

Como ponto de partida, sugerem-se algumas questões de investigação relativas à condição atual dos jovens, que talvez, em sua maioria, não possam ser respondidas:

Questões norteadoras:

- ✓ A reincidência de cometimento de crimes desses jovens está relacionada ao nível social (o ambiente em que vivem)?
- ✓ As ações do Estado têm sido eficientes para reduzir as atitudes violentas dos jovens moradores de áreas de risco?
- ✓ Os valores da não violência adquiridos durante o projeto PROPAZ nos Bairros pelos jovens que são atendidos pela Fundação PROPAZ, nos últimos dois anos, foram suficientes para melhorar suas condutas comportamentais no seu dia a dia?
- ✓ A forma como os jovens delinquentes vêm sendo assistidos pelo poder público tem sido eficiente para a diminuição da reincidência criminal?
- ✓ A política de ressocialização usada pela FASEPA tem sido eficiente para ressocializar esse jovem que cometeu um ato infracional?

### 1.1 Objetivos

Estimar modelos teóricos a partir das variáveis latentes, valoração familiar, sentimento anômico e atitudes de lazer (lúdico, instrutivo e hedonista) e medir o efeito destas, sobre as condutas desviantes de jovens que estão apreendidos e os que são atendidos pela Fundação PROPAZ na Região Metropolitana de Belém-Pará-Brasil, especificamente no projeto PROPAZ nos Bairros.

Como objetivos específicos definem-se os seguintes:

- ✓ Caracterizar e definir os aspectos estruturantes da violência urbana e as influências do marketing social na gestão pública.
- ✓ Propor modelos teóricos a partir das variáveis envolvidas.
- ✓ Fazer levantamento através de pesquisa *in loco* com os grupos de jovens em situação de risco, selecionados na RMB:
  - Juventude na faixa etária de 12 a 19 anos, que estão cumprindo medidas socioeducativas na FASEPA.

- Juventude em situação de risco social, na faixa etária de 12 a 19 anos que participa do programa PROPAZ nos bairros.

## 1.2 Estrutura do trabalho

Este estudo está estruturado em sete capítulos:

O capítulo 1 define a introdução, objetivos e a caracterização da violência na visão de diversos autores.

O capítulo 2 avança sobre a caracterização, questões sobre a perspectiva e estruturas socioeconômicas do mundo, Brasil, e do objeto de estudo e também analisa os diversos gargalos existentes na área urbana e aspectos estruturantes da violência cotidiana.

O capítulo 3 investiga as influências do marketing social na gestão pública e os conceitos, análises e exemplos dessa política social no âmbito local.

O capítulo 4 aponta a construção do modelo teórico a partir da variável conduta desviante, através da pesquisa referente a diversos autores. Em seguida, apresenta exemplos de estudos que contribuíram para a formatação do modelo explicativo e conceitual, fundamenta o modelo teórico com as hipóteses e descreve as variáveis que participaram do modelo.

O capítulo 5 é definido a partir dos procedimentos metodológicos e apresenta uma estratégia metodológica baseada em pesquisas com os jovens delinquentes em situação de risco social que cumprem medidas socioeducativas e os que são atendidos pela Fundação PROPAZ. Neste sentido, são definidas as populações em estudo, os processos de amostragem e dimensões amostrais, o método de análise estatística empregado, os conceitos e a evolução dos métodos de equações estruturais. Além disso, é feito um resumo teórico da estruturação do modelo.

No capítulo 6 são apresentados os resultados a partir de estatísticas descritivas, análises estatísticas para avaliação psicométrica, validação de escalas, validação fatorial dos construtos e a discussão dos resultados do modelo de medida. É testado o modelo inicial, conforme o modelo teórico e feitas alterações em cada modelo a partir das variáveis elencadas.

O último capítulo 7 traz a discussão dos resultados e conclusões do estudo, propondo sugestões na área da gestão social e contribuições, avaliando quais medidas podem ser tomadas a partir das informações recolhidas. Neste capítulo, são, ainda, apontadas as limitações do estudo, contribuições e sugestão para uma investigação futura.

## **CAPÍTULO 2**

### **ENQUADRAMENTO, CARACTERIZAÇÃO, ASPECTOS ESTRUTURANTES E CONFLITOS DA VIOLÊNCIA URBANA NO MUNDO, BRASIL E NA RMB**

Este capítulo tem como objetivo mostrar a caracterização, os aspectos e a evolução da violência, a localização do estudo proposto e os conflitos estruturantes nos principais países do mundo, no Brasil, no Pará e na RMB.

#### **2.1 A VIOLÊNCIA URBANA E AS CARACTERÍSTICAS DA JUVENTUDE COMO FATORES DE INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS NO MUNDO**

São analisados dados da violência mundial e indicadores de impacto, dá ênfase a problemática da violência urbana ocorrida entre os jovens, cuja atuação atinge diversas áreas, como sociodemográficas, econômicas e educacionais.

##### **2.1.1 A violência desenfreada gerando o crescimento das mortes entre a juventude no mundo**

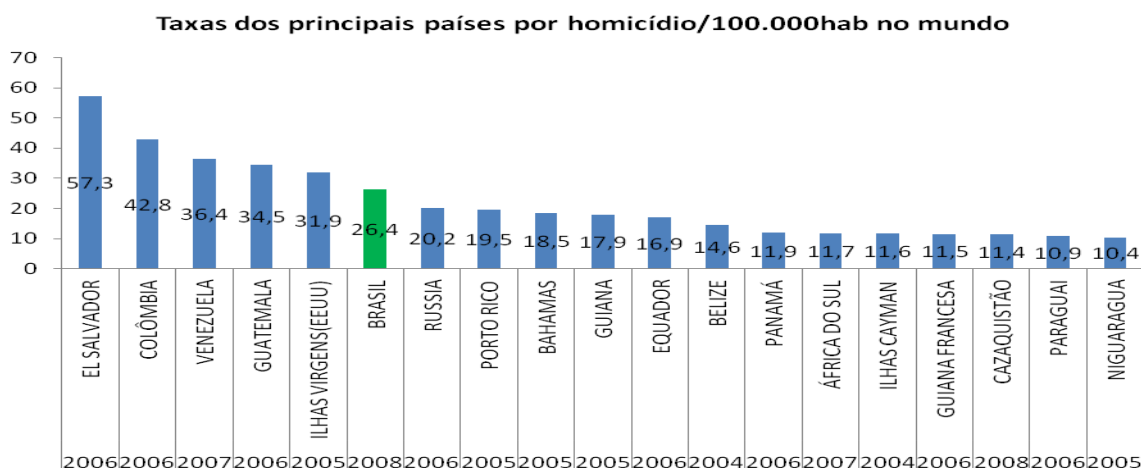
Observa-se que os países da América Central e da América do Sul lideram o ranking dos homicídios no mundo. A baixa condição de vida e de infraestrutura do povo e a expansão do narcotráfico, principalmente nas regiões constituídas de favelas, são pontos fundamentais para o avanço desse crime.

Essa situação não representa somente uma mudança geográfica, mas também conceitual do ponto de vista da existência de um processo de reconfiguração da violência na região. É importante ressaltar que já existe um processo histórico de violência liderado por países como Brasil e Colômbia. Esta última por seu histórico de violência, liderado pelas FARC - Forças Armadas Revolucionárias Colômbia e pelo narcotráfico e o Brasil, que é ligado ao crime organizado e ao narcotráfico, desponta como rota de armas e drogas. Soma-se a isso, as condições propícias dessas regiões com assentamentos territoriais nas zonas mais pobres dos municípios.

Há de se considerar, também, nesse caso, que países com as menores taxas de homicídios na América do Sul, como é o caso do Uruguai, com 4,4%, em termos internacionais, em 38º lugar, quando se analisa dados internacionais acabam ocupando posição bem mais alta, como em relação a muitos países da Europa e da Ásia (Waiselfisz, 2011) (gráfico 1).

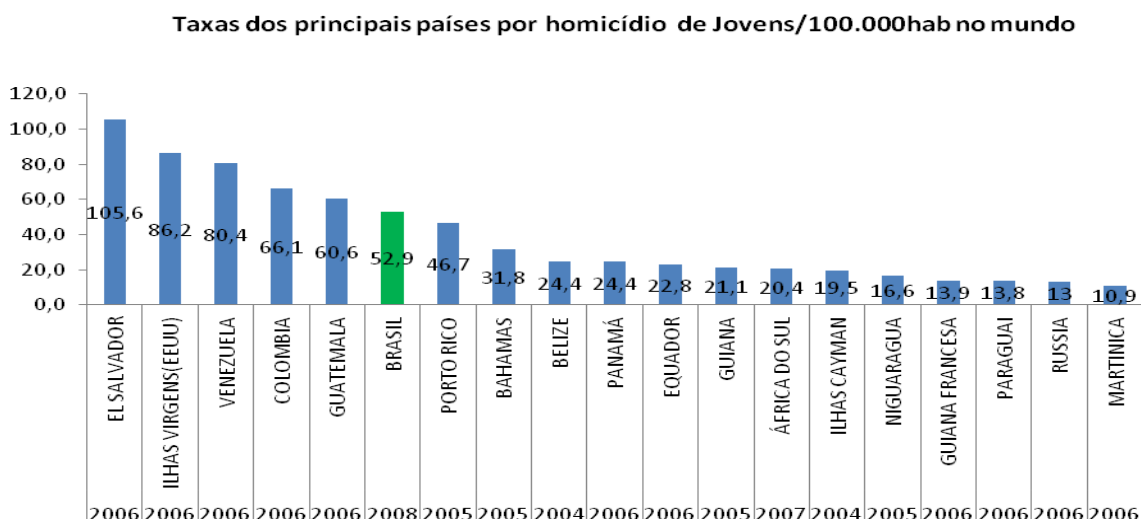
Em relação aos dados da juventude, seguem o mesmo patamar dos indicadores gerais, onde os países da América Latina e América do Sul lideram os rankings dos índices de homicídios para 100.000hab. Com destaque para El Salvador, com 105,6, Venezuela, 80,4, Colômbia, 80,1, e Brasil, 52,9 (gráfico 2).

Gráfico 1: Maiores taxas de homicídios no mundo



Fonte:Waiselfisz, 2011

Gráfico 2 - Faixa etária de 15 a 24 anos

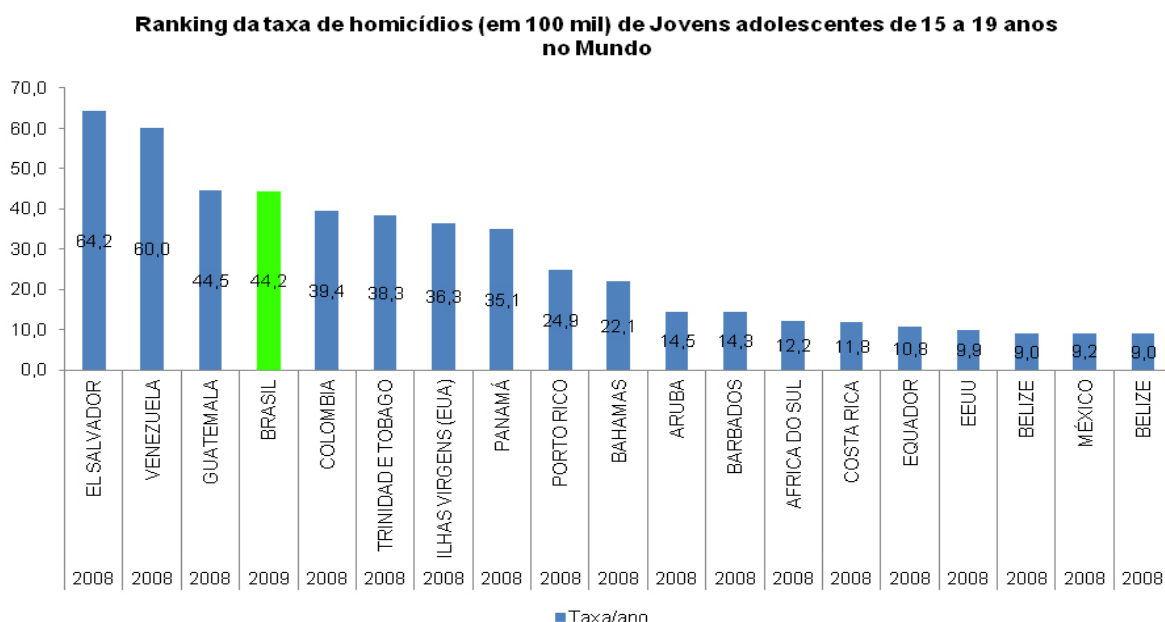


Fonte:Waiselfisz, 2011

Os gráficos confirmam, novamente, que a América Latina e América do Sul lideram o ranking de homicídios (em 100 mil) no mundo, com altas taxas em relação à juventude. O que chama a atenção é que o Brasil se mantém no topo dos indicadores de violência, com 44,2, (em 100 mil), para jovens e adolescente de 15 a 24 anos e 13,0 (em 100 mil) para criança e

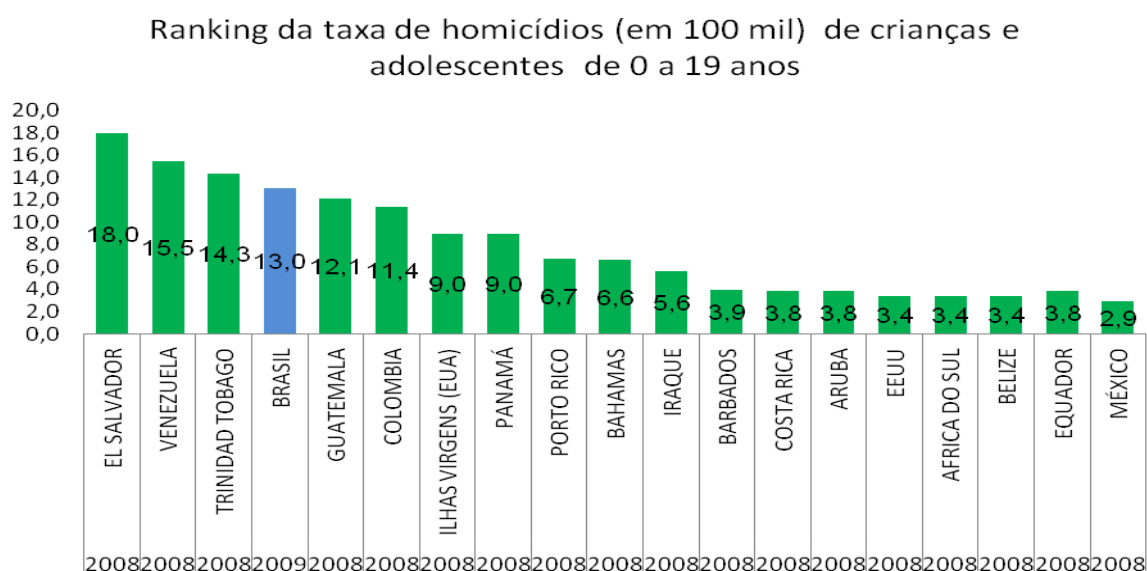
adolescente de 0 a 19 anos, ocupando, dessa forma, o 4º lugar na projeção internacional, (gráficos 3 e 4).

Gráfico 3 - Ranking da taxa de homicídios em jovens adolescentes no mundo



Fonte: Waiselfisz, 2012

Gráfico 4 - Ranking da taxa de homicídios de crianças e adolescentes



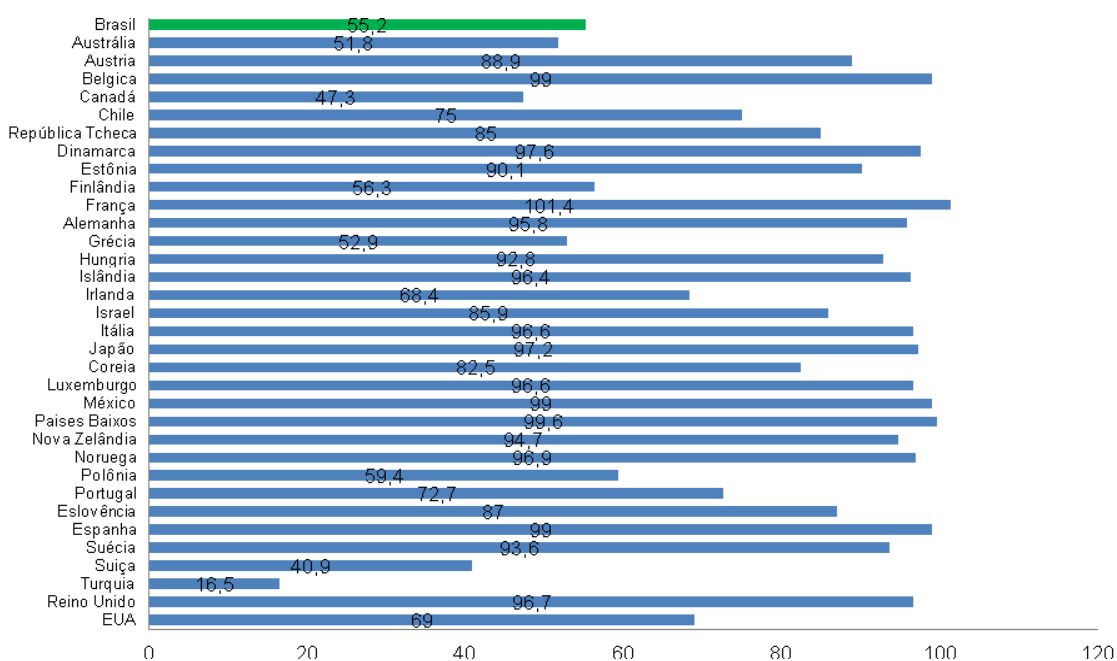
Fonte: Waiselfisz, 2012



### 2.1.2 A influência dos fatores educacionais na vida dos jovens

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) retratam que ocorreu um crescimento significativo na educação básica brasileira na última década. Os dados revelam que em 2001 a taxa de escolarização das crianças de 0 a 3 anos e 4 a 5 anos era de 10,6% e 55%, respectivamente, porém, em 2011, houve um salto para 20,8% e 77,4%. Mesmo com esse avanço, a média de proporção de crianças de 4 anos de idade frequentando Instituição de ensino no Brasil ficou bem abaixo da média de países da OCDE<sup>5</sup> com 55,2, enquanto que a média geral dos países foi de 81 (gráfico 5).

Gráfico 5 - Proporção de crianças de 4 anos de idade que frequentam Instituição de ensino, por país da OCDE e Brasil, 2010



Fonte: OCDE, 2012

Os dados abaixo denotam as taxas média de abandono escolar precoce entre os jovens de 18 a 24 anos, no Brasil e na Europa. O Brasil destaca-se negativamente como a 2ª maior taxa em relação ao sexo masculino (37,9%), ou seja, de cada 10 pessoas com idade entre 18 a 24 anos que estão na sala de aula, 4 abandonam precocemente os estudos e Malta, com 38,9%, está em primeiro lugar. Já em relação ao sexo feminino, segue o mesmo critério. Portanto, o Brasil está em 2º lugar no ranking, com aproximados 26,6% de taxas de abandono escolar e Malta, com 27,6%, segue na liderança. Um dado relevante é que 52,9% dos jovens pesquisados haviam abandonado os estudos sem completar o ensino fundamental.

<sup>5</sup> Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico ou Econômico.

É importante ressaltar que o Brasil possui uma taxa média de abandono escolar 4 (quatro) vezes maior que em países europeus (gráfico 6).

Gráfico 6 - Taxa de abandono escolar precoce da população de 18 a 24 anos de idade, por sexo, segundo países europeus e Brasil, 2011

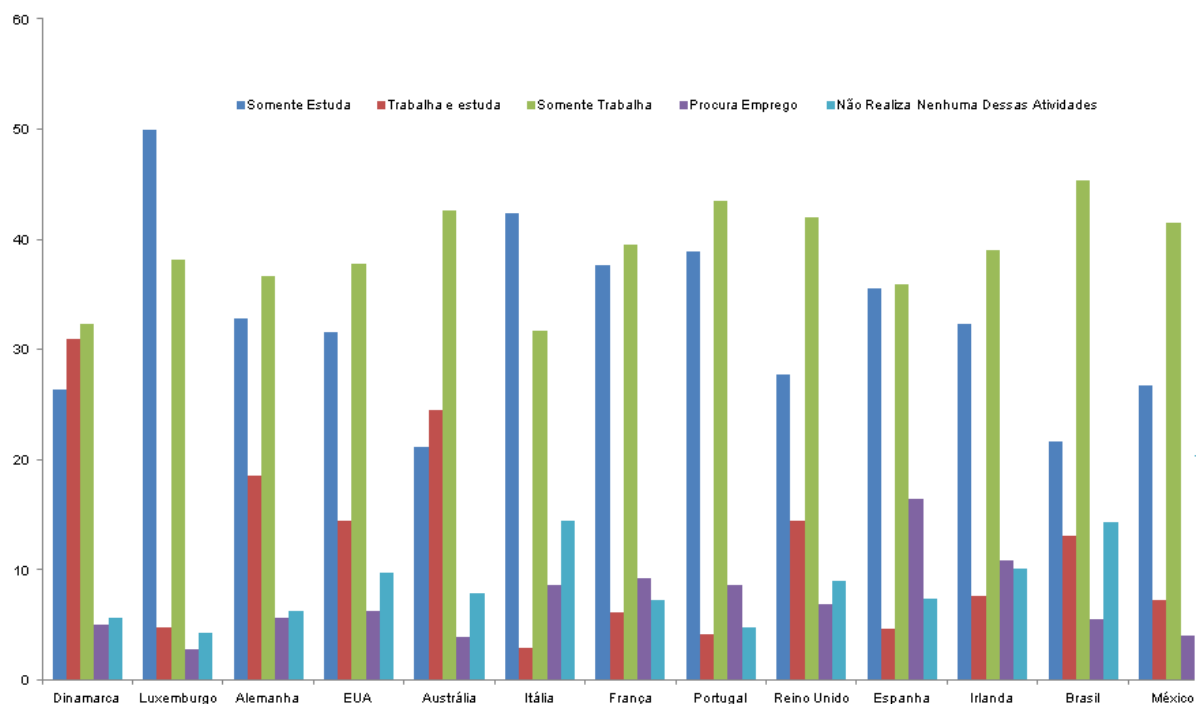


Fonte: Síntese de indicadores Sociais, 2012

### 2.1.3 O mercado de trabalho e a estrutura etária da população mundial

As informações, a seguir, mostram uma comparação internacional entre o Brasil e alguns países selecionados no mundo em relação à educação e ao mercado de trabalho envolvendo jovens. O estudo foi realizado pela OCDE. Um dado que chama atenção é o elevado número de jovens com idade entre 15 e 29 anos que não realizaram nenhuma atividade, ou seja, não trabalharam e não estudaram, ficando ociosos nesse período. Esse número no Brasil é bem elevado (em torno de 14,3%), ficando atrás apenas do México (20,4%). Para o indicador de jovens que estão à procura de emprego, a Espanha lidera (20,4%), seguido de Irlanda (10,9%) e França (9,3%), o que se justifica devido ao período de crise econômica pela qual esses países têm passado, principalmente entre os mais jovens. O Brasil ficou bem abaixo dessas taxas (5,5% taxa de procura) (gráfico 7).

Gráfico 7- Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade, por condição de atividade na semana de referência, segundo países selecionados, 2010



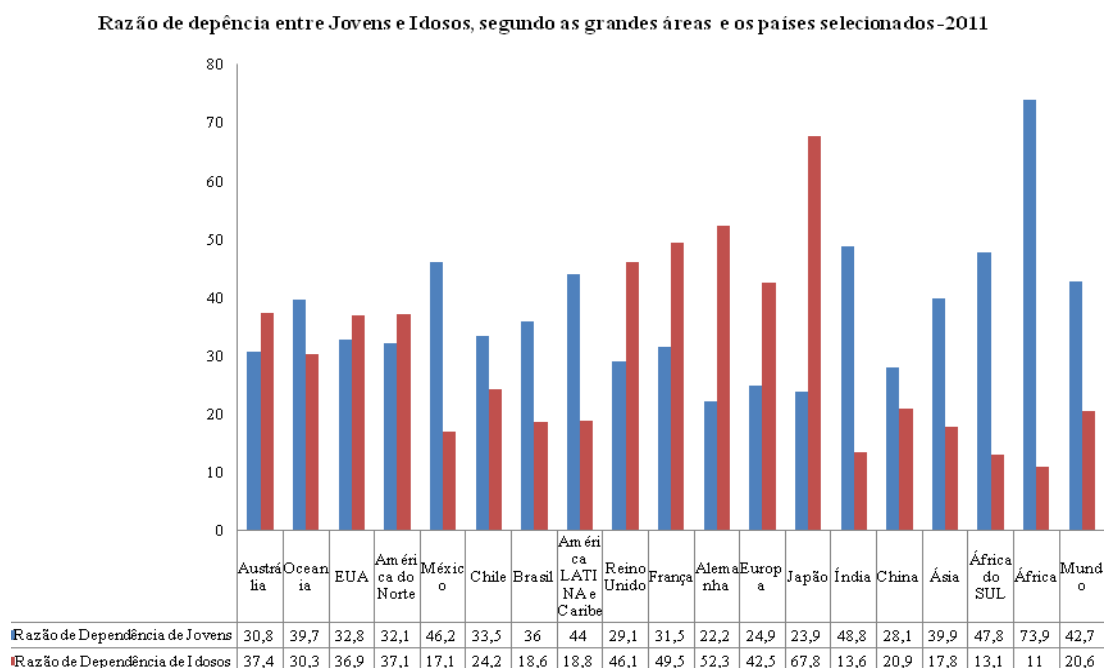
Fonte: OECD, 2012

No âmbito da dinâmica populacional brasileira no cenário mundial, destaca-se a razão de dependência de jovens e de idosos para diferentes regiões do mundo. No ano de 2011, a razão de dependência total no mundo foi de 63,3 pessoas dependentes para cada 100 pessoas em idade ativa, sendo que a componente de jovens e idosos foram, respectivamente, 42,7 e 20,6. Pode-se observar, ainda, que a África registra o maior índice médio de razão de dependência de jovens com 73,9, enquanto que as maiores razões de dependências de idosos foram o Japão, Itália e Alemanha, respectivamente com, 67,8, 55,4 e 52,3.

Outra análise que pode ser feita refere-se ao índice de envelhecimento da população, medido pela razão entre o número de pessoas de 60 anos ou mais de idade para cada 100 pessoas de menos de 15 anos de idade. Sobre uma análise internacional, o índice de envelhecimento mundial (48,2), aproxima-se do valor encontrado para o Brasil (51,8). Foram registrados os maiores índices no Japão (283,6) e Alemanha (235,5).

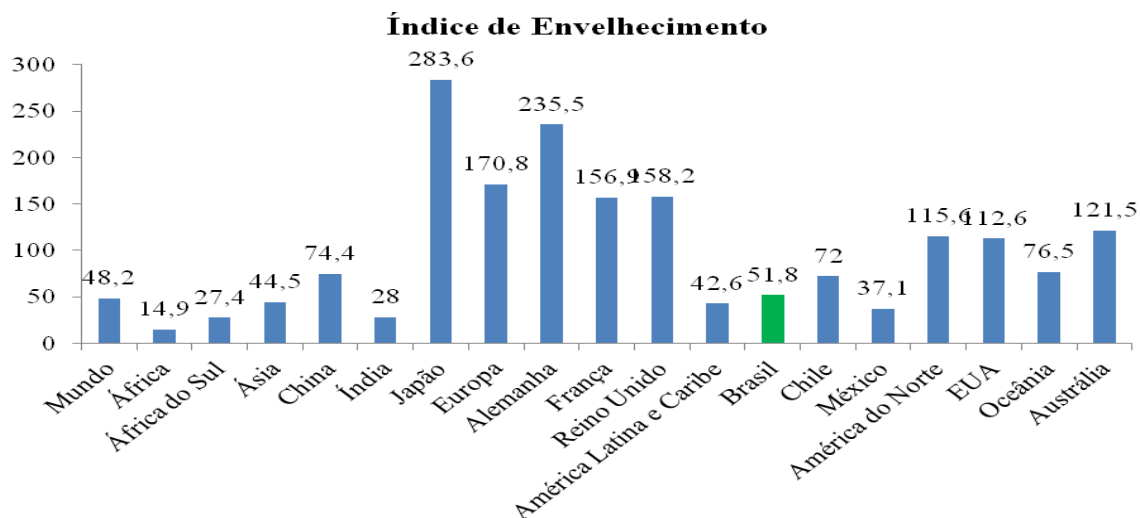
Como resultado do reflexo da diminuição da participação do grupo com menos de 15 anos de idade e o crescimento da participação das pessoas com 60 anos ou mais de idade, o índice de envelhecimento teve um crescimento de 63,4% se comparados os anos de 2001 e 2011 (gráficos 8 e 9).

Gráfico 8 - Razão de dependência entre Jovens e idosos, segundo as grandes áreas e países selecionados, 2011



Fonte: ONU, 2010

Gráfico 9 - Índice de envelhecimento, segundo as grandes áreas do mundo e países selecionados, 2011



Fonte: ONU, 2010

#### 2.1.4 A violência armada no mundo e suas características

A tabela a seguir mostra dados do relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), divulgado em 2012. Os números apresentam informações de países selecionados de 2009 a 2011, que indicam taxa de homicídios e o % do PIB gasto com segurança. O Brasil, em relação a esses países, teve uma das maiores taxas de homicídios em 2011 (22,2) e um baixo

investimento em segurança - algo em torno de 1,3%, do PIB. Enquanto o Chile teve investimentos, em 2010, na ordem de 1,7% do PIB e uma taxa de homicídios de apenas 3,2 (tabela 2).

Tabela 2 - Despesas realizadas com a Função Segurança Pública, gastos em % do PIB e Homicídios no Brasil e Países selecionado, 2009/2010/2011

Países Selecionados	2009		2010		2011	
	Taxa Homicídio	Gasto % do PIB	Taxa Homicídio	Gasto % do PIB	Taxa Homicídio	Gasto % do PIB
Alemanha <sup>1</sup>	0,8	1,2	0,8	-	-	-
Argentina <sup>2</sup>	5,8	1,3	-	2,0	-	2,0
Brasil	21,9	1,3	22,1	1,4	22,2	1,3
Chile <sup>3</sup>	3,7	1,7	3,2	1,7	3,7	-
EUA	5,0	2,3	4,8	-	4,7	-
México	17,7	0,3	22,7	0,3	23,7	0,3

Fonte: Ministério da Saúde, 2012

(1) Exclui da função "public order and safety" a subfunção "law courts" e inclui a subfunção "civil defence"

(2) Inclui as despesas com "Seguridad Interior, sistema penal e inteligencia"

(3) Inclui as despesas com "orden público y seguridad"

O levantamento apresenta um comparativo de homicídios por Armas de Fogo (AF) e população entre os 12 países mais populosos do mundo e o Brasil. O que se poderia imaginar é que o alto número de mortes poderia estar relacionado à dimensão territorial ou populacional do Brasil, já que o país é o quinto mais populoso do mundo. No entanto, os dados revelam que o Brasil apresenta o maior número de homicídios, mesmo quando comparados a países com população e dimensão superiores a sua. O Brasil tem taxas de homicídios por AF quatro vezes superiores aos da China, que tem 7 vezes mais população que o Brasil. A Índia, segundo país mais populoso do mundo, com 6 vezes mais habitantes que o Brasil, tem um número de assassinatos com armas de fogo 12 vezes menor (tabela 3).

Considerando os 12 países acima citados, os homicídios por armas de fogo, correspondem a 81,4% das mortes diretas no mundo e vitimaram, ao longo de 4 anos, 169.574 pessoas. No Brasil, foram contabilizados 147.373 mortes. O que chama a atenção, é que o acumulado de mortes de 2004 a 2007 entre os países com conflito é superior em apenas 22.201 mortos em relação ao Brasil. Outro ponto a considerar e que o Brasil possui alto índice de mortos por 100 mil habitantes, com uma taxa de 20 por 100 mil, superior a taxa média dos conflitos, que ficou em 11,1 por 100 mil (tabela 4).

Tabela 3 - Homicídios por AF nos 12 países mais populosos do mundo

<b>Pais</b>	<b>Populações (Milhões)</b>	<b>n. homicídios AF</b>	<b>Ano</b>
China	1.339,20	9.387	2010
Índia	1.184,60	3.093	2009
USA	310,0	12.179	2008
Indonésia	234,2	13.274	2008
<b>Brasil</b>	<b>193,4</b>	<b>36.792</b>	<b>2010</b>
Paquistão	170,3	9.246	2010
Nigéria	164,4	12.895	2008
Bangladesh	158,3	1.456	2000
Rússia	141,9	13.266	2010
Japão	127,4	9	2010
México	108,4	17.561	2010
Filipinas	94,0	6.879	2010

Fonte: SIM - Sistema de Informações de Mortalidade, 2012

Undoc: United Nations Office on Drugs and Crime

Undoc\_b: Estimativa a partir do total de homicídios considerando participação de 70% para as AF.

Tabela 4 - Número de mortes direta e taxas por 100 mil hab, em 12 países com conflitos armados no mundo e por armas de fogo no Brasil, 2004/2007

<b>Países</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>Total de Mortes</b>	<b>% Total</b>	<b>Taxas por 100 mil hab</b>
Iraque	9.803	15.788	26.910	23.765	76.266	36,6	64,9
Sudão	7.284	1.098	2.603	1.734	12.719	6,1	8,8
Afeganistão	917	1.000	4.000	6.500	12.417	6	9,9
Colômbia	2.988	3.092	2.141	3.612	11.833	5,7	6,4
Rep. Dem. do Congo	3.500	3.750	746	1.351	9.347	4,5	4,1
Sri Lanka	109	330	4.126	4.500	9.065	4,4	10,8
Índia	2.642	2.519	1.559	1.713	8.433	4	0,2
Somália	760	285	879	6.500	8.424	4	24,4
Nepal	3.407	2.950	792	137	7.286	3,5	6,8
Paquistão	863	648	1.471	3.599	6.581	3,2	1
Índia/Paquistão (Caxemira)	1.511	1.552	1.116	777	4.956	2,4	-
Israel/Território Palestino	899	226	673	449	2.247	1,1	1,8
<b>Total de 12 conflitos</b>	<b>34.683</b>	<b>33.238</b>	<b>47.016</b>	<b>54.637</b>	<b>169.574</b>	<b>-</b>	<b>11,1</b>
<b>Brasil (Armas de Fogo)</b>	<b>37.113</b>	<b>36.060</b>	<b>37.360</b>	<b>36.840</b>	<b>147.373</b>	<b>-</b>	<b>20</b>

Fonte: SIM - Sistema de Informações de Mortalidade, 2012

## 2.2 AS CARACTERÍSTICAS URBANAS E AS AMEAÇAS ORIGINADAS DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

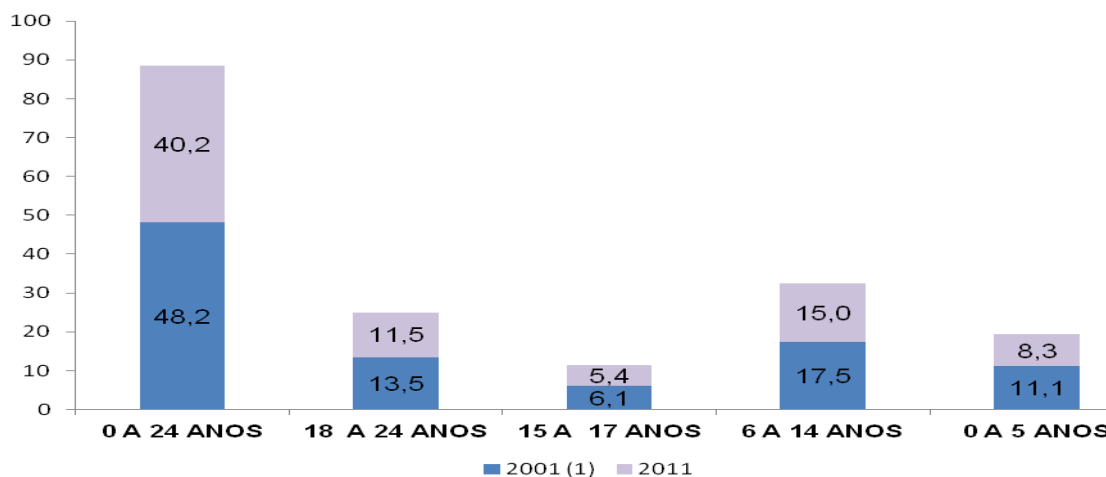
Esta etapa terá como objetivo avançar diante das características urbanas da violência no Brasil, desmembrando aspectos sociodemográficos e econômicos, analisando, dessa forma, os indicadores mais relevantes que têm impacto direto na qualidade de vida das pessoas.

### 2.2.1 As características sociais e os aspectos dinâmicos que influenciam na qualidade de vida da juventude brasileira

O PIB brasileiro teve um incremento de 3,6% na década 2001-2010, bem superior à década 1991-2000, crescendo apenas 2,6%. O Pará ocupava a 13ª posição no ranking entre os Estados e a Região Norte. Nesse período, avançou 0,6%, e o Centro-Oeste e Nordeste avançaram 0,5% (Contas Regionais, 2012) (anexo 1).

Segundo dados do IBGE, em 2011 o grupo etário até 24 anos no Brasil correspondia a 40,2% da população brasileira, ou seja, aproximadamente 78,5 milhões. Esse número se deve ao decréscimo que houve a partir de 2001, com uma queda de 16,6% nesse período. Outro fato relevante que se observa é a proporção da população com menos de 17 anos, com 28,7% do total (gráfico 10).

Gráfico 10 - Proporção de crianças, adolescente e jovens, divididos em grupos etários no Brasil



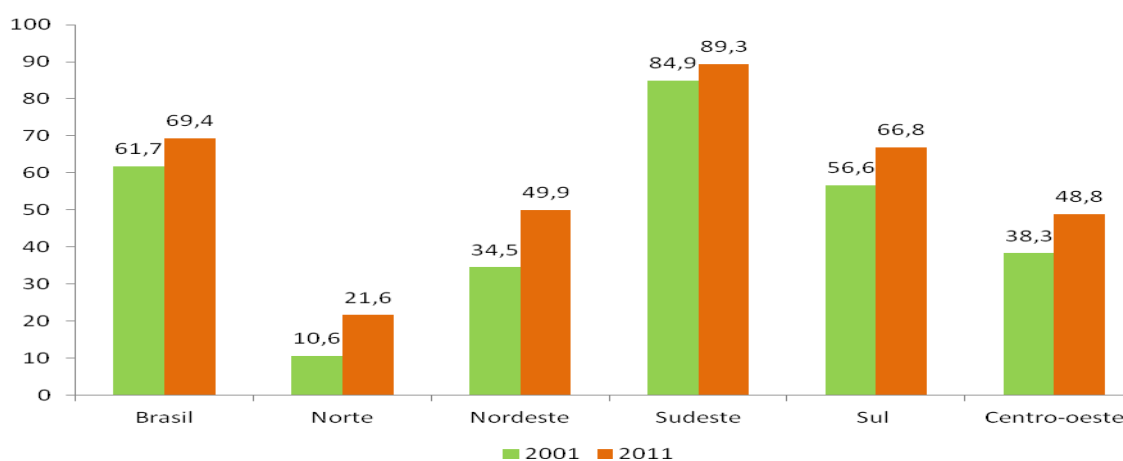
(1) Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá

Fonte: IBGE, 2012

Um indicador importante no destaque social da vida dos brasileiros é o saneamento básico. Um estudo do IBGE aponta dados importantes nessa área, trabalho baseado no percentual de domicílios urbanos do país que, em 2011, representavam 86% do total.

No ano de 2011, 69,4% dos brasileiros declararam ter acesso aos serviços de saneamento. Quando se compara o período 2001 a 2011, observa-se um incremento na ordem de 12,5%. Esses números ainda são inadequados, pois mais de 16 milhões, ou seja, 30,6% da população, não têm acesso a esses serviços. Também é importante frisar que há desigualdade na distribuição de investimentos nesse setor no território brasileiro: na região Norte, por exemplo, em 2011, somente 21,6% dos domicílios urbanos tinham todos os serviços de saneamento básico. Portanto, de cada dez domicílios, em média, apenas dois tinham todos os serviços de saneamento básico (gráfico 11).

Gráfico 11 - Proporção de domicílios particulares permanentes urbanos, com serviços de saneamento, segundo as grandes regiões do Brasil, 2001/2011

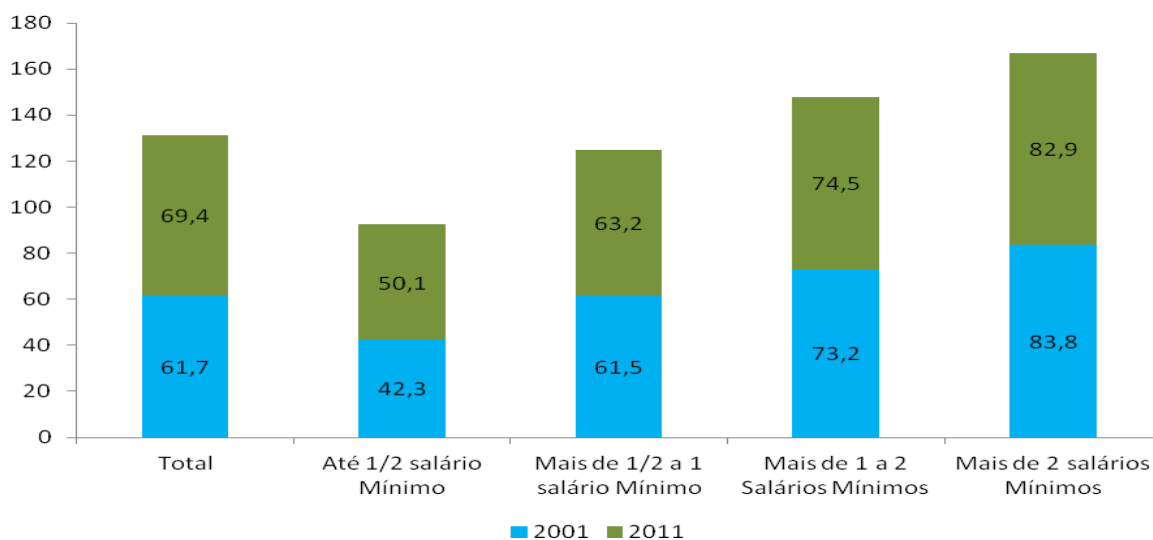


Fonte: IBGE, 2012

Os dados a seguir revelam o acesso a serviços de saneamento básico em relação às crianças de 0 a 14 anos no Brasil. As informações mostram que 48,5%, ou 21,9 milhões, moravam em domicílios em que pelo menos um dos serviços de saneamento (água, esgotamento sanitário e lixo) não era adequado à população. Os dados também apontam que 10,7%, ou 4,8 milhões de crianças, viviam com todas as formas de saneamento inadequadas no Brasil, sendo mais grave a situação da região Nordeste, onde esse índice era de 17,2%. Com relação a proporção de domicílios particulares permanentes urbanos, com serviços de saneamento, destaca-se que apenas 50,1% dos que ganhavam até  $\frac{1}{2}$  SM tinham acesso a esse serviço essencial (gráficos 12 e 13).

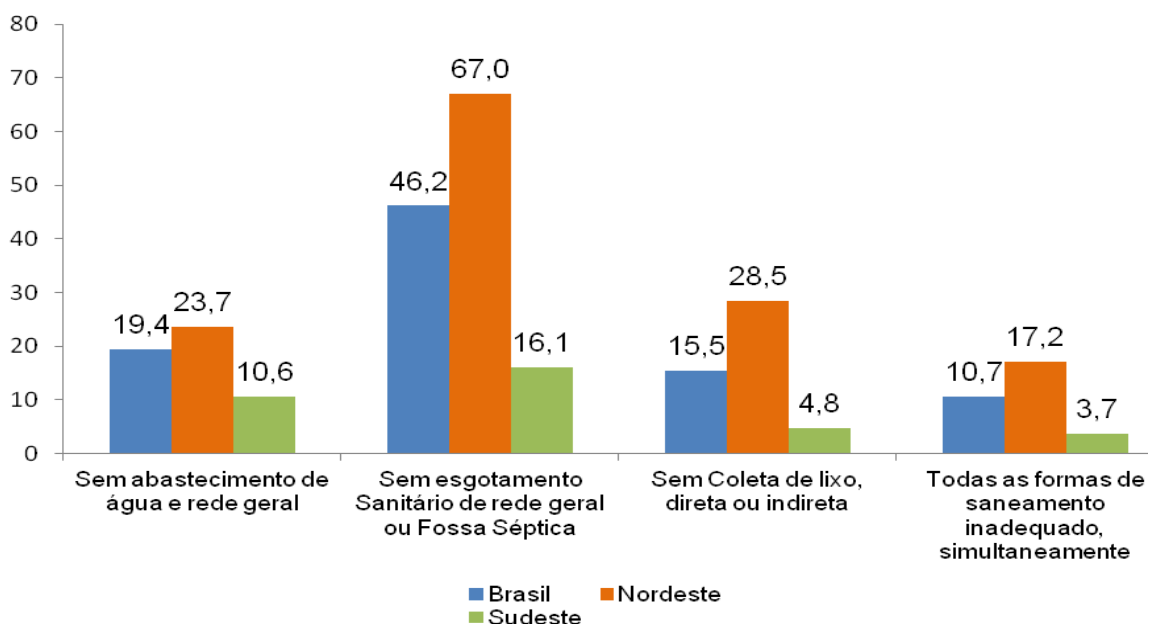


Gráfico 12 - Proporção de domicílios particulares permanentes urbanos, com serviços de saneamento, segundo as classes de rendimento médio mensal domiciliar per capita do Brasil, 2001/2011



Fonte: IBGE, 2012

Gráfico 13 - Proporção de crianças de 0 a 14 anos de idade vivendo em domicílios sem abastecimento de água por rede geral, sem esgotamento sanitário por rede geral ou fossa séptica e sem coleta de lixo, no Brasil, regiões nordeste e sudeste em 2011



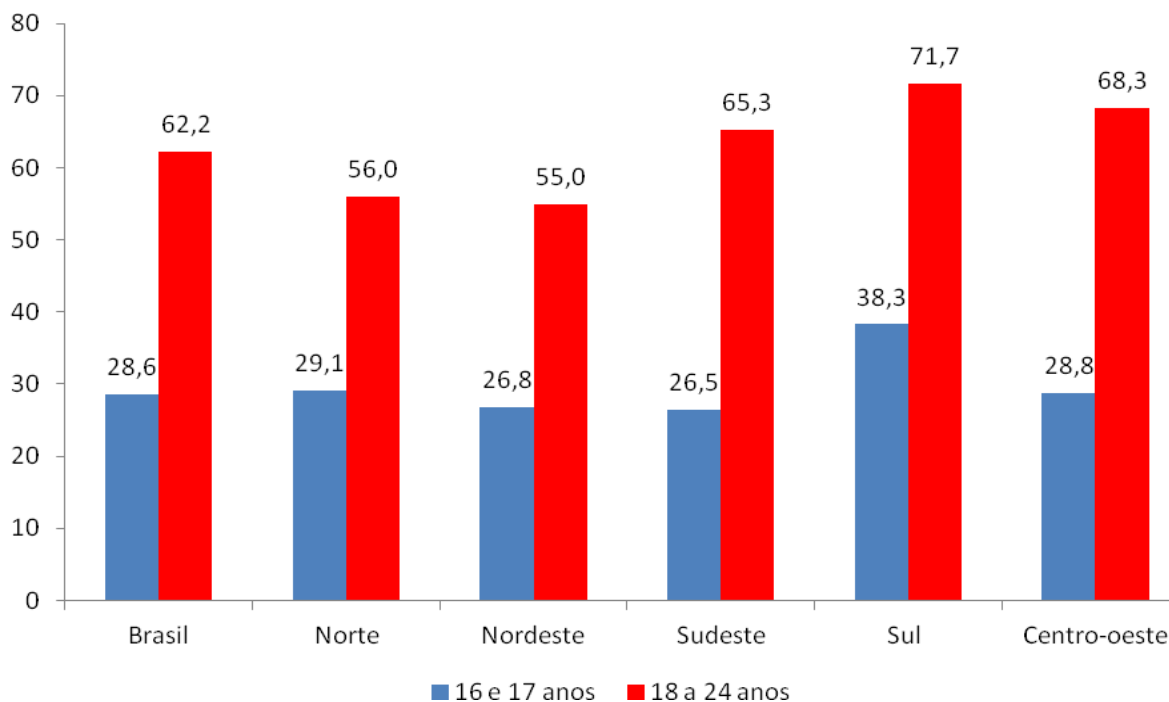
Fonte: IBGE, 2012

Um outro indicador importante refere-se à taxa de ocupação. Quanto a isso, ressalta-se que no Brasil, em 2011, que entre jovens de 16 e 17, ela era de 28,6%. O que chama a atenção é que quando se compara a década, 2001-2011, para a mesma faixa etária, houve um

incremento de 4,7%, ou seja, passou de 59,4%, para 62,2%. Desses jovens, somente 59,5% frequentavam a escola, 20% trabalhavam e estudavam e 8,6% somente trabalhavam.

Para a faixa etária de 18 a 24 anos, a média de ocupação no Brasil foi de 62,2%, sendo que as regiões Norte e Nordeste ficaram bem abaixo da média nacional de ocupação, com 56% e 55%, respectivamente (gráfico 14).

Gráfico 14 - Taxas de ocupação por pessoas por grupo de idade, segundo as grandes regiões - Brasil, 2011.



Fonte: IBGE, 2012

Não se pode deixar de fora, nessa análise, o tema pobreza. A tabela 5, a seguir, mostra os níveis de pobreza da população brasileira, no qual destaca-se o Pará, em relação ao indicador de extrema pobreza (pessoas que convivem com menos de 1US\$ dólar por dia), ocupando o 2º mais elevado índice da região Norte e o 5º do Brasil, com 15,9%. Já quando o indicador passa a ser pobres, ou seja, pessoas que sobrevivem com 1 US\$ a 2 US\$ dólares por dia, o Pará lidera o ranking da região Norte, com 32,33% de pobres. Em relação ao Brasil, o Estado ocupa a 4ª colocação.

Tabela 5 - Renda e pobreza no Brasil em 2010

<b>Brasil e Estados da federação</b>	<b>% de extremamente pobres (2010)<sup>1</sup></b>	<b>% de pobres (2010)<sup>2</sup></b>	<b>% de vulneráveis à pobreza (2010)<sup>3</sup></b>
Brasil	6.62	15.20	32.56
Acre	15.59	29.46	50.97
Alagoas	16.66	34.29	59.76
Amapá	9.93	24.07	45.22
Amazonas	16.43	30.78	51.78
Bahia	13.79	28.72	52.71
Ceará	14.69	30.32	54.85
Distrito Federal	1.19	4.93	16.00
Espírito Santo	2.67	9.53	26.82
Goiás	2.32	7.59	24.22
Maranhão	22.47	39.53	63.58
Mato Grosso	4.41	10.52	27.00
Mato Grosso do Sul	3.55	9.92	26.83
Minas Gerais	3.49	10.97	28.85
<b>Pará</b>	<b>15.90</b>	<b>32.33</b>	<b>55.99</b>
Paraíba	13.39	28.93	53.65
Paraná	1.96	6.46	19.70
Pernambuco	12.32	27.17	51.86
Piauí	18.77	34.11	58.13
Rio de Janeiro	1.98	7.23	22.26
Rio Grande do Norte	10.33	23.79	47.70
Rio Grande do Sul	1.98	6.37	18.65
Rondônia	6.39	14.80	33.33
Roraima	15.66	26.65	45.72
Santa Catarina	1.01	3.65	12.36
São Paulo	1.16	4.66	16.13
Sergipe	11.70	27.89	52.13
Tocantins	10.21	22.15	44.71

(1) Proporção de indivíduos com renda domiciliar per capita, igual ou inferior a R\$ 70,00 até agosto de 2010. Ou Pessoas que convivem com menos de 1US\$ dólar por dia.

(2) Proporção de indivíduos com renda domiciliar per capita, superior a R\$ 70,00 mais igual ou inferior a R\$ 140,00 até agosto de 2010. Ou Pessoas que convivem com 1 US\$ a 2US\$ dólares por dia.

(3) Proporção de indivíduos com renda domiciliar per capita, igual ou inferior a 1/2 salário mínimo, até agosto de 2010.

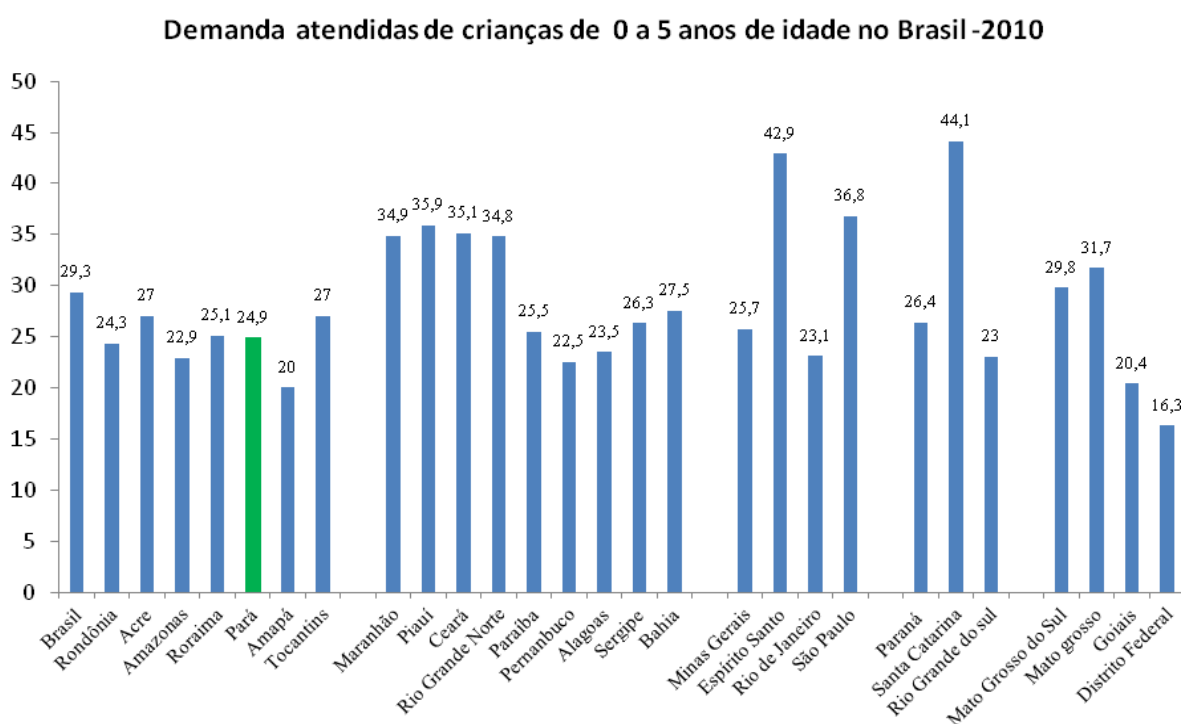
Fonte: IPEA, 2012

Outro fator que influencia na qualidade de vida de brasileiros é a educação. A luta pelo direito à educação para criança tem crescido no Brasil por diversas situações, como o fato de a oferta de educação infantil não ser obrigatória no sistema público de ensino. Nele, a educação infantil, que consiste na primeira etapa da educação básica, é feita em creches ou em outras

entidades que tenham o mesmo fim para crianças de 0 a 3 anos, e na pré-escola, voltada para crianças de 4 e 5 anos de idade (IBGE, 2011).

Nota-se que a educação infantil tem um baixo atendimento, com uma média de 29,3 matrículas em pré-escolas ou creche nas redes municipal ou estadual, para cada 100 crianças de 0 a 5 anos de idade. O Estado do Pará ficou abaixo desta média, com 24,9. Mas a situação é melhor em alguns outros estados, como Santa Catarina, com 44,1, e Espírito Santo, com 42,9 (gráfico 15).

Gráfico 15 - Demanda atendida de crianças de 0 a 5 anos de idade nas matrículas em creches ou pré-escola segundo as unidades da federação, Brasil-2010.

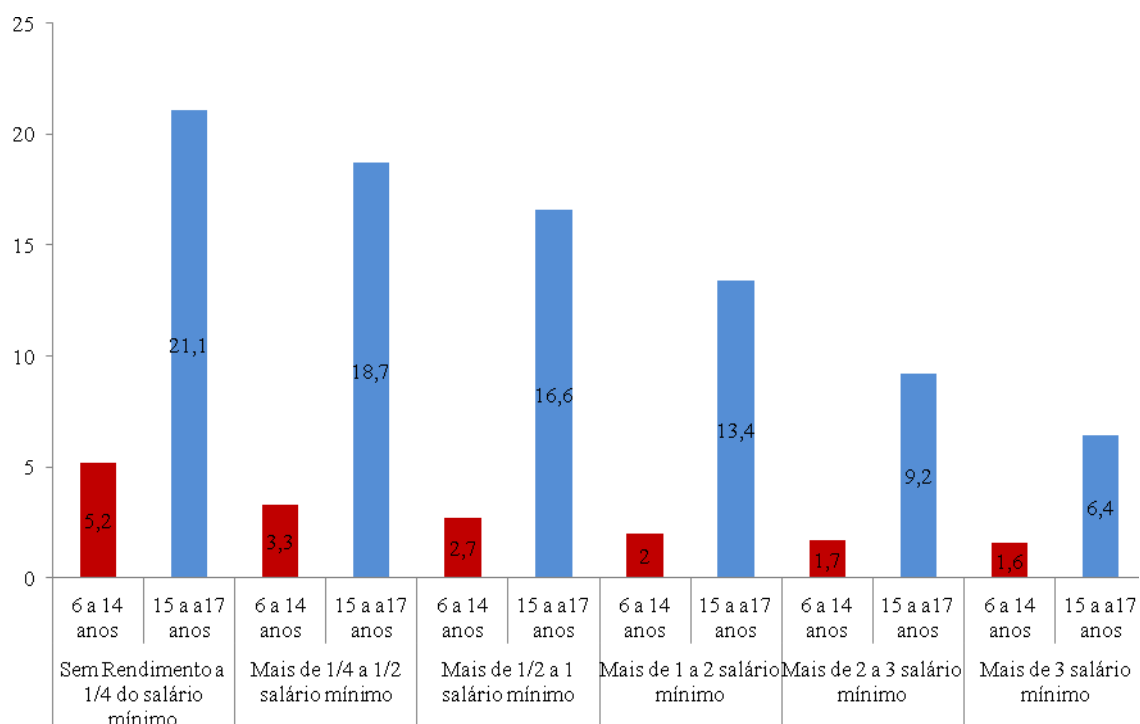


Fonte: IBGE, 2012

O nível de rendimento domiciliar *per capita* é um fator de influência decisiva ao acesso escolar ou creche no Brasil, independente da idade da criança. Verifica-se que quanto maior o nível de rendimento *per capita*, maior é a taxa de escolarização.

Para a análise do grupo de 6 a 17 anos, de crianças e adolescentes, observa-se que no grupo etário de 6 a 14 anos o percentual de crianças e adolescente que em 2010 não frequentavam a escola foi de 5,2%, enquanto o grupo de 15 a 17 anos foi de 21,1%, na classe sem rendimento a menos de  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo. Na classe dos que ganham mais de 3 salários mínimos, no grupo de 6 a 14 anos, há diminuição para 1,6%, já para o grupo de 15 a 17 anos, o percentual caiu para 6,4% (gráfico 16).

Gráfico 16 - Percentual de pessoas que não frequentavam escola na população de 6 a 17 anos de idade, residentes em domicílios particulares, por grupos de idade, segundo as classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita, Brasil, 2010



Nota: Excluídas as pessoas cuja condição no domicílio era pensionista, empregado(a) doméstico(a) ou parente do(a) empregado(a) doméstico(a).

(1) Inclusive as pessoas com rendimento mensal domiciliar *per capita* somente em benefícios

Fonte: IBGE, 2010

Os dados a seguir mostram o número médio de anos de estudo dos jovens brasileiros de 15 a 29 anos, por sexo e pelas categorias estudadas em 2001 e 2011. As análises demonstram que houve elevação nos níveis de escolaridade em todas as categorias, quando comparados os anos de 2001 e 2011. O destaque maior foi para as mulheres que não trabalhavam e não estudavam e para os homens que faziam parte da população economicamente ativa-PEA e não estudavam. Um ponto de destaque é que tanto homens quanto mulheres que não trabalhavam e não estudavam apresentavam níveis baixos de escolaridade - homens tinham em média sete anos de estudo e mulheres oito anos.

Verifica-se, ao analisar os dados, a necessidade de se criar oportunidades educacionais e profissionalizantes para esses jovens, já que das quatro categorias estudadas, as que os jovens não trabalham e não estudam foi a que mais cresceu, principalmente entre as mulheres (tabela 6).

Tabela 6 - Brasil - Número médio de anos de estudo dos jovens de 15 a 29 anos por sexo segundo a categoria

Categorias	Homens		Mulheres	
	2001	2011	2001	2011
Não PEA e não estuda	5,33	6,95	6,01	8,03
PEA* e estuda	8,76	9,87	9,81	10,94
PEA e não estuda	6,80	8,84	8,42	10,28
Não PEA e estuda	7,76	8,22	8,29	8,82

\*PEA - População economicamente ativa

Fonte: IBGE, 2011

## 2.2.2 O retrato da violência urbana nos estados brasileiros e sua influência na juventude

Os dados a seguir contabilizam informações do atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS). A violência física, que concentra 40,5% do total de atendimentos de crianças e adolescentes, principalmente na faixa de 15 a 19 anos de idade, representam 59,6% do total de atendimentos realizados nessa faixa etária. Em segundo lugar, destaca-se a violência sexual, notificada em 20% dos atendimentos, com concentração na faixa de 10 a 14 anos de idade, com 28,3% das ocorrências (tabela 7).

Tabela 7 - (%) de atendimentos do Sistema único de Saúde-SUS de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por violências segundo tipo de violência e faixa etária das vítimas/Brasil, 2011

Tipo de Violência	< 1	1 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19	Total
Física	29,4%	21,7%	26,9%	36,0%	59,6%	40,5%
Moral	8,50%	12,3%	21,4%	20,4%	16%	17,0%
Tortura	1,10%	0,9%	2%	2,0%	2,30%	1,9%
Sexual	4,80%	21,8%	30,3%	28,3%	10,90%	19,9%
Abandono	49,9%	39,9%	17,0%	8,8%	4,50%	15,8%
Outras	6,3%	3,4%	2,4%	4,6%	6,70%	4,9%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: SIM - Sistema de Informações de Mortalidade, 2012

Dentre os Estados da Região Norte, o Pará foi o que teve a maior variação na taxa média de homicídio (em 100 mil) de crianças e adolescente (<1 a 19 anos), quando comparado a taxa do ano de 2010 com a taxa anual houve um crescimento de 86%. Na Região Norte foi registrada uma elevação de 58%, enquanto que no Brasil ela foi de 13% (SIM - Sistema de Informações de Mortalidade, 2012) (anexo 2).

A evolução abaixo mostra os dados comparativos entre as idades dos jovens em uma década. É importante notar que na faixa etária de 12 a 18 anos houve elevação na taxa de homicídio (em 100 mil) de crianças e adolescente em todas as idades. Já no comparativo total entre as faixas de 0-19 anos, houve um acréscimo de 14,1% (tabela 8).

Tabela 8 - Evolução de taxas de homicídio (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por idade simples, Brasil, 2000-2010

<b>Idade</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>Var%</b>
0	2,4	2,7	12,5
1	0,8	1,2	50,0
2	0,8	1,0	25,0
3	0,9	0,8	-11,1
4	0,7	0,8	14,3
5	0,7	0,6	-14,3
6	0,5	0,7	40,0
7	0,5	0,7	40,0
8	0,9	0,7	-22,2
9	0,8	0,8	0,0
10	1,1	0,9	-18,2
11	1,4	1,4	0,0
12	1,5	1,8	20,0
13	3,3	4,9	48,5
14	8,7	9,8	12,6
15	16,7	22,2	32,9
16	28,9	37,0	28,0
17	44,2	52,5	18,8
18	51,8	58,2	12,4
19	60,4	60,3	-0,2
<b>0-19</b>	<b>11,4</b>	<b>13,0</b>	<b>14,1</b>

Fonte: SIM - Sistema de Informações de Mortalidade, 2012

Entre as capitais da região Norte, a que registrou a maior taxa média de homicídios (em 100 mil) de crianças e adolescentes na faixa de (<1 a 19 anos), no período de 2000 a 2010, foi Porto Velho, capital de Rondônia, com taxa média de 26,6. Belém ficou em segundo lugar, com uma taxa média de homicídios de 22. Quando a análise é feita a partir das variações, destaca-se a cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins, que teve um incremento de 862,5%, quando comparado os anos de 2000 e 2010, seguido de Belém do Pará, com 167% SIM - Sistema de Informações de Mortalidade (2012) (anexo 3).

Na análise de mortalidade (em 100 mil) por armas de fogo (AF), nota-se que no total da população (não jovens), o crescimento foi de 178,6%. Entre os jovens, foi bem maior: 245,3%. Considerando esse cenário, observa-se que de 1982 a 2003 o crescimento das mortes por AF na população total é quase linear e constante, com um ritmo de 5,5% ao ano. Já entre os jovens, com algumas oscilações, o crescimento nesses anos foi maior: 6,5% ao ano (tabela 9).

Tabela 9 - Taxas de Mortalidade (100 mil) da população jovem por armas de fogo segundo causa básica, Brasil, 1980 a 2010

Ano	Jovens Mortos por armas de fogo de 15 a 29 anos				
	Suicídio	Homicídio	Suicídio	Indeterminado	Total Armas de Fogo
1980	0,4	0,8	9,1	2,3	12,8
1981	0,5	1	9,5	2,4	13,5
1982	0,6	0,9	8,7	2,3	12,5
1983	0,7	1	8,8	4,5	15
1984	0,7	0,9	11	5	17,6
1985	0,7	0,9	11,9	5,6	19,1
1986	0,9	0,9	12,4	6,7	20,9
1987	0,8	1	14,7	5,4	21,9
1988	0,7	0,9	14,6	7	23,3
1989	0,7	0,9	18,8	8,1	28,4
1990	0,8	1,1	22,7	3,1	27,6
1991	1,6	1,2	20,8	4,5	28
1992	1,2	1,1	18,5	5,2	26,1
1993	0,5	1,3	22	4,8	28,6
1994	0,4	1,4	24,3	4,4	30,4
1995	0,5	1,6	27,9	2,7	32,7
1996	0,3	1,4	28,2	1,8	31,7
1997	0,2	1,4	30,5	1,7	33,8
1998	0,4	1,2	32,2	3,2	37
1999	1	1,1	33,6	2,5	38,2
2000	0,3	1,1	38,1	2,8	42,2
2001	0,3	1,2	40,7	2,2	44,4
2002	0,2	1,1	41,7	2,5	45,6
2003	0,2	1	43,5	1,7	46,5
2004	0,2	0,9	41,1	1,6	43,9
2005	0,2	0,8	39	1,3	41,3
2006	0,4	0,8	39,6	0,9	41,6
2007	0,2	0,7	39,1	1,3	41,4
2008	0,3	0,7	41,3	1,5	43,8
2009	0,3	0,6	42,4	1,8	45,1
2010	0,3	0,6	42,5	0,8	44,2
<b>Var(%)</b>	<b>-25,0</b>	<b>-25,0</b>	<b>367,0</b>	<b>-65,2</b>	<b>245,3</b>

Fonte: Waiselfisz, 2013



Na análise das taxas de óbito (em 100 mil) por AF, a capital Belém teve um crescimento de 189,8% em uma década. Esse crescimento foi bem superior à média da região Norte, que registrou 81,3% (tabela 10).

Tabela 10 - Taxas de óbito (em 100 mil) por armas de fogo nas capitais, Brasil, 2000 a 2010

Capitais	Anos											Var%
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	
<b>Belém</b>	15,7	17,5	18,1	23,6	22,8	29,9	24,2	27,3	37,7	36,2	45,5	<b>189,8</b>
Boa Vista	14	12,5	10,3	13,6	11,9	7,4	8,8	6,2	10	7	7,4	<b>-47,1</b>
Macapá	11,3	10,8	14,4	18,9	16,1	11,5	14,4	12,3	14,8	12,9	21,8	<b>92,9</b>
Manaus	15,9	11,4	10,9	9,8	12,8	14,4	18,9	21	23,5	29,6	31,5	<b>98,1</b>
Palmas	15,3	22,5	9,3	17,4	10,9	6,2	8,6	8,6	4,3	7,3	9,6	<b>-37,3</b>
Porto velho	15,3	22,5	9,3	17,4	10,9	6,2	8,6	8,6	4,3	7,3	9,6	<b>-37,3</b>
Rio Branco	16,2	21,8	23,2	15,7	14,2	8,8	11,1	13,3	11,3	15,7	11,3	<b>-30,2</b>
<b>Norte</b>	<b>17,1</b>	<b>17,5</b>	<b>16,5</b>	<b>18,1</b>	<b>18,5</b>	<b>20,2</b>	<b>21</b>	<b>22</b>	<b>25,6</b>	<b>27,2</b>	<b>31</b>	<b>81,3</b>
Aracaju	32,3	48,7	41,8	39,4	35,4	29,1	34,2	26,8	27,6	30,7	27,3	<b>-15,5</b>
Fortaleza	16,2	16,2	18	18,6	18,6	24,1	25,4	31,3	29,7	3,3	47,3	<b>192,0</b>
João Pessoa	31,6	34,4	33,9	37,7	33	37,2	39,6	46	50,8	61,1	71,6	<b>126,6</b>
Maceió	31,6	44,5	47,5	48,3	51,4	56,9	84,6	87,2	98	82,2	94,5	<b>199,1</b>
Natal	17,5	19,2	20	19,9	23,8	30,5	31,9	33,7	33,3	42,5	32,6	<b>86,3</b>
Recife	88,1	86,9	81,6	80,9	79,2	76,9	79	76	70,5	61	47,8	<b>-45,7</b>
Salvador	25,3	31,5	37,6	38,1	33,8	33,1	35,7	43,3	61	68,3	59,6	<b>135,6</b>
São Luís	9,9	13,6	10,6	14,6	15,6	15,1	15,5	20,5	25	32,2	31,1	<b>214,1</b>
Teresina	11	11,7	13,2	17,2	14,7	14,6	18,7	16,2	14,2	16,6	18,9	<b>71,8</b>
<b>Nordeste</b>	<b>30,5</b>	<b>34,2</b>	<b>35</b>	<b>35,9</b>	<b>34,6</b>	<b>36</b>	<b>40,2</b>	<b>43,5</b>	<b>48,3</b>	<b>50,3</b>	<b>50,1</b>	<b>64,3</b>
São Paulo	39,3	44,1	36,1	37,5	27,4	21,5	19,6	14,3	11,6	12,1	10,4	<b>-73,5</b>
Belo Horizonte	29,8	30,9	37,9	50,7	59,2	48,1	43,4	44,3	36,4	32,2	30,1	<b>1,0</b>
Rio de Janeiro	53,7	48,9	52,7	50,3	47,4	39,6	40,7	36,3	30,6	29,4	23,5	<b>-56,2</b>
Vitória	65	66,6	69,1	60,5	66,7	71,5	72,9	65,8	61,4	60,4	60,7	<b>-6,6</b>
<b>Sudeste</b>	<b>43</b>	<b>44,4</b>	<b>42</b>	<b>43,4</b>	<b>38</b>	<b>31,1</b>	<b>29,9</b>	<b>25,5</b>	<b>21,3</b>	<b>20,6</b>	<b>17,6</b>	<b>-59,1</b>
Curitiba	21,7	23,5	25,4	31,1	33,1	36,7	40,5	40,1	48,1	47,7	46,9	<b>116,1</b>
Florianópolis	7,3	12,8	21,4	26	25,4	22,9	18,2	18,7	19,1	17,2	18,5	<b>153,4</b>
Porto Alegre	38,2	32	36,3	33,6	36,7	35,7	31,6	42,1	41,7	36,2	32,8	<b>-14,1</b>
<b>Sul</b>	<b>27</b>	<b>25,9</b>	<b>29,4</b>	<b>31,6</b>	<b>33,7</b>	<b>34,8</b>	<b>34,5</b>	<b>38,5</b>	<b>42,4</b>	<b>39,7</b>	<b>38</b>	<b>40,7</b>
Brasília	28,8	27,9	26,5	29,9	26,8	23	21,7	25,2	24,8	29,9	25,3	<b>-12,2</b>
Campo Grande	34,4	25,3	25,6	25,8	21,8	20,3	18,8	23,1	19,1	20,5	13,2	<b>-61,6</b>
Cuiabá	55,9	51,1	41,6	40,7	35,3	32,2	32,1	30,8	32,3	33,2	28,7	<b>-48,7</b>
Goiânia	22,9	23,4	29,8	28,9	28,5	25,9	27,1	26,5	35,6	28,1	30,2	<b>31,9</b>
<b>Centro-Oeste</b>	<b>31,2</b>	<b>29</b>	<b>28,9</b>	<b>30,2</b>	<b>27,4</b>	<b>24,3</b>	<b>23,8</b>	<b>25,8</b>	<b>27,5</b>	<b>28,4</b>	<b>25,1</b>	<b>-19,6</b>
<b>Brasil</b>	<b>34,8</b>	<b>36</b>	<b>35,3</b>	<b>36,6</b>	<b>33,7</b>	<b>30,7</b>	<b>31,3</b>	<b>30,9</b>	<b>31,2</b>	<b>31,3</b>	<b>29,8</b>	<b>-14,4</b>

Fonte: Waiselfisz, 2013

Para a construção do Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ) à violência, foram utilizadas dimensões para compor a metodologia: violência entre jovens (homicídios e acidentes de trânsito), frequência à escola e situação de emprego, pobreza e desigualdade no município.

É importante destacar que o grupo formado pelas capitais da região Norte do País teve a maior média desse índice, com 0,329 (1º lugar por regiões). Destaque para as cidades de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, com 0,346 (3º lugar), e Macapá, capital do Estado do Amapá, com 0,345 (4º lugar).

Já a região Nordeste, com 0,324 (2º lugar por regiões), teve o município com o maior índice: a cidade Maceió, com 0,419 (1º lugar) Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2012) (anexo 4).

### **2.2.3 A segurança pública e as características do sistema carcerário brasileiro**

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) apontam que em 2011 os estados brasileiros gastaram R\$51,55 bilhões em Segurança Pública, um incremento de 14,5% em relação ao ano de 2010. Já a União reduziu em 21,6% o investimento no setor em relação a 2010, totalizando R\$5,74 bilhões. Os números, a seguir, mostram que a participação de despesas da União em relação à segurança pública, a partir de 2006, foi sem grandes oscilações, diferente de alguns estados brasileiros, como é caso do Pará, que em 2006 registrou 9,1% e passou, em 2011, para 9,9% (anexo 5).

No anexo 6, é possível analisar as despesas per capita por estados da federação, sendo, entre os estados, em 2011, de R\$ 233. Os destaques em 2011 foram os estados de Rondônia, com R\$ 458,64, e Amapá, com R\$ 445,47. O Pará, no período de 2006 a 2011, teve uma média anual em relação às despesas corrente com a função segurança pública de R\$ 119,2.

Os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2012) revelam que a maior parte dos 471.254 presos nas penitenciárias brasileiras é do sexo masculino (93,8%), pardos (43,6%) e jovens com idades entre 18 e 24 anos (29,6%). Mostram, ainda, que a maior proporção, (18%), foi condenada a mais de 4 anos e menos de 8 anos de prisão.

A média da razão presos por vaga no Brasil chegou a 1,6 em 2011. A situação é bem pior em alguns estados, como Alagoas, Pernambuco, Acre, Amapá e Maranhão, respectivamente: 2,6, 2,4, 2,2, 2,2 e 2,0 presos por vaga. Os menores índices são do Espírito Santo, Tocantins, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro, respectivamente, 1,1, 1,2, 1,2 e 1,2.

Outro dado importante é que, devido à morosidade do sistema judiciário brasileiro, 36,9% dos detentos são presos provisórios, ou seja, com casos ainda não julgados pela justiça. Desses, alguns estados têm mais de 50% da população carcerária ainda aguardando julgamento, sendo os valores mais elevados os do Piauí (67,7%), Sergipe (65,6%) e Amazonas (59,4%) (tabela 11).

Tabela 11- Presos no Sistema Prisional, Vagas existentes, Razão entre presos e vagas e déficit de vagas-unidades da federação, 2010 a 2011

Unidades da Federação	Presos		Vagas existentes		Razão presos vagas		Déficit de vagas	
	2010	2011	2010	2011	2010	2011	2010	2011
Brasil	445.705	471.254	-	294.413	-	1,6	-	175.841
Rondônia	7.426	6.339	3.673	4.056	2	1,6	3.753	2.283
Acre	3.765	3.819	1.774	1.774	2,1	2,2	1.991	2.045
Amazonas	4.441	5.400	2.508	3.076	1,8	1,8	1.943	2.324
Roraima	1.695	1.710	966	1.106	1,8	1,5	729	604
Pará	8.405	9.802	6.375	6.351	1,3	1,5	2.030	3.451
Amapá	1.822	1.828	830	850	2,2	2,2	992	978
Tocantins	1.886	1.962	1.644	1.674	1,1	1,2	242	288
Maranhão	3.808	3.872	2.736	1.945	1,4	2	1.072	1.927
Piauí	2.714	2.845	2.105	2.155	1,3	1,3	609	690
Ceará	15.201	16.164	10.205	10.478	1,5	1,5	4.996	5.686
Rio Grande do Norte	4.305	4.372	3.296	3.581	1,3	1,2	1.009	791
Paraíba	8.052	8.210	-	5.394	-	1,5	-	2.816
Pernambuco	23.925	25.850	10.135	10.567	2,4	2,4	13.790	15.283
Alagoas	3.904	3.354	1.333	1.269	2,3	2,6	1.761	2.085
Sergipe	3.437	3.558	2.068	2.235	1,7	1,6	1.369	1.323
Bahia	8.887	9.455	6.993	6.993	1,3	1,4	1.894	2.462
Minas Gerais	37.315	41.569	25.901	27.488	1,4	1,5	11.414	14.081
Espírito Santo	9.754	12.035	7.642	11.100	1,3	1,1	2.112	935
Rio de Janeiro	25.514	27.782	24.019	24.096	1,1	1,2	1.495	3.686
São Paulo	163.676	174.060	98.995	100.034	1,7	1,7	64.681	74.026
Paraná	19.760	20.464	14.449	14.500	1,4	1,4	5.311	5.964
Santa Catarina	14.541	14.606	7.749	8.656	1,9	1,7	6.792	5.950
Rio Grande do sul	31.383	29.113	21.077	20.315	1,5	1,4	10.306	8.798
Mato Grosso do Sul	9.524	10.511	6.071	6.628	1,6	1,6	3.453	3.883
Mato Grosso	11.445	11.185	5.760	5.760	2	1,9	5.685	5.425
Goiás	10.996	11.163	6.734	6.891	1,6	1,6	4.262	4.272
Distrito Federal	8.924	10.226	6.482	6.441	1,4	1,6	2.442	3.785

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2012

Ministério da Justiça/Departamento Penitenciário Nacional - Depen; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Referências: dez./2010 e dez./2011.

Os dados abaixo indicam que em 2012 existiam 11.806 presos no Estado do Pará, sendo que 7% deles presos encontram-se à disposição das polícias judiciárias. O indicador da população carcerária em 100 mil habitantes eram de 155,6 (tabela 12).

Tabela 12 - Quantidade de presos/internados no Estado do Pará em dezembro/2012 a partir de 18 anos

<b>Categoria: Quantidade de Preso-Internados</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
<b>Indicador: Quantidade de Presos (Polícia e Segurança Pública)</b>	817	0	817
Polícia Judiciária do Estado (Polícia Civil/SSP)	817	0	817
<b>Indicador: Quantidade de Presos custodiados no Sistema Penitenciário</b>	10.242	747	10.989
Sistema Penitenciário - Presos Provisórios	4.638	454	5.092
Sistema Penitenciário - Regime Fechado	4.539	248	4.787
Sistema Penitenciário - Regime Semi Aberto	911	37	948
Sistema Penitenciário - Regime Aberto	45	0	45
Sistema Penitenciário - Medida de Segurança - internação	109	8	117
Sistema Penitenciário - Medida de Segurança - Tratamento ambulatorial	0	0	0
<b>Categoria: Capacidade</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
<b>Indicador: Número de Vagas (Secretaria de Justiça)</b>	6.642	558	7.200
Sistema Penitenciário Estadual - Provisórios	1.397	0	1.397
Sistema Penitenciário Estadual - Regime Fechado	3.980	542	4.522
Sistema Penitenciário Estadual - Regime Semi-Aberto	1.197	16	1.213
Sistema Penitenciário Estadual - Regime Aberto	68	0	68
Sistema Penitenciário Estadual - RDD	0	0	0
Sistema Penitenciário Federal - Regime Fechado	0	0	0
Sistema Penitenciário Federal – RDD	0	0	0
Polícia Judiciária do Estado (Polícia Civil/SSP)	0	0	0
<b>Categoria: Estabelecimentos Penais</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
<b>Indicador: Quantidade de Estabelecimentos Penais (Sec. de Justiça e Segurança Pública)</b>	30	1	31
Penitenciárias	25	1	26
Colônias Agrícolas e Indústrias	3	0	3
Casas de Albergados	1	0	1
Cadeias Públicas	0	0	0
Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico	1	0	1
Patronato	0	0	0

Fonte: INFOPEN, 2012

Os números da tabela abaixo revelam o perfil do preso por sexo no Estado do Pará em 2012, a partir de 18 anos. Do total, 92,2% são do sexo masculino, 85,3% possui uma baixa

escolaridade (estudaram até o 1º grau completo - hoje, ensino fundamental) e apenas 0,9% está cursando o nível superior (tabela 13).

Tabela 13 - Perfil do preso por sexo no Estado do Pará em dezembro-2012 a partir de 18 anos

<b>Categoria: Perfil do Preso</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
<b>Indicador: Quantidade de Presos por Grau de Instrução</b>	10.242	747	10.989
Analfabeto	593	36	629
Alfabetizado	416	10	426
Ensino Fundamental Incompleto	7.161	557	7718
Ensino Fundamental Completo	582	23	605
Ensino Médio Incompleto	899	95	994
Ensino Médio Completo	505	18	523
Ensino Superior Incompleto	50	5	55
Ensino Superior Completo	36	3	39
Ensino acima de Superior Completo	0	0	0
Não Informado	0	0	0

Fonte: INFOPEN, 2012

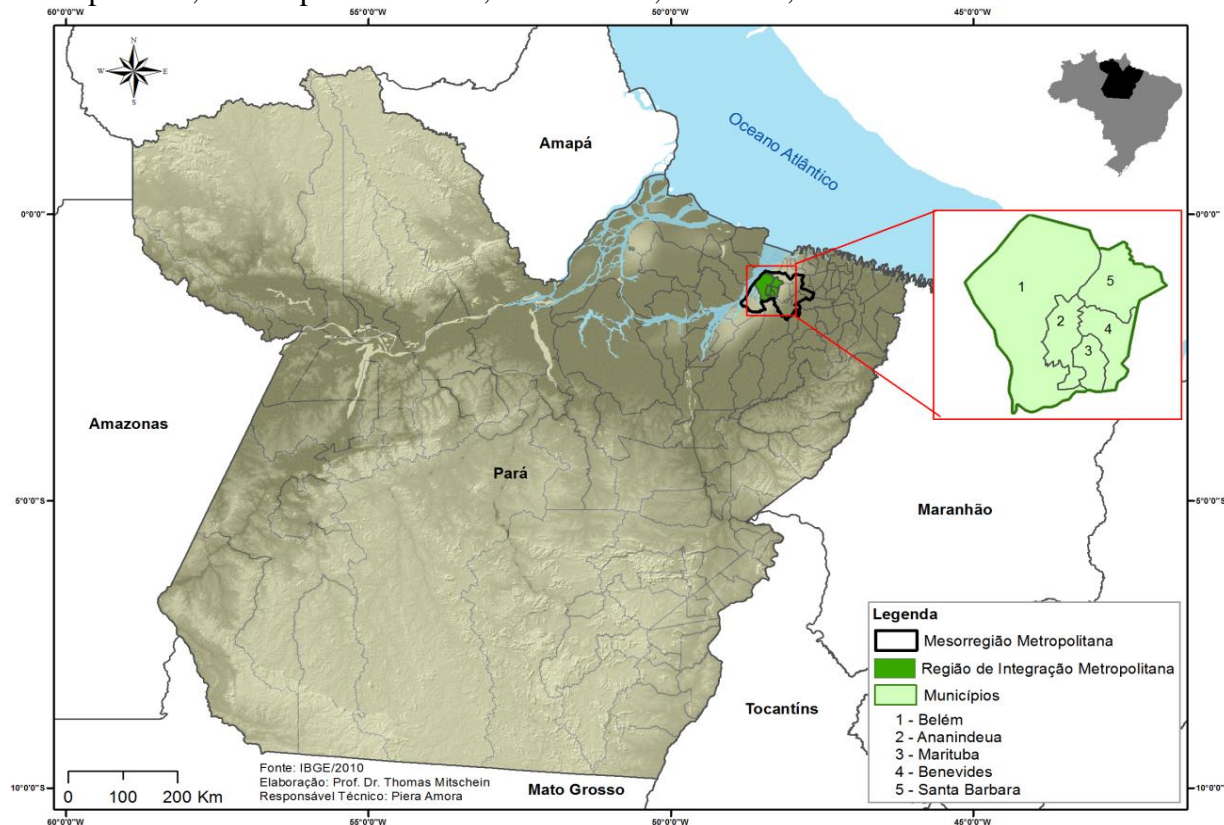
## 2.3 AS CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM E SEUS ASPECTOS ESTRUTURANTES E A REGIÃO DO ESTUDO

Esta fase tem como meta mostrar a área onde ocorre o estudo, identificando a localização, reunindo mapas, delineando aspectos regionais da pesquisa e evidenciando as características e os conceitos das estatísticas das Fundações PROPAZ e FASEPA.

### 2.3.1 A RMB e seus aspectos de localização

O mapa mostra o estado do Pará e sua localização em relação ao Brasil, e identifica a Região Metropolitana de Belém - RMB, na qual o estudo foi realizado.

Figura 1 - Mapa da Mesorregião Metropolitana de Belém, Região de Integração Metropolitana, Municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara.



Fonte: Mitschein et al. (2013)

Formada pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara em um espaço urbano integrado, a RMB hospeda quase 2 milhões de habitantes e 38% da população urbana do Pará. A capital paraense, Belém, é uma das principais cidades da região Norte do país, *testemunha* da história da Amazônia que, depois do *boom* da borracha, entrou numa longa fase de hibernação, perdeu sua função de entreposto comercial entre o seu *hinterland* amazônico e o exterior e doravante deixou de se reinventar em termos

socioeconômicos. Na realidade, não encontrou nenhuma nova vocação produtiva numa situação histórica, em que o eixo da política do estado nacional tinha se deslocado, definitivamente, para o objetivo da industrialização retardatária do país.

Em consequência dos desequilíbrios que o Pará sofreu durante a fase do seu acoplamento mais sistemático aos polos de acumulação da economia brasileira, a sua capital vivenciou, entre 1960 e 1980, uma verdadeira explosão demográfica<sup>6</sup>, proporcionando ampliação desordenada do espaço físico dos seus subúrbios e a multiplicação das fileiras de uma força de trabalho com baixos níveis de instrução educacional e profissional, (Mitschein et al., 2013).

Esses migrantes não esconderam a sua descrença na auto-organização nos próprios bairros, pela destacada desunião entre os moradores e, também, pela falta de confiança nos políticos que prometem mundos e fundos, mas não cumprem as promessas. Mas tais frustrações não se chocavam com a esperança de poder contar com o favor da figura do *pistolão* que abre portas e remove obstáculos. Contudo, por mais que os habitantes tenham abordado com clareza as enormes dificuldades de sua adaptação a um *habitat* urbano, onde a monetarização dos principais insumos de sua reprodução física estava transformando sua vida cotidiana num verdadeiro pesadelo, ao mesmo tempo, transmitiam sua valorização de normas de convivência social que diziam respeito à unidade e hierarquia familiares ou ao respeito mútuo entre vizinhos. Normas, aliás, que eles mesmos identificavam com práticas sociais que tinham vivenciado em seus lugares de origem.

### 2.3.1.1 A localização da região e do objeto de estudo na RMB

#### *A descrição do primeiro objeto de estudo*

A Fundação FASEPA é um dos objetos deste estudo. Ela tem como missão a coordenação da política estadual e a execução do atendimento a adolescentes e jovens a quem se atribui a prática de ato infracional<sup>7</sup>, bem como de seus familiares, orientados pela metodologia de proteção integral.

A Fundação busca acolher os jovens em suas unidades de ressocialização descentralizadas e destinadas ao cumprimento de medidas socioeducativas contidas no

---

<sup>6</sup> Neste período, a população residente de Belém passou de 254.949 para quase 1 milhão de habitantes.

<sup>7</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 103, define como ato infracional aquela conduta prevista em lei como contravenção ou crime.

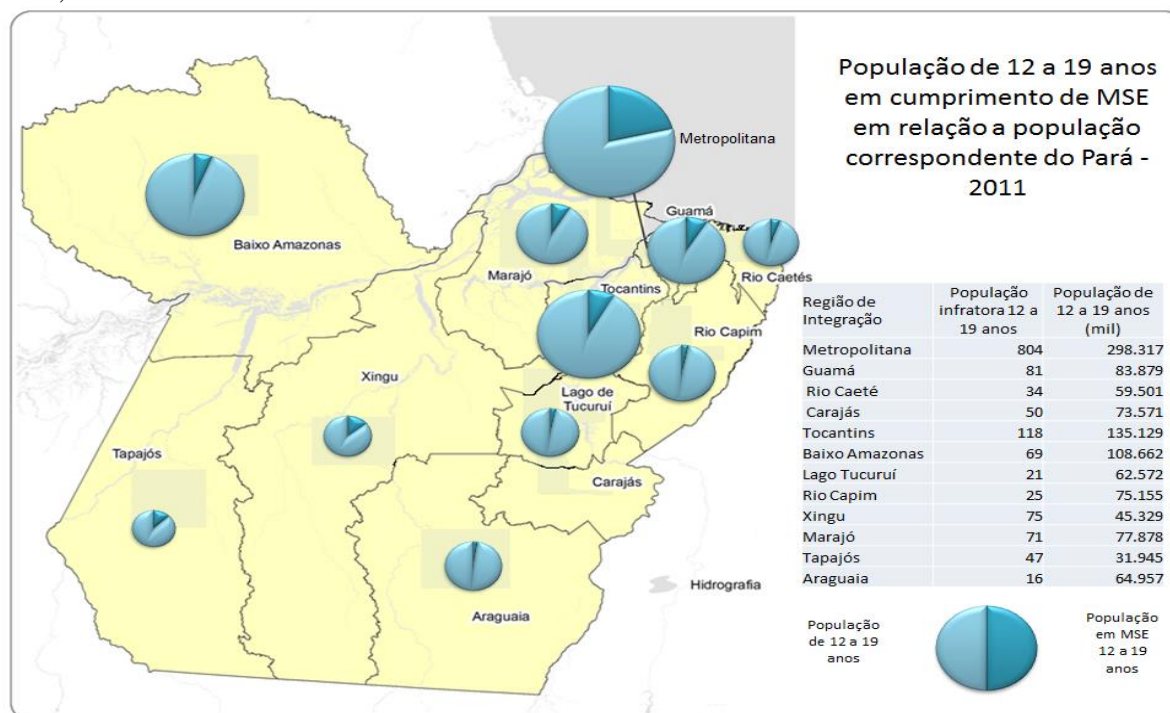
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>8</sup>, de semiliberdade<sup>9</sup> e de liberdade assistida, procurando reerguer e estabelecer padrões de comportamentos adequados à sociedade atual.

A Figura 2 demonstra o mapa dos locais das unidades de atendimento onde os jovens cumprem medidas socioeducativas (MSE) no Estado do Pará e compara os jovens aprendidos e suas respectivas populações na mesma faixa etária.

A Figura 3 mostra a taxa de autores de atos infracionais que cumprem medidas socioeducativas no Estado do Pará por 1.000 habitantes. Nessa abordagem, são destacadas as regiões e os principais municípios com os maiores taxas. Percebe-se que os municípios da RMB com altas taxas são: Belém (3,2), Ananindeua (1,8) e Marituba (1,7).

A Figura 4 ilustra os atos infracionais cometidos por jovens que cumprem medidas socioeducativas no Pará, com destaque para RMB, onde ressalta o roubo, com 66%, e o tráfico de drogas, 14% e homicídios com 6%, como os principais motivos.

Figura 2 - População de 12 a 19 anos que cumpriram medidas socioeducativas no Estado do Pará, em 2011



Fonte: FASEPA, 2012

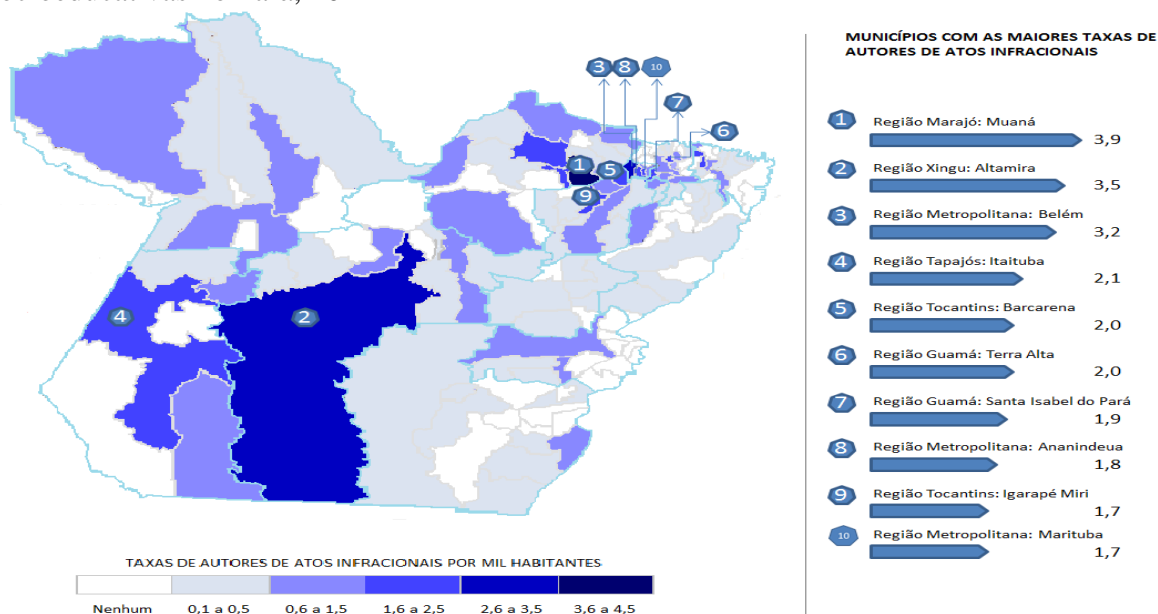
<sup>8</sup> ECA - Lei 8.069 de 13 julho de 1990, esta lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente - Estatuto da Criança e do Adolescente.

<sup>9</sup> A semiliberdade: Prevê a permanência do jovem em instituições determinadas pelo poder público, sem prazo fixo, podendo ser aplicada como forma de transição para o sistema aberto. Inclui a realização de atividades de caráter externas, sendo obrigatória a frequência às aulas e a profissionalização.

A liberdade assistida: e uma medida que visa o acompanhamento, auxílio e orientação sob a tutela de pedagogos, psicólogos, assistentes sociais e profissionais do sistema judiciário (Calheiros e Soares, 2007).

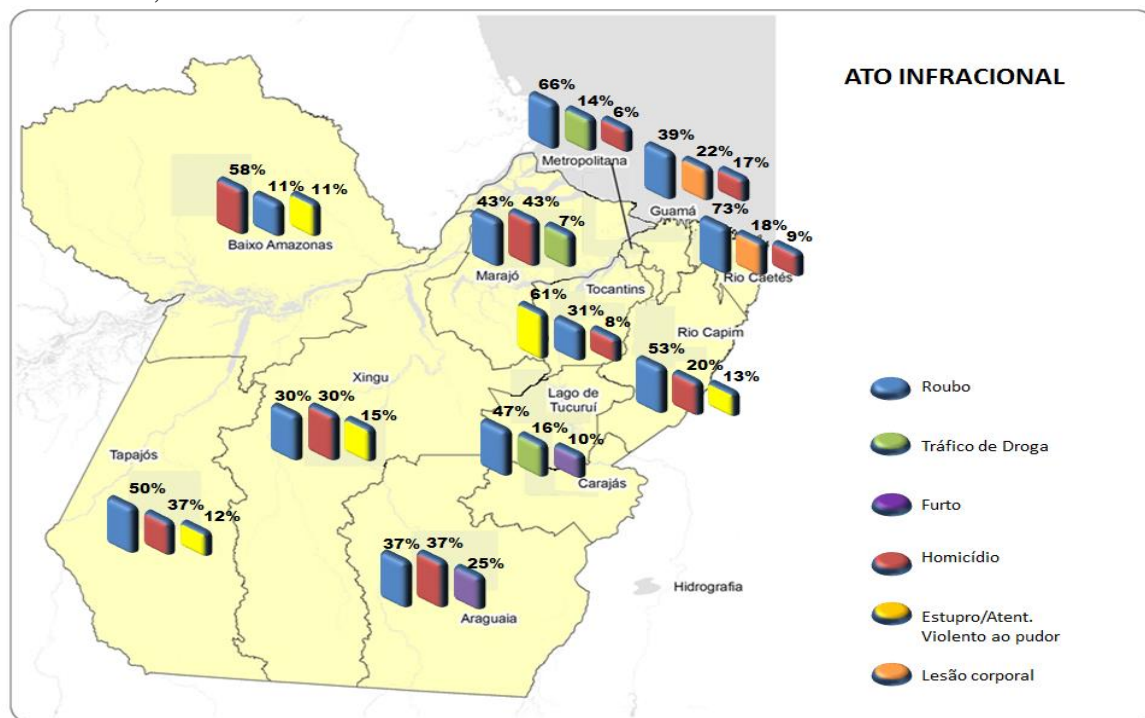


Figura 3 - Taxa de autores de atos infracionais por mil habitantes que cumpriram medidas socioeducativas no Pará, 2011



Fonte: FASEPA, 2012

Figura 4 - Tipos de atos infracionais cometidos pessoas da faixa etária de 12 a 19 anos no Estado Pará, 2011



Fonte: FASEPA, 2012

#### A descrição do segundo objeto de estudo

O programa PROPAZ foi criado em junho de 2004, ficando ativado, em sua plenitude, até dezembro de 2006. A partir de então, até dezembro de 2010, somente o

programa PROPAZ Integrado<sup>10</sup> teve continuação. Mas em janeiro de 2011 ele voltou a funcionar em todas as suas modalidades. Em 2015, ele passou a ser gerido pela Fundação PROPAZ, criada pelo governo do Estado do Pará.

O programa tem como objetivo viabilizar à população do Estado do Pará em situação de vulnerabilidade social, ações de inclusão social, visando à redução dos índices de violência e da criminalidade e a propagação da cultura de paz e não violência. As ações são focadas em estratégias de marketing social e acontecem em parceria com os diversos setores da sociedade, governamentais e não governamentais, divididas em projetos.

O PROPAZ é composto pelos seguintes projetos:

A. PROPAZ nos Bairros

Criado em 2011, tem como objetivo de contribuir para a redução do índice de violências contra crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social. Atende à faixa etária de 8 a 18 anos, no contraturno escolar, nos bairros do Guamá, Terra Firme e Benguí e nos municípios de Ananindeua e Marituba. As atividades desenvolvidas são arte, esporte, cultura, lazer, letramento e matemática. Também oferece acompanhamento psicossocial, seguindo uma metodologia unificada em todos os polos.

Analisando a evolução de atendimentos a partir de 2012, percebe-se um crescimento de 17%, quando comparados os períodos 2014/2015, sendo atendidas 9.729 mil crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social até 2015 (tabela 14).

Tabela 14 - Evolução dos atendimentos nos polos do PROPAZ nos Bairros

Ano	Total de crianças e adolescentes atendidas nos polos
2012	2.495
2013	2.876
2014	2.009
2015	2.349

Fonte: PROPAZ 2015

<sup>10</sup> “...O programa constitui-se como um serviço de atendimento integral para a redução dos danos causados pela violência sexual às crianças, adolescente e suas famílias. No programa, há integração de serviços governamentais especializados, em caráter interdisciplinar e interinstitucional. Neste sentido, a criação se um serviço de referência favoreceu consideravelmente o aumento das denúncias de violência, rompendo o “muro do silêncio” que interpõe a violência sexual. O serviço especializado conquistou o reconhecimento da sociedade. Ao mesmo tempo, é, hoje, a principal retaguarda para os órgãos que atuam na área da infância quanto a problemática da violência sexual...” (PROPAZ, 2015)

Figura 5: Atividades realizadas pelo projeto PROPAZ nos bairros na UFRA



#### B. PROPAZ Integrado

O PROPAZ Integrado é, hoje, o principal serviço público estadual especializado no atendimento às crianças, adolescentes, mulheres em situação de Violências no Estado do Pará e suas famílias. Constitui-se como um serviço de atenção integral para a redução dos danos físicos e psíquicos causados pela violência a esse público. Atualmente, o PROPAZ Integrado foi descentralizado, sendo constituídos de sete Núcleos: dois em Belém (Santa Casa e CPC Renato Chaves), Zona Bragantina, Baixo Amazonas, Xingu, Lago e Região do Capim, cujo atendimento consta de uma fase inicial.

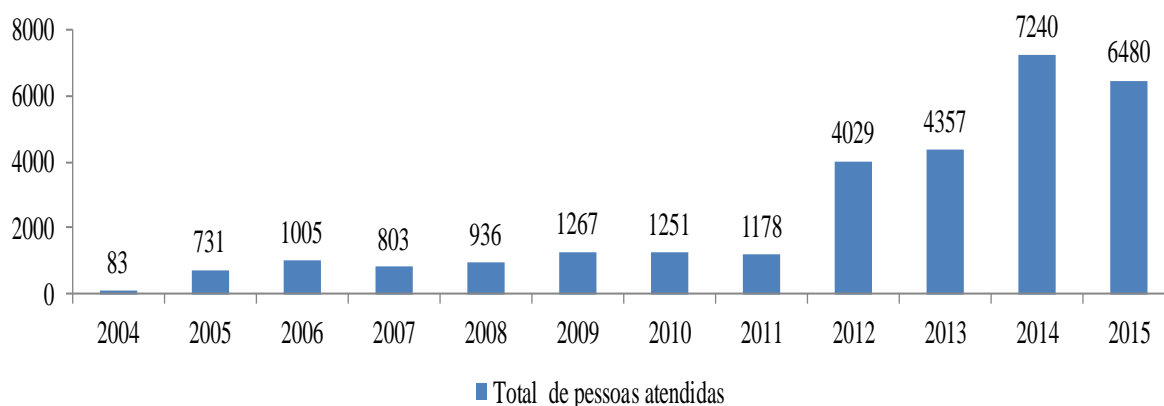
A etapa inicial dos trabalhos refere-se a: acolhimento, notificação, encaminhamentos para atendimento policial, pericial e médico. Na fase subsequente, é realizado o acompanhamento psicossocial, médico, instauração de inquérito policial, orientações sob os procedimentos legais, monitoramento do processo judicial e encaminhamento para a rede de serviços, um processo simultâneo de fortalecimento e promoção deste público, além de visita domiciliar, quando necessário.

Considerando que a maioria da população atendida nesses serviços não possui recursos financeiros para deslocamento constante, fato necessário em se tratando de atendimento a situações de violências, foi implantado o PROPAZ Integrado Itinerante, serviço oferecido através de Unidade Móvel PROPAZ Integrado, para garantir a eficácia da ação no

enfrentamento de situações de risco e vulnerabilidade social. A experiência tem alcançado resultados positivos, pois o serviço vai até onde a população está, garantindo o pleno exercício dos direitos. São parceiros na execução do serviço: a Fundação Santa Casa, Sespa, Polícia Civil, Seaster, Sejudh e CPC - Centro de Perícias Científicas Renato Chaves.

No período de janeiro a outubro de 2015, foram registrados **6.480** atendimentos nas unidades do PROPAZ Integrado. A média de casos novos, em 2015, é de 21,6 atendimentos/dia (gráfico 17).

Gráfico 17 - Evolução de pessoas atendidas nos núcleos do Programa PROPAZ Integrado a partir de novembro de 2004 até outubro de 2015



Fonte: PROPAZ, 2015

Figura 6: Campanha Contra a exploração sexual de crianças e adolescentes em maio/2013





## PROPAZ Juventude

O PROPAZ Juventude tem como missão desenvolver, articular e implantar ações estruturantes, através de um assessoramento técnico, elaboração e desenho de projetos, diagnósticos, monitoramento, capacitação, formação, treinamento, avaliação, acompanhamento e execução das ações para a população jovem de 18 a 29 anos.

A iniciativa surgiu da necessidade de serem implementadas, no Pará, políticas públicas para a juventude de forma articulada e integrada, a fim de atender a essa significativa parcela da população do Estado. O projeto tem como objetivo central desenvolver e implantar projetos estruturantes para a Juventude paraense, tendo como foco a diminuição do déficit escolar, a qualificação profissional, a geração de renda e a promoção do protagonismo juvenil, com vistas a garantir o jovem como sujeito de direitos. Atualmente, com a reforma administrativa feita pelo governador Simão Jatene e com a transformação do programa em fundação, o projeto passa a vivenciar uma nova realidade, motivo pelo qual se propõe a estabelecer uma gestão horizontal e transversal de governo, para articular políticas e programas com outros entes governamentais.

Figura 7: Entrega de certificado de conclusão do curso de qualificação do jovem trabalhador



### C. PROPAZ Escola

O Projeto PROPAZ Escola desenvolve no ambiente escolar, ações que contribuem para qualidade das relações humanas, da formação cidadã e da garantia de direitos de crianças, adolescentes e jovens, assim como o desenvolvimento de uma Cultura de Paz, com ações integradas ao Pacto pela Educação<sup>11</sup>. Atualmente, o projeto atende a 25 escolas de referência em Belém e Ananindeua e 21 escolas nas 12 regionais de integração (Redenção, Santarém, Marabá, Castanhal, Tucuruí, Breves, Soure, Bragança, Paragominas, Itaituba, Abaetetuba e Altamira). O PROPAZ Escola almeja como impactos esperados, diminuir o índice de evasão escolar, contribuindo para o aumento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, para a redução da violência nas escolas, com a realização de boas práticas para o desenvolvimento da Cultura de Paz, buscando integrar as famílias e a comunidade em geral junto à escola.

Figura 8: Alunos em atividade de informática nas escolas



<sup>11</sup> É uma política voltada para a qualidade da **educação**, para todos e com equidade, com foco na melhoria do ensino, das aprendizagens dos estudantes e dos ambientes pedagógicos, ampliando o acesso à **educação** e contribuindo para avanços educacionais no Pará.

#### D. MOVER

O Movimento pela Valorização do Estatuto da Criança e do Adolescente (MOVER) está inserido na nova configuração de trabalho por conta da criação da Fundação PROPAZ, operando como agência de fomento de ações que contribuam com a sistematização e operacionalização da política de atendimento em rede, dos órgãos do Governo e o Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes - SGDCA , baseada nas Linhas de Ação do MOVER, elaboradas nos municípios paraense, no período de 2011 a 2014. A Agência MOVER - para o fortalecimento da rede do Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes, atua difundindo a concepção de que este sistema só atingirá resultados eficientes e eficazes se os órgãos agirem em articulação, integrando-se, complementando-se e unificando e potencializando suas ações para o fortalecimento do SGDCA, incluindo-se nesse processo a participação efetiva da sociedade civil organizada, para a diminuição dos índices de violência.

Figura 9: Reunião com parceiros do MOVER em maio/2013



#### E. PROPAZ Cidadania

O PROPAZ Cidadania surgiu da necessidade de atender as populações carentes dos 144 municípios do Estado do Pará, com serviços de emissão de documentos, assim como atendimentos médicos especializados de alta e baixa complexidade, em decorrência de não haver esses serviços essenciais na maioria desses municípios. A primeira ação do projeto foi em de 2011, em Belém e, em seguida, as atividades foram para as demais cidades. As



atividades foram realizadas, principalmente, nas regiões de integração, onde grande parte dos municípios foi atendida. As maiores demandas referem-se à emissão de documentação e atendimento médico. Paralelamente às ações de cidadania, como emissão de carteira de identidade (1º e 2º vias), CPF (1º e 2º vias), carteira de trabalho, certidão de nascimento (1º e 2º vias), certidão de óbito e atendimento jurídico. Na região do Marajó, também foram realizadas ações específicas-emissão de Registro Civil (Certidão de Nascimento) com o objetivo de reduzir o sub-registro nessa região, que apresenta um dos maiores índices do Estado.

Alguns resultados são:

A Caravana Fluvial de Cidadania (2011-2013) passou por 77 municípios e atendeu a mais de 500 mil pessoas;

- A Caravana Oftalmológica nas regiões do Marajó, Guamá, Caetés e município de Santarém, em 2013, chegando a 29 municípios, com 44.827 consultas, 17.187 cirurgias e 183.901 exames;
- A Caravana de combate ao Sub-registro 2013 atuou em cinco municípios e atendeu a 2.085 pessoas.
- Em 2014, o PROPAZ Cidadania atuou nas escolas estaduais da Região Metropolitana de Belém e realizou 18.335 atendimentos.

Figura 10: Serviços ofertados à população pelo PROPAZ CIDADANIA





#### F. Unidades Integradas PROPAZ (UIPP)

A Unidade Integrada PROPAZ (UIPP) tem como objetivo congrega a participação da família, criança e adolescente em atividades pedagógicas e de socialização, a disseminação da Cultura de Paz, com interesse na pacificação dos conflitos, utilizando ações de esporte, cultura, lazer e inclusão digital, como instrumentos de diálogo e participação e o fortalecimento dos valores cidadãos, com a emissão de documentos de identidade. Atualmente, a RMB é atendida por meio das UIPPs do Distrito Industrial (Ananindeua), Terra Firme, Guamá, Tapanã e Icuí-Guajará.

No período de 2012 a 2015, na UIPP/Terra Firme foram realizados 1.667 atendimentos de crianças e adolescentes, divididos em atividades de lazer, lúdicas e esportivas.

Figura 11: Atividades executadas no espaço PROPAZ, na base da UIPP Terra Firme



#### 2.3.1.2 Estatísticas da Fundação PROPAZ

Os dados abaixo mostram o número de atendimentos em 2012 nos polos PROPAZ nos Bairros. Observa-se que 35,8% dos atendimentos são de pessoas na faixa etária de 8 a 10 anos e 31,2% de 11 a 13 anos. O polo de maior atendimento é o do bairro da Sacramento, com 37,3% (tabela 15).

Tabela 15 - atendimentos PROPAZ nos Bairros em 2012

Polos	Faixa etária (em anos)				Total
	8 a 10	11 a 13	14 a 18	Acima de 19	
<b>Ufpa</b>	253	272	139	0	664
<b>Ufra</b>	124	132	94	10	360
<b>Mangueirão</b>	81	78	61	0	220
<b>IESP</b>	124	132	55	10	321
<b>Sacramenta</b>	310	165	80	375	930
<b>Total</b>	<b>892</b>	<b>779</b>	<b>429</b>	<b>395</b>	<b>2.495</b>

Fonte: PROPAZ, 2013

As informações referentes à tabela abaixo expressam os atendimentos de casos novos nos núcleos PROPAZ Integrado no Estado a partir de novembro de 2004. Os dados apontam que houve 29.360 atendimentos no período de novembro de 2004 até outubro de 2015. Desses, 33% foram atendidas no núcleo PROPAZ Santa casa. Com destaque para o núcleo PROPAZ Baixo Amazonas, com 21,7% dos atendidos (tabela, 16).

Tabela 16 - Evolução de casos novos de vítimas de violência, crianças e mulheres nos núcleos do PROPAZ Integrado no Pará a partir de novembro de 2004 a outubro de 2015

Ano	Santa Casa	CPC	Região do Xingu	Mulher/ Belém	Região do Capim	Região do Lago	Baixo Amazonas	Zona Bragantina	Pessoas atendidas
2004	83								83
2005	731								731
2006	1005								1005
2007	803								803
2008	936								936
2009	1267								1267
2010	1251								1251
2011	998	180							1178
2012	732	1109					1966	222	4029
2013	686	1126					2128	417	4357
2014	713	880	401	2416	407	662	1334	427	7240
2015	506	640	493	2734	429	493	967	218	6480
<b>Total</b>	<b>9.711</b>	<b>3.935</b>	<b>894</b>	<b>5150</b>	<b>836</b>	<b>1.155</b>	<b>6.365</b>	<b>1.284</b>	<b>29.360</b>

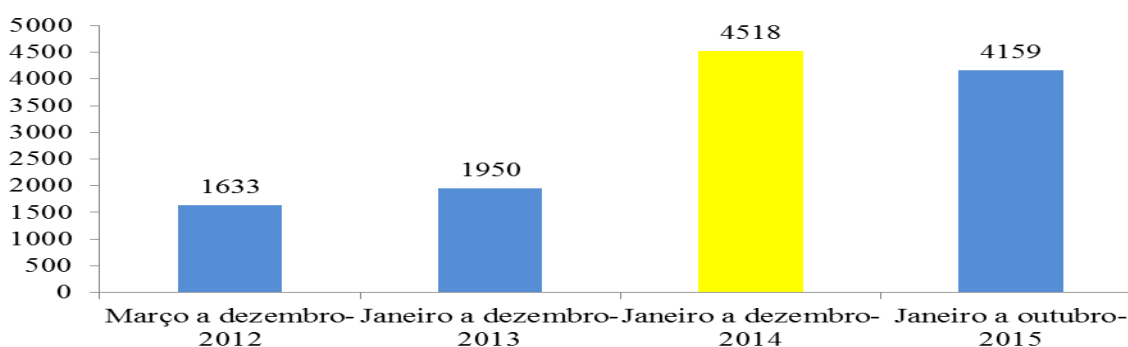
Fonte: PROPAZ, 2015

Nota (1) - Os atendimentos referem-se a todos os usuários que procuram o serviço PROPAZ.

Neste período e locais não existiam unidades em funcionamento.

Outro destaque refere-se ao atendimento a mulheres vítimas de violências. Desde que foi inaugurado, em março de 2012, o PROPAZ Mulher,<sup>12</sup> até outubro de 2015, registrou 12.260 atendimentos de mulheres vítimas de violência em suas unidades. Quando compara-se o número de atendimentos a partir da inauguração com os dados em 2015, revela um incremento de 154,7%, este aumento foi devido a criação de novas unidades de atendimento de mulheres no Pará (gráfico 18).

Gráfico 18 - Evolução dos atendimentos de mulheres vítimas de violência nas unidades do PROPAZ Integrado no Pará de novembro de 2004 até outubro de 2015



Fonte: PROPAZ, 2015

As referencias abaixo mostram o número de atendimentos em 2012 pelo projeto PROPAZ nas Escolas, um total de 28 instituições. Os alunos somam 15.380 atendidos, ou seja, 89,1%, do total (tabela 17).

Tabela 17 - Atendimentos realizados / PROPAZ nas escolas em 2012

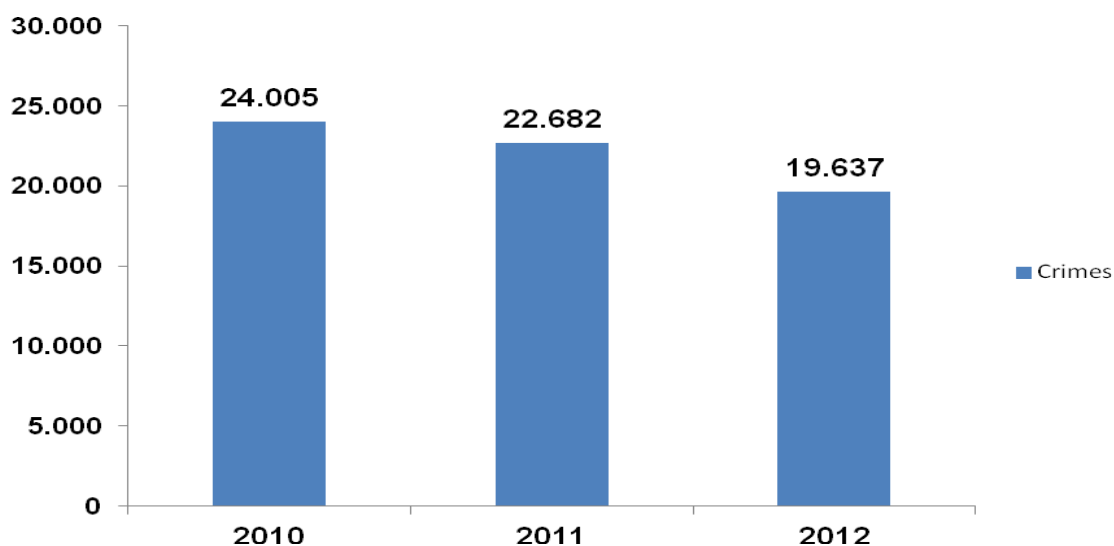
<b>Resultados obtidos nos municípios</b>						
<b>Belém</b>		<b>Soure</b>		<b>Breves</b>		<b>Total</b>
Escolas atendidas	<b>20</b>	Escolas atendidas	<b>4</b>	Escolas atendidas	<b>4</b>	<b>28</b>
Diretores-Vice	<b>68</b>	Diretores-Vice	<b>12</b>	Diretores-Vice	<b>4</b>	<b>84</b>
Téc.Pedagógicos	<b>84</b>	Téc.Pedagógicos	<b>10</b>	Téc. Pedagógicos	<b>14</b>	<b>108</b>
Professores	<b>1.200</b>	Professores	<b>88</b>	Professores	<b>50</b>	<b>1338</b>
Alunos	<b>15.380</b>	Alunos	<b>530</b>	Alunos	<b>1.360</b>	<b>17.270</b>
Serventes e Ag.Portaria	<b>76</b>	Serventes e Ag.Portaria	<b>16</b>	Serventes e Ag.Portaria	<b>16</b>	<b>108</b>
<b>Total Geral</b>						<b>18.936</b>

Fonte: PROPAZ, 2013

<sup>12</sup> Espaço de atendimento integral e interdisciplinar às mulheres vítimas de violência doméstica e sexual. O acolhimento interdisciplinar e qualificado tem como metas promover a cidadania, evitar a reincidência da violência e encorajar as mulheres paraenses a buscar apoio especializado.

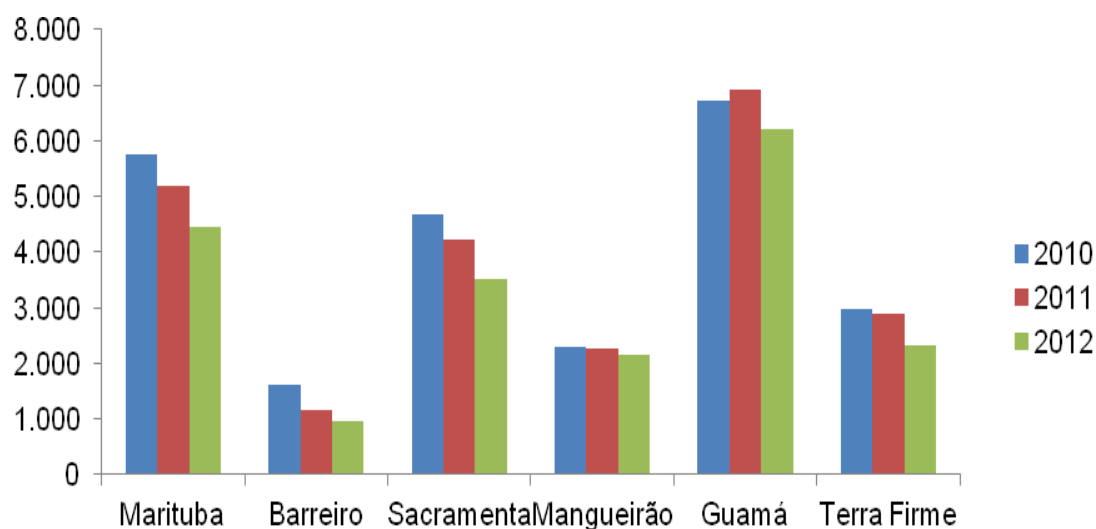
Os dados abaixo demonstram uma redução de 18,2% nos crimes registrados no período de 2010/2012, nas regiões de atuação do PROPAZ. Quando o corte é por regiões, destaca-se o Barreiro (-39,9%), Sacramento (-24,7%), Marituba (-22,8%) e Terra Firme com (-21,1%) (gráficos 19 e 20) e (tabela 18).

Gráfico 19 - Evolução de crimes nas áreas de atuação do Programa PROPAZ 2010/2012/2013



Fonte: Secretaria Adjunta de Inteligência, 2012

Gráfico 20 - Comparativos de crimes nas áreas de atuação do Programa PROPAZ (Marituba, Terra Firme, Sacramento, Mangueirão, Barreiro e Guamá), 2010-2012-2013



Fonte: Secretaria Adjunta de Inteligência, 2012

Tabela 18 - Áreas de atuação do PROPAZ

Áreas de Atuação	Var(%) 2010/2012
Marituba	-22,8
Barreiro	-39,9
Sacramenta	-24,7
Mangueirão	-6,4
Guamá	-7,3
Terra Firme	-21,1

Fonte: Secretaria Adjunta de Inteligência, 2012

### 2.3.2 A RMB e conflitos e entraves que influenciam a dinâmica da população urbana

Os indicadores abaixo apontam para um grande aglomerado urbano, tendo Belém como o principal deles, com 69% da população residente, e Santa Bárbara, com apenas 0,7%. Belém apresenta-se como principal cidade da RMB, com o maior PIB per capita, e o inverso acontece com Santa Bárbara, onde há o menor PIB (tabela 19).

Tabela 19 - População e PIB per capita da RMB

Municípios da RMB	2009		2010	
	PIB	PIB per capita	PIB	PIB per capita
Ananindeua	2.844.676	6.416,00	3.669.747	7.799,11
Belém	14.049.337	11.496,00	17.987.323	12.921,64
Benevides	427.571	11.140,00	599.178	11.597,82
Marituba	458.401	5.128,00	633.231	5.849,66
Santa Bárbara	55.897	4.028,00	66.930	3.901,72

Fonte: IBGE, 2010

A tabela 20 a seguir mostra um conjunto de indicadores sociais da RMB e do Pará. Os dados indicam a fragilidade desse sistema social vivido pela população brasileira, em especial os nascidos no Pará. Essas grandes disparidades nas condições de vida em que vivem o povo dessa região podem impactar decisivamente nas ações de proteção social imposta pelo Estado. Entre os indicadores, destacam-se os de renda, que revelam que a renda média na RMB é de R\$ 494,7, inferior ao teto pago do salário mínimo brasileiro, que era de R\$ 510,00 em 2010. Já na análise do emprego, todas as taxas de desocupados na RMB são superiores à média paraense, que é de 9,5%.

Quando o assunto é vulnerabilidade social na RMB, os indicadores que medem a juventude em risco, ou seja, jovens de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham e são vulneráveis à pobreza, são altos, sendo todos acima de 12%. O município de Santa Bárbara ultrapassa os 22%. Esse município tem um percentual de 28,8% de casas com abastecimento

de água e esgoto sanitário inadequado. Outro ponto de vulnerabilidade é o indicador de mães chefes de família, sem ensino fundamental completo e com filhos menores de 15 anos. Nesse caso, todos variando entre 12% a 24%. Portanto, um índice bastante alto, pois mostra a fragilidade da estrutura familiar local (tabela 20).

Tabela 20 - Indicadores sociais dos municípios da RMB e do Estado do Pará, 2010

<b>Municípios</b>	<b>Renda Per capita (R\$)</b>	<b>Taxa de urbanização</b>	<b>IDH</b>	<b>Desigualdade Índice GINI</b>	<b>% Analfabetismo (1)</b>	
Belém	853,82	99,14	0,746	0,61	4,0	
Ananindeua	564,76	99,75	0,718	0,52	4,2	
Marituba	382,02	98,96	0,676	0,42	5,9	
Santa Barbara	287,25	31,84	0,627	0,52	11,0	
Benevides	385,83	55,98	0,665	0,48	8,7	
<b>Pará</b>	<b>446,76</b>	<b>69</b>	<b>0,646</b>	<b>0,62</b>	<b>14,9</b>	
<b>Municípios</b>	<b>Anos esperados de estudos (2)</b>	<b>Taxa de desocupados</b>	<b>% Pessoas vulneráveis (3)</b>	<b>% Mães Chefes Família (4)</b>	<b>% Domicílios com abastecimento e esgoto sanitário inadequado</b>	<b>% Acesso à coleta de lixo</b>
Belém	9,64	10,17	12,52	12,57	4,73	97,15
Ananindeua	9,65	10,82	12,90	15,36	9,43	97,83
Marituba	9,20	14,34	15,48	19,53	16,40	88,94
Santa Barbara	8,88	11,59	22,07	19,18	28,82	91,4
Benevides	9,42	12,98	17,93	20,98	16,13	93,52
<b>Pará</b>	<b>8,49</b>	<b>9,50</b>	<b>18,40</b>	<b>23,91</b>	<b>29,05</b>	<b>91,92</b>

(1): A taxa refere-se a faixa etária de 25 anos ou mais.

(2): Os anos esperados de estudo indicam o número de anos que a criança que inicia a vida escolar no ano de referência tende a completar.

(3): % de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham e são vulneráveis à pobreza.

(4): % de mães chefes de família sem ensino fundamental completo e com filhos menores de 15 anos.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2013

A tabela 21, a seguir, mostra os índices de Vulnerabilidade Juvenil em municípios da RMB, comparados com índices da região Norte e do Brasil. Pode-se destacar que o município de Marituba apresentou o maior índice (0,409), bem acima de todos os outros. Verifica-se também que todos os índices estão bem acima da média brasileira.

Tabela 21- Índice de vulnerabilidade juvenil nas cidades com mais de 100 mil habitantes na RMB, faixa etária de 12 a 29 anos, 2010

<b>Região Metropolitana de Belém-RMB</b>	<b>Índice de Vulnerabilidade Social</b>
Marituba	0,409
Ananindeua	0,373
Belém	0,328
<b>Região Norte</b>	<b>0,329</b>
<b>Brasil</b>	<b>0,306</b>

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2012

No indicador abaixo, é importante avaliar a evolução das pessoas que estão abaixo da linha da pobreza. Observa-se que a partir do ano de 2007 os índices de pobreza vêm sofrendo diminuição gradativa em todas essas regiões. Isso pode estar ligado ao fato de que as pessoas de baixa renda têm a possibilidade de acesso ao Programa Bolsa Família, do governo federal<sup>13</sup>, que destina uma quantia em dinheiro aos beneficiários do projeto. Mesmo com essa diminuição nos últimos anos, os índices ainda continuam bastante elevados. O percentual de pobres na RMB está bem próximo dos indicadores da média Brasil, respectivamente, 15,9 e 16,3 (tabela 22).

Tabela 22 - Número de pessoas abaixo da linha da pobreza<sup>1</sup> para o Brasil, Região Norte Estado do Pará e Região Metropolitana de Belém-RMB (em 1.000 pessoas), 2007-2011

<b>REGIÕES</b>	<b>Indicador</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2011</b>
Brasil	População	188.031	189.951	191.796	195.243
	Pop Pobre	43.354	34.454	36.928	31.769
	% Pobres	23,1	20,2	19,3	16,3
Região Norte	População	15.478	15.750	15.555	16.499
	Pop Pobre	5.357	4.608	4.462	4.527
	% Pobres	34,6	29,3	28,7	27,4
Pará	População	7.400	7.527	7.479	7.878
	Pop Pobre	2.568	2.300	2.415	2.423
	% Pobres	34,7	30,6	32,3	30,8
RMB	População	2.010	2.033	2.117	2.158
	Pop Pobre	453	400	444	344
	% Pobres	22,5	19,7	21	15,9

Fonte: IBGE, 2012

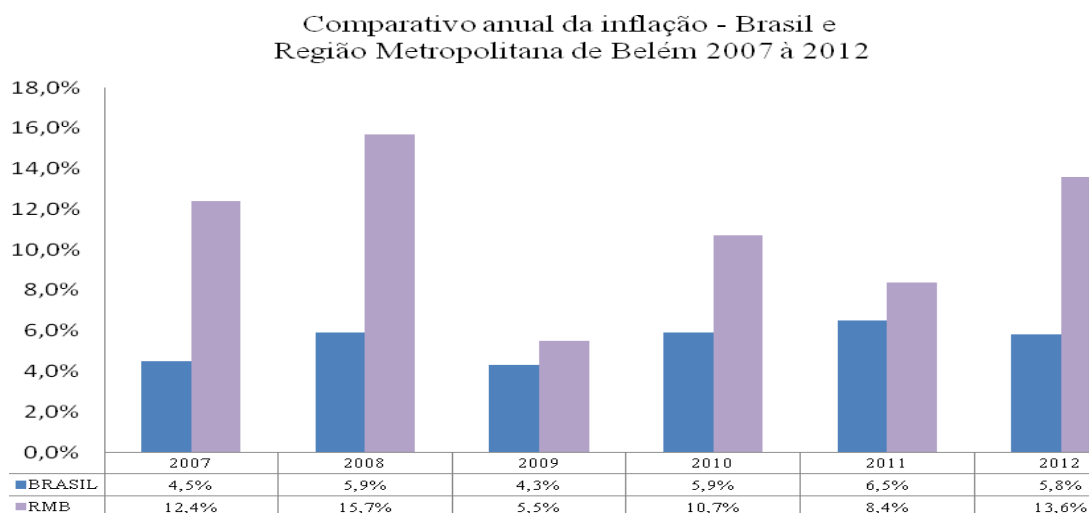
(1) Pessoas que convivem em domicílios com renda inferior a 1/2 SM per capita

<sup>13</sup> “O Programa Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 70 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos” (MDS, 2013).

O gráfico 21 mostra o comparativo anual da inflação entre a RMB e o Brasil, no período de 2007 a 2012. Observa-se que a inflação da RMB é sempre maior que a média brasileira, com destaque para o ano de 2012, quando a média brasileira foi 5,8% enquanto a RMB ficou com 13,6%.

Sobre a análise do saldo de empregos na RMB, Pará e demais municípios, em 2011, a participação dos setores da atividade econômica na RMB, o setor do comércio merece destaque, com 79,4% dos saldos de emprego. Nos demais municípios do Estado, o setor que mais se destaca é o da construção civil, com 31,7%. No Pará, os setores de serviços, com 39,5%, e a indústria de transformação, com 21,8%, foram os que tiveram mais participação no saldo de emprego (tabela 23).

Gráfico 21 - Comparativo anual da inflação do Brasil e RMB



Fonte: IDESP, 2012

Tabela 23 - Saldos de empregos na RMB, Pará e demais municípios em 2011

Setores da atividade econômica	RMB	Demais Municípios	Pará
Extrativa Mineral	-8	189	181
Indústria de Transformação	541	789	1330
Serviços industriais de utilidade Pública	5	7	12
Construção Civil	47	1234	1281
Comércio	16	955	971
Serviços	1577	744	2321
Administração Pública	-5	18	13
Agropecuária	-187	-47	-234
<b>Total</b>	<b>1.986</b>	<b>3.889</b>	<b>5.875</b>

Fonte: MTE, 2012



As tabelas abaixo, 24 e 25, referem-se à metodologia estabelecida pela PNAD/IBGE, na qual, no Estado do Pará, em 2011, o número de ocupados cresceu 6,74% e a taxa de desocupação reduziu de 8,01% para 7,02%, em relação ao ano de 2009. Avaliando este mesmo período em relação ao PEA estadual, o aumento chegou a 5,61%. Portanto, é correto concluir que a ampliação do PEA foi absorvida pela geração de novas ocupações e houve queda no saldo de desocupados.

No mesmo período, houve redução em todas as taxas de desocupação nas divisões geográficas, exceto na RMB, que registrou aumento de 1,3%.

Tabela 24 - Percentual da população economicamente ativa desocupada (taxa de desocupação) no Brasil, Região Norte, Estado do Pará e Região Metropolitana de Belém, 2008-2011 (1.000 pessoas)

Indicadores	Ano											
	2008				2009				2011			
	Brasil	RN	PA	RMB	Brasil	RN	PA	RMB	Brasil	RN	PA	RMB
PEA <sup>14</sup>	99.479	7.563	3.595	1.027	101.073	7.772	3.600	1.018	100.223	7.939	3.802	1.070
POC <sup>15</sup>	92.402	7.092	3.412	940	92.686	7.132	3.307	920	93.493	7.393	3.530	953
População desocupada	7.077	471	183	87	8.387	640	293	98	6.730	546	272	117
Taxa de Desocupação (%)	7,1	6,2	5,1	8,5	8,3	8,2	8,1	9,6	6,7	6,9	7,2	10,9

Fonte: IBGE, 2013

Tabela 25 - Demonstrativo da distribuição da movimentação dos postos de trabalhos formais, ocupados por jovens de 16 a 24 anos, no Estado do Pará em 2011 (Jan-Dez)

Local	Admitidos	Desligados	Saldo
RMB*	42.654	32.327	10.327
Interior do Estado	70.145	54.066	16.079
Estado do Pará	112.799	86.393	26.406

Fonte:MTE,2012

<sup>14</sup> PEA: Consiste na população ocupada e a população desocupada. Sendo que população desocupadas são aquelas pessoas que não tinham trabalho, num determinado período de referência, mas estavam dispostas a trabalhar, e que, para isso, tomaram algumas providencias efetivas - Fonte: IBGE (2013).

<sup>15</sup> POC: São aquelas pessoas que, num determinando período de referência trabalham ou tinham trabalhado, mas não trabalharam (por exemplo, pessoas em férias). As pessoas ocupadas são classificadas em: empregados, conta própria, empregados e não remunerados - Fonte: IBGE (2013).

Os dados a seguir mostram a evolução de crimes e da população de municípios da RMB no período de 2007 a 2010. O que chama a atenção é o indicador de crimes por 100 mil em 2010, sendo que Belém tem o maior índice, 2.427 habitantes por 100 mil, bem acima da média da RMB (tabela 26).

A tabela 27 mostra a população e a evolução dos números de homicídios e óbitos por armas de fogo (AF) na RMB. Em relação aos homicídios por AF, na comparação em relação a 2008/2010, Marituba teve um incremento de 93,5%, seguidos de Ananindeua, com 89,6%, e Benevides, com 30,8%. Já em relação ao ranking Brasil, os municípios da RMB ocupam as seguintes posições: Ananindeua (7°), Marituba (26°), Belém (131°) e Benevides (206°).

Tabela 26 - Evolução dos crimes e da população da RMB e o indicador de crimes por (100 mil) habitantes

Municípios da RMB	Ano								Crimes por 100 Mil Hab em 2010
	CRIMES	POP.	CRIMES	POP.	CRIMES	POP.	CRIMES	POP.	
	2007		2008		2009		2010		
Belém	29006	1.408.850	32117	1.424.120	34563	1.437.600	33819	1.393.400	2.427
Ananindeua	7860	478.000	8724	495.480	9897	505.510	9459	471.980	2.004
Marituba	1749	110.840	1797	98.750	2141	101.160	1982	108.250	1.831
Benevides	302	43.280,0	357	45.620	491	46.610	745	51.560	1.445
Santa Bárbara	224	13.710	364	14.440	353	14.740	252	17.140	1.470
<b>RMB</b>	<b>39141</b>	<b>2.054.680</b>	<b>43359</b>	<b>2.078.370</b>	<b>47445</b>	<b>2.105.620</b>	<b>46257</b>	<b>2.042.330</b>	<b>2.265</b>

Fonte: IDESP, 2012

Tabela 27 - Número de homicídios e de óbitos por AF e taxas médias 2008/2010 de óbitos por AF na RMB, 2008-2010

Município	População 2010	homicídios AF			óbitos AF			Taxa AF média 08/10	Pos. Nacional
		2008	2009	2010	2008	2009	2010		
Ananindeua	471980	327	325	620	332	327	620	88,1	7°
Marituba	108.246	46	63	89	47	63	89	64,1	26°
Belém	1.393.399	528	502	627	540	513	636	40,0	131°
Benevides	51.651	13	4	14	20	12	17	33,6	206°
Santa Bárbara	17.141	1	0	2	1	0	6	14,8	-

Fonte: SIM - Sistema de Informações de Mortalidade, 2012

Os dados na RMB, que se referem a crimes proativos (delitos envolvendo entorpecentes e porte ilegal de armas), tiveram aumento na ordem de 31,1%, quando comparados os totais desses indicadores no período 2010/2012. A maior variação foi em relação a delitos cometidos com envolvimento de entorpecentes, com 61,3% no mesmo período (tabela 28).

Tabela 28 - Indicadores de crimes proativos na RMB

Indicadores Proativos						
Delitos	2010	2011	2012	Variação (%)		
				2010/2011	2011/2012	2010/2012
Lei de Entorpecentes	1.560	2.284	2.517	46,4	10,2	61,35
Lei Porte de Armas	764	554	530	-27,5	-4,3	- 30,6
Total de indicadores de crimes Proativos	2.324	2.838	3.047	22,1	7,4	31,1

Fonte: SISP, 2012

O estudo das drogas psicotrópicas feita por (Carline et al., 2010) baseou-se em uma amostra analisada de 2.067 estudantes do ensino fundamental a partir do 6º ano, da rede pública (1.030) e da rede particular (1.037). Apesar de 16,7% dos estudantes terem referido uso de alguma droga (exceto álcool e tabaco), apenas 6,6% referiu ao uso no último ano e 3,5% no mês, sem diferenças entre os gêneros. Entre os que relataram algum consumo, embora a maioria tivesse idade maior de 16 anos, também foram observados relatos na faixa entre 10 e 12 anos. Já o consumo drogas pesadas foi relatado por apenas 0,6%, sendo que a faixa etária mais frequente foi a de 16 a 18 anos (tabela 29).

Tabela 29 - Uso de drogas psicotrópicas (exceto álcool e tabaco), de acordo com os tipos de uso, conforme gênero e faixa etária

Características Demográficas	Tipo de Uso (%) <sup>4</sup>				
	Vida <sup>2</sup>	Ano <sup>3</sup>	Mês <sup>3</sup>	Frequente <sup>3</sup>	Pesado <sup>3</sup>
<b>Gênero</b>					
<b>Masculino</b>	18	6,9	4,1	0,5	0,9
<b>Feminino</b>	15,6	6,1	2,9	0,2	0,3
<b>Total</b>	16,7	6,6	3,5	0,3	0,6
<b>Faixa Etária</b>					
<b>10 a 12 anos</b>	5,7	3,3	2	0	0,1
<b>13 a 15 anos</b>	15,1	6,6	2,9	0,2	0,6
<b>16 a 18 anos</b>	23	8,4	5,4	0,6	1
<b>19 anos e mais</b>	27,6	6	2,9	0	0
<b>Total</b>	<b>16,7</b>	<b>6,6</b>	<b>3,5</b>	<b>0,3</b>	<b>0,6</b>

Nota: Rede pública engloba as escolas municipais, estaduais e federais.

(2) Maconha, cocaína, crack, anfetaminas, solventes, ansiolíticos, anticolinérgicos, analgésicos opiáceos, esteróides/anabolizantes, ópio/heroína, LSD, êxtase, metanfe-tamina, ketamina, benflogin®, energético com álcool.

(3) Maconha, cocaína, crack, anfetaminas, solventes, ansiolíticos, anticolinérgicos.

(4) Dados ponderados e expressos em porcentagem.

Fonte: Carline et al. (2010)

As estatísticas de atos infracionais cometidos por crianças e adolescente na RMB e interior do Pará tiveram um acréscimo de 8,7%, quando comparados aos anos de 2010 e 2012. Santa Bárbara e Ananindeua foram as cidades da RMB com as maiores elevações, com 50% e 13,1%, respectivamente (tabela 30).

As informações abaixo revelam a quantidade de registros de atos infracionais acumulados de 2010 a 2012. Roubo teve o maior percentual acumulado (28,3%), seguido de furto (13,2%), lesão corporal (11,2%), ameaça (10%), tráfico de drogas, (9,1%) e porte ilegal de arma de fogo (5,3%) (tabela 31) e (anexo 7).

Tabela 30 - Quantidade de ato infracional cometido por crianças e adolescente, na Região Metropolitana de Belém-Pa

Municípios	2010	2011	2012	Varição (%) (2010-2012)	Acumulado 2010 à 2012
Ananindeua	366	416	414	13,1	1.196
Belém	1.637	1.722	1.662	1,5	5.021
Benevides	6	5	5	-16,7	16
Marituba	90	95	82	-8,9	267
Santa Bárbara do Pará	4	5	6	50,0	15
Interior do Pará	431	587	585	35,7	1.603
<b>Total geral</b>	<b>2.534</b>	<b>2.830</b>	<b>2.754</b>	<b>8,7</b>	<b>8.118</b>

Fonte: SISP, 2013

Tabela 31 - Evolução dos Registros de atos infracionais cometido por crianças e adolescentes, na Região Metropolitana de Belém/Pa

REGISTROS	2010	2011	2012	Total	%
Roubo	816	774	707	2297	28,3
Furto	390	402	277	1069	13,2
Lesão corporal	220	340	347	907	11,2
Ameaça	212	286	311	809	10,0
Tráfico de drogas	124	259	357	740	9,1
Porte ilegal de arma de fogo de uso permitido	173	139	122	434	5,3

Fonte: SISP, 2013

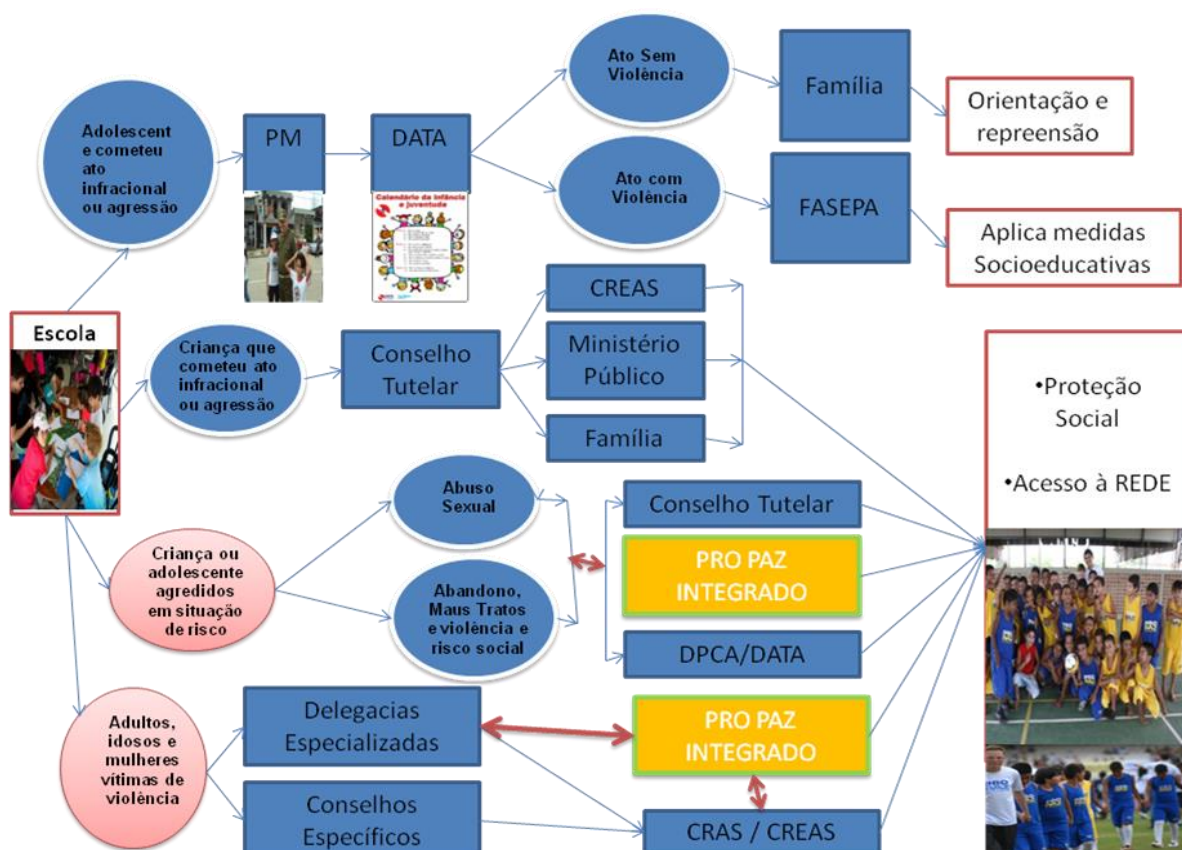
Em relação à divisão dos registros de atos infracionais cometidos por crianças, adolescentes e jovens por municípios e bairros da RMB: no município de Ananindeua, destacam-se os bairros da Cidade Nova, com 18%, Paar, com (11%) e Coqueiro (10,9%). Já no município de Belém, os destaques negativos são os bairros do Guamá (9,3%), Jurunas (7,9%) e Pedreira (6,3%). Em Marituba, destacam-se os bairros do Centro (28,5%) e Decouville (22,1%) (anexo 8).

A análise dos dados mostra os delitos envolvendo menores na condição de vítima na RMB por municípios, destacando-se: Ananindeua, os delitos por lesão corporal (22,3%), seguidos por roubo (17,7%) e estupro de vulnerável (8,8%). Em Belém, destaca-se o delito lesão corporal (21,5%), seguido de roubo (18,5%), ameaça (10,1%) e estupro de vulnerável (8,6%) (anexo 9).

A figura 12, abaixo, mostra o caminho percorrido por vítimas de violência, a partir da escola, em relação as diversas instituições de atendimento no Estado do Pará. Sobre o fluxo de adolescentes que cometem atos infracionais, é importante observar que o destino final deles é a aplicação de medidas socioeducativas. No fluxo onde crianças cometem atos infracionais, o seu destino final pode ser o CREAS<sup>16</sup>, Ministério Público ou a família. Todos são apoiados por uma rede de proteção social.

No caso da criança ou adolescente que é vítima de violência, o fluxo remete a Fundação PROPAZ, onde é encaminhado para um dos núcleos do PROPAZ Integrado, Conselho Tutelar ou a DPCA-Delegacia de Proteção a Criança ou Adolescente, com apoio da rede de proteção social.

Figura 12 - Fluxo de atendimento em situações de violência a partir da escola



<sup>16</sup> CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social.

## CAPÍTULO 3

### O MARKETING SOCIAL NA GESTÃO PÚBLICA

Esta etapa busca analisar e conceituar o marketing social na gestão pública, evidenciando o ambiente, as características e as estratégias desta ferramenta social no âmbito estrutural. Faz uma abordagem dinâmica das práticas atuais da Fundação PROPAZ através de estratégias voltadas para âmbito social do projeto.

#### 3.1 A GESTÃO DO MARKETING SOCIAL E SUAS INFLUÊNCIAS

As comunidades internacionais têm buscado evoluir na procura de um modelo global de gestão compartilhada a partir de políticas públicas, econômicas, sociais e ambientais aplicáveis às diversas realidades regionais e em diferentes setores, definindo estratégias e linhas de atuação para a redução da pobreza, exclusão e desigualdades sociais.

Esses esforços têm sido limitados por orçamentos apertados e escasso capital humano, principalmente em países pobres e em desenvolvimento, que necessitam de uma estrutura melhor de gestão. Observa-se que a saída que vem sendo adotada nos países, em geral, é a adoção de programas de erradicação da pobreza, operacionalizado em áreas com níveis altos de baixa qualidade de vida, onde mora a uma população vulnerável, sem acesso a serviços básicos e essenciais, como saúde, transporte, educação, emprego, renda e moradia (Feliciano et al., 2008).

Este modelo desigual, por sua vez, interfere nas relações harmônicas de indivíduo para indivíduo, pois cria um cenário injusto e de convivência prejudicada. Por mais que iniciativas de proteção social sejam aplicadas, a sua eficácia é comprometida devido à distância dos esforços conjuntos e à falta de transparência na gestão de ações de proteção social e de mudança de comportamento. Fundamentalmente, é necessário encontrar caminhos que levem a uma saída mais justa, com a aplicabilidade dos recursos públicos na direção dos que mais precisam de proteção.

Para isso, as instituições nacionais públicas definem como parâmetro as estratégias de proteção social pública<sup>17</sup>, que visam atenuar os efeitos negativos dos riscos sofridos por essas populações carentes, tentando inseri-las nas redes de proteção comunitária existente.

---

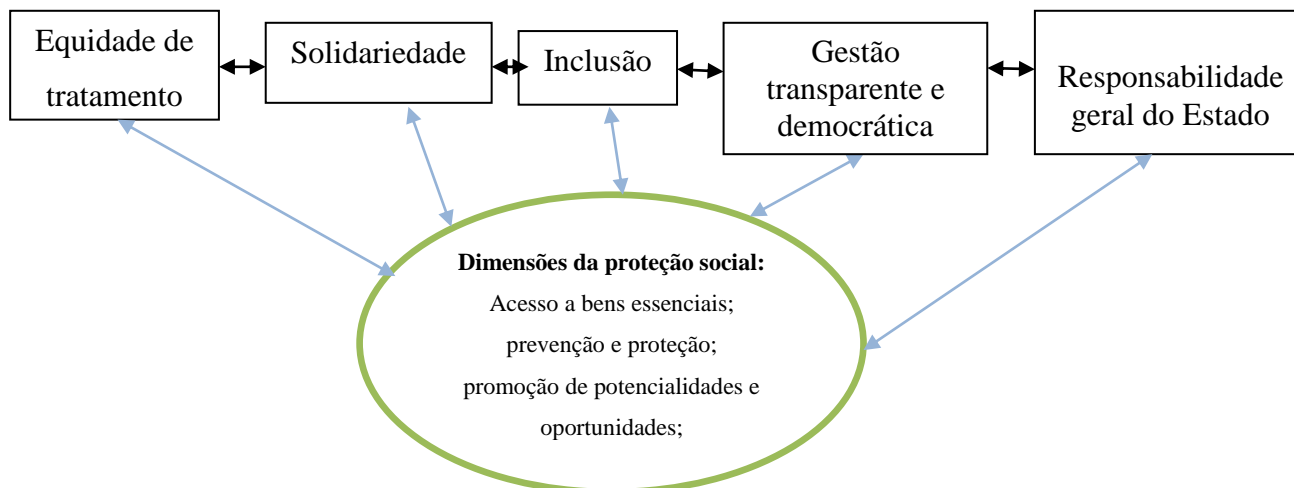
<sup>17</sup> “...Abrange o regime contributivo gerido pelos governos, baseado no mecanismo de seguro social-i.e., da partilha dos riscos pelos beneficiários-, e o regime não contributivo, que inclui assistência social e os serviços sociais. A assistência social baseia-se nas transferências sociais, em dinheiro ou gêneros, destinadas a apoiar os segmentos mais desfavorecidos da população e financiadas através do orçamento geral do Estado com bases em receitas de imposto. Embora não apliquem nenhuma contrapartida por parte dos beneficiários, os desenvolvimentos recentes evoluíram, em alguns casos, no sentido do condicionamento das transferências em

Ocorre, então, a proteção social descentralizada, que tem como princípios a garantia do acesso a bens e serviços essenciais, a promoção da segurança socioeconômica ativa e a promoção de potencialidades individuais e sociais, baseadas na redução da pobreza e do desenvolvimento sustentável. A ela, inclui-se, ainda, a proteção comunitária/familiar, que resulta da solidariedade e reciprocidade da junção familiar.

Conforme a figura 13, os princípios da proteção social podem ser explicados da seguinte maneira:

- a - Equidade de tratamento: com particular atenção à equidade de gênero, entre nacionais e não nacionais;
- b - Solidariedade: nasce do reconhecimento dos direitos individuais e se estende à proteção social para todos os indivíduos;
- c - Inclusão: todos os participantes devem ser agraciados pela proteção social;
- d - Gestão transparente e democrática: corresponde à participação de todos os membros da sociedade (em particular trabalhadores e representantes patronais);
- e - Responsabilidade geral do Estado: vem da dimensão dos direitos humanos da proteção social.

Figura 13: Princípios e objetivos da proteção social



Fonte: Bonilla Garcia e Gruat (2003)

A falta de proteção social é um dos fatores decisivos para a reprodução da pobreza social e para o aparecimento de novos casos de miséria e violência. A ausência da proteção social por parte do Estado, por exemplo, aumenta a insegurança e a vulnerabilidade, constringe a coesão social, limita a capacidade de acesso a rendimentos, reduz a procura

---

benefícios dos agregados através do cumprimento de comportamento específico, nomeadamente o investimento na formação e educação dos dependentes menores ou a vigilância sanitária...”(Feliciano et al., 2008:28)

efetiva, aumenta o desemprego e atua negativamente nos índices de crescimento econômico (Feliciano et al., 2008).

A vertente da análise global na gestão social faz realçar a necessidade da extensão da proteção social por intermédio do desenvolvimento das estruturas públicas de prevenção e controle, buscando iniciativas de descentralização de processos para avançar em direção à luta contra a pobreza, desigualdades sociais e exclusão social (Feliciano et al., 2008).

Os processos de desigualdade e exclusão são estruturas agregadas em um sistema hierárquico. Na desigualdade, a entrega dá-se pela integração subordinada, enquanto a exclusão<sup>18</sup> se define num sistema igualmente hierárquico, mas centrado no princípio da segregação (Santos, 2006).

A gestão atual da desigualdade versus exclusão é um processo político multidimensional. O efeito ideológico da gestão da desigualdade e da exclusão baseia-se no princípio do universalismo, uma forma de caracterização essencialista que, paradoxalmente, assume duas vertentes distintas e contrárias: o universalismo antidiferencista<sup>19</sup> e o universalismo diferencialista, que atua na diferença baseada na concepção de raça, cor, na etnia ou gênero (Santos, 2006).

O que se percebe, nesse contexto, é um aumento do interesse de empresas privadas em atuar na área da gestão social (Ashley, 2002; Baiardi e Laniado, 2002; Carrion, 2003; Melo e Froes, 1999, 2002; Mendonça e Schommer, 2000). Existem motivos bem distintos que levam as empresas a desenvolver ações sociais. Como motivadores da ação empresarial na área social, Mendonça e Schommer (2000) cita: (i) obtenção de vantagens competitivas, pois os consumidores passam a valorizar a ética e a participação das empresas na comunidade; (ii) fundamentação religiosa ou moral; (iii) promoção de valores de solidariedade interna, identificação e desenvolvimento de lideranças entre os funcionários; (iv) resposta a incentivos oferecidos pelo governo e (v) orientação e visão estratégica de sobrevivência em longo prazo.

Analisando o universo brasileiro, a gestão da proteção social ainda é muito ineficaz. No país, encontrar soluções de gestão na área social que possibilitem uma melhor qualidade de vida e uma política de proteção social, principalmente entre os mais vulneráveis, é um grande

---

<sup>18</sup> “A exclusão social insere-se no sistema de desigualdade e visa deslocar o debate da desigualdade centrado no conceito de pobreza para os conceitos de capital social, de comunidades ativas, de políticas ativas. Atendendo às condições estruturais da exclusão social, procura capacitar os indivíduos para as novas exigências do sistema produtivo (flexibilidade; mobilidade; aprendizagem ao longo da vida, etc.)...” (Santos, 2006: 280).

<sup>19</sup> “...No seu fundamento, o universalismo antidiferencialista implica a absolutização de uma dada diferença ou identidade, por exemplo, a identidade enquanto indivíduos autônomos e iguais. A diferença que estabelece o menor denominador comum transforma-se no critério supostamente universal da negação das diferenças. Na colonização, o privilégio absoluto concedido à identidade cristã criou o universalismo antidiferencialista da conversão geral...” (Santos, 2006: 283).



desafio no país hoje e afeta, especificamente, jovens de classe mais baixa. Essas disfunções de plenitude social localizam-se no sistema educacional, na rede de saúde pública, nos postos de trabalhos e, principalmente, nas relações sociais, nas quais se perpetuam as atitudes violentas. Isso tudo, gerado pela falta de estratégias e políticas sociais, que poderiam minimizar o problema.

Nesse contexto, vale citar dados de violência: o Brasil teve destaque negativo, em 2011, em relação aos homicídios, com 39,3% das mortes localizadas entre jovens de 18 a 24 anos. Quando se analisa 12 países mais populosos, o Brasil apresenta uma taxa por 100 mil/hab de 27,40 homicídios, ocupando a primeira colocação nesse triste ranking. No Pará, região do estudo, os indicadores por 100 mil/hab tiveram acréscimo de 195,9%, no período de 2001 a 2011.

Apesar das condições adversas que o Brasil enfrenta nesse campo, há de se ressaltar iniciativas positivas na área de proteção social. Experiências como a da Fundação PROPAZ, que desenvolve o PROPAZ Integrado, programa que lança mão do marketing social para promover ações que combatam a violência e o resgate de valores referentes à Cultura de Paz e Cidadania entre os jovens em situação de risco. Essas ações funcionam influenciando crianças, jovens, mulheres e suas famílias sobre a importância da prevenção e da proteção e da cultura da não violência, visando à redução dos índices de crimes e de condutas desviantes entre os jovens que participam do programa e seus familiares.

As campanhas desenvolvidas pela Fundação atuam na garantia de direitos à saúde, cidadania, protagonismo da juventude, qualificação profissional e violência social, visando resgatar valores e mudanças de comportamentos, para disseminar a Cultura de Paz na sociedade.

Um dos destaques nas campanhas de apoio social que a Fundação promove é a caravana oftalmológica, que tem como principal objetivo levar consultas e cirurgias oftalmológicas para a população que não tem acesso a esse tipo de atendimento na região, além de garantir a diminuição da lista de espera de atendimento dessa especialidade nos municípios. Os procedimentos realizados são cirurgias para a correção de problemas, como Pterígio (conhecida como carne crescida), estrabismo e astigmatismo, além da realização de cirurgias de catarata, consultas e exames de rotina.

Com capacidade para a realização de 300 cirurgias, mil consultas e cinco mil exames diariamente, a Caravana oftalmológica vai percorrer os 144 municípios no Estado do Pará até o final de 2015. Até o momento a caravana já realizou mais de 12 mil atendimentos. Para ter

acesso ao atendimento, o paciente precisa apenas levar a sua carteira de identidade e a carteira do SUS.

Outra atuação importante no âmbito das atuações sociais é a do projeto PROPAZ Integrado. O programa oferece acolhimento psicossocial especializado; garante os direitos básicos relacionados à saúde física, emocional, mental e reprodutiva; previne DST/AIDS e gravidez decorrente de estupro, através de medidas profiláticas, nos casos detectados até 72 horas; também interrompe a gravidez decorrente de violência sexual, conforme a legislação vigente no Brasil.

A implementação desse projeto vem ajudando a reduzir a revitimização, a superação dos traumas das vítimas e seus familiares, além de incentivar as denúncias. Atualmente, o projeto conta com unidades de atendimento em Belém, capital do Pará, e em municípios do interior, funcionando através de uma rede de enfrentamento, em parceria com vários órgãos governamentais e não-governamentais (Chaves et al., 2014).

Vale lembrar que as campanhas de caráter social são bastante antigas, datam da época da Roma e Grécia antigas, relacionadas a campanhas de libertação de escravos. No Reino Unido, durante a revolução industrial, houve campanhas para a abolição das prisões de dívidas. Nos EUA, no século XIX, foram movimentos de abolição, pela abstinência e pela proibição de bebidas alcólicas. Mais recentemente, campanhas em favor da saúde, da não violência, combates às drogas, erradicação do trabalho infantil, sensibilização pelas causas ambientais entre outras (Kotler e Roberto, 1992).

Também, que o termo marketing social surgiu no início da década de 1970, lançado por Philip Kotler e Geraldo Zaltman, em um artigo pioneiro no *Journal of Marketing*, para descrever o uso e princípios de técnicas de marketing para promover uma causa social, uma ideia ou um comportamento (citado por Kotler e Lee, 2011).

Um resumo importante mostra exemplos da relação do marketing social com a proteção social, isto pode ser verificado no quadro 1 abaixo, o qual mostra a relação entre as causas com suas respectivas ações, exemplos de indicadores e os resultados de campanhas dirigidas.

Quadro 1 - Questões de marketing social relacionadas com a proteção social

<b>Causas que pedem ações do marketing social</b>	<b>Exemplos de indicadores</b>	<b>Resultado/campanhas</b>
Beber e dirigir embriagado	(%) de acidentes provocados por pessoas embriagadas ao volante de carros, ou dirigindo uma moto, bicicleta ou andando na rua.	Campanhas de conscientização sobre o uso de álcool e drogas.
Não usar o cinto de segurança	(%) de pessoas mortas ou feridas por não usar o cinto de segurança.	Campanhas de conscientização do uso do cinto de segurança.
Crianças menores que trabalham para sobreviver	(%) de crianças que trabalham e não estão na escola.	Campanhas para erradicação do trabalho infantil.
Violência doméstica	(%) de mulheres que sofrem violência, física, psíquica e sexual.	Campanhas de esclarecimento com mulheres.
Violência nas escolas	(%) de crianças que são agredidas ou foram agredidas nas escolas.	Campanhas nas escolas para diminuição da violência.
Porte ilegal de armas	Número de pessoas que possuem armas ilegais em suas casas.	Campanha a favor do desarmamento.
Violência entre os jovens	(%) de jovens envolvidos em eventos de violência.	Campanha de redução de violências praticadas por e contra jovens.
Uso de drogas	(%) de pessoas que usam drogas.	Campanha de conscientização contra o uso de drogas.

### 3.1.1 Analisando o ambiente do marketing social

Kotler e Roberto (1992) afirma que o marketing social é uma estratégia de comportamento, combinada com os mais importantes atributos e abordagens tradicionais responsáveis pela mudança social e contidos em um plano de ação interligado, com avanços tecnológicos das áreas de comunicação e a estrutura do marketing tradicional.

Na análise de Goldberg (1995), é sugerido um alargamento no âmbito do domínio do marketing social existente. Tais objetivos de mudança de comportamento individual são articulados com objetivos sociais mais amplos de mudança nos níveis políticos e no ambiente social. Assim, além do interesse para os comerciantes sociais que trabalham para a mudança do comportamento individual, o potencial do marketing social pode afetar a política de resultado, isto é, um fator preponderante para a mudança de comportamentos individuais,

como: a redução das taxas de fumadores de cigarros, tem influência positiva e decisiva nos custos de saúde, levando a proibição ou diminuição da comercialização dos produtos oriundos do tabaco.

O marketing social adota o uso das tecnologias do marketing comercial para análise, planejamento, execução e avaliação do desempenho de programas, com o intuito de influenciar o comportamento voluntário dos públicos-alvo e, assim, ajudar a promover o seu bem estar social (Andreasen, 1995).

Atualmente, o conceito de marketing social baseia-se em um processo destinado à aplicação de técnicas de marketing para criar, expressar, comunicar e expor valor, com o objetivo de influenciar o comportamento do público-alvo que se quer alcançar (Kotler e Lee, 2011).

Para (Quinn et al., 2007), a aplicação dos princípios tradicionais de marketing social para a promoção de comportamentos tem influência na saúde comportamental, baseado na teoria da troca do marketing tradicional, que afirma que os consumidores vão adotar mudanças de comportamento quando as barreiras são reduzidas de acordo com suas necessidades específicas.

Na visão de Bloom e Novelli (1981), marketing social é um esforço que pode ser exercido por organizações com fins lucrativos (por exemplo, a Anheuser-Busch, incentivando o consumo responsável), bem como por organizações sem fins lucrativos e públicas. Em outras palavras, independentemente do patrocinador, incentivando as partes interessadas a se envolver em comportamentos socialmente responsáveis, todas as instituições são bem vindas, se vierem com o objetivo de ajudar a causa socialmente responsável.

O marketing social gera mudança de comportamento através da criação de incentivos ou consequências que abordam trocas voluntárias. Especificamente, os comerciantes sociais buscam identificar barreiras para a mudança de comportamento e destacar os benefícios que são relevantes para o público a que se destina, como algumas mulheres que amamentam por causa dos benefícios de saúde para crianças desconhecidas ou àquelas que optam por amamentar para criar um único vínculo criado entre mãe e filho.

Tal como a educação, o marketing social oferece às pessoas uma escolha sobre comportamento adequado e auxilia em alterar o ambiente, para tornar o comportamento recomendado e mais vantajoso, selando a relação custo-benefício mais favorável (Quinn et al., 2007).

Um conceito recente de marketing social o aponta como uma metodologia inovadora capaz de fazer evoluir nas atitudes sociais em relação ao modo de lidar com ideias, modo de

agir, conceitos, ações, comportamentos e/ou práticas. Nesse caso, visa promover transformações sociais adequadas em cada indivíduo e o marketing da mudança de comportamento que deve atingir uma larga influência em um curto período de tempo, assegurando tanto as mudanças comportamentais planejadas quanto a sua continuidade ao longo do tempo (efetividade) (Leandro et al., 2004).

O que se observa é que houve um desenvolvimento, a partir dos anos 80, do marketing social em relação a sua identificação inicial: da comercialização de produtos envolvidos na mudança social (preservativos, pílulas, solução de reidratação oral) para uma concepção mais ampla de suas áreas potenciais de aplicação. Esse padrão é consistente com um modelo geral de transferência intersetorial de conceitos e ferramentas de marketing, a partir do comercial para o setor sem fins lucrativos do marketing social. Nessa perspectiva, acadêmicos e profissionais têm aceitado que o objetivo fundamental do marketing social não é somente promover ideias, mas, sim, influenciar o comportamento de pessoas (Andreasen, 2002).

Marketing social, portanto, é conceituado como o conjunto de técnicas inovadoras em marketing tradicional, baseados nos 4Ps<sup>20</sup> e no bem estar comum das pessoas, com ênfase nos aspectos sociais, e tendo como intuito alterar comportamentos e atuar na prevenção e proteção de problemas socioambientais e culturais, gerando envolvimento de toda a comunidade.

Desta forma, ele deve se preocupar com algumas questões fundamentais da atualidade: de cunho socioambiental, no que se refere à escassez de recursos e à devastação do meio ambiente, e proteção social, no que se refere à explosão populacional, desigualdade, fome, violência e pobreza mundial, buscando a harmonia entre lucro, satisfação dos consumidores e o interesse público (Mendonça e Schommer, 2000).

É nesse contexto que se enquadram as ações desenvolvidas pela Fundação PROPAZ.

### 3.1.2 O ambiente e a força do marketing social para influenciar as pessoas

O ambiente do marketing social tem as mesmas influências sobre as pessoas que o marketing tradicional, tendo, porém, mais agravantes do que o normal, pois a variável social influencia decisivamente no processo. Esse caminho tem de ser rigorosamente traçado com base nas estratégias que permeiam o marketing, agregando valor, portanto, o público-alvo,

---

<sup>20</sup> Os 4P's de marketing, também conhecidos como Marketing Mix ou Composto de Marketing, são os 4 elementos básicos que compõe qualquer estratégia de marketing: Preço, Praça, Produto, Promoção. Como o nome já diz, elas são as definições fundamentais que uma empresa deve fazer para atingir um determinado público-alvo.

que recebe todas as cargas, e o seu agir tem de ser controlado para mudanças positivas de comportamento.

Os fatores que influenciam o mercado alvo podem ser divididos em dois níveis: o ambiente interno, ou microambiente, e o macroambiente, ou forças externas (Figura 14). O microambiente do marketing social está relacionado à organização patrocinadora ou administradora dos esforços do marketing social, tendo os ambientes internos como a sua estrutura e divide-se da seguinte maneira:

- Recursos: o ponto-chave para o equilíbrio dos investimentos. É necessário avaliar níveis de financiamento, tempo disponível dos recursos humanos, acesso às tecnologias de cunho social ou às populações-alvo que possam ser estudadas.
- Capacidade de prestação serviço: é importante ter a capacidade de organizar os canais de distribuição disponíveis para produtos e serviços que possam influenciar a rede de distribuição, ou, então, verificar a qualidade dessa prestação de serviço.
- Apoio da administração: a administração deve de estar focada nas diretrizes do projeto proposto, ainda mais quando o plano é de cunho social. O comprometimento do corpo gestor é fundamental para o sucesso do empreendimento.
- Prioridade da questão: o tema proposto, que abordará a questão social, deverá ser prioridade para a organização. Sua importância deve estar no topo da lista das prioridades e os funcionários têm de estar inseridos na cultura social da empresa, revelando identificação com a filosofia proposta.
- Público Interno: na organização, é importante identificar os talentos referentes às questões sociais: grupos que briguem pela causa social ou que tenham vertentes em direção a isso.
- Alianças e parceiros atuais: identificar parceiros e alianças das organizações, patrocinadores, financiamentos para os projetos, articulação com instituições que detenham o conhecimento e desta forma seja transmitido.
- Desempenho Passado: é fundamental conhecer os aspectos passados das organizações, verificando a cultura organizacional, buscando informações de projetos com sucessos e fracassos nas organizações.

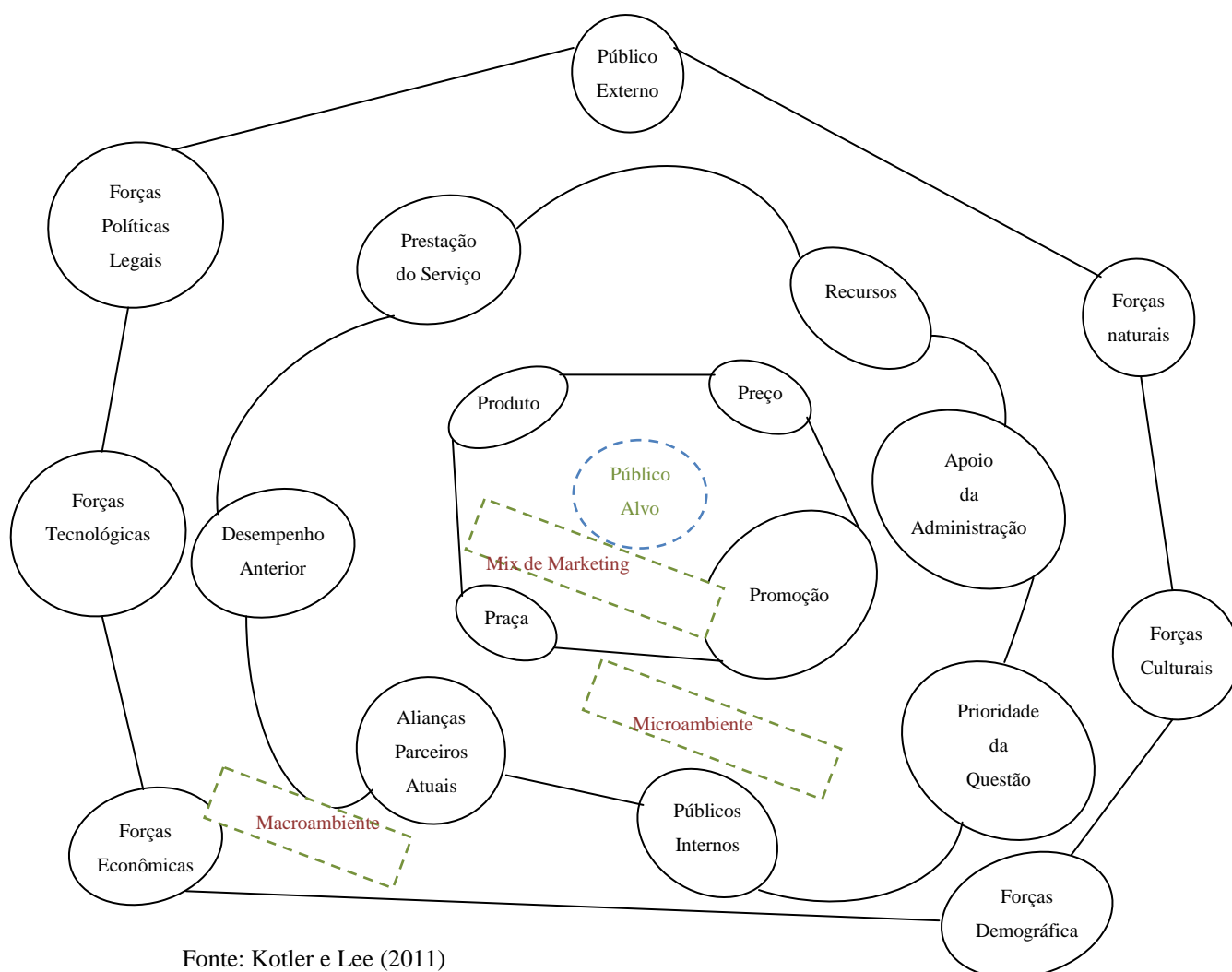
Dentro do ambiente interno (microambiente), a identificação de fatores positivos e negativos é de grande relevância nas questões estratégicas de planejamento, pois com esses indicadores listados fica mais fácil desenvolver e implementar um plano bem-sucedido.

– Pontos fortes: A identificação dos pontos fortes é algo primordial dentro da organização, pois localizar forças positivas é um passo importante para maximizar suas ações de planejamento e controle. Nesse sentido, é importante listar os principais pontos fortes e relacioná-los com o plano estratégico da organização.

– Pontos fracos: Identificar os pontos negativos e minimizá-los é de fundamental importância nas estratégias de planejamento da organização. As ações devem ser listadas e elaboradas em conjunto com uma lista de fatores internos, observando aqueles que se destacam como preocupações em potencial, para desenvolver e implementar um plano bem elaborado.

É importante destacar que, com maior frequência, nas agências governamentais e organizações sem fins lucrativos (os prováveis patrocinadores de um esforço de marketing social), as preocupações residem na área de disponibilidade de recursos e prioridade do problema (Kotler e Lee, 2011).

Figura 14 - Fatores e forças que influenciam o seu mercado-alvo e seus esforços



Fonte: Kotler e Lee (2011)

As forças externas do macroambiente do marketing social caracterizam-se como o conjunto de forças que influenciam direta e indiretamente ambiente e estão fora do alcance dos gestores de marketing social, mas têm impacto atual no mercado-alvo, ou, provavelmente, em determinado período da organização.

O macroambiente está fora do alcance da influência dos estudiosos do marketing social, mas tem de ser levado em consideração, pois as forças que atuam podem ter impacto significativo no mercado-alvo. O macroambiente está dividido em sete categorias:

- a) Forças culturais: Ensejam as tendências relacionadas à valoração, modo de vida, comportamento do consumidor, preferências individuais, escolhas de compra. Tudo isso, influenciado por fatores causais, como publicidade, mídia de televisão, entretenimento, consumo, moda, questões raciais e religiosas, de saúde, segurança e educação, entre outras.
- b) Forças tecnológicas: A influência do ambiente tecnológico é decisiva no desempenho das ações de marketing social. Projetos com inovação tecnológica são de vital importância para o sucesso de ações que abordam o social, pois colaboram para o crescimento em potencial da organização. É definida como inovação, uma ideia, prática ou objeto que é percebido como novo, por um indivíduo ou outra unidade de adoção. Para Rogers (2003), a velocidade com que uma inovação é adotada não depende somente da sua utilidade objetiva, mas, sim, na percepção que os adotantes possuem com relação a essa nova ideia.
- c) Forças demográficas: Influências e mudanças nas características populacionais, como faixa etária, sexo, etnia, estrutura familiar, característica do emprego, renda, ocupação e nível de instrução são decisivas no cenário do ambiente do marketing social.
- d) Forças naturais: São forças de influência indireta, mas que têm impacto direto quando relacionadas ao tema que se está analisando, como seca, furacões, incêndios, enchentes, guerras, fornecimento de energia, fornecimento de água rompimento de barragens, entre outras.
- e) Forças econômicas: A crise econômica mundial e a alta da moeda americana são acontecimentos que afetam o poder de compra, os gastos dos consumidores e que também podem afetar os investimentos em projetos de marketing social.
- f) Forças políticas/legais: As leis e ações políticas podem interferir nas ações e esforços do marketing social, afetando campanhas e seu público-alvo.
- g) Públicos externos: Grupos não pertencentes à organização, parceiros comerciais e em potencial e outros países, que poderiam ter algum impacto sobre os esforços de marketing social ou sobre o público-alvo.



### 3.1.3 Estratégias do marketing social e as alternativas comunitárias

No marketing social, o posicionamento é algo extremamente importante. Não se trata do que você faz com o produto, mas o posicionamento dele na mente do cliente ou beneficiado em potencial. É preciso inovar no conceito e na arte do posicionamento, sabendo que diferentes mercados têm diferentes necessidades e escolhas. O mais importante é inovar em conhecimento, buscar alternativas viáveis para propor soluções adequadas no âmbito da gestão. O desafio maior é posicionar sua oferta na mente do cliente ou beneficiado desejado. Esse exercício requer estratégias de marketing a serem bem definidas nos planos gerenciais.

O marketing social tem como meta posicionar na mente do público-alvo as inovações sociais que se pretende injetar, implementando estratégias, criando, planejando e executando campanhas de comunicação, com o objetivo de satisfazer necessidades e expectativas que não estão sendo atendidas e estabelecendo novos paradigmas de ação social. Ainda que sejam criadas, desenvolvidas e aplicadas novas técnicas de intervenção social, o marketing social produz ampliação do conhecimento para uma plataforma diferenciada e afeta na aplicação do mercado social nas comunidades (Leandro et al., 2004).

Para Kotler e Lee (2011), o posicionamento é a ação de desenvolver a oferta real e percebida da organização, buscando atingir e posicionar um espaço de preferência na mente do mercado-alvo, quaisquer que sejam as circunstâncias previstas.

Os processos e princípios do marketing social em relação ao posicionamento são bem parecidos aos do marketing tradicional, tendo como meta identificar o perfil do mercado-alvo, a mente e a percepção das necessidades dos clientes ou beneficiados. Fatores importantes também influenciam o posicionamento, como a demografia, a geografia do lugar, os aspectos comportamentais, entre outros.

O posicionamento focado no comportamento desejado em marketing social é importante, pois define posições estratégicas que podem ser tomadas para mudar atitudes de clientes ou beneficiados. Nesse sentido, é bom certificar-se de que os públicos-alvo conhecem os aspectos específicos do comportamento desejado. Dessa forma, é de suma importância alcançar os resultados planejados.

O posicionamento do mercado-alvo focado nas barreiras em marketing social tem como foco superar os entraves ou minimizar as barreiras percebidas no mercado, tais como o desempenho do comportamento, os custos elevados dos serviços, o nervosismo do mercado, entre outros.

Já o posicionamento focado na concorrência para o marketing social tende para o desenvolvimento das vantagens competitivas, concentrando-se na criação de uma superioridade competitiva em relação ao mercado-alvo. Nesse sentido, a superioridade apela para valores mais altos do que os percebidos pela concorrência.

Na maioria das situações, as estratégias de posicionamento referentes ao marketing social podem estar dificultando os objetivos da mudança de comportamento pessoal do cliente-alvo ou beneficiário. Isso precisa passar por uma transformação para atrair novos mercados-alvo, ou seja, a sua posição atual pode ser repensada. Então, pode-se optar pelo reposicionamento das estratégias. Um bom exemplo disso é a estratégia de marketing social focada em intervenções comunitárias que aconteceu em Edimburgo, na Escócia, com um posicionamento envolvendo membros da comunidade no processo de participação e que agregou vantagem competitiva em relação ao mercado alvo (Hastings et al., 2004).

No entanto, apesar da ênfase em marketing social colocar o consumidor no centro do acontecimento, foi nos últimos anos que as próprias comunidades começaram a fazer, ativamente, a criação e implementação de intervenções no marketing social em comunidades (Middlestadt et al., 1997).

As abordagens sociais lideradas pelas comunidades são baseadas em princípios de desenvolvimento comunitário, que incluem iniciativas derivadas de questões identificadas pela própria comunidade e não por especialistas. Neste caso, os membros das comunidades são essenciais para o planejamento, ação e implementação de iniciativas sociais, tendo como aspecto primordial, incentivar o empoderamento, promover a participação comunitária conjunta e aumentar o patrimônio líquido das instituições a que pertence e ajudar nas questões sociais oriundas dos problemas dos bairros (Baum, 1998; Craig e Mayo, 1995).

De maneira enfática, os profissionais de marketing vendem produtos e serviços, enquanto que os profissionais de marketing social tendem a vender comportamentos adequados, ou seja, a sua maior recompensa deve estar pautada na mudança para os bons comportamentos em vez da punição por maus comportamentos. Na maioria dos casos, os profissionais de marketing social não devem prometer benefício direto ou retorno imediato em troca da adoção da mudança de comportamento, eles têm que quebrar barreiras, mudar opiniões, fazer a diferença nos comportamentos dos públicos-alvo, buscando equalizar os conceitos (Kotler e Lee, 2011).

### 3.1.4 Mix de mercado, os 4P's do marketing social

Na análise do marketing social, o mercado é um campo fértil de populações heterogêneas e de grande diversidade, cada uma com problemas distintos de carências e necessidades que precisam ser superadas. Nisso, sabe-se que o que atrai uma pessoa, não vai, necessariamente, atrair a outra. Por isso, o mercado é dividido em segmentos e o potencial relativo de cada segmento é estimado para suprir as necessidades das organizações, pessoas e do marketing. Numa abordagem mais ampliada de marketing social, ele tem como meta atingir pessoas em comunidades que tenham o poder de promover hábitos, atitudes e comportamentos nas estruturas sociais e nas políticas das instituições, passando a influenciar àqueles que possam mudar os comportamentos individuais.

Para definir qual o momento de influenciar o público-alvo para a aceitação do comportamento desejado, há quatro ferramentas: produto, preço, praça e promoção, princípios de marketing tradicional. No uso em campanhas de sociais, o primeiro P, representando um produto, inclui o comportamento e os seus benefícios aos associados. O segundo P, preço, inclui os custos dos adotantes-alvo e tem como característica os custos sociais. O terceiro P, praça, representa o local onde o comportamento ocorre. O quarto P, promoção, é a maneira pela qual a alteração será comunicada ao público-alvo (Glassman e Braun, 2010).

É importante frisar que todas essas estratégias são de fundamental importância para criar valor ao mercado-alvo em troca de um novo comportamento adequado. Olson (1965:62), afirma que em um *“...cenário possível em que as pessoas vão adotar um novo comportamento para o bem público, esses afetados, quando coagidos e sobre pressão social e incentivo social, operam apenas em grupos menores, em que os membros podem ter contato face-a-face com o outro. No entanto, para grupos maiores, os membros de um grupo latente de alguma forma estão continuamente bombardeados com propaganda na tentativa de satisfazer o interesse comum em questão, talvez o tempo de desenvolver a pressão social não é totalmente o contrário daquele que pode ser gerado num grupo face-a-face, e estas pressões sociais podem ajudar o grupo latente a obter um bom convívio coletivo...”*.

### 3.1.5 Determinando o primeiro “P” (produto) em marketing social

No marketing social o produto é normalmente uma informação concebida para provocar uma mudança de atitude e de comportamento, (Donovan e Heley, 2003). Especificamente, o produto social pode ser definido como um elemento primordial para mudança de um

comportamento desejado, a partir das ações e estratégias que têm como objetivo comum o bem estar do beneficiado.

Para Kotler e Lee (2011), o primeiro “P” social é algo que possa ser oferecido ao mercado para satisfazer uma necessidade ou um desejo. Não é somente uma oferta tangível, pode ter vários significados, como um serviço, uma mudança de comportamento, um experiência, uma história de vida, uma pessoa, uma atitude e muito mais. Então, no marketing social vendem-se comportamentos desejados e ideias para influenciar atitudes e gestos, que possam melhorar a vida das pessoas.

O produto em marketing pode ser dividido em três níveis estratégicos, onde destaca-se as suas características estruturais: qualidade, nome e estilo. Esses níveis são: produto básico, produto real e produto ampliado, conforme plataforma descrita na Figura 15.

Para Kotler e Lee (2011), o produto básico está relacionado com as decisões que precisam ser tomadas com ênfase nos benefícios que seu público-alvo quer, ou espera implantar, quando desempenhar um comportamento adequado. Já o produto real, as decisões são tomadas sobre um comportamento específico a ser definido, através de parceiros associados, patrocinadores entre outros.

Para o produto ampliado, as decisões são tomadas sobre os bens tangíveis e serviços e são bem parecidas às aplicadas no setor privado, apesar da maioria das vezes os recursos aplicados serem financiados por contribuintes ou outros investidores sem fins lucrativos. Nesse nível, são tomadas decisões para desenvolver, ou não, novos produtos e serviços, e, posteriormente, voltadas à necessidade de melhorar os produtos já existentes.

Figura 15: Os três níveis do produto de marketing social



Fonte: Adaptado de Kotler e Lee (2011)

Quadro 2 - Exemplo de três níveis de produtos

Produto básico (Benefícios)	Produto real (comportamento desejado)	Produto ampliado (Produtos tangíveis e serviços)
<b>Para uma saúde melhor</b>		
Prevenção contra o uso excessivo de álcool.	Não beber quando for dirigir veículos	Bafômetros em bares
Diagnóstico e tratamento dos cânceres de mama	Fazer um autoexame mensal	Cartão de instrução laminado afixado no boxe do banheiro
Proteção de doenças evitáveis	Imunizar as crianças a tempo	Cartão de imunização
Imunização natural para bebês e vínculo mãe-filho	Amamentar exclusivamente nos primeiros seis meses com leite materno	Consulta da enfermeira em casa
<b>Para prevenções e proteção</b>		
Prevenção de suicídio	Saber quando e como intervir	Treinamento específico para prevenção de suicídio para professores, supervisores líderes de grupos de jovens
Prevenção contra a violência em relação a crianças e adolescentes	Palestras nas escolas com os pais, alunos e comunidade escolar	Construção de um centro de prevenção à violência juvenil
Proteção de abuso físico	Ligar para pedir ajuda se estiver sendo maltratado	Linha de apoio para violência doméstica
Proteção de abusos sexuais em crianças	Ligar para o centro de proteção a crianças e adolescente	Centro de proteção PROPAZ Integrado que apoia as vítimas e faz o atendimento diferenciado
Prevenção às vítimas de violência no trânsito	Palestras nas escolas públicas, evidenciando o tema violência no trânsito	Ações nas vias onde foram registrados os maiores números de acidentes

Fonte: Adaptado de Kotler (2011)

### 3.1.6 Determinando o segundo “P” (preço) em marketing social

O P-preço em marketing social refere-se ao custo que o público-alvo associa com a adoção do novo comportamento. A meta consiste em desenvolver ferramentas necessárias para aumentar benefícios e reduzir os custos de operação.

Para Kotler e Lee (2011), as táticas listadas no comportamento desejado e do rival(ais) podem ser:

- a) Aumentar os benefícios monetários para o comportamento desejado;
- b) Reduzir os custos monetários para o comportamento desejado;

- c) Aumentar os benefícios não monetários para o comportamento desejado;
- d) Reduzir os custos não monetários para o comportamento desejado;
- e) Aumentar os custos monetários para o comportamento rival;
- f) Aumentar os custos não monetários para o comportamento rival;

Quadro 3 - Custos potenciais para se chegar ao comportamento desejado

<b>Tipo de custos: exemplos</b>
<b>Monetários: produtos tangíveis</b>
Adesivos de nicotina
Equipamentos para o monitoramento da pressão arterial
Preservativos
Capacetes, coletes salva-vidas e assentos para crianças pequenas
Bafômetros
Kits de emergência para terremotos
Baterias para alarme de fumaça
Tambores para compostagem de restos de alimentos
Fertilizantes naturais
Papel reciclado
Lâmpadas que poupam energia
Cortadores de grama elétricos
<b>Monetários: Serviços</b>
Taxas de aulas de planejamento familiar
Aulas para parar de fumar
Taxas para clubes esportivos
Oficina para prevenção de suicídios
Corrida de taxi para voltar de bares para casa
<b>Não Monetárias: tempo e esforço</b>
Preparar uma refeição equilibrada
Parar o carro no acostamento para usar o telefone celular
Levar os restos de comida para um local de compostagem no quintal
<b>Não Monetários: psicológicos</b>
Descobrir-se se um nódulo é canceroso
Questionar o seu filho se está pensando em cometer suicídio
Falar para o seu marido que ele está bebendo demais
<b>Não monetários: desconforto físico</b>
Exercitar-se
Furar um dedo para monitorar glicose no sangue
Fazer a mamografia

Fonte: Adaptado de Kotler e Lee (2011)

### 3.1.7 O terceiro “P” (praça) como estratégia no marketing social

O conceito de Praça não está atrelado simplesmente a um canal de comunicação e, sim, a um mercado-alvo, que busca comportamentos adequados na visão social e que inspire as organizações a atrelar conceitos solidários à empresa.

No marketing social, os canais de distribuição têm abrangência maior do que os locais físicos tradicionalmente usados, ou seja, apoiam-se nas diversidades de caminhos de comunicação convenientes para o seu público-alvo, incluindo redes de comunicação, atendimento e meios para informar os beneficiados como, 0800, internet, máquinas de automação, entre outras.

A meta a ser alcançada com o marketing de Praça é criar estratégias para chegar aos melhores resultados em relação a prazos, planejamentos, organização, buscando desempenhar o comportamento adequado. Com isso, o importante é adquirir e receber produtos ou serviços dentro do que foi planejado.

No setor de marketing comercial, a Praça tem função importante nas diversas opções de marketing social, a exemplo:

Quadro 4 - Canais de distribuição do marketing social

Meios	Praça em marketing social
Locais físicos	Trilhas para caminhadas
Telefone	Linha de atendimento para casos de violência doméstica
Correio	Cartão de Imunização para acompanhar as vacinações de uma criança
Fax	Acordo assinado pelo paciente com seu médico para parar de fumar é enviado via fax para uma linha de atendimentos para fumantes
Internet	Localização de parceiros para transporte solidário
Unidade móvel	Para lixo tóxico hospitalar
Onde as pessoas compram	Mamogramas em uma loja de departamentos
Onde as pessoas se reúnem	Teste de HIV/AIDS em bares gay
<i>Drive-throughs</i>	Para vacinas contra a gripe em postos de saúde
Quiosques	Para determinar seu índice de massa corporal
Máquinas automáticas	Preservativos

Fonte: Kotler e Lee (2011)

Quando produtos e serviços sociais compõem etapas de programas ou campanhas nas organizações, a criação de uma rede de intermediários se faz necessária para alcançar o público-alvo por meio de canais de distribuição.

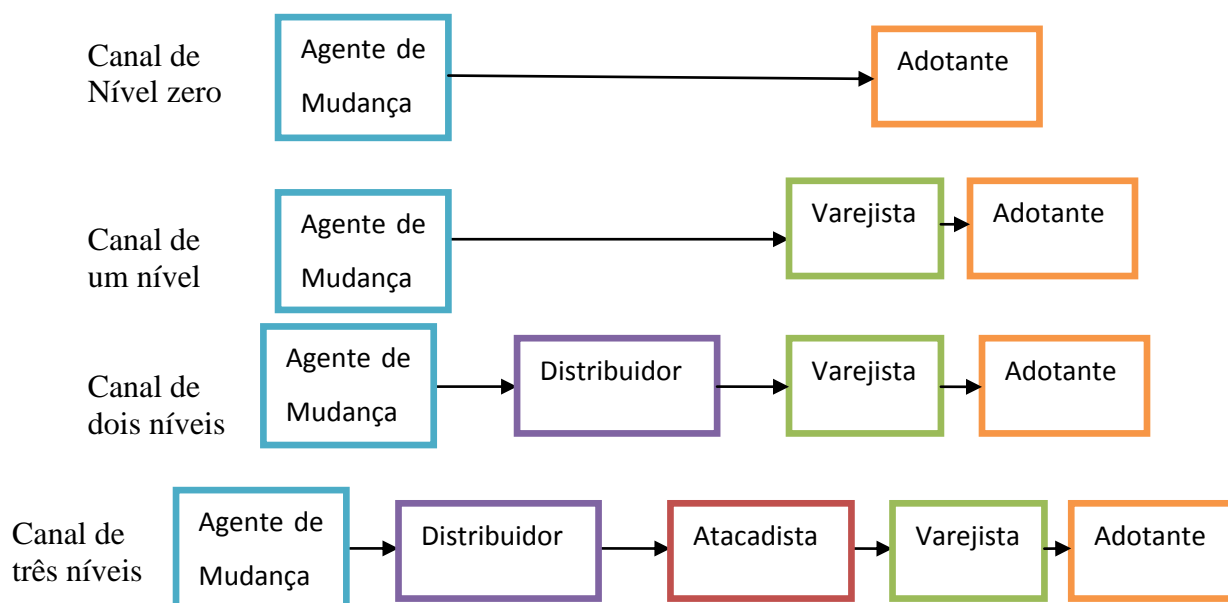
Os canais de marketing são estrategicamente fundamentais no posicionamento do produto e na imagem que é passada ao mercado, buscando relacionar as ferramentas adequadas para moldar os caminhos a serem percorridos.

Os canais são descritos em quatro tipos de níveis de distribuição que devem ser planejados. No *canal de nível zero* há uma relação direta do grupo do marketing social com o público-alvo. Os produtos tangíveis e serviços seguem caminhos de distribuição direto como correios, internet, marketing porta a porta, ou através de organizações que praticam o marketing social (Kotler e Lee, 2011), um exemplo é o Programa PROPAZ Integrado, que atende crianças vítimas de violência sexual, que recebem tratamento psicossocial, exames e consultas.

O Canal de *um nível* é composto por um intermediário na maioria das vezes um varejista, composto, por exemplo, por supermercadista que coloca agentes de saúde em sua área para atendimentos para a medição da glicemia e verificação da pressão arterial, ou então, agentes de saúde, para informar sobre o risco de fumar cigarros (Kotler e Lee, 2011).

Canal de *dois níveis* é formado por distribuidor e varejista local. Já o de *três níveis* mostra um distribuidor nacional, interligado com distribuidores e varejistas locais (figura 16).

Figura 16 - Canais de distribuição em vários níveis



Fonte: Kotler e Lee (2011)



### 3.1.8 O quarto “P” (promoção) nas estratégias do marketing social

A Promoção baseia-se na estratégia do conjunto de ações voltado para a mudança de comportamento do público-alvo, visando assegurar o repasse de informações a respeito da oferta aos beneficiários.

Para Kotler e Lee (2011), os canais de mídia podem ser divididos em três tipos: *mídia de massa, seletivos e pessoais*. Os canais de mídia de massa são aplicados quando uma quantidade elevada de pessoas precisa ser informada de forma rápida sobre o comportamento desejado que se quer obter. *Os canais seletivos*, neste caso, são usados quando os mercados-alvo podem ser atingidos com maior rigor nos custos, através de canais focados, em mala-direta e internet. *Os canais pessoais* são mais onerosos, mas em muitos casos necessários, tendo como objetivo a mudança de comportamento desejado.

Um exemplo importante disso foi a campanha informativa de marketing social e o estudo realizado com estudantes de ensino médio em um grande distrito escolar no centro da Flórida nos EUA, com o objetivo de reduzir a violência juvenil entre esses alunos. Os resultados indicaram que os jovens do ensino médio têm percepções específicas e definitivas sobre a violência e atos de agressão. No entanto, apesar da prática de atos violentos, por suas próprias definições, esses jovens não conseguem internalizar essas ações e não se vêem como "violentos". Isso tem implicações significativas para a mudança de comportamento, pois o agir e o transformar desses jovens não têm conotação com a prática em que vivem, ou seja, a internalização da violência é algo extremamente perigoso, (Quinn et al., 2007).

Destaca-se o quadro 5 abaixo, que mostra o resumo criativo de uma campanha voltada para reduzir os abusos sexuais envolvendo crianças e adolescentes e mulheres vítimas de violência na RMB, no Pará.

Quadro 5 - Resumo criativo de uma campanha voltada para as vítimas de abusos sexuais e mulheres vítimas de violência no Programa PROPAZ Integrado

<b>Mensagem-chave</b>
<i>O PROPAZ Integrado chegou e a Região Metropolitana de Belém-RMB unida contra a violência</i>
<b>O público-alvo</b>
<i>Crianças e adolescentes na faixa etária de 0 a 17 anos e mulheres em situação de risco e suas famílias. A campanha visa estimular a denuncia espontânea para o órgão especializado, PROPAZ Integrado, que faz acompanhamento diferenciado das vítimas de abuso sexual e de violência física, através de atendimentos médico e psicossocial de característica multidisciplinar</i>
<b>Objetivos da comunicação</b>
<i>Sensibilizar o máximo de pessoas para denunciar abusos sofridos</i>
<b>Indicadores que norteiam a campanha</b>
<i>Número de casos novos de abusos sexuais na RMB (%) de sensibilização da população da RMB</i>
<b>Benefícios para a população</b>
<i>Prevenção de situações futuras de violência sexual e violência contra a mulher através de atendimentos multidisciplinar</i>
<b>Questões usadas para dar apoio a este benefício</b>
<i>Criação de folders para retratar a realidade Informações para encorajar as pessoas a denunciar os agressores Informações de prevenção para evitar as agressões</i>
<b>Oportunidades na mídia</b>
<i>Ao ouvir rádio Ao ver um anúncio na televisão As pesquisar na internet Ao ler um folder Ao ouvir um relato de uma vítima</i>
<b>Posicionamento</b>
<i>É importante denunciar os abusos cometidos contra crianças e adolescentes, para que haja paz e respeito entre as famílias no Pará A violência contra a mulher não pode ficar impune</i>

### 3.1.9 Administrando programas de marketing social

Na gestão por resultados em marketing social o importante é organizar as estratégias internas do grupo, de modo que possa haver a união dentro da organização. Isso tem de influenciar os demais para que haja mudança de comportamentos, sem a união dos profissionais de marketing e dos funcionários em torno de uma filosofia social fica difícil avançar em termos de gestão. As causas que se querem trabalhar têm de estar inseridas na cultura organizacional da empresa, para que, então, se possa fazer valer os conceitos adquiridos em treinamentos e palestras do grupo.

No entanto, para Andreasen (2002), é de lamentar que os líderes de muitas organizações sem fins lucrativos e das principais agências governamentais não tenham conhecimento sólido das estratégias do marketing social, do seu potencial para a organização e do impacto para a execução dos grandes programas de mudança social. Devido a essa falta de conhecimento, as campanhas promissoras muitas vezes são incapazes de usar abordagens de marketing social ou, quando o fazem, fazem em condições adversas, sem o planejamento adequado.

Sobrepondo o passo acima, o importante é passar para outra etapa, a comunicação externa, essa agora vai depender de tudo que foi conquistado dentro do grupo interno, *o se dar pela causa*, pode ser a maior conquista para se chegar à mudança comportamental desejada frente ao público-externo.

Desenvolver um plano de implementação de marketing social é mais um passo para transformar as estratégias em realidade. O importante é seguir cronogramas, orçamentos, metas, ouvir agentes internos e externos, conseguir a adesão do grupo de planejamento de marketing de toda a organização.

Nesse plano, a questão das informações vindas do público beneficiado tem de merecer uma importância especial, pois ouvir a população sobre seus desejos e necessidades e conhecer o perfil do mercado-alvo no qual se quer trabalhar são de fundamental importância para traçar as estratégias. Pesquisar e monitorar resultados em marketing social é algo primordial para alcançar resultados positivos em um plano de manutenção do comportamento.

Depois de ouvir os interessados, é preciso encontrar tecnologias que possam melhorar e manter as relações entre o público escolhido e as estratégias adotadas. Criar setores de gestão inteligente é um passo importante na organização, estratégia, planejamento, definição de metas, monitoramento de indicadores e validação dos processos desenvolvidos, ou seja, as ferramentas tecnológicas tendem a ser aliadas às estratégias de gestão no marketing social.

Marketing social é uma troca de valores, ao contrário do que acontece em relação às trocas comerciais, em que os consumidores recebem um produto ou serviço para um desembolso de caixa. O campo da tentativa do marketing social deve influenciar o comportamento voluntário, oferecendo ou reforçando os incentivos e / ou consequências em um ambiente que convida à troca mutua voluntária entre as pessoas.

No quadro 6, apresenta-se um resumo do plano de marketing social da Fundação PROPAZ, elaborado para reduzir a violência e a desigualdade social no Pará em 2013, e que inclui uma análise de SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*) da situação, o perfil do público alvo, as metas e objetivos, as barreiras, motivações e comportamentos rivais. Em seguida, são apresentados: uma estratégia do mix de marketing social, um plano de avaliação dos resultados do programa e o orçamento necessário.

Quadro 6 - Resumo do plano de marketing social da Fundação PROPAZ para reduzir a violência e a desigualdade social no Pará em 2013

<b>Histórico, propósito e foco da Fundação PROPAZ</b>
O propósito da Fundação PROPAZ é propagar a construção coletiva da Cultura de Paz para reduzir os índices de violência contra crianças e adolescentes e suas famílias no Pará, atendendo pessoas com vulnerabilidade social, especialmente mulheres vítimas de violência. O foco de atuação: escolas, comunidades, organizações dentre outras.
<b>Análise SWOT</b>
<p><b>Pontos fortes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Projeto ligado direto ao poder executivo;</li> <li>✓ Projeto tem forte apelo popular;</li> <li>✓ Orçamento dividido entre as secretarias;</li> <li>✓ Aumento dos casos de violência contra crianças e adolescentes, facilita a interlocução com o público-alvo;</li> <li>✓ Filha do governador gerencia o programa;</li> <li>✓ Articulação entre os poderes instituídos e as secretarias de Estado.</li> </ul> <p><b>Pontos fracos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Limitações de pessoal, principalmente da equipe técnica;</li> <li>✓ Pouco ou nenhum conhecimento da equipe sobre o marketing social;</li> <li>✓ Execução do orçamento dependendo de secretarias do Estado; Planejamento estratégico quase inexistente;</li> <li>✓ Falta de empenho de outras secretarias do governo;</li> <li>✓ A filha do governador gerenciar o programa gera ciúmes de outras secretarias;</li> <li>✓ Falta de preparo dos policiais para lidar com situações que exigem a segurança do cidadão;</li> <li>✓ Número de funcionários insuficiente para gerir o Programa.</li> </ul>

Quadro 6 - Resumo do plano de marketing social da Fundação PROPAZ para reduzir a violência e a desigualdade social no Pará em 2013 (Continuação)

<b>Análise SWOT</b>
<p><b>Oportunidades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Apoio direto do Governo do Pará;</li><li>✓ Consciência da sociedade em geral em torno de uma causa;</li><li>✓ União de forças políticas no Pará em torno do projeto;</li><li>✓ Projeto busca parcerias internacionais para o seu fortalecimento.</li></ul> <p><b>Ameaças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Forte oposição política dentro do Estado;</li><li>✓ Economia brasileira estagnada;</li><li>✓ O Governo federal não é aliado político;</li><li>✓ Programas de televisão rivais ao programa PROPAZ criticam os seus resultados;</li><li>✓ Forte sensação de insegurança sentida pela população paraense;</li><li>✓ Altos índices de violência registrados, principalmente, envolvendo jovens.</li></ul>
<b>Perfil do público alvo</b>
<p>Pessoas em situação de vulnerabilidade social especificamente mulheres, crianças, jovens e suas famílias que sofreram algum tipo de violência ou não tiveram informações sobre os valores referentes à Cultura de Paz ou, então, não receberam serviços adequados na área da saúde.</p>
<b>Objetivos e metas da Fundação PROPAZ</b>
<p><b>Objetivos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Reduzir os índices de criminalidade entre os jovens em situação de risco no Pará.</li><li>✓ Reduzir os crimes de violência sexual e violência física entre mulheres e crianças no Estado do Pará.</li><li>✓ Aumentar a sensibilização dos conceitos da cultura e paz entre os jovens nas escolas públicas do Pará.</li><li>✓ Atender a população mais carente de serviços básicos de saúde e cidadania como, por exemplo, oftalmologia, consultas médicas em geral certidão de nascimento, registro de identidade, entre outros.</li></ul> <p><b>Metas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ O indicador do ano de 2010 da taxa de homicídios por 100 mil envolvendo jovens de 12 a 29 anos no Pará foi 52,59. A meta para 2014 é reduzir este dado para 45,09.</li><li>✓ O indicador de incremento de pessoas atendidas pelo programa PRO PAZ por uma cultura de paz apurado em 2013 foi de 13%. A meta para 2014 é aumentar este percentual para 15%.</li><li>✓ O indicador de variação de casos de abusos sexuais envolvendo crianças e adolescentes no Pará apurado em 2013 foi de 19,4%. A meta para 2014 é de 12,2%.</li></ul>

Quadro 6 - Resumo do plano de marketing social da Fundação PROPAZ para reduzir a violência e a desigualdade social no Pará em 2013 (Continuação)

<b>Barreiras</b>
<p><i>As barreiras percebidas estão nas demandas sociais reprimidas em relação ao povo que está em condições de vulnerabilidade social, como por exemplo:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A falta de serviços básicos na saúde, educação, emprego e renda;</li> <li>✓ A falta de financiamento e recursos públicos;</li> <li>✓ A gestão ineficiente de recursos públicos;</li> <li>✓ A falta de capacidade da equipe técnica do Programa;</li> <li>✓ A lentidão da justiça brasileira.</li> </ul>
<b>Fatores Motivadores</b>
<p><i>Os motivadores em potencial incluem:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A Cultura de paz nas famílias e na sociedade em geral como redutor da violência;</li> <li>✓ Crianças retiradas do mundo crime e das drogas;</li> <li>✓ Casos de violência investigados e as vítimas com resposta do Estado;</li> <li>✓ Pessoas atendidas e a cidadania resgatada;</li> <li>✓ Atenção à humanização dos serviços da saúde;</li> <li>✓ Educação como fator de qualificação para o mercado de trabalho e formação da cidadania.</li> </ul>
<b>Comportamentos rivais</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Rivais políticos fazendo oposição em programas de TV, jornal e rádio;</li> <li>✓ Reagir à sensação de insegurança em relação aos altos índices de violência urbana;</li> <li>✓ Algumas mídias sociais fazem críticas às ações do programa e as chamam de eleitoreira.</li> </ul>
<b>Estratégia do Mix de Marketing Social (4P's)</b>
<p><b>Produto:</b></p> <p><i>Básico:</i> Prevenção da violência gerada contra crianças, adolescentes e suas famílias;  <i>Real:</i> Palestra envolvendo cultura de paz, ética e cidadania, formação de agentes do Estado e atividades de arte, cultura, esporte e lazer;</p> <p><i>Ampliado:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Centro de atendimento “polos PROPAZ nos Bairros”</li> <li>✓ Escolas de referência do PROPAZ Escola;</li> <li>✓ Núcleo de atendimento PROPAZ Integrado.</li> </ul> <p><b>Preço:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A mídia tem um orçamento anual para desenvolver estratégias de posicionamento para atingir o público-alvo.</li> </ul> <p><b>Praça:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A área de logística é desenvolvida para que as ações possam ser planejadas, levando em consideração tempo, meio empregado, preço dos produtos de forma a não comprometer os projetos.</li> </ul>

Quadro 6 - Resumo do plano de marketing social da Fundação PROPAZ para reduzir a violência e a desigualdade social no Pará em 2013 (Continuação)

<b>Estratégia do Mix de Marketing Social (4P's)</b>
<p><b>Promoção:</b></p> <p>Alguns fatores importantes para a escolha dos tipos de veículos a serem vinculados na mídia social são:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Objetivos e metas de sua campanha;</li><li>✓ Alcance desejado e frequência;</li><li>✓ Público-alvo;</li><li>✓ Localização correta;</li><li>✓ Estando no local caso algo possa acontecer;</li><li>✓ Fazendo a diferença entre vantagens e desvantagens dos tipos de mídias que vai ser usado;</li><li>✓ O orçamento físico financeiro das campanhas.</li><li>✓ As mídias mais usadas na distribuição são folders, outdoors, TV, rádio, mídias sociais.</li></ul>
<b>Plano de avaliação</b>
<p><b>Propósito e público para a avaliação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ A avaliação do programa será feito através de pesquisas secundárias e primárias para monitorar os indicadores de gestão;</li><li>✓ A equipe de marketing social usará resultados de avaliação para determinar a continuação, a melhoria, e expansão dos programas monitorados.</li></ul> <p><b>Medidas de Produção:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Incluem o número de clippings com informações veiculadas a Fundação PROPAZ;</li><li>✓ Número de notícias ou matérias vinculadas na mídia;</li><li>✓ Número de editoriais impressos, quantidade de notícias vinculada sobre a Fundação PROPAZ no ar.</li></ul> <p><b>Medidas de resultados:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Incluem a quantidade de acessos ao site da Fundação PROPAZ, (%) da avaliação dos programas da Fundação PROPAZ, índice de redução dos casos de violência na juventude paraense.</li></ul> <p><b>Como e quando medir:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Pesquisas primárias com questionários pré-definidos e respondidos pelos atendidos na Fundação PROPAZ;</li><li>✓ Monitoramento da mídia local, para verificar as informações positivas e negativas sobre a Fundação;</li><li>✓ Base de dados para monitorar os indicadores de gestão, indicadores de resultados através do cumprimento de metas pré-estabelecidas pela Fundação.</li></ul>

Quadro 6 - Resumo do plano de marketing social da Fundação PROPAZ para reduzir a violência e a desigualdade social no Pará em 2013 (Continuação)

<b>Orçamento</b>		
O orçamento composto pelas ações da Fundação PROPAZ, com base no custeio para o ano de 2013, é de R\$ 22.750.000,00. Todos esses projetos têm apelos sociais muito fortes em sua estrutura.		
AÇÃO	DOTAÇÃO INICIAL (A)	
	CUSTEIO	INVESTIMENTO
PROPAZ Cidadania	4.720.000,00	218.000,00
PROPAZ nos Bairros	4.000.000,00	1.100.000,00
PROPAZ Comunidade	500.000,00	200.000,00
PROPAZ Integrado Criança e Adolescente	1.728.000,00	801.000,00
PROPAZ Integrado Mulher - Recurso Tesouro	1.062.000,00	601.000,00
PROPAZ Integrado Mulher - Convênio	300.000,00	200.000,00
PROPAZ Escola	1.800.000,00	2.200.000,00
PROPAZ Arte e Cultura	1.340.000,00	25.000,00
PROPAZ Mover	900.000,00	0,00
PROPAZ Espaço da Juventude	1.000.000,00	1.000.000,00
PROPAZ Esporte e Lazer	600.000,00	2.500.000,00
PROPAZ Encontro da Juventude	400.000,00	0,00
Implantação de Espaços PROPAZ	300.000,00	500.000,00
PROPAZ Jovem Trabalhador - Recurso Tesouro	500.000,00	0,00
PROPAZ Jovem Trabalhador - Convênios	2.000.000,00	0,00
Das Ações Administrativas	1.600.000,00	300.000,00
<b>Total Geral /Fundação PROPAZ</b>	<b>22.750.000,00</b>	<b>9.645.000,00</b>





## **CAPÍTULO 4**

### **MODELO TEÓRICO A PARTIR DAS CONDUTAS DESVIANTES NA JUVENTUDE DA RMB**

Para a construção do modelo teórico a partir da variável conduta desviante, foram necessárias várias análises, baseadas em autores brasileiros e internacionais, que combinaram os modelos de equações estruturais com as condutas antissociais e delitivas, hábitos e atitudes de lazer, sentimento anômico, dinâmica familiar, entre outras variáveis.

#### **4.1 ANALISANDO AS CONDUTAS DESVIANTES A PARTIR DO REFERENCIAL TEÓRICO PESQUISADO ENTRE AUTORES SELECIONADOS**

Para dar um enquadramento confiável ao estudo, foi realizada pesquisa literária, a fim de sustentar as hipóteses relacionadas às condutas desviantes em jovens e as variáveis que influenciam esses atos. Esse referencial dará robustez ao trabalho, com o intuito de comprovar os efeitos das variáveis.

As condutas desviantes são responsáveis por grande parte das atitudes violentas que tangenciam as normas sociais e humanas, aparecendo, quase sempre, na fase da adolescência (Formiga e Gouveia, 2005). Não é dada, muitas vezes, a importância devida, podendo levar os jovens, desde a adolescência, à formação de gangues, a práticas de jogos de diversão violentos e de vandalismo, a alto consumo de álcool e de drogas ilícitas e a atitudes não éticas e violentas contra o outro (Formiga e Gouveia, 2005).

Estudos recentes mostram que existe uma relação significativa entre o envolvimento dos adolescentes em comportamentos violentos e certas características do ambiente familiar, problemas relacionados à falta de comunicação ou de expressão inadequada de aceitação, compreensão, de coesão afetiva e de apoio dos pais. Junte-se a isso, a disciplina dos pais com base em controle permissivo ou autoritário, com influência decisiva no comportamento e significativamente relacionada com o comportamento antissocial e delinquentes (Barrera e Li, 1996; Baumrind 1978, 1991; Demaray e Malecki, 2002; Musitu et al., 2007).

A pesquisa sugere que as diferenças de comportamentos violentos são atribuíveis aos contextos familiares, após o controle de desigualdade de renda (Conger et al., 1992; Heimer, 1997).

Os pais podem ter uma influência protetora sobre seus filhos, devido ao seu afeto durante toda a criação. A investigação descobriu práticas parentais positivas, que incluem o

estabelecimento de diretrizes claras, relacionadas ao comportamento positivo e ao monitoramento dos atos - a entrega de consequências justas e consistentes podem agir como um amortecedor, protegendo um adolescente do envolvimento em comportamentos violentos ou delinquentes (Gorman-Smith e Tolan, 2004; Griffin et al., 2000; Henry et al., 2001; Herrenkohl et al., 2003).

Outro estudo concluiu que as famílias desempenham um papel importante na estrutura social e na diretriz de um comportamento adequado (Windle et al., 2010).

Stattin e Kerr (2000) mostra que os adolescentes com maior apego são menos propensos a se envolver em delinquência grave, incluindo o comportamento violento e antissocial na esfera familiar. Crianças com fortes ligações com os pais podem ser mais propensas a relacionar-se e a obedecer em situações adversas, tendo também mais facilidade em se comunicar com seus pais e acompanhá-los em suas decisões.

Outros pesquisadores argumentaram que a supervisão dos pais afeta diretamente o comportamento desviante. As crianças que estão cientes de que estão sendo monitoradas são menos propensas a se envolver em comportamentos desviantes (Griffin et al., 2000), enquanto que as que não são constantemente monitorados, são mais propensas a se envolver em situações violentas (Dishion e McMahon, 1998).

Quando um jovem age com violência, é possível caracterizar as atitudes violentas que podem estar por trás disso, como o uso de drogas e condutas desviantes. Portanto, para identificar os construtos que fazem parte da composição do fenômeno violência, é de fundamental importância analisá-los um a um ou relacioná-los através da convergência entre eles (Elzo, 1999).

As condutas desviantes entre jovens podem ser desmembradas em condutas antissociais e delitivas, fazendo referência ao comportamento transgressor, antiético e social. As condutas antissociais baseiam-se na falta de aplicabilidade das normas sociais vigentes, sendo as regras quebradas, mas não causando danos físicos, somente rompem com algumas atitudes positivas em relação ao comportamento adequado. As condutas delitivas, por sua vez, ferem leis vigentes e enfraquecem os laços de convivência harmônica, pois as atitudes negativas são merecedoras de punição, por serem passíveis de causar danos graves, morais e/ou físicos (Formiga e Diniz, 2011).

Essas duas condutas têm pontos de convergência em relação às interferências nos direitos e deveres das pessoas, ameaçando seu bem estar e a convivência pacífica dos envolvidos. É importante ressaltar que os jovens que apresentam condutas antissociais não, necessariamente, tornam-se delinquentes, mas quando essas atitudes não são freadas, por uma

prática parental responsiva ou por professores exigentes, é grande a probabilidade de converterem-se em conduta delitiva (Formiga e Diniz, 2011).

A adaptação comportamental dos adolescentes e o desenvolvimento do comportamento desviante têm mostrado que as condições encontradas no indivíduo, na família, na escola e na comunidade, bem como suas interações, podem influenciar na probabilidade de envolvimento em atividades de risco. Assim, argumenta-se que os fatores de risco presentes em jovens têm maior probabilidade do envolvimento em comportamentos ofensivos (McCord et al., 2001).

O comportamento antissocial de alguns adolescentes é considerado temporário e situacional: depende do meio, da fase e do estilo de vida. Mas, uma minoria de adolescentes têm comportamento antissocial constante e pode persistir até a idade adulta. Em particular, no que diz respeito aos problemas de comportamento, os de comportamento constante, parecem mostrar escalonamento, isto é, progressão de mau comportamento a mais grave e, por fim, criminosa (Pudney, 2002).

Os efeitos psico-farmacológicos provocados por determinadas substâncias, juntamente com a necessidade de dinheiro resultante da dependência de drogas, pode levar a um comportamento antissocial e/ou delinqüente (Goldstein, 1989). Além disso, a continuidade dessas tendências podem ter efeitos em longo prazo, atingindo a idade adulta precocemente (Brook et al., 1996; Lennings et al., 2003).

Longshore et al. (2005) afirma, em sua pesquisa, que o baixo autocontrole está negativamente relacionado a vínculos sociais e à presença de pares desviantes, e está positivamente relacionada à delinquência juvenil. Já Agnew (2001), argumenta que as experiências negativas na escola, a rejeição dos pais e as práticas parentais restritas são fatores potenciais para o comportamento violento dos jovens. Ambos os ambientes, escolar e doméstico, desempenham um papel importante na delinquência juvenil, incluindo as influências negativas de pares, falta de apego ao pessoal da escola (professores, amigos da escola, funcionários da escola, entre outros), desempenho escolar insuficiente e dificuldades cognitivas de aprendizagem (Taylor e Lopez, 2005). Portanto, o ambiente escolar influencia fortemente no estado emocional e afetivo dos adolescentes (Caldwell et al., 2007).

#### 4.2 CASOS ESTUDADOS QUE SERVIRAM DE BASE PARA A CONSTRUÇÃO DO MODELO TEÓRICO

O estudo de Ben-David e Goldberg (2008) analisou 123 criminosos em prisões israelenses. Desses, 47 envolvidos em crimes sexuais (SO), selecionados a partir de uma lista

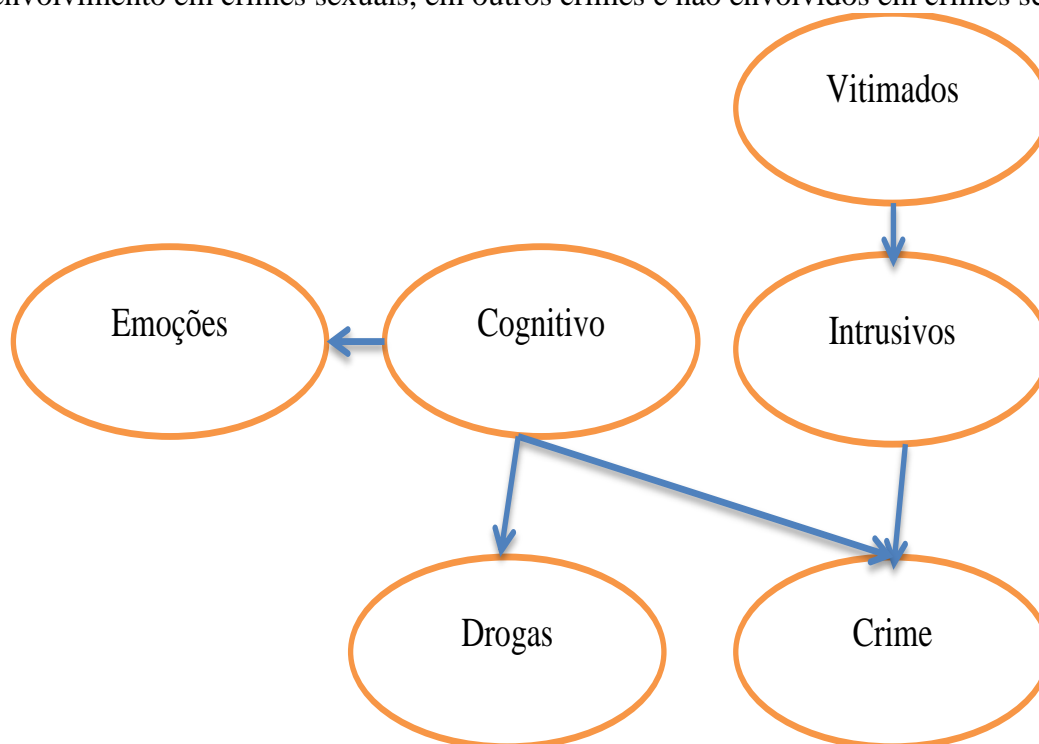
fornecida pelo serviço prisional de Israel. Os restantes, 76 eram criminosos não envolvidos em crimes sexuais, divididos em dois grupos: 29 eram criminosos muito violentos (VO) e 49 envolvidos em crimes diversos (MO).

Os resultados indicaram diferenças significativas de idade entre os três grupos de criminosos: ( $p < 0,05$ ), onde SO (agressores sexuais) eram mais velhos do que os outros dois grupos, com média de idade de 40 anos, enquanto a idade média de VO (criminosos violentos) foi de 38 e de MO (infratores diversos) foi de 33.

Foram encontradas diferenças entre os grupos de pesquisa em relação ao estado civil, nível de escolaridade e país de origem. No entanto, uma diferença significativa foi observada no número de detenções anteriores ( $p < 0,000$ ): apenas 25,6% do SO tinham prisões anteriores em comparação com 58,6% do VO e 87,2% de MO.

Além disso, a maior parte dos SO serviu no exército. Apenas 21,3% dos SO não serviu no exército em comparação com 27,6% dos VO e 61,7% dos MO ( $p < 0,05$ ). Esse resultado pode sugerir que eles, em essência, não pertencem à subcultura criminosa. Do total de 123 presos analisados, 15,4% relataram abuso sexual e 36,6% indicaram abuso físico. Não houve efeito direto entre o tipo de vitimização e o tipo de ofensa (figura 17).

Figura 17 - Modelo estrutural explicativo das relações entre criminosos presos com envolvimento em crimes sexuais, em outros crimes e não envolvidos em crimes sexuais



Fonte: Ben-David e Goldberg (2008)

Já o modelo proposto por Frías-Armenta e Corral-Verdugo (2013) incluiu 186 adolescentes de duas cidades do México: sendo 94 da cidade de Hermosillo e 92 da cidade de Monterrey. Toda amostra foi formada por hispânicos. Os participantes relataram uma média de idade de 16 anos (DP = 1,2) e um grau médio na escola de 8 anos (DP = 1,6).

Os resultados mostraram que os valores dos coeficientes alphas de Cronbach foram superiores a 0,60, que é o valor mínimo aceitável. As variáveis "Gritando" (M = 2,28, DP = 3,8) e "Palavrões ou xingamentos" (M = 2,01, DP = 2,9) foram os indicadores mais relatados em relação ao abuso infantil. O item "Insultos" (M = 1,4, DP = 2,7), por sua vez, produziu a maior média dos itens a violência entre os pares.

Os adolescentes perceberam o bairro onde moram como "Perigoso", de acordo com sua resposta a esse item (M = 4,66, DP = 3,38), e sua percepção de venda de drogas como "Grave" (M = 4,83, DP = 4,0). "Escapar de casa" (M = 3,44, DP = 3,9), "Problemas com a polícia" (M = 3,29, DP = 3,78), e "Abandonar a escola" (M = 3,11, DP = 3,36) produziram as maiores médias de autorrelato de comportamento antissocial.

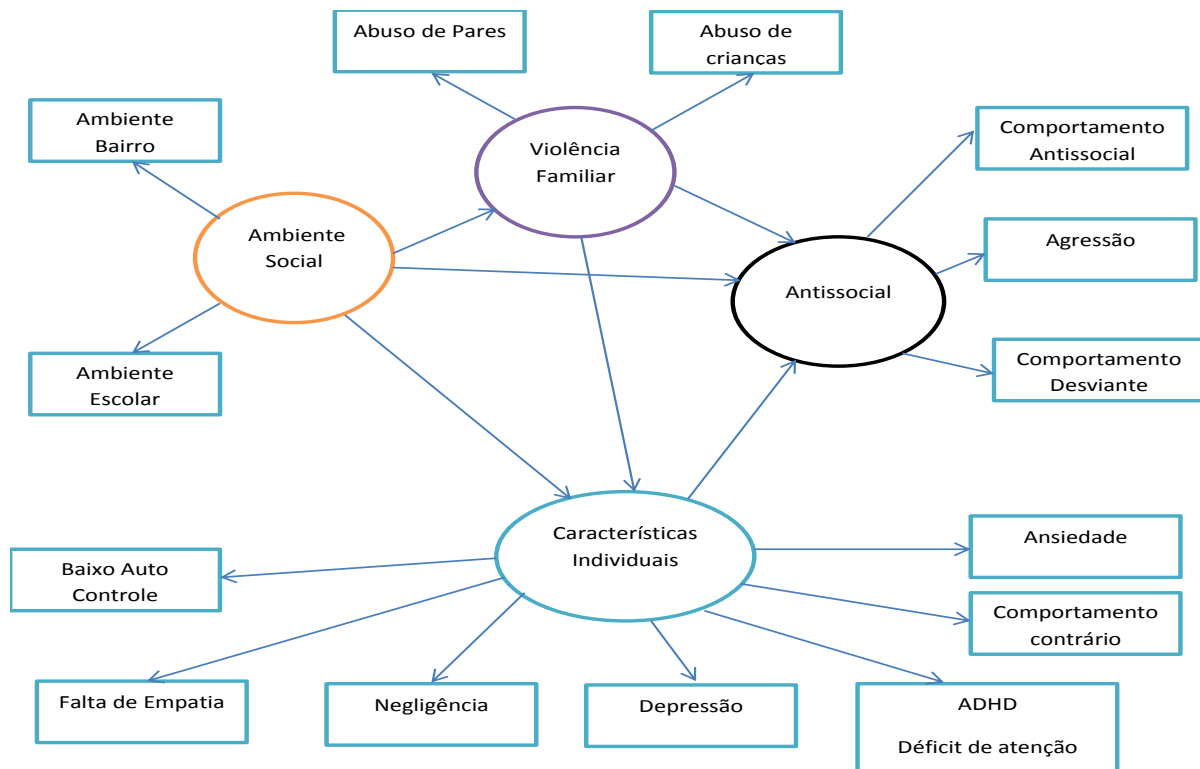
Os comportamentos antissociais mais frequentemente relatados foram: "Fugindo da escola, da casa e trabalho" (M = 2,75, DP = 2,19), "Lutando com as mãos" (M = 2,40, DP = 2,11) e "Responder rudemente aos superiores" (M = 2,18, DP = 2,03). Todos os pesos fatoriais ( $\lambda$ ) identificam os efeitos das variáveis latentes nos indicadores de medida, que são significativos a ( $p < 0,05$ ). Esse foi o caso para as cargas fatoriais do "ambiente social" sobre o "ambiente bairro" ( $\lambda = 0,81$ ) e "ambiente escolar" ( $\lambda = 0,62$ ). O fator "violência familiar" teve efeitos positivos sobre "abuso de crianças" ( $\lambda = 0,67$ ) e "abuso de pares" ( $\lambda = 0,78$ ). Por sua vez, a variável 'características individuais' tiveram efeitos positivos sobre, "baixo autocontrole" ( $\lambda = 0,53$ ), "falta de empatia" ( $\lambda = 0,47$ ), "falta de atenção" ( $\lambda = 0,84$ ), "depressão" ( $\lambda = 0,67$ ), "comportamento de oposição" ( $\lambda = 0,68$ ) "ADHD" (déficit de atenção) ( $\lambda = 0,85$ ) e "ansiedade" ( $\lambda = 0,84$ ).

Os resultados do modelo da figura 18 confirmam que a dimensão antissocial foi diretamente afetada por características individuais dos jovens. Já a violência familiar e os ambientes sociais negativos (escola e bairro), neste caso, tiveram efeitos indiretos sobre comportamentos desviantes dos adolescentes, através de características individuais. O ambiente social negativo por sua vez, teve efeito direto em relação ao nível de violência familiar e as características individuais negativas dos jovens entrevistados, ao passo que a violência familiar teve um impacto sobre as características individuais. Embora esperados efeitos diretos dos ambientes sociais e familiares sobre o fator antissocial, não foram confirmados pelo estudo.

Os resultados foram os seguintes para as escalas:

$X^2= 197,15$ ,  $DF= 71$ ,  $p < 0,001$ ;  $BBNFI =0,90$ ,  $BBNNFI =0,91$ ,  $CFI = 0,93$ ;  $RMSEA= 0,07$ ;  $R^2 =0,67$ .

Figura 18 - Modelo determinante do comportamento antissocial na adolescência



Fonte: Frías-Armenta e Corral-Verdugo (2013)

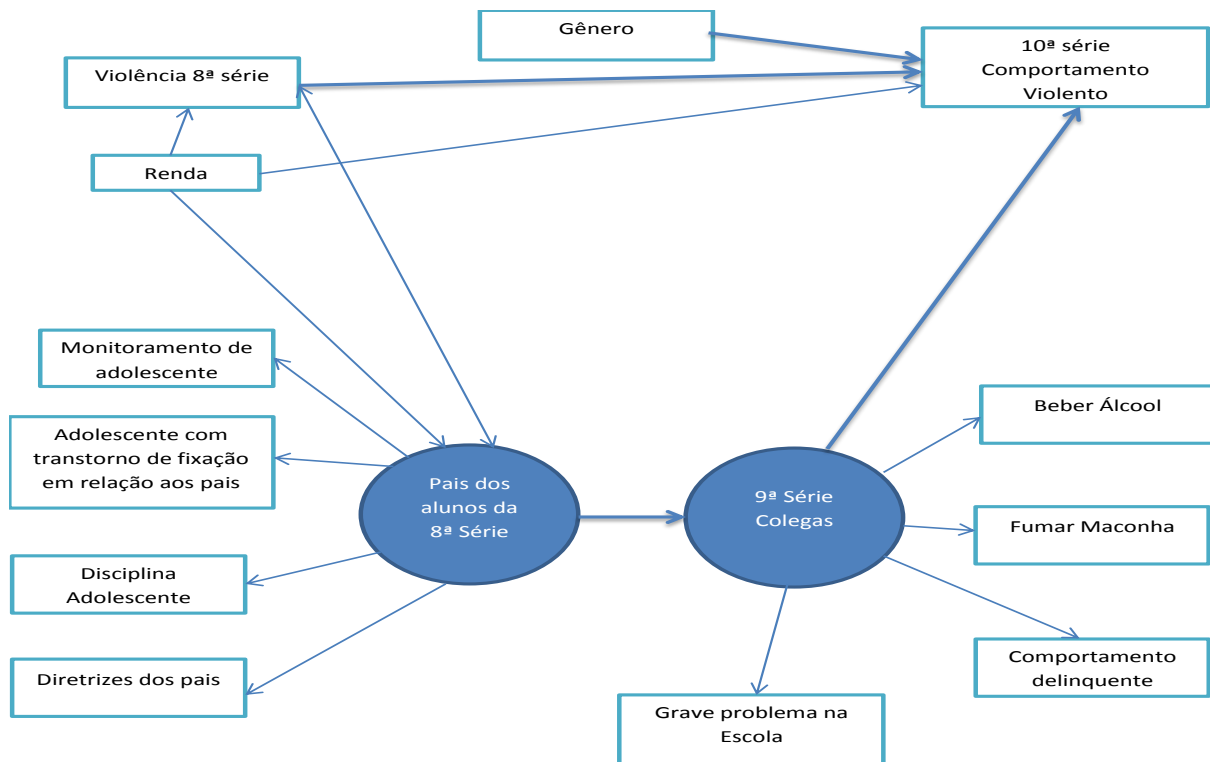
O trabalho de Haggerty et al. (2013) baseou-se em um estudo longitudinal com 331 famílias nos EUA, sendo que metade era composta por negros. O estudo incluiu um ensaio experimental de impacto para intervenção preventiva, com o intuito de reduzir problemas de comportamento.

A amostra foi estratificada por raça e gênero em relação aos adolescentes que frequentavam a escola nas 8ª e 10ª séries, para atender às exigências da metodologia. Para cada grupo foi necessário testar as diferenças raciais. As famílias foram recrutadas com base na informação sobre a raça relatada pelos pais. Os coletores de dados usaram questionários auto-administrados a adolescentes e a seus pais em suas casas, usando computadores portáteis.

Os objetivos buscaram prever se existem diferenças raciais no comportamento violento dos pesquisados. Examinaram-se as correlações bivariadas separadamente para os adolescentes negros e brancos e o baixo apego aos pais mostrou-se significativamente

relacionado à violência para brancos ( $\lambda = -0,21$ ), mas não para os negros ( $\lambda = -0,04$ ). O único efeito significativo para ambos, negros ( $\lambda = 0,22$ ) e brancos ( $\lambda = 0,19$ ), foi o efeito entre comportamentos violentos e os pares que teve problemas na escola. No entanto, uma variedade de diferenças emergiu entre uma série dos preditores para brancos e negros: por exemplo, problemas de pares na escola foi significativo e teve um efeito positivo com beber álcool ( $\lambda = 0,37$ ) e maconha ( $\lambda = 0,41$ ) para brancos, mas não para os negros ( $\lambda = 0,13$  e  $0,14$ , respectivamente), sugerindo que a relação entre preditores pode ser diferente para negros e brancos (figura 19).

Figura 19 - Parentalidade e pares de influências sobre o comportamento violento de grupos de 8ª a 10ª ano



Fonte: Haggerty et al. (2013)

O modelo proposto por Estévez e Emler (2010) relaciona uma amostra selecionada em 2005, nacionalmente representativa por jovens residentes em domicílios na Inglaterra e no País de Gales. Um total de 2.528 participantes (52% meninos e 48% meninas), no início e no meio da adolescência, com idades na faixa de 10 aos 16 anos, foi selecionado aleatoriamente e entrevistado.

O objetivo desse estudo foi analisar a contribuição conjunta de fatores específicos encontrados dentro da família, escola, comunidade e os efeitos que têm sobre os níveis de



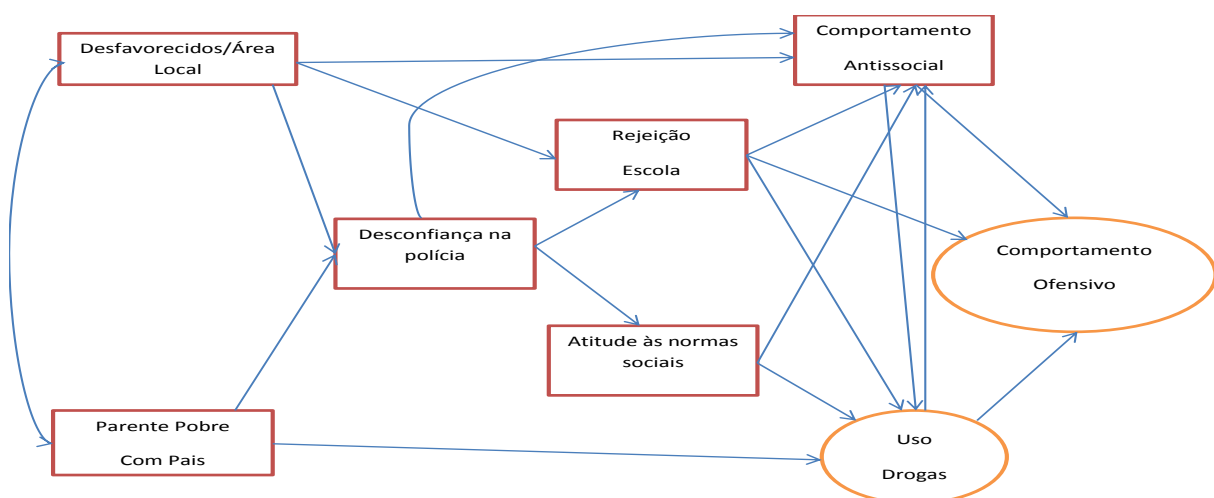
consumo de drogas, comportamento antissocial e comportamento ofensivo em uma amostra de jovens em seus primeiros anos da adolescência.

Nele, analisou-se também, por meio de um modelo de equações estruturais, os padrões de interação e influência entre família, escola e comunidade, fatores associados ao envolvimento em atividades de risco na adolescência e, finalmente, o comportamento dos infratores. Os resultados indicaram que a percepção do adolescente é resultado dos contextos comunitários e que familiares influenciam a forma de suas atitudes em relação aos órgãos institucionais e seus representantes, ou seja, a polícia, a escola e a lei, enquanto essas atitudes estão, por sua vez, intimamente relacionadas com a participação em atividades de risco - uso de drogas e álcool, comportamento antissocial, os crimes contra as pessoas e bens - nesse período da vida.

O modelo gerado forneceu um bom ajuste com os dados que excedem os valores mais conservadores de recomendações:  $\chi^2$  (16,0 e N = 2.528 ) = 91,655 (p <0,000) , CFI = 0,98 , IFI = 0,98 , NFI = 0,97 e RMSEA = 0,04, e foi responsável por 53% da variância explicada no comportamento ofensivo.

O modelo estrutural revelou três caminhos significativos diretos de influência para o comportamento ofensivo dos infratores: comportamento antissocial, que apresentou um efeito positivo ( $\lambda = 0,42$ , p<0,001); uso de drogas ( $\lambda = 0,30$ , p<0,001) e a rejeição para a escola ( $\lambda = 0,13$ , p<0,001). Foi encontrado um efeito direto significativo na variável viver em comunidade carente ou ‘desfavorecidos-área local’ sobre o ‘comportamento antissocial’ ( $\lambda = 0,12$ , p <0,001) (figura 20).

Figura 20 - Modelo de equações estruturais para prever comportamentos ofensivos em adolescente



Fonte: Estévez e Emler (2010)

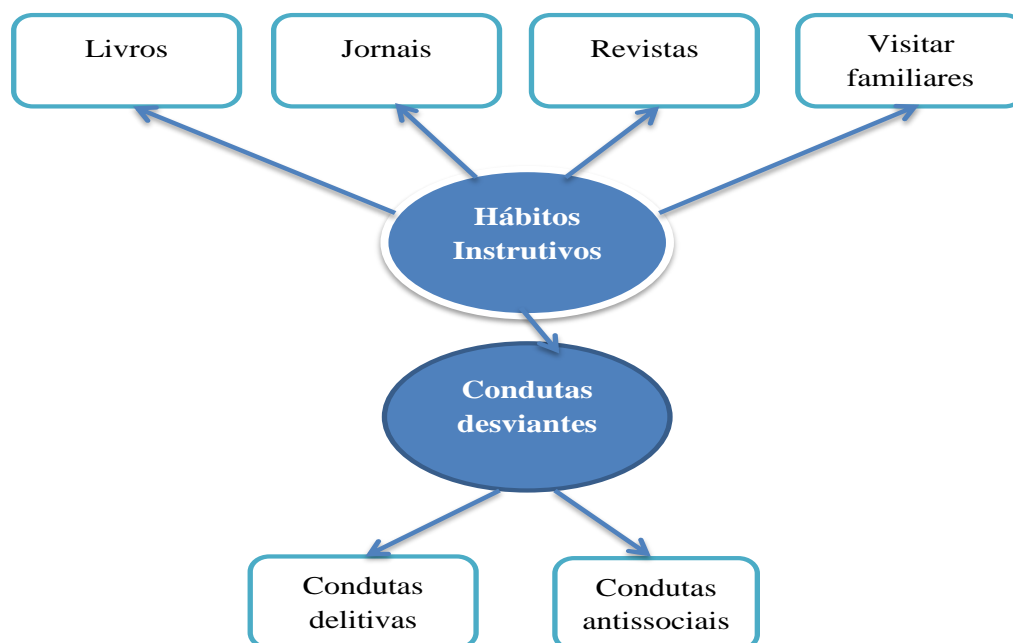
Formiga (2013) analisou 340 jovens na faixa etária de 15 a 20 anos, na rede pública e privada da cidade de João Pessoa, e relacionou as escalas de condutas antissociais e delitivas, com escalas de hábitos de lazer, tendo como resultados indicadores psicométricos consistentes. Para a conduta antissocial, foi encontrado um alpha de Cronbach de 0,86; para a conduta delitiva e delinquente foi de 0,92. Os restantes indicadores de consistência interna estiveram, respectivamente, entre 0,63 a 0,80.

O estudo mostra em primeiro lugar o modelo teórico (causal) que explica as condutas desviantes a partir do construto hábitos de lazer, especificamente, para cada dimensão desses hábitos (por exemplo, hábitos instrutivos, lúdicos e hedonistas).

A Figura 21, a seguir, apresenta o modelo explicativo da conduta desviante (CA-antissocial e CD-delitiva) a partir dos hábitos de lazer instrutivos dos jovens. Os resultados mostram para a escala hábitos de lazer instrutivos indicadores de qualidade de ajuste aceitáveis:  $\chi^2/gl$  (59,08/54) = 0,92, GFI = 0,98, AGFI = 0,95, RMR = 0,02, CFI = 1,00, RMSEA (90%IC) = 0,01 (0,00-0,03) CAIC = 436,32 e ECVI = 0,55 e um efeito negativo dos hábitos instrutivos sobre as condutas desviantes ( $\lambda = -0,26$ ), comprovando as dimensões encontradas previamente por (Formiga e Gouveia, 2005).

A partir de então, o modelo real tomou a seguinte forma:

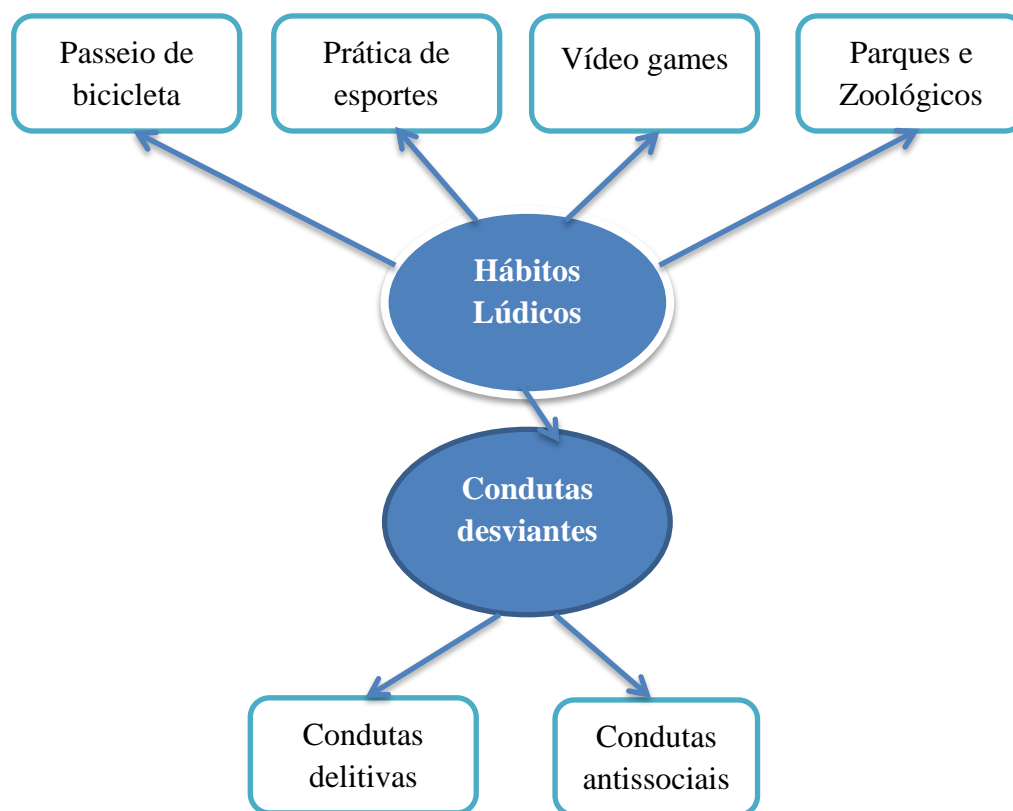
Figura 21- Modelagem para explicação da conduta desviante (antissocial e delitiva) a partir dos hábitos de lazer instrutivos em jovens



Fonte: (Formiga e Gouveia, 2005)

No segundo modelo, e considerando os mesmos parâmetros do modelo anterior, é possível verificar as influências dos hábitos de lazer lúdicos sobre as condutas desviantes, no qual os resultados demonstram um modelo adequado, observando a existência de um efeito negativo e fraco ( $\lambda = -0,007$ ). Assim considerado, realizadas as devidas modificações de ajuste, é possível observar, um modelo adequado, com a seguinte razão estatística:  $\chi^2/gl = 2,96$ , RMR = 0,05, GFI = 0,99, AGFI = 0,97, NFI = 0,97, CFI = 0,99 e RMSEA = 0,05 (0,02-0,08) (figura 22).

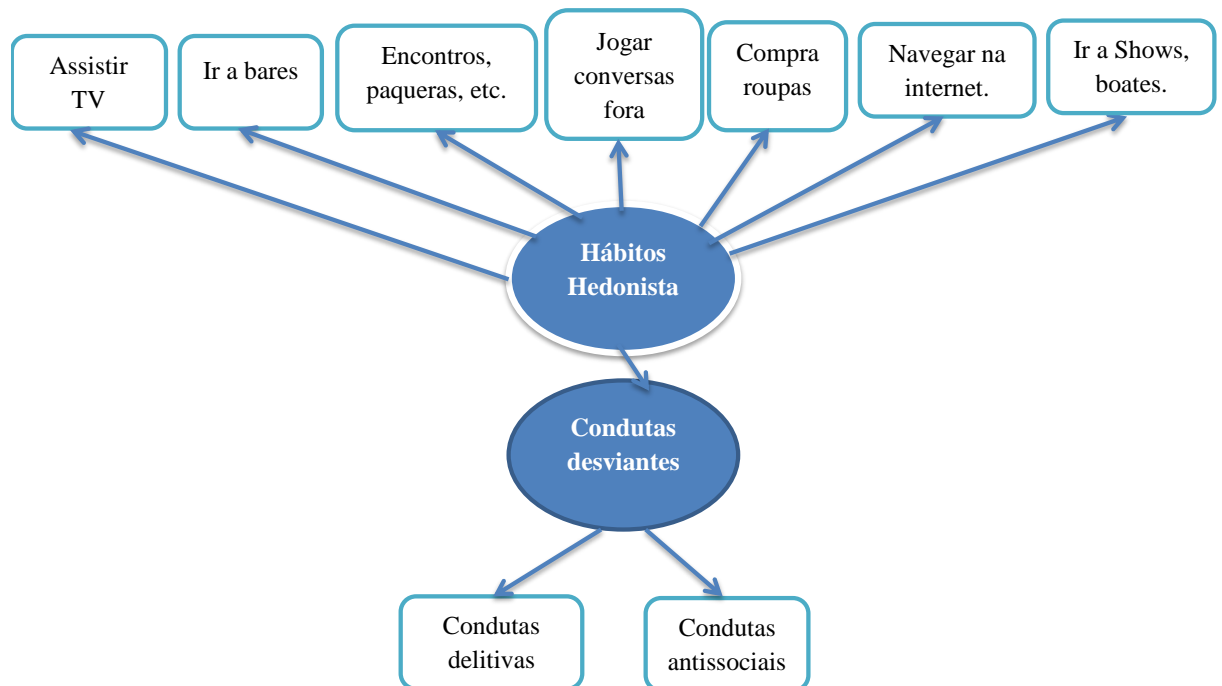
Figura 22 - Modelagem estrutural para explicação da conduta desviante (antissocial e delitiva) dos hábitos de lazer lúdicos em jovens.



Fonte: Formiga et al. (2005)

Já para os hábitos de lazer hedonistas, verifica-se um efeito positivo ( $\lambda = 0,23$ ) entre a variável hábitos de lazer hedonista e suas observadas e as condutas desviantes. Observou-se, a partir das devidas modificações de ajuste, que a variável dos hábitos hedonistas teve um efeito positivo em relação às condutas desviantes, apresentando os seguintes indicadores psicométricos:  $\chi^2/gl = 2,87$ , RMR = 0,06, GFI = 0,98, AGFI = 0,96, NFI = 0,97, CFI = 0,98 e RMSEA = 0,05 (0,04-0,07) (figura 23).

Figura 23 - Modelagem estrutural para explicação da conduta desviante (antissocial e delitiva) dos hábitos de lazer hedonista em jovens



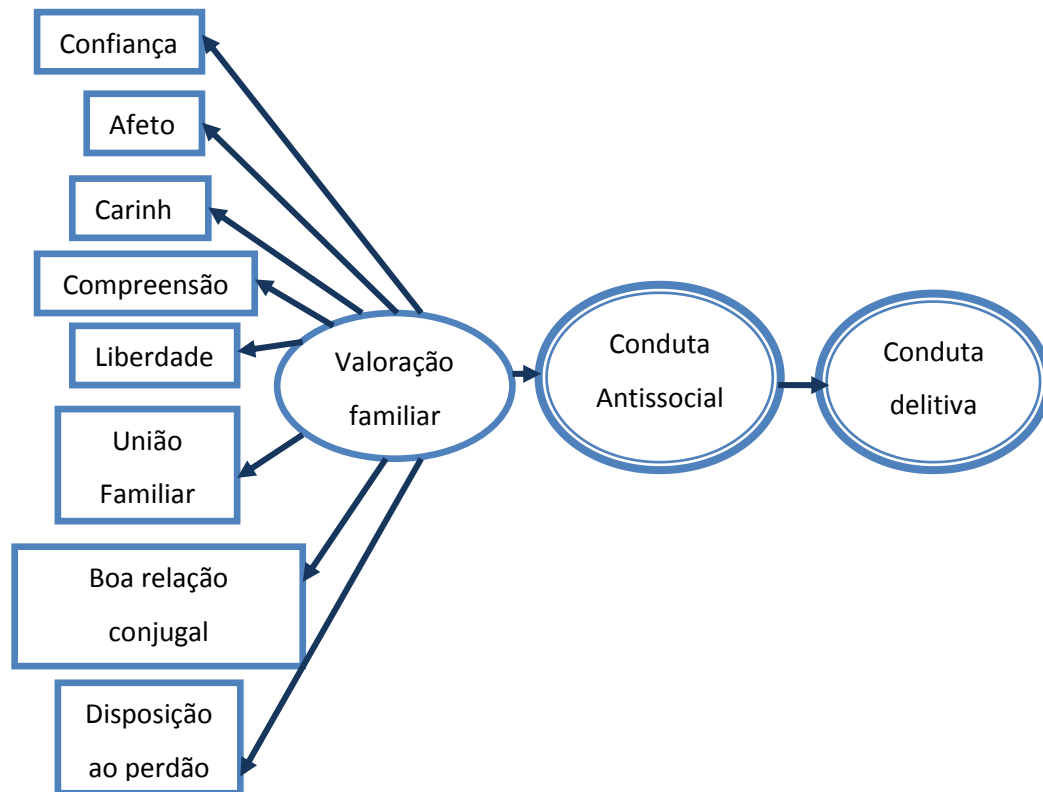
Fonte: Formiga (2011)

Nas análises anteriores foram comprovados os efeitos positivos dos hábitos de lazer sobre as condutas desviantes, especialmente quando se hipotetizou a especificidade de cada hábito de lazer, como lúdico, instrutivo e hedonista. Os dados revelaram resultados que apontam para uma capacidade inibidora ou estimulante em relação às condutas desviantes.

No estudo de Formiga (2011) que analisa os efeitos da valoração familiar sobre as condutas desviantes em jovens, duas amostras compuseram a análise dos efeitos da valoração familiar e as condutas desviantes: uma amostra com 488 jovens, destinada à análise exploratória, e outra com 345 jovens, para a análise confirmatória e modelagem estrutural. Todos os jovens eram dos níveis escolares fundamental e médio, das redes privada e pública de educação da cidade João Pessoa-PB e Palmas-TO, entre 14 e 18 anos e do sexo masculino e feminino.

Para explicar a conduta desviante a partir da valoração familiar, foi gerado um modelo, que após as devidas modificações nos ajustes de erro considerou-se adequado:  $\chi^2/gf = 0,80$ ;  $RMR = 0,02$ ,  $GFi = 0,99$ ;  $AGFi = 0,98$  e  $RMSEA = 0,01$ . Observou-se que o peso da variável valoração da família apresentou um efeito direto negativo em relação às condutas antissociais ( $\lambda = -0,23$ ) e um efeito indireto positivo em relação as condutas delitivas ( $\lambda = 0,57$ ) (figura 24).

Figura 24 - Modelo para explicação das condutas desviantes a partir da valoração familiar em jovens



Fonte: Formiga (2011)

Outro estudo elaborado por Formiga (2012) analisou o efeito do sentimento anômico sobre as condutas desviantes em jovens. Foram pesquisados 235 jovens, com idades entre 13 e 20 anos, das redes de educação pública e privada da cidade de João Pessoa-PB, que responderam à escala de sentimento de estar à margem da sociedade (anomia) e à escala de condutas antissociais e delitivas.

Para Durkheim (1895), a anomia refere-se a um problema de controle social. Nesse caso, os valores se tornam ausentes ou surgem em determinada sociedade que experimenta e passa a viver na dinâmica de suas relações interpessoais - em relação ao reconhecimento da ausência de referência das normas e regras sociais, que orientam e regulam o comportamento socialmente desejável do indivíduo e instituições. A existência da anomia no indivíduo torna ineficaz o poder regulador que as normas sociais e instituições de controle têm sobre os comportamentos humanos e sociais, sendo incapaz de promover coesão da sociedade.

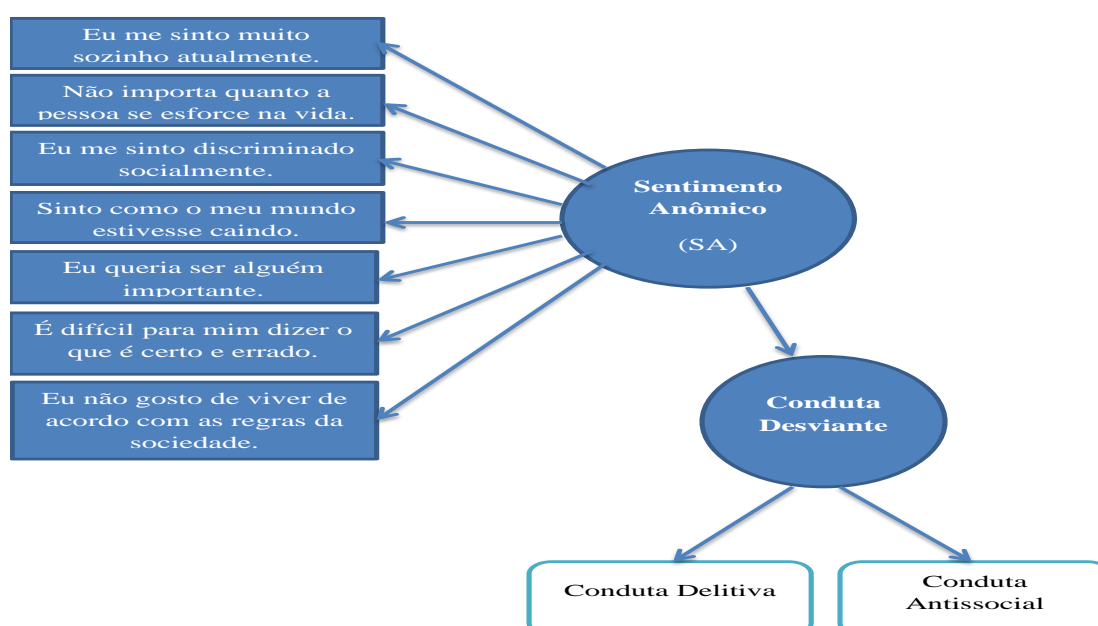
Em uma perspectiva da anomia psicológica estudada por Travis (1993), a escala é composta por sete itens que procuram avaliar o quanto as pessoas sentem sofrer uma exclusão social ou sentimento anômico. Por exemplo: “Eu me sinto muito sozinho atualmente” (SA

01); “Não importa o quanto a pessoa se esforce na vida, isso não faz diferença” (SA 02); “Eu me sinto discriminado socialmente” (SA 03); “Sinto como se meu mundo estivesse caindo” (SA 04); “Eu queria ser alguém importante” (SA 05); “É difícil para mim dizer o que é certo e errado atualmente” (SA 06); “Eu não gosto de viver de acordo com as regras da sociedade” (SA 07). O objetivo é mensurar o quanto o sujeito sente que está à margem da sociedade em relação à realização de seus objetivos, isto é, o quanto ele se sente socialmente excluído.

O sentimento anômico refere-se a um sentimento individual de quebra ou debilidade dos padrões sociais, acompanhado por sensações de insegurança e marginalização, desequilíbrio entre metas e normas, expectativas descontroladas e questionamento da legitimidade dos valores sociais (Formiga, 2012). O desvio poderá ocorrer não somente na manifestação de uma experiência de vazio social, mas também de que o adolescente precisa assimilar e reconhecer os valores dos outros, a fim de que sua dignidade se afirme, não colocando à margem do seu desenvolvimento social e psicológico sua condição de ser criativo e espontâneo.

Os resultados foram satisfatórios com as devidas modificações nos ajustes de erro, encontrou-se um modelo adequado: ( $\chi^2$  / gl (26,08/27) = 0,97; RMR = 0,05; GFI = 0,98; AGFI = 0,96; CFI = 1,00, RMSEA = 0,01 (0,00-0,05). Observou-se que o peso da variável considerada sobre o sentimento de estar à margem da sociedade apresentou um escore positivo ( $\lambda = 0,36$ ) quando relaciona com as condutas desviantes (figura 25).

Figura 25 - Modelo explicativo da conduta antissocial e delitiva a partir do sentimento de estar à margem da sociedade



Fonte: Formiga (2012)

O valor que uma conduta social positiva pode exercer é importante para estabelecer comportamentos adequados frente às normas sociais. Não somente o ideal, mas o real para a relação indivíduo-sociedade, a partir de um movimento humano que possa ocorrer dentro da própria família, com o objetivo de integrá-los, e possibilitar um constante retorno às soluções de conflitos que coloquem a harmonia psicológica e social em crise.

#### 4.3 MODELO CONCEITUAL EXPLICATIVO DAS CONDUTAS DESVIANTES DE JOVENS DA RMB

Devido ao bom desempenho dos resultados dos estudos acima citados, optou-se pelo uso das mesmas variáveis para a composição do modelo explicativo das condutas desviantes e, ainda, de outras variáveis que foram testadas em modelos anteriores. Portanto, é possível propor um modelo teórico global hipotético, gerado por essas dimensões estudadas, com relações entre as variáveis e hipóteses adequadas, a testar para cada efeito (figura 26).

O modelo teórico apresentado abaixo tem sua origem no referencial teórico que foi pesquisado neste estudo, em relação aos seguintes autores: Seisdodos (1998); Travis (1993); Formiga e Gouveia (2003); Formiga et al. (2003); Formiga (2004); Formiga e Gouveia (2005); Formiga (2010), Formiga (2011); Formiga e Diniz (2011), entre outros.

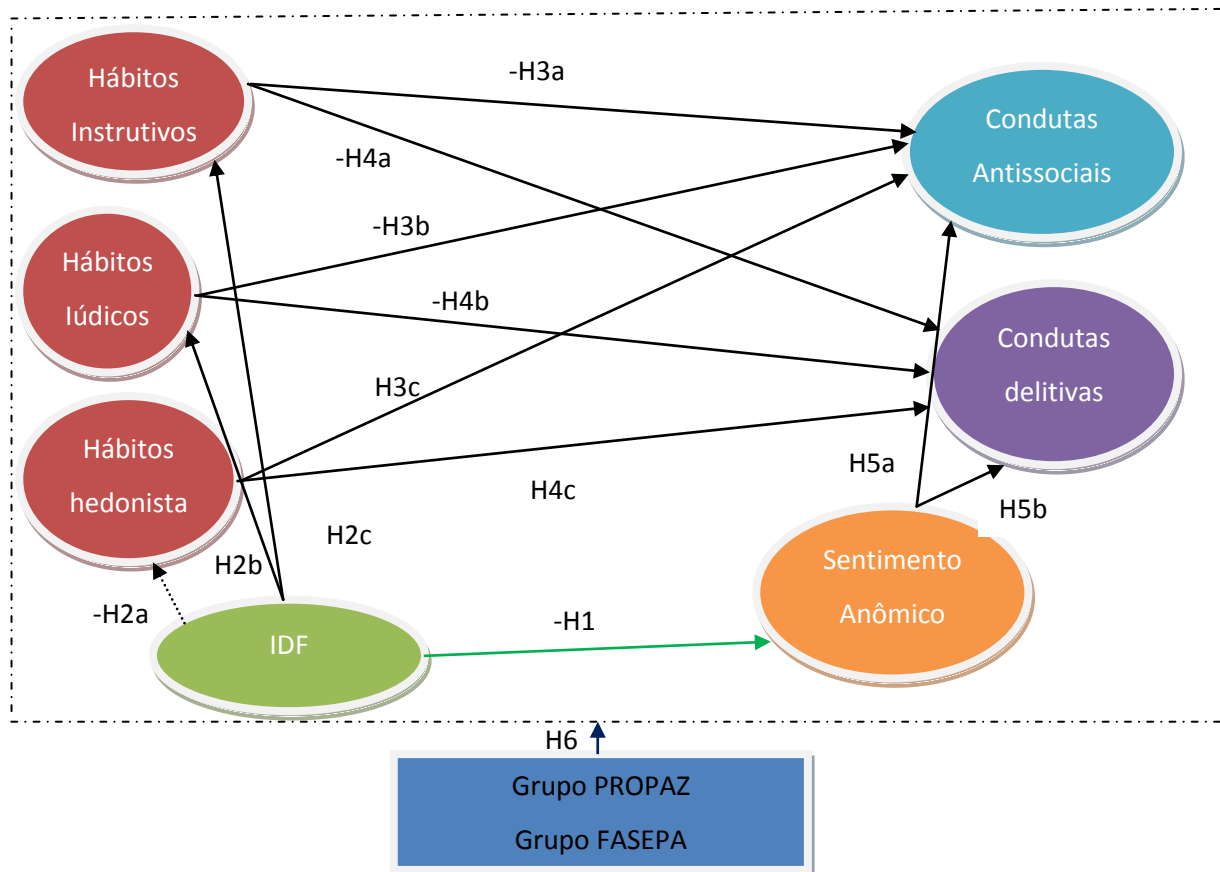
Outro ponto importante para este modelo reúne uma inovação holística, ou seja, um conjunto de relações que devem embasar ações de correções no trato preventivo, nos relacionamentos com o outro, nas atitudes em família e na sua conduta moral do jovem em situação de risco. Os resultados destes efeitos devem deixar um legado que impactarão de forma decisiva nas ações de marketing social e gestão social de instituições que trabalham para reduzir às violências.

A partir da análise da revisão literária, construiu-se o modelo conceitual, que se apresenta na figura 26, a seguir. Ele reflete as relações entre os construtos, que permitiram formular as hipóteses seguintes (quadro 7):

Quadro 7 - Hipóteses de investigação

Hipóteses de Investigação
H1: Há um efeito negativo da valoração familiar (IDF) sobre sentimento anômico.
H2a: Há um efeito negativo da valoração familiar sobre os hábitos hedonistas.
H2b: Há um efeito positivo da valoração familiar sobre os hábitos lúdicos.
H2c: Há um efeito positivo da valoração familiar sobre os hábitos instrutivos.
H3a: Há um efeito negativo dos hábitos instrutivos sobre as condutas antissociais.
H3b: Há um efeito negativo dos hábitos lúdicos sobre as condutas antissociais.
H3c: Há um efeito positivo dos hábitos hedonistas sobre as condutas antissociais.
H4a: Há um efeito negativo dos hábitos instrutivos sobre as condutas delitivas.
H4b: Há um efeito negativo dos hábitos lúdicos sobre as condutas delitivas.
H4c: Há um efeito positivo dos hábitos hedonistas sobre as condutas delitivas.
H5a: Há um efeito positivo do sentimento anômico sobre as condutas antissociais.
H5b: Há um efeito positivo do sentimento anômico sobre as condutas delitivas.
H6: Há diferença entre as condutas desviantes dos jovens que frequentam o programa PROPAZ e os que cumprem medidas socioeducativas na FASEPA.

Figura 26 - Modelo estrutural teórico de condutas desviantes



Nos quadros e figuras seguintes, são apresentados os modelos de medida de cada variável latente incluída no modelo estrutural aplicadas aos usuários do PROPAZ e FASEPA na RMB, além de uma descrição de cada variável observada:

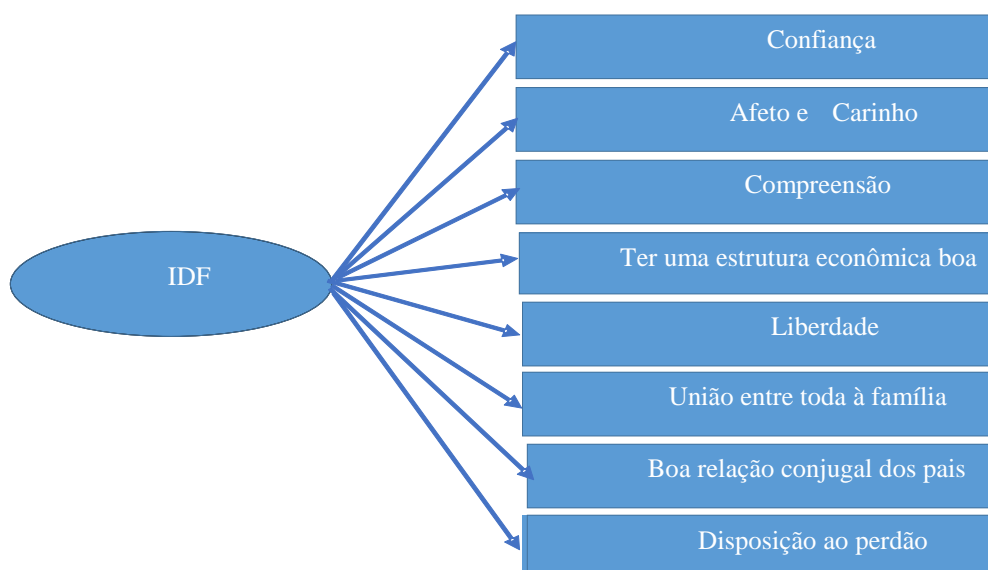


- IDF (Indicadores da valoração familiar). Diz respeito à avaliação do entorno intra e inter-familiar e ao processo de socialização, responsável pela formação valorativa das pessoas da família e que podem ser capazes de transmitir, tanto dentro quanto fora dessa instituição (a família) o valor de uma conduta social convergente às normas sociais, não somente em relação ao ideal, mas ao real da conduta na relação indivíduo-sociedade. Nessa avaliação, a dinâmica da família pode ser avaliada através da atribuição sentimental e atitudinal indicada pelo respondente sobre a valoração de categorias consideradas importantes para a manutenção da estrutura e funcionalidade da harmonia familiar, como: confiança, afeto e carinho, ter uma estrutura econômica boa, liberdade, união entre toda a família, boa relação conjugal entre os pais e disposição ao perdão (Formiga, 2004; Formiga, 2011).

Quadro 8 - Indicadores da valoração familiar (IDF)

Código da variável	Significado
IDF1	Confiança
IDF2	Afeto e Carinho
IDF3	Compreensão
IDF4	Ter uma estrutura econômica boa
IDF5	Liberdade
IDF6	União entre toda a família
IDF7	Boa relação conjugal com os pais
IDF8	Disposição ao perdão

Figura 27 - Modelo de medida da valoração familiar (IDF)

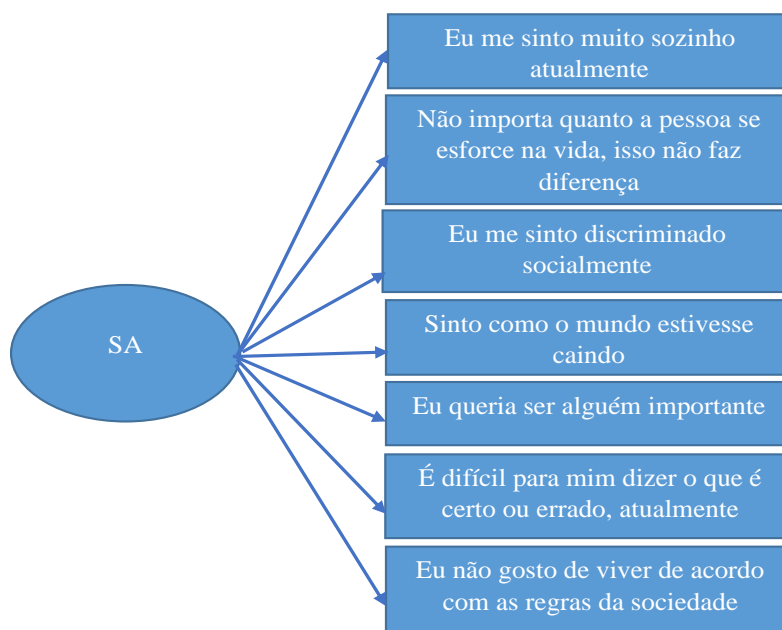


- ESA (Escala de Sentimento Anômico). Medida que tem como objetivo avaliar o quanto o sujeito sente que está à margem da sociedade em relação à realização de seus objetivos, isto é, o quanto ele se sente socialmente excluído. O sentimento anômico refere-se a um sentimento individual de quebra ou debilidade dos padrões sociais, acompanhado por sensações de insegurança e marginalização, desequilíbrio entre metas e normas, expectativas descontroladas e questionamentos da legitimidade dos valores sociais (Omar et al., 2005; Formiga e Diniz, 2011). Nessa escala também foi observado que um dos itens deveria ser excluído, condição essa que foi efetuada, sendo gerado um novo cálculo, que não revelou muitas diferenças entre os indicadores estatísticos. Porém, por motivo de parcimônia científica, optou-se por deixar a estrutura fatorial reduzida.

Quadro 9 - Indicadores do sentimento anômico (SA)

Código da variável	Significado
SA1	Eu me sinto muito sozinho atualmente.
SA2	Não importa quanto a pessoa se esforce na vida, isso não faz diferença.
SA3	Eu me sinto discriminado socialmente.
SA4	Sinto como o meu mundo estivesse caindo.
SA5	Eu queria ser alguém importante.
SA6	É difícil para mim dizer o que é certo e errado, atualmente.
SA7	Eu não gosto de viver de acordo com as regras da sociedade.

Figura 28 - Modelo de medida do Sentimento anômico (SA)



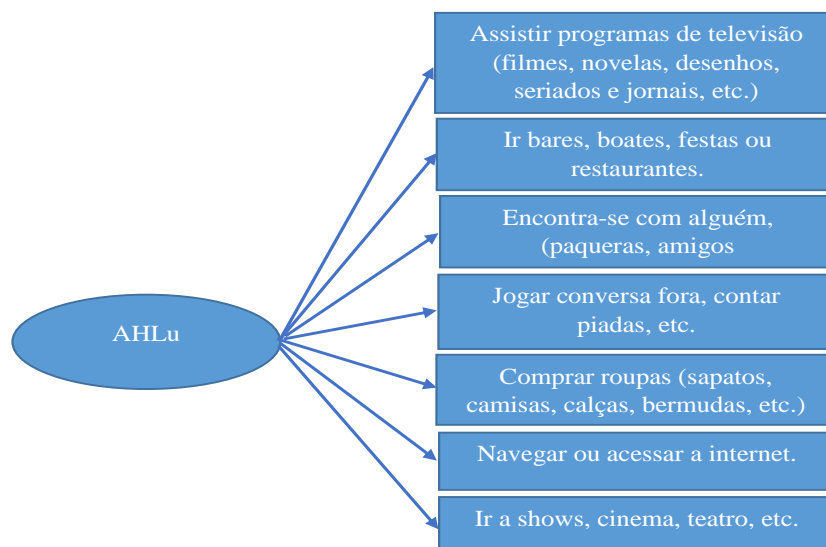
- EAHL (Escala das Atividades dos Hábitos de Lazer). Refere-se à disposição que o jovem tem ao repetir uma atitude com fins de distração ou entretenimento, quando já cumpriu todas as suas responsabilidades familiares ou não, disposições essas influenciadas seja por ordem de alguém (pais ou responsáveis), seja por sua própria iniciativa. Ela é representada por:

- lazer lúdico, referente à utilização de jogos, passeios e divertimentos em geral, apresentando um caráter instrumental do hábito. Trata-se de um agir da diversão, podendo ser experimentado sozinho ou em grupo, sendo capaz de gerar uma socialização com outros, mesmo sendo uma prática individualizada, a exemplo de praticar esporte e passear de bicicleta, patins, skate, etc., jogar *video games* ou jogos de ação e aventura, ir ao jardim zoológico, reservas ecológicas, etc., ao serem criadas condições de relacionamento com outras;

Quadro 10 - Indicadores de medida dos hábitos de lazer lúdicos (AHLu)

Código da variável	Significado
Variável	Hábitos Lúdicos
AHLu8	Passear de bicicleta, patins, skate, etc.
AHLu9	Jogar vídeo game ou jogos de ação e aventura.
AHLu10	Praticar esportes (basquete, futebol, voleibol, natação, judô etc).
AHLu11	Participar de atividades relacionadas à arte e cultura (dança, música, teatro, etc.).
AHLu12	Ir ao museu, bosque, parque ecológico, etc.
AHLu13	Participar de oficinas e cursos de formação (artesanato, pintura, desenho etc.).

Figura 29 - Modelo de medida dos hábitos de lazer lúdicos (AHLu)

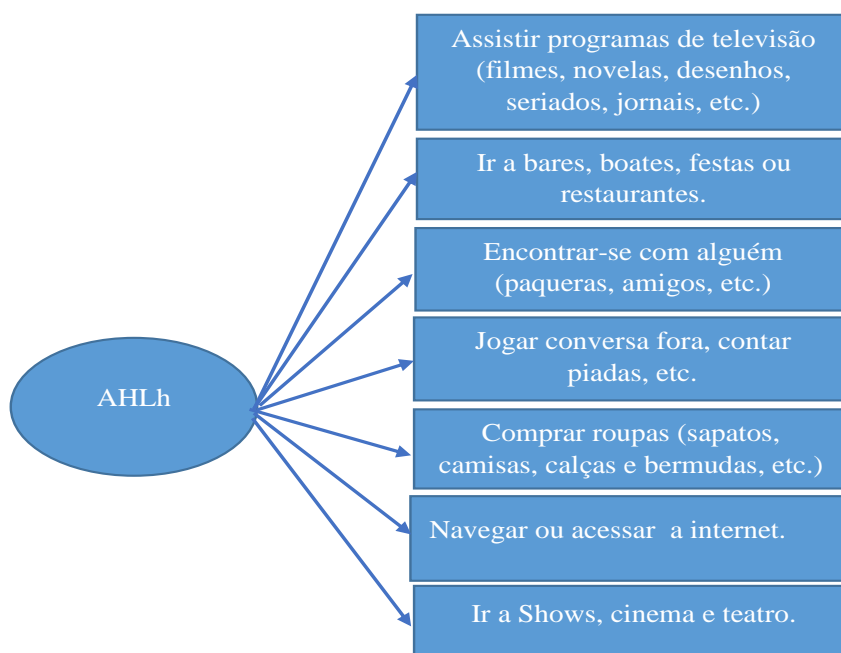


- lazer hedonista, atribuídos aos hábitos que assumem uma característica de consumo, enfatizando prazer individual e imediato como único bem possível do indivíduo para que alcance, unicamente, seu próprio prazer, composto pelos hábitos de navegar na internet, ir a shows, teatro, encontrar-se com alguém (paquera, amigos, etc.), ir a bares, boates ou restaurantes, assistir a programas de televisão, comprar roupas, jogar conversa fora, contar piadas, etc;

Quadro 11- Indicadores de hábitos de lazer hedonista (AHLh)

<b>Código da variável</b>	<b>Significado</b>
<b>Variável</b>	<b>Hábitos Hedonista</b>
AHLh1	Assistir a programas de televisão (filmes, novelas, desenhos, seriados, jornais etc.).
AHLh2	Ir a bares, boates, festas ou restaurantes.
AHLh3	Encontrar-se com alguém (paquera, amigos, etc.) .
AHLh4	Jogar conversa fora, contar piadas, etc.
AHLh5	Comprar roupas (sapatos, camisas, calças, bermudas etc.).
AHLh6	Navegar ou acessar a internet.
AHLh7	Ir a shows, cinema, teatro, etc.

Figura 30 - Modelo de medida dos hábitos de lazer hedonista (AHLh)



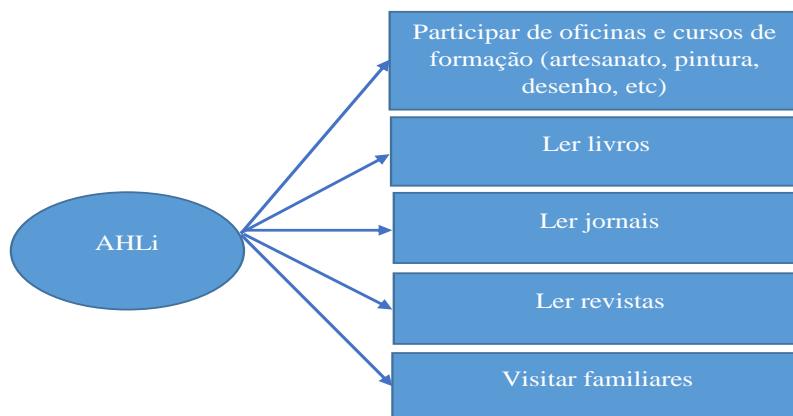
lazer instrutivo, que enfatiza a experiência de aperfeiçoamento e crescimento desenvolvido pelos sujeitos, tornando-os capazes de escolhas de lazer diferenciadas, exclusivas e assumindo uma atividade quanto à transmissão, habilitação e ensino de conhecimentos (que conduzam a debates e discussões

frente ao saber intelectual e de relação social e histórica familiar), formado pelos hábitos, ler livros, ler jornais, ler revistas, visitar familiares (Formiga et al., 2005; Formiga et al., 2013).

Quadro 12 - Indicadores de hábitos de lazer instrutivos (AHLi)

Código da variável	Significado
Variáveis	Hábitos Instrutivos
AHLi14	Ler livros.
AHLi15	Ler jornais.
AHLi16	Ler revistas.
AHLi17	Visitar familiares.

Figura 31 - Modelo de medidas dos hábitos de lazer instrutivo (AHLi)



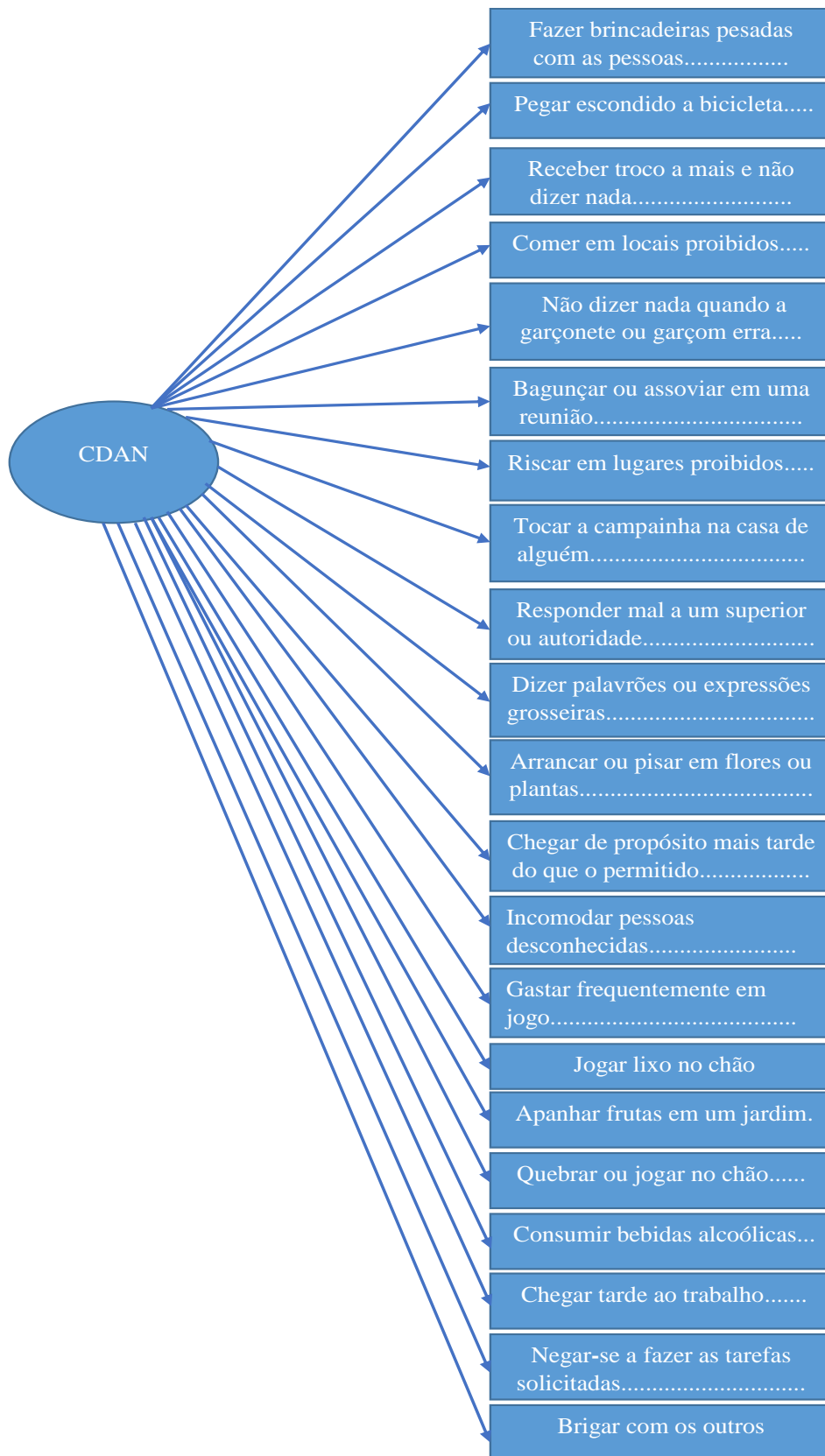
- ECAD (Escala de Condutas Antissociais e Delitivas). Podem-se destacar as condutas desviantes, como um conjunto de condutas apresentadas pelos jovens no seu quotidiano, que se aglomeram em duas dimensões:

- a conduta antissocial, que se refere a não conscientização das normas que devem ser respeitadas - podendo contemplar, desde a norma de limpeza das ruas ao respeito com os colegas no que se refere às brincadeiras ou diversão - e não praticadas por alguns jovens. Nesse sentido, esse tipo de conduta caracteriza-se pelo fato de incomodar, mas sem causar, necessariamente, danos físicos a outras pessoas. Diz respeito apenas às travessuras dos jovens ou, simplesmente, à busca de romper com algumas normas sociais;

Quadro 13 - Indicadores de condutas antissociais (CDAN)

<b>Código da variável</b>	<b>Significado</b>
CDAN1	Fazer brincadeiras pesadas com as pessoas, como empurrá-las na lama ou tirar-lhes a cadeira quando vão sentar.
CDAN2	Pegar escondido a bicicleta, carro ou moto de um desconhecido para dar um passeio, com a única intenção de se divertir.
CDAN3	Receber troco a mais e não dizer nada a pessoa que lhe deu.
CDAN4	Comer em locais proibidos (trabalho, escola, cinema, etc.).
CDAN5	Não dizer nada quando a garçonete ou garçom erra na conta a seu favor.
CDAN6	Bagunçar ou assoviar em uma reunião, lugar público, escola ou de trabalho.
CDAN7	Riscar em lugares proibidos (paredes, mesas, cadeiras etc.).
CDAN8	Tocar a campainha na casa de alguém e sair correndo.
CDAN9	Responder mal a um superior ou autoridade (no trabalho, na escola, repartição ou na rua).
CDAN10	Dizer palavrões ou expressões grosseiras para as pessoas quando está zangado.
CDAN11	Arrancar ou pisar em flores ou plantas em parques, praças ou jardins públicos.
CDAN12	Chegar de propósito mais tarde do que o permitido (em casa, trabalho, compromisso, etc.).
CDAN13	Incomodar pessoas desconhecidas ou fazer desordens em lugares públicos.
CDAN14	Gastar frequentemente em jogo mais dinheiro do que pode.
CDAN15	Jogar lixo no chão (quando há perto um cesto de lixo)
CDAN16	Apanhar frutas em um jardim, terreno, quintal não sendo autorizado pelo dono.
CDAN17	Quebrar ou jogar no chão as coisas dos outros.
CDAN18	Consumir bebidas alcoólicas (cerveja, cachaça, vinho, vodka, uísque entre outras).
CDAN19	Chegar tarde ao trabalho, colégio, compromisso ou reunião
CDAN20	Negar-se a fazer as tarefas solicitadas (no trabalho, na escola ou no local que reside).
CDAN21	Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).

Figura 32 - Modelo de medida de condutas antissociais (CDAN)



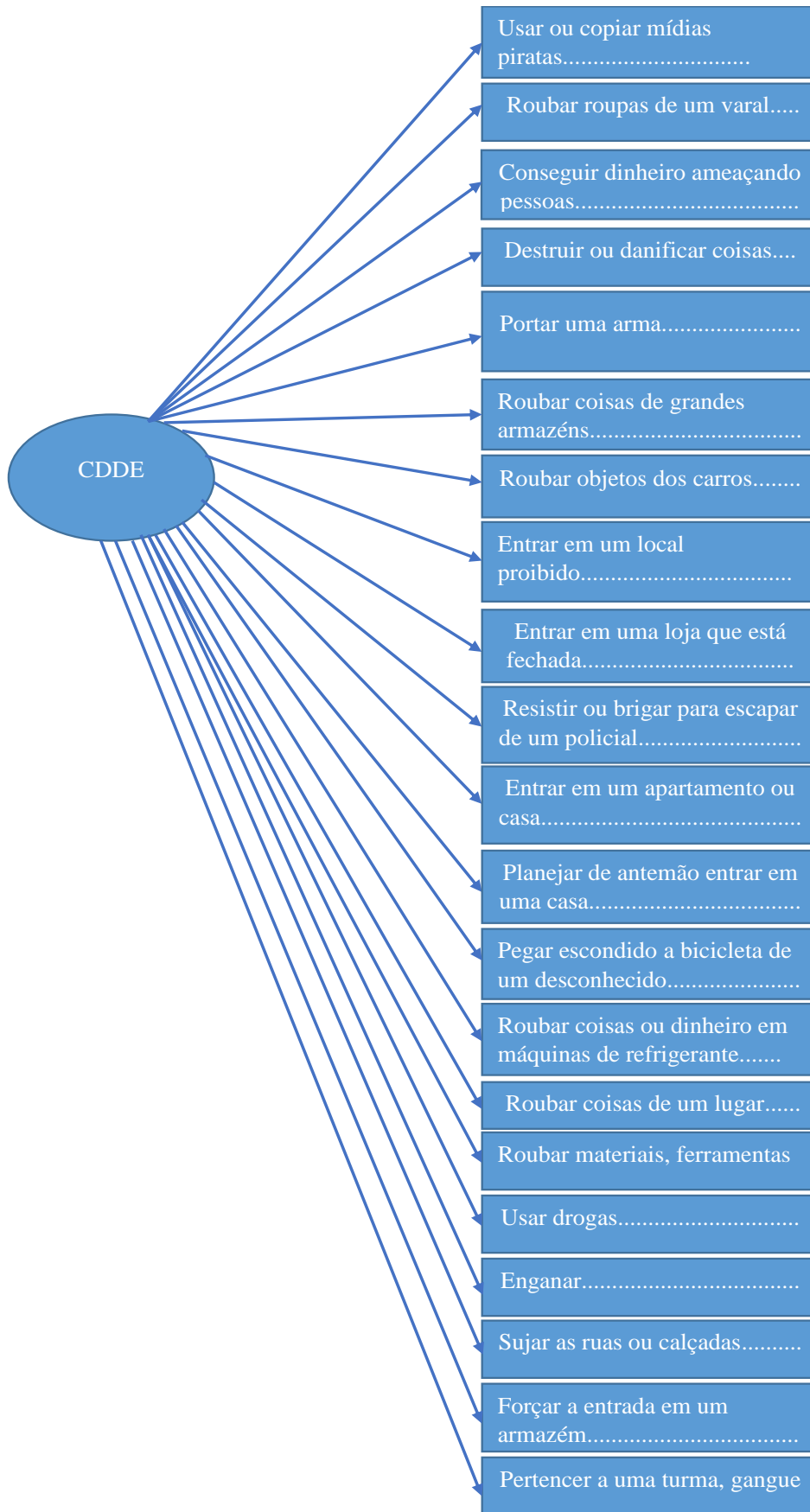
- a conduta delitiva, merecedora de punição jurídica, ela é capaz de causar danos graves, morais e/ou físicos. Portanto, tais condutas podem ser consideradas mais severas que as anteriores, representando uma ameaça iminente à ordem social vigente (Formiga e Gouveia, 2003; Formiga e Diniz, 2011; Formiga et al., 2014).

Quadro 14 - Indicadores de condutas delitivas (CCDE)

<b>Código da variável</b>	<b>Significado</b>
CDDE1	Usar ou copiar mídias piratas (CD, DVD ou jogos de computador), que você não comprou.
CDDE 2	Roubar roupas de um varal ou objetos dos bolsos de uma roupa deixada por alguém.
CDDE 3	Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas
CDDE 4	Destruir ou danificar coisas, objetos em lugares públicos
CDDE 5	Portar uma arma (faca, canivete ou revólver), caso considere necessário em uma briga.
CDDE 6	Roubar coisas de grandes armazéns, supermercados, entre outros, estando abertos.
CDDE 7	Roubar objetos dos carros (como, som, toca fitas, rodas, entre outros).
CDDE 8	Entrar em um local proibido (jardim privado, casa vazia, prédio público, etc.).
CDDE 9	Entrar em uma loja que está fechada, roubando algo ou não.
CDDE 10	Resistir ou brigar para escapar de um policial.
CDDE 11	Entrar em um apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planejado antes).
CDDE 12	Planejar de antemão entrar em uma casa ou apartamento para roubar coisas de valor.
CDDE 13	Pegar escondido a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela.
CDDE 14	Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerante, telefones públicos, etc.
CDDE 15	Roubar coisas de um lugar público (trabalho ou colégio) no valor de mais de R\$ 10,00.
CDDE 16	Roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão trabalhando.
CDDE 17	Usar drogas (maconha, cola de sapateiro, cocaína, crack entre outras).
CDDE 18	Enganar (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc.)
CDDE 19	Sujar as ruas ou calçadas quebrando garrafas ou virando depósitos de lixo, fazendo arruaças.
CDDE 20	Forçar a entrada em um armazém, garagem, depósito ou mercearia.
CDDE 21	Pertencer a uma turma, gangue ou galera que arma confusões, se mete em briga ou cria badernas.



Figura 33 - Modelo de medida de condutas delitivas (CDDE)



## **CAPÍTULO 5**

### **METODOLOGIA**

Este capítulo tem como objetivo traçar e organizar estratégias metodológicas para o alcance da solidez no estudo apresentado. Faz a revisão literária dos conceitos metodológicos e a evolução dos modelos de equações estruturais. Em outro ponto descreve as seis etapas da modelagem estrutural, a qualidade do ajustamento das escalas de medida e da fiabilidade dos dados. Uma breve explicação sobre a comparação multigrupos é feita a partir de alguns autores.

#### **5.1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

O objeto do estudo são os jovens que cometeram atos delitivos e que cumprem medidas socioeducativas em 11 unidades da FASEPA e jovens participantes do programa PROPAZ, especificamente do projeto PROPAZ nos Bairros, em situação de risco social. Todos na faixa etária de 12 a 19 anos e que moram na RMB (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara).

A orientação do estudo seguiu cinco etapas metodológicas:

1ª - A primeira etapa, desenvolvida nos capítulos anteriores, consistiu em uma revisão literária das fontes secundárias, como: teses de mestrado, doutorado, revistas, jornais e internet. Também foram visitados os órgãos do governo, como Secretaria de Segurança Pública-SEGUP, Fundação PROPAZ, Departamento de Trânsito do Estado do Pará (DETRAN), Bibliotecas Públicas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, Fundação FASEPA, Instituto Médico Legal-IML, entre outros. Foram pesquisados temas de diversos autores com abrangência internacional, dando ênfase aos aspectos estruturais do Brasil e da RMB, e indicadores da violência urbana e as influências do marketing social na gestão pública.

2ª - A segunda etapa consistiu na definição e conceitualização do modelo teórico a partir da escolha das variáveis selecionadas. O modelo conceitual foi baseado em vários estudos de diversos autores como: Seisdodos (1998); Travis (1993); Formiga e Gouveia (2003); Formiga et al. (2003); Formiga (2004); Formiga e Gouveia (2005); Formiga (2010), Formiga (2011); Formiga e Diniz (2011) que abordaram o tema a partir de modelos de equações estruturais, baseados na violência urbana cometida por e contra a juventude.

3ª - Na fase seguinte, optou-se pela pesquisa primária com os jovens que são assistidos nas unidades de medidas socioeducativas da FASEPA e com jovens atendidos pelo projeto PROPAZ nos Bairros, realizado pela Fundação PROPAZ. Nesta etapa, foi aplicado um questionário com cinco escalas com perguntas fechadas, também chamadas de alternativa fixa. Nesse caso, o entrevistado teve de optar por uma das alternativas propostas pela equipe de pesquisa. É importante destacar que os entrevistados foram escolhidos através de sorteio aleatório, dentro do universo pesquisado. A equipe de pesquisa foi formada por profissionais que atuam na área social, psicológica, estatística e educacional.

4ª - Na quarta etapa, foram realizadas as digitações, codificações, tabulações, tratamento e a condensação da informação vinda do campo de pesquisa. Optou-se pelo uso do Software SPSS 22.0 e do módulo AMOS<sup>21</sup>. O AMOS utiliza o método de estimação de Máxima Verossimilhança, aplicado nos modelos de equações estruturais para estimar os valores dos diferentes parâmetros dos modelos e não sendo aconselhado para a estimação de modelos com variáveis categóricas (Marôco, 2010).

5ª- Já na última fase do estudo, foram realizados testes para a validação do modelo teórico proposto. Optou-se pela análise de modelos de equações estruturais, para identificar os diversos relacionamentos existentes entre as variáveis latentes, envolvidas no processo a partir das hipóteses propostas.

### 5.1.2 Populações alvo e amostra

Para alcançar um resultado consistente, optou-se pela técnica de amostragem que, na visão de Toledo e Ovale (1985), é um subconjunto ou uma parte selecionada da totalidade de observações alcançadas pela população. A amostragem aleatória estratificada foi escolhida pelo fato de permitir que seja feita inferência sobre as características da população pesquisada e para que os estratos populacionais estejam representados na amostra final de forma adequada. A amostragem aleatória é possível quando existe uma listagem da população e a estratificação deve ser usada quando se pretende encontrar estimativas para subgrupos da população. Para a escolha das variáveis de estratificação é importante ter a definição do número de categorias a considerar, isto deve definir o número de estratos envolvidos na amostra (Vicente, 2012).

---

<sup>21</sup> Um programa opcional do SPSS versão 22.0 que se distingue dos outros *softwares* de modelação de equações estruturais pela sua interface ser bastante acessível.

Diversos fatores podem influenciar na dimensão amostral. O mais decisivo está relacionado às características da população alvo. Neste caso, as condicionantes do estudo são fundamentais para determinar a dimensão amostral. Entre os fatores-chave que podem influenciar estão: características da população alvo, nível de heterogeneidade, rigor estatístico na metodologia, necessidade de contemplar subgrupos na análise dos dados, orçamento e tempo do estudo.

O tamanho amostral definido para a pesquisa de campo foi devidamente calculado de acordo com os parâmetros abaixo descritos, admitindo-se erros máximos de 1,13% (FASEPA) e 2,26% (PROPAZ), para um grau de confiança de 95%.

A fórmula seguinte, para o cálculo do tamanho amostral, pressupõe que se tratam de populações finitas, uma vez que são 350 jovens apreendidos, que cumprem medidas socioeducativas, e 1.759 participantes do projeto PROPAZ nos Bairros.

$$n = \frac{z^2 * p * q * N}{e^2 * (N-1) + z^2 * p * q}$$

onde:

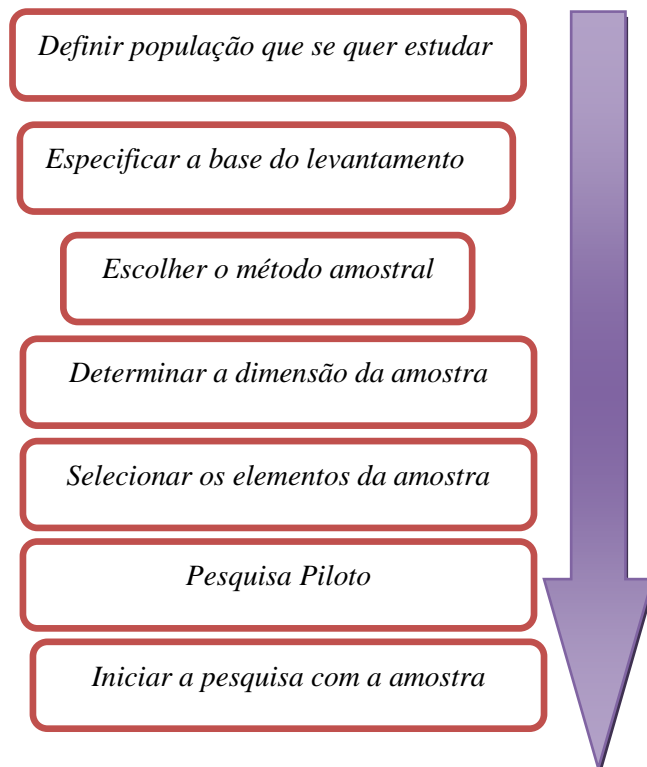
- ✓  $n$ : tamanho da amostra
- ✓  $z$ : valor da distribuição normal para o nível de confiança escolhido
- ✓  $p$ : proporção com a qual o fenômeno se verifica
- ✓  $q$ : proporção complementar
- ✓  $N$ : tamanho da população
- ✓  $e$ : margem de erro máximo permitida

O plano amostral de um estudo tem como objetivo a correta determinação da dimensão amostral e a escolha da amostra de modo a garantir a representatividade do universo em estudo.

Implementar o plano implica em dar respostas a três perguntas-chave para obtenção da amostra - quem selecionar ? quantos selecionar? e como/onde selecionar os indivíduos que comporão a amostra?

O plano de pesquisa utilizado neste estudo foi:

Figura 34 - Etapas do plano amostral:



Fonte: Vicente, 2012

No caso específico deste estudo, as dimensões amostrais, para o caso de dispersão máxima da população, são de 270 e 288 elementos, respetivamente para a população de jovens apreendidos que cumprem medidas socioeducativas na FASEPA e participantes do programa PROPAZ nos Bairros. No presente estudo, optou-se por uma estratificação proporcional, usando como estratos as 11 unidades de atendimento socioeducativas (FASEPA) e os 5 polos do PROPAZ.

A tabela 32 mostra a quantidade de participantes da FASEPA e os respectivos estratos calculados de forma proporcional à dimensão das unidades de atendimento socioeducativo.

A tabela 33 mostra a quantidade de participantes da Fundação PROPAZ e os respectivos estratos calculados de forma proporcional à dimensão dos 5 polos na RMB.

Tabela 32 - Quantidade de socioeducandos na faixa etária de 12 a 19 anos e estratos proporcionais das entrevistas realizadas na Fasepa/RMB

<b>Unidades de atendimento socioeducativo - RMB</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>	<b>Dimensões amostrais</b>	<b>%</b>
Serviço de Atendimento Social (SAS)	4	1,1	3	1
Centro de Internação do Adolescente Masculino	98	28,1	76	28
Centro de Internação Jovem Adulto Masculino	28	8,1	22	8
Centro Juvenil Masculino (CJM)	21	5,9	16	6
Centro Socioeducativo Masculino (CSEM)	45	12,6	34	13
Centro Socioeducativo de Benevides (CSEB)	56	15,9	43	16
Centro de Adolescentes em Semiliberdade (CAS)	26	7,4	20	7
Unidade de atendimento socioeducativo (UASE)	34	9,6	26	10
Centro Atendimento socioeducativo feminino (CASF)	14	4,1	11	4
Centro Socioeducativo Feminino (CSEF)	25	7	19	7
<b>Total</b>	<b>350</b>	<b>100</b>	<b>270</b>	<b>100</b>

Fonte: Governo do Pará - 2014

Tabela 33 - Quantidade de jovens atendidos na faixa etária de 12 a 19 anos nos polos do PROPAZ e estratos amostrais na RMB

<b>Polos PROPAZ</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>	<b>Dimensões amostrais</b>	<b>%</b>
Sacramenta	630	35,8	102	35,4
UFRA	390	22,2	67	23,3
Mangueirão	278	15,8	45	15,6
UFPA	241	13,7	39	13,5
IESP	220	12,5	35	12,2
<b>Total</b>	<b>1.759</b>	<b>100</b>	<b>288</b>	<b>100</b>

Fonte: Governo do Pará - 2014

Para a recolha dos dados, o mais importante é definir uma estratégia que assegure a qualidade da informação vinda de campo. No caso, foram realizados vários treinamentos com os coletadores, além de sondagens-piloto. A partir de então, foi realizado levantamento junto aos sujeitos selecionados.

Os coletadores selecionados tinham experiência prévia na aplicação de instrumentos de pesquisa e apresentaram-se nas diretorias das instituições.

O responsável pela aplicação apresentou-se como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos dos jovens sobre as situações descritas nos instrumentos. Solicitou-se a colaboração voluntária dos jovens, no sentido de responderem a um questionário. Após ficarem cientes das condições de participação na pesquisa, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada.

A todos foi assegurado o anonimato das suas respostas, informando que essas seriam tratadas de forma geral, ou seja, em conjunto.

Apesar de o instrumento ser autoaplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os entrevistados foram auxiliados por coletadores na aplicação, que estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 30 minutos foi suficiente para concluir cada entrevista (anexo10: 10a, 10b, 10c, 10d, 10e).

Antes de realizar a entrevista, houve uma reunião com os sorteados, para o preparo da entrevista. Após isso, foi apresentada a importância de dar as informações corretas ao entrevistador.

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 466/2012 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CNS, 1996 e ANPEPP, 2000) do Brasil (anexo 11).

a) **Pesquisa com os socioeducandos que estão sendo assistidos pelas unidades de atendimento FASEPA, na RMB.**

Com o intuito de se construir inferência estatística, partiu-se do universo dos sujeitos mencionados, com os quais foram realizadas entrevistas de forma aleatória, de natureza probabilística, nas casas de acolhimento, na RMB.

A definição do plano amostral para a realização da pesquisa com os jovens foi baseada no universo de jovens apreendidos nas unidades da FASEPA, localizadas na RMB, ou seja, 350 jovens cumprindo medidas socioeducativas.

A definição das variáveis para determinação do plano amostral da pesquisa baseou-se nos seguintes aspectos:

- ✓ Universo de **350** (n=270, tamanho amostral calculado), população de jovens que cometeram atos infracionais e estão sendo assistido pelo Estado;
- ✓ Jovens dos sexos masculino e feminino;
- ✓ Jovens na faixa etária de 12 a 19 anos;
- ✓ Jovens que estão no regime de internação, semiliberdade e liberdade assistida;
- ✓ Região Metropolitana de Belém (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara);
- ✓ Margem de erro - 1,13%
- ✓ 11 unidades de atendimento socioeducativo na RMB:
  - **Serviço de Atendimento Social (SAS)** - Unidade de triagem que atende adolescentes flagrados em atos infracionais e apreendidos pelo serviço de

segurança pública do Estado. O adolescente é apresentado à Divisão de Atendimento ao Adolescente (DATA), para procedimentos policiais, e encaminhados à autoridade judiciária, que pode liberar o adolescente à família ou encaminhá-lo para internação. Localizada no bairro do Jurunas, em Belém, a unidade tem capacidade para atender 12 adolescentes.

- **Centro de Internação do Adolescente Masculino (CIAM Sideral)** - Após o Juizado da Infância e Juventude decidir a medida a ser cumprida pelo adolescente envolvido no ato infracional, ele é encaminhado ao CIAM, se for cumprir medida socioeducativa provisória. A unidade acolhe adolescentes de todas as faixas etárias, que aguardam, até 45 dias, uma nova decisão judicial para continuidade, ou não, de cumprimento de medida. A capacidade do CIAM é de 60 adolescentes.
- **Centro de Internação Jovem Adulto Masculino (CIJAM)** - Localizada no município de Ananindeua, a unidade tem capacidade para acolher 50 jovens, de 18 a 21 anos, em regime de internação.
- **Centro Juvenil Masculino (CJM)** - Localizada em Ananindeua, a unidade tem capacidade para receber 40 adolescentes, de 12 a 15 anos, em regime de internação.
- **Centro Socioeducativo Masculino (CSEM)** - A unidade de internação está localizada no Jardim Sideral, em Belém. A capacidade é para atender 40 adolescentes, com 16 e 17 anos, em regime de internação.
- **Centro Socioeducativo de Benevides (CSEB)** - Os adolescentes abrigados na unidade têm 16 e 17 anos. A estrutura é para 80 adolescentes em regime de internação.
- **Centro de Adolescentes em Semiliberdade (CAS)** - Os adolescentes acolhidos são de todas as faixas etárias. Até 20 adolescentes podem ser atendidos na unidade, localizada no distrito de Icoaraci, em Belém, em regime de semiliberdade.
- **Centro Interativo Jovem Cidadão (CIJOC)** - Até 20 adolescentes, de todas as faixas etárias, podem ser atendidos na unidade de socioeducação, em regime de semiliberdade. A unidade fica no município de Ananindeua.
- **Centro de Atendimento Terapêutico Social (CATS)** - Unidade de atendimento protetivo para adolescentes e jovens que possuem transtorno



mental, de todas as faixas etárias. Localiza-se no distrito de Icoaraci, em Belém.

- **Centro Socioeducativo Feminino (CSEF)** - Unidade de atendimento socioeducativo para adolescentes do sexo feminino, com idades entre 12 e 17 anos, nos regimes de internação provisória e semiliberdade. A unidade está localizada em Ananindeua, município da grande Belém.

#### b) **Pesquisas com os participantes da Fundação PROPAZ**

Os jovens que participaram da pesquisa são oriundos da Fundação PROPAZ, especificamente do projeto PROPAZ nos Bairros, das unidades de atendimento Terra Firme, Sacramento, Instituto de Ensino de Segurança do Pará (IESP), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e Mangueirão.

A definição das variáveis para determinação do plano amostral da pesquisa baseou-se nos seguintes parâmetros:

- ✓ Universo de **1.759** (n=288) (Tamanho amostral calculado);
- ✓ Jovens que participam do projeto PROPAZ que oferece práticas de atividades de lazer e esportiva, cultural e artística em cinco Polos na RMB;
- ✓ Jovens do sexo masculino e feminino;
- ✓ Jovens na faixa etária de 12 a 19 anos;
- ✓ Municípios de Belém, Ananindeua e Marituba na RMB;
- ✓ Margem de erro - 2,26%;
- ✓ Unidades pesquisadas: Terra Firme, UFRA, IESP, Sacramento e Mangueirão.

#### 5.1.3 - **Instrumento de recolha de informação**

Os participantes da pesquisa responderam a um questionário estruturado em 5 partes, conforme a área a ser pesquisada.

a) **Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD)**. Este instrumental, apresentado por Seisdodos (1998) e validado por Formiga e Gouveia (2003), demonstra um instrumento para medir indicadores de condutas de jovens. Essas medidas são compostas por quarenta e dois itens, divididos em dois fatores: **condutas antissociais**, em que seus elementos não expressam delitos, mas comportamentos que não estão de acordo com as normas sociais (jogar lixo no chão mesmo quando há uma lixeira por perto, tocar a campainha da casa de

alguém e sair correndo, etc); e **condutas delitivas**, que são comportamentos que não estão de acordo com a lei, caracterizando-se um ato infracional ou uma conduta faltosa e prejudicial a alguém ou à sociedade (roubar objeto de carros, conseguir dinheiro com ameaças, etc). Os sorteados devem, no caso, indicar o quanto apresentam o comportamento assinalado no seu dia a dia. Para isso, foi utilizada uma escala verbal ordenada com dez pontos, tendo os seguintes extremos: 0 = Nunca e 9 = Sempre (Formiga e Diniz, 2011).

b) **Escala das Atividades de Hábitos de Lazer (EAHL)**. Elaborado originalmente em português por Formiga et al. (2005), o instrumento é composto por 24 itens que avaliam as atividades de lazer assumidos por cada sujeito a respeito da sua ocupação nos horários de folga. (por exemplo, ler livros, ler revistas, ir a igreja, navegar na internet, comprar roupas, etc.). Para respondê-lo, a pessoa deve ler cada item e indicar com que frequência ocupa seu tempo quando está sem fazer nada, depois de todas suas obrigações cumpridas, utilizando, para tanto, uma escala verbal ordenada de seis pontos, com os seguintes extremos: 0 = Nunca e 5 = Sempre (Formiga, 2011).

c) **Escala de sentimento de estar à margem da sociedade (MOS - Margins of Society Scale)**. Foi desenvolvida por Travis (1993) e adaptada por Souza (2003) para o contexto brasileiro, apresentando valores do coeficiente alfa de Cronbach aceitáveis. A presente escala é composta por sete itens que procuram avaliar o quanto as pessoas sentem sofrer de exclusão social ( a exemplo, ‘Eu me sinto muito sozinho atualmente’; ‘Não importa o quanto a pessoa se esforce na vida, isso não faz diferença’), numa escala tipo Likert de 1 = Discordo totalmente, 2 - Discordo em parte, 3 - Não concordo nem discordo, 4 - Concordo em parte e 5 - Concordo totalmente.

d) **Escala da dinâmica interna da família (avaliação familiar)** (Formiga et al., 2003; Formiga, 2004): O instrumento, composto por 8 itens (ver anexo), avalia o grau de importância para cada sujeito quanto a sua boa relação familiar (por exemplo, confiança; afeto e carinho; ter uma estrutura econômica boa; liberdade; união entre toda a família; boa relação conjugal entre os pais e disposição ao perdão). Para respondê-lo, o jovem deveria ler cada item e indicar o grau de importância que eles dariam para sua relação familiar, marcando com um X ou circulando um número na escala de seis pontos, que variava de 0 = Nada a 5= Totalmente.

e) **Caracterização Sociodemográfica.**

Os entrevistados responderam a um conjunto de perguntas sobre característica pessoais (sexo, idade, cor, renda etc.), com a finalidade de proceder sua caracterização sociodemográfica.

## 5.2 MÉTODOS DE ANÁLISE ESTATÍSTICA

No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se a versão 22.0 do pacote estatístico SPSS Statistics para Windows, computando estatísticas descritivas (tendência central e dispersão). Gerou-se a confiabilidade das escalas através da consistência interna (alfa de Cronbach e Fiabilidade Compósita - FC), Variância Extraída Média (VEM) e Validade Discriminante. Foram gerados indicadores estatísticos para o modelo de Equações Estruturais (MEE), considerando a adequação de ajuste subjetivo. No software AMOS GRAFICS, versão 22.0, foram gerados os cálculos e as análises de equações estruturais. Esse programa estatístico tem a função de apresentar, de forma mais simples, indicadores psicométricos que visem estimar as escalas desenvolvidas (modelo de medida), bem como desenhar e estimar um modelo teórico (modelo estrutural) pretendido no estudo (Joreskog e Sörbom, 1989; Kelloway, 1998; Garson, 2003; Hair et al., 2005; Bilich et al., 2006).

### 5.2.1 Conceitos e evolução dos modelos de equações estruturais

Até a década de 80, os modelos de Equações Estruturais (*Structural Equation Modelling*) (SEM), eram uma técnica de modelação exclusiva e acessível apenas a grandes centros de pesquisa e investigação na área de Métodos Quantitativos. Hoje, isso mudou no mundo, e se expandem, com grande velocidade, pelas ciências humanas, sociais e médicas. Em média, mais de mil estudos, como na Psicologia, Medicina, Sociologia, Gestão, entre outras, são publicados por ano com aplicações de SEM.

A evolução do SEM se deu a partir do século XX, no início em 1904, com estudos sobre análise fatorial propostos por Spearman, e na primeira metade do século XX, por Wright (1921, 1934), que estudou sobre a *Path Analysis*<sup>22</sup>. Na segunda metade do século, mais precisamente a partir da década de 70, autores como Joreskog (1970), Keesling (1972) e Wiley (1973) contribuíram para o desenvolvimento de métodos de estimação utilizando as estruturas de covariância para a modelagem das equações estruturais. No final da década de 70, o surgimento do software LISREL teve uma importante contribuição no avanço das técnicas estruturais (Bollen, 1989).

Essa técnica tem como fundamento a modelagem generalizada, ou seja, é utilizada para testar a validade de modelos causais e estimar os respectivos parâmetros. Nesses modelos, são estimadas as magnitudes das relações entre as variáveis ditas dependentes e as independentes (Marôco, 2010).

---

<sup>22</sup> A *path analysis* é uma extensão dos procedimentos referentes à regressão liner múltipla. Portanto, este tipo de análise implica o uso da regressão múltipla em relação a modelos causais explicitamente formulados.

A modelagem SEM não é limitada ao estudo das relações entre variáveis, na realidade ela permite uma transição de análise exploratória dos dados, com ênfase em uma perspectiva confirmatória. Essa modelagem tem a função de testar empiricamente um grupo de relacionamentos de dependência através de um modelo de operacionalização. A característica fundamental do modelo é apresentar os caminhos dos relacionamentos das variáveis a serem investigados (Medeiros, 2003).

Hair et al. (2005) afirma que há dois pontos importantes que colocam o SEM em condição diferente de outras técnicas de modelagem. O primeiro aponta que há relações de interdependência múltiplas e interrelacionadas. O segundo refere-se à facilidade para demonstrar os construtos latentes<sup>23</sup>, tendo como premissa avaliar as relações de dependência e o erro de mensuração nos ensaios de estimação.

Ainda há a possibilidade do SEM aglutinar construtos ou variáveis latentes<sup>24</sup> no processo de análise. Na análise do SEM, as variáveis observadas que estruturam os construtos latentes são delineadas por amplos métodos de pesquisa e têm sido chamadas de variáveis observadas ou manifestas. Essa utilização das variáveis latentes no SEM tem como premissa o aperfeiçoamento da estimação estatísticas através dos modelos de análise (Hair et al., 1998).

Para Klem (1995) o SEM é uma extensão da regressão múltipla, onde a variável X influencia Y, no SEM a variável X influencia Y que também influencia a Z. Portanto, a característica principal da modelagem é que permite testar uma teoria de caráter causal entre as variáveis envolvidas no processo. Nessa condição de investigação da relação entre variação causal, que se faz através das variáveis preditoras, (*predictors*), explica-se a variável dependente (*criterion*) e, também, qual dessas variáveis preditoras é a mais importante. Vale destacar que isso pode ocorrer com o uso da regressão. Contudo, é permitido que se tenha mais de uma variável dependente em um único modelo.

Maruyama (1998) afirma que, em primeiro lugar, é importante ter um modelo conceitual que coloque em prática as relações entre os conjuntos de variáveis. Nesse sentido, o SEM estabelece estimativas de forças em sua relação hipotetizada no modelo teórico. Portanto, é importante frisar que o impacto de uma variável sobre a outra pode acarretar uma influência indireta de uma variável posicionada entre duas outras, denominada interveniente ou mediadora.

---

<sup>23</sup> Construtos compostos com algumas variáveis mensuráveis que explicam conceitos que não podem ser medidos diretamente.

<sup>24</sup> Refere-se também a um conceito teorizado e não observado que não pode ser medido diretamente, mais pode ser composto por duas ou mais variáveis observáveis ou mensuráveis.

Não se pode deixar de observar que é importante conhecer e definir as variáveis que se quer estudar, buscando sempre a definição da característica geral do modelo proposto. Nesse sentido, para Kline (1998, apud Pilati e Laros, 2007) há dois modelos específicos para a modelação estrutural: os modelos recursivos e os não-recursivos. A definição de modelos recursivos tem como ênfase a inexistência de covariância entre os distúrbios de variáveis endógenas e a unidirecionalidade das relações de determinação entre as variáveis. Modelos não-recursivos, contudo, possuem relação de dupla determinação entre variáveis (*i.e.* duas setas unidirecionais entre duas variáveis do modelo) e/ou correlações (*i.e.* setas bidirecionais) e entre os distúrbios de variáveis endógenas.

Segundo Bollen (1989), o SEM tem como estrutura primordial a estimação de covariâncias populacionais por intermédio das covariâncias amostrais associadas às imposições de parâmetros elencadas pelos pesquisadores. Assim, se o modelo for plausível, o resultado gerou resíduos reduzidos, significando que as covariâncias advindas de dados amostrais podem reproduzir os dados populacionais em função do conjunto de associações da estrutura do modelo. Caso contrário, os resíduos serão altos.

### 5.2.2 Representando as estruturas através de Diagramas de Caminho

A análise de caminhos é direcionada a três componentes-chave, que são: a) diagrama de caminhos; b) as decomposições das covariâncias e correlação em termos dos parâmetros do modelo e c)<sup>25</sup> a distinção entre os efeitos: diretos e indiretos e total de uma variável em outra (Santos, 2002).

A análise de caminhos (*path analysis*) é uma técnica de continuação da regressão múltipla, que abrange outros relacionamentos e alcança modelos mais complexos. Pode atuar em ocasiões nas quais há diversas variáveis dependentes finais, tendo influência entre si, como: a variável X influencia a variável Y, que, por sua vez, afeta a Z. Portanto, a análise é extremamente eficiente para examinar e comparar modelos diferentes e então, determinar qual deles melhor se ajusta aos dados, Streinner (2005).

Na visão de Hair et al. (2009), a análise de caminhos pode ser ampliada para qualquer sistema de relação. Essas relações podem ser estimadas para quantificar os efeitos entre as variáveis observadas e não observadas no modelo, pois as variáveis são interrelacionadas, ou seja, são capazes de analisar um conjunto de relações de forma simultânea.

---



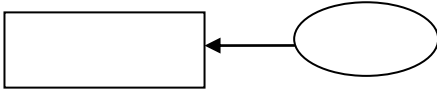
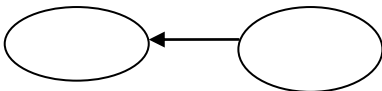

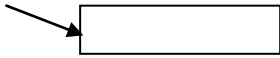
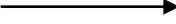

<sup>25</sup> O efeito direto, consiste na influência de uma variável em outra, enquanto que o efeito indireto é medido através de umavariável mediadora. O efeito total refere-se à soma do efeito direto e indireto. Quando o sistema de equações é alterado por inclusão ou exclusão de variáveis as estimativas dos efeitos podem mudar de valor.

Os modelos de variáveis latentes são aqueles que incluem modelos de medidas para essas variáveis, sendo que no SEM as variáveis latentes são representadas através de um desenho de relacionamento de causas e efeitos, criando um conjunto de ligações diretas e indiretas entre essas variáveis, descritas por caminhos.

Essas relações representam as dependências entre as variáveis do modelo, nas quais cada ligação direta pode ser entendida diante de uma equação. O conjunto de ligações é descrito como um diagrama de ligações ou de caminhos, e estabelece uma forma segura para descrever modelos complexos em termos de relações entre as variáveis do modelo.

O Diagrama de Caminhos é uma representação gráfica de um modelo de equações estruturais (SEM). Uma das principais vantagens dessa representação é que as relações entre as variáveis podem ser visualizadas graficamente. Para entender melhor o diagrama de caminhos é necessário definir os símbolos utilizados, que são apresentados no quadro abaixo.

Quadro 15 - Símbolos utilizados no diagrama de caminho

Símbolo	Representação
	Variável latente
	Variável observável
	Coefficiente de regressão da variável latente sobre a variável observável
	Coefficiente de regressão da variável latente sobre a outra variável latente
	Distúrbio na predição da variável latente
	Erro de medição associado com a variável observável
	Relação direcional
	Representa correlação ou covariância

Fonte: Adaptação de vários autores

### 5.2.3 Etapas para a utilização da Modelagem de Equações Estruturais

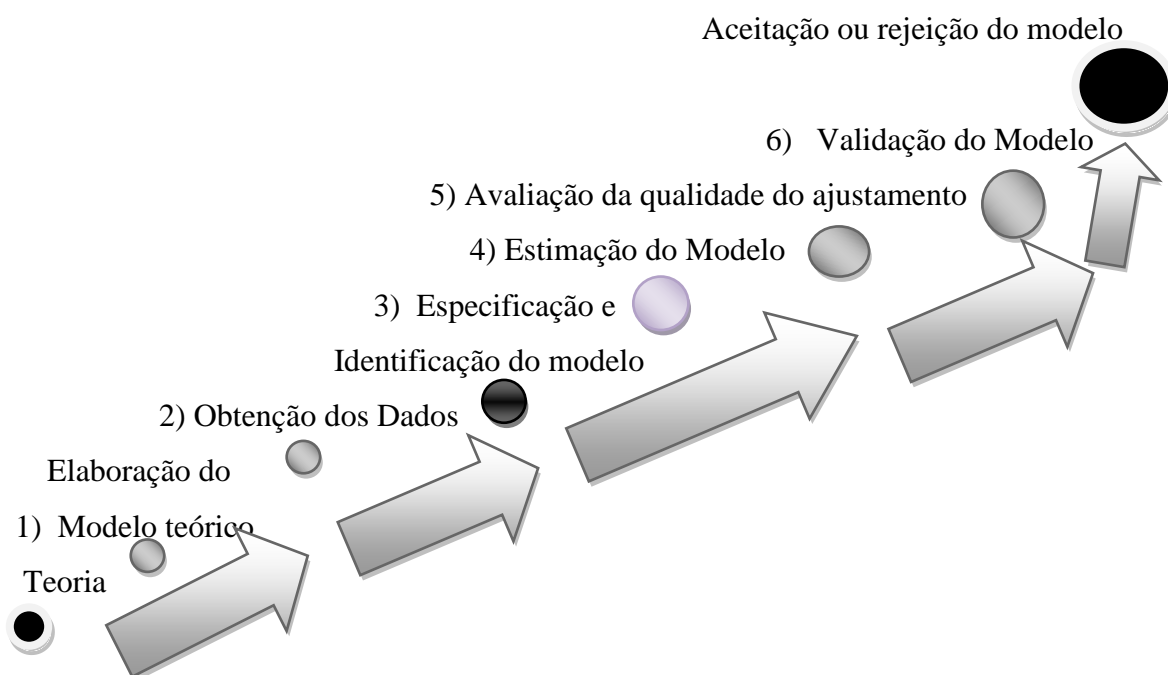
A técnica de análise de equações estruturais é um caminho complexo, que exige um cuidado todo especial para elaboração de seu planejamento e de sua estratégia. Portanto, deve-

se avaliar a confrontação das relações das medidas dessas variáveis envolvidas no processo e, também, é importante analisar a qualidade dos dados coletados na pesquisa de campo.

Os autores Hair et al. (1998), Kline (1998) e Iriundo et al. (2003) especificam as etapas de análise de equações estruturais. Ao todo, sete estágios que representam um conjunto de etapas sucessivas de grau de complexidade alta, Marôco (2010) especifica apenas seis estágios para chegar a aceitação ou não aceitação do modelo.

Etapas de análise proposta por Marôco (2010), conforme figura abaixo:

Figura 35 - Etapas da análise de equações estruturais



Fonte: Marôco, 2010

### 1) Elaboração de um modelo teórico

Para avançar na construção de um modelo teórico deve-se levar em consideração em primeiro lugar o referencial teórico, sem ele, fica difícil chegar há algum lugar, pois a partir dele é possível a aplicação de testes que visam o aperfeiçoamento das variáveis envolvidas no modelo. A visão teórica é que permite o acesso do efeito entre as variáveis que irão ou não compor o modelo teórico. Nesta etapa é de fundamental importância desenhar o modelo de acordo com o referencial teórico para explicar os fenômenos que possam ocorrer e escolher de forma adequada as variáveis que possam contemplar o modelo ou não (Marôco, 2010).

## 2) Obtenção dos dados

Após a definição das informações teóricas e a identificação dos modelos, passa-se, então, para a fase de obtenção dos dados do modelo, através da criação de um instrumento de coleta que possa satisfazer as necessidades do estudo que se pretende. Esse instrumento de coleta deve responder aos anseios determinados no planejamento da pesquisa, ou seja, deve-se recolher informação com capacidade de explicar o que se quer descobrir do problema proposto.

Depois da criação do instrumento de coleta, é importante pensar qual deve ser o universo a pesquisar e, conseqüentemente, qual será o tamanho da amostra envolvida. Marôco (2010) recomenda que a quantidade de variáveis, tipo de variáveis, as relações estruturais e os parâmetros relacionados na estimação do modelo são fundamentais para determinar a dimensão amostral que se poderá usar. Hair et al. (1998) afirma que o tamanho amostral mínimo deve ser maior que a quantidade de covariâncias ou correlações na entrada de dados. O mais usado é a proporção mínima de cinco pesquisados para cada parâmetro a ser estimado.

Adicionalmente, a dimensão da amostra deve considerar as características e dimensão do universo a ser pesquisado e no tipo de medida usada na construção do modelo (tipo de variáveis propostas).

## 3) Especificação e identificação do modelo

A partir do desenho do modelo teórico pautado no referencial é que se submete a construção das análises. Esta etapa consiste na operacionalização do modelo teórico através da identificação das variáveis de medida (observadas), das variáveis latentes (construtos) e das relações entre elas (modelos de medida e estrutural). Esta é a etapa crucial, pois a partir dela é que se constrói o desenho formal do modelo teórico e que se investigam as questões referentes às relações causais entre as variáveis. É importante, nessa etapa, tomar decisões: quais as variáveis latentes que devemos usar? que relações causais existem entre as variáveis latentes e as manifestas? quais devem ser as variáveis incluídas ou excluídas no modelo? que erros ou resíduos devem ser correlacionados? (Schamacker e Lomax, 2004).

## 4) Estimação do modelo

Para a estimação de modelos em equações estruturais, o método de estimação de máxima verossimilhança é um dos mais utilizados pela maioria dos programas que buscam



uma análise mais apurada para identificar indicadores de explícita justificação (Hoyle, 2000).

A estimação é feita a partir das matrizes de covariância das variáveis manifestas. Esta estimação é realizada a partir de métodos iterativos que buscam maximizar a verossimilhança das covariâncias entre as variáveis manifestas do modelo ou que procuram minimizar uma função dos erros de ajustamento (Marôco, 2010).

#### 5) Bondade do ajustamento do modelo

Esta etapa busca avaliar o nível da estrutura correlacional entre as variáveis manifestas e observadas na amostra em questão. A medição da avaliação da qualidade do modelo é realizada a partir de:

1) testes de ajustamento, 2) índices empíricos que se fundamentam nas funções de verossimilhança ou na matriz de resíduos 3) na análise de resíduos (Marôco, 2010).

Em relação às medidas de ajuste absoluto, mostram o grau em que o modelo de medida construído é capaz de prever com o menor erro possível a matriz de variância-covariância ou a matriz de correlação utilizada na modelagem empírica. Têm como base o teste de  $\chi^2$  (Qui-Quadrado), sinalizado por Marsh et al. (1988), a medida de parâmetro de não centralidade (PNC), proposta por McDonald e Marsh (1990); o índice de adequação do ajuste (GFI), proposto por Jöreskog e Sörbom (1984, apud Mulaik et al., 1989); e o índice quadrático médio (RMSR) proposto Jöreskog e Sorbom (1984, apud Marsh et al., 1988). Medidas incrementais de ajuste apontam indicadores de qualidade, que possibilitam comparar modelos diferentes. Nessa categoria tem-se o índice de adequação corrigido (AGFI), proposto por Jörekog e Sorbom (1981, apud Marsh et al., 1988); o índice Tucker-Lewis (TLI), proposto por Tucker e Lewis (1973); e o índice de ajuste normal (BBI), proposto por Bentler e Bonnett (1980).

#### 6) Validação do modelo

No caso, do modelo não apresentar um bom ajustamento aos dados é possível através de algumas alterações, respecificar o modelo para que o ajustamento melhore e desta forma torne-se uma estratégia exploratória viável (Marôco, 2010).

Quando o ajustamento é obtido a partir do recurso do Índice de Modificação (IM) (*Modification Indices*)<sup>26</sup>, há a necessidade de ser validado numa amostra independente na qual o modelo foi ajustado - outra solução que se pode recorrer para a validação do modelo a partir da validação cruzada com amostras de grande dimensão. Portanto, ¾ da amostra, selecionada aleatoriamente, são usados para ajustar o modelo e o ¼ é utilizado para avaliar a invariância (Bandalos, 1993; Benson e Bandalos, 1992; Browne e Cudeck, 1989). A modificação de um modelo baseado no (IM) só deve ser feita se existirem fatores consistentes fundamentados em teorias confiáveis (Arbuckle, 2008).

#### 5.2.4 Os submodelos de medida e de estrutura

Para Marôco (2010) o modelo linear determina relações entre as variáveis, tanto endógenas, quanto exógenas. A organização desse modelo pode se dar através de dois submodelos, conforme as estruturas das variáveis em questão - o submodelo de medida e o estrutural.

O modelo de medida tem como função definir as relações entre as variáveis observadas e as não observadas ou latentes. O modelo estrutural leva em conta a relação causal entre as variáveis não observadas envolvidas no processo (Lemke, 2005).

*“...O submodelo de medida define a forma como os construtos hipotéticos ou variáveis latentes são operacionalizadas pelas variáveis observadas ou manifesta. Centrando todas as variáveis<sup>27</sup>, o submodelo de medida das variáveis dependentes ou endógenas, pode escrever-se formalmente como...”* (Bollen, 1989:16-18).

$$Y = \Lambda_y \eta + \varepsilon$$

Onde:

$$y = \begin{bmatrix} y_1 \\ y_2 \\ \cdot \\ \cdot \\ y_p \end{bmatrix} \text{ é o vetor (p x 1) das p variáveis dependentes, ou de resposta, manifestas;}$$

<sup>26</sup> Estes índices estimam a redução (conservadora) da estatística  $X^2$  do modelo, se um parâmetro fixo ou uma restrição de igualdade entre parâmetros for liberado; se erros de medida forem correlacionados; se novas trajetórias estruturais forem adicionadas etc.. depois de considerada a restimação do modelo e a variação dos graus de liberdade associada (Bollen, 1989: 292).

<sup>27</sup> Uma variável centrada obtém-se subtraindo a cada observação da variável o valor médio dessa variável.

$$\Lambda = \begin{bmatrix} \lambda_{11} & \lambda_{12} & \vdots & \lambda_{1r} \\ \lambda_{21} & \lambda_{22} & \vdots & \lambda_{2r} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \vdots \\ \lambda_{p1} & \lambda_{p2} & \vdots & \lambda_{pr} \end{bmatrix} \quad \text{é a matriz (p x r) dos pesos fatoriais de } \eta \text{ em y;}$$

$$\eta = \begin{bmatrix} n_1 \\ n_2 \\ \vdots \\ n_r \end{bmatrix} \quad \text{é o vetor (r x 1) das r variáveis latentes dependentes; e}$$

$$\varepsilon = \begin{bmatrix} \varepsilon_1 \\ \varepsilon_2 \\ \vdots \\ \varepsilon_p \end{bmatrix} \quad \text{é o vetor (p x 1) dos erros de medida de y.}$$

De forma semelhante, o submodelo de medida para as variáveis independentes ou exógenas centradas é:

$$x = \Lambda_x \xi + \delta$$

onde.

$$x = \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ \vdots \\ x_q \end{bmatrix} \quad \text{é vetor (qx1) das q variáveis independentes ou predictoras manifestas;}$$

$$\Lambda_y = \begin{bmatrix} \lambda_{11} & \lambda_{12} & \vdots & \lambda_{1s} \\ \lambda_{21} & \lambda_{22} & \vdots & \lambda_{2s} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \vdots \\ \lambda_{q1} & \lambda_{q2} & \vdots & \lambda_{qs} \end{bmatrix} \quad \text{é a matriz (qxs) dos pesos fatoriais de } \xi \text{ em x;}$$

$$\xi = \begin{bmatrix} \xi_1 \\ \xi_2 \\ \vdots \\ \xi_s \end{bmatrix} \quad \text{é o vetor (sx1) das variáveis latentes independentes ou predictoras; e}$$

$$\delta = \begin{bmatrix} \delta_1 \\ \delta_2 \\ \vdots \\ \delta_q \end{bmatrix} \quad \text{é o vetor (qx1) dos erros de medida de x;}$$

Submodelo estrutural

“O sub modelo estrutural define as relações causais ou de associações entre variáveis latentes. Formalmente, este modelo, de novo com as variáveis centradas, pode escrever-se como” (Bollen, 1989:13).

$$\eta = B \eta + \Gamma \xi + \zeta$$

onde:

$$B = \begin{bmatrix} 0 & \beta_{12} & \vdots & \beta_{1r} \\ \beta_{21} & 0 & \vdots & \beta_{2r} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \vdots \\ \beta_{r1} & \beta_{r2} & \vdots & 0 \end{bmatrix}$$

é a matriz (rxr) dos coeficientes de  $\eta$  no modelo estrutural com  $\beta_{ii} = 0$ ;

$$\Gamma = \begin{bmatrix} \gamma_{11} & \gamma_{12} & \vdots & \gamma_{1s} \\ \gamma_{21} & 0 & \vdots & \gamma_{2s} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \vdots \\ \gamma_{r1} & \gamma_{r2} & \vdots & \gamma_{rs} \end{bmatrix}$$

é a matriz (rxs) dos coeficientes de x no modelo estrutural; e

$$\zeta = \begin{bmatrix} \zeta_1 \\ \zeta_2 \\ \vdots \\ \zeta_r \end{bmatrix}$$

é o vetor (rx1) dos r resíduos ou erros do modelo estrutural

O modelo de equações estruturais, formalizado anteriormente, assume que os diferentes erros ou resíduos dos submodelos de medida e estrutural tem valor esperado nulo e podem estar correlacionados entre si, mas não entre diferentes submodelos. O modelo assume então que:

- a)  $\varepsilon$  e  $\eta$  são independentes
- b)  $\delta$  e  $\xi$  são independentes
- c)  $\zeta$  e  $\xi$  são independentes
- d)  $\zeta, \varepsilon, \delta$  são independentes
- e) Os valores esperados dos erros são 0.

Por outro lado, uma variável dependente não é causa e efeito dela mesmo, i.e.,

f)  $\beta_{ii} = 0$  e

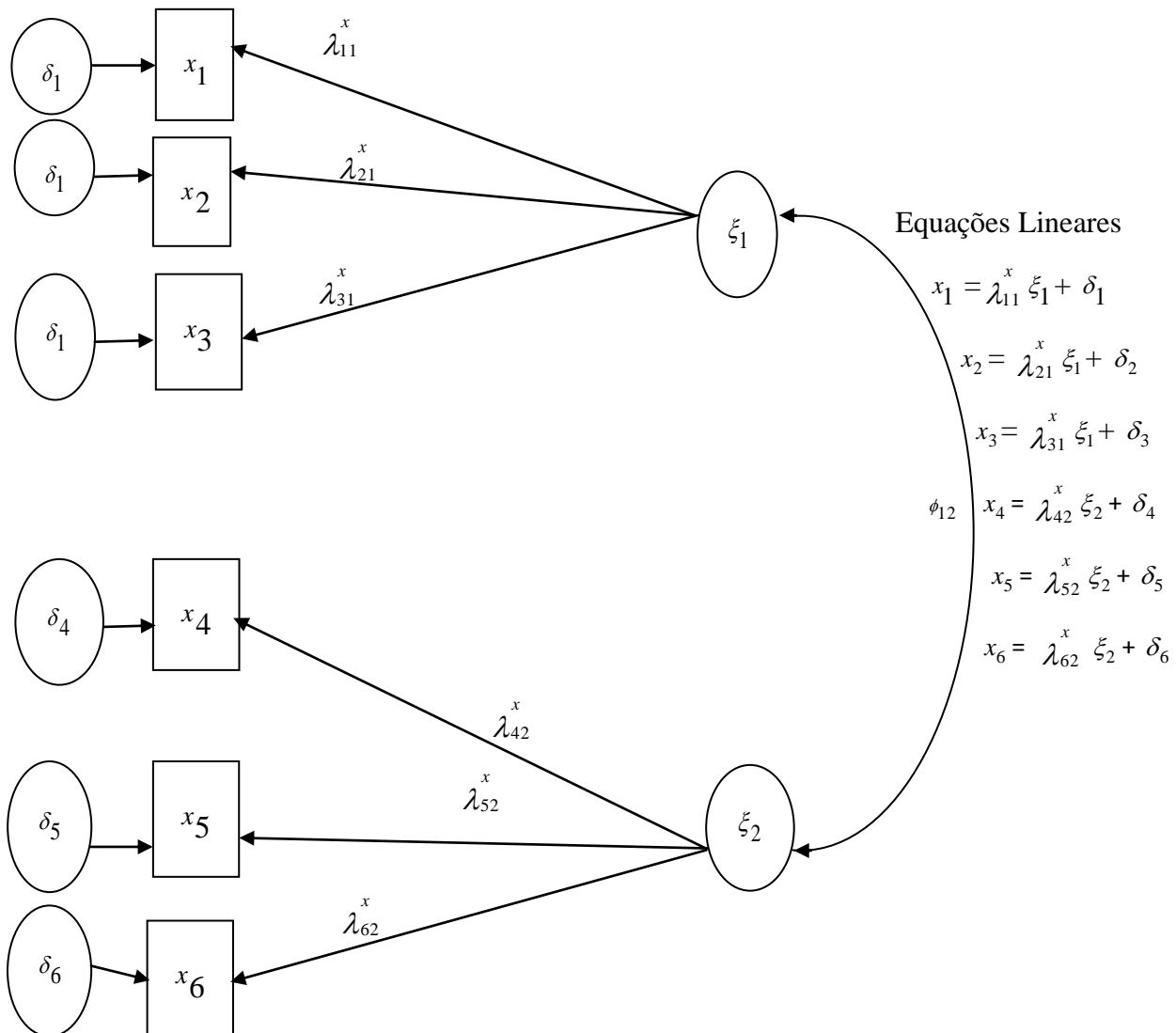
g)  $(I-B)$  é uma matriz invertível (não singular) onde I é a matriz identidade.

Para Marôco (2010) o modelo do SEM pode ser decomposto em submodelos de medida e estrutural.

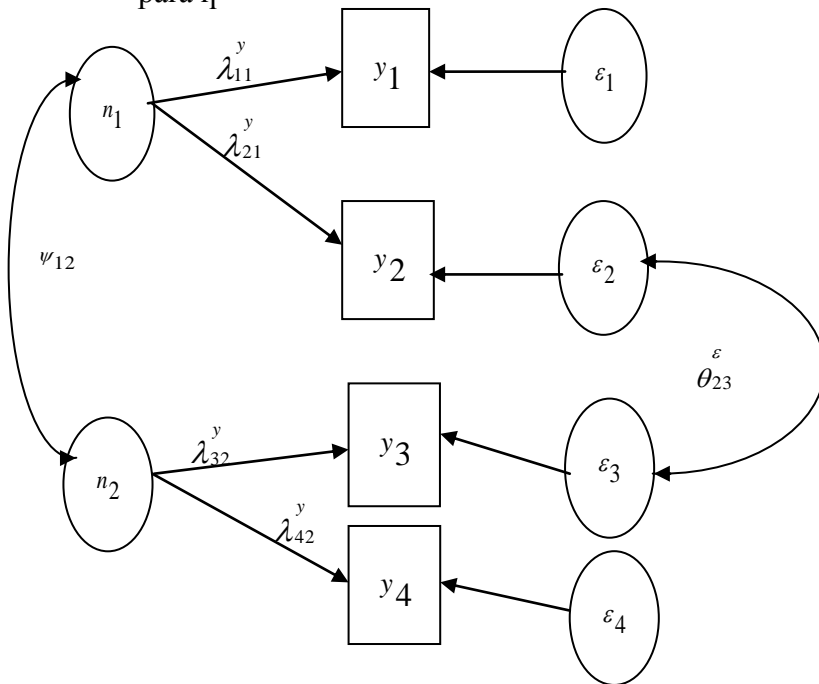
A representação gráfica abaixo representa um modelo de equações estruturais com duas variáveis latentes exógenas ( $\xi_1$  e  $\xi_2$ ), cada uma operacionalizadas por 3 variáveis manifestas independentes ( $x_1, x_2, x_3$  e  $x_4, x_5, x_6$ , respectivamente).

Duas variáveis latentes endógenas ( $\eta_1$  e  $\eta_2$ ) operacionalizadas por duas variáveis manifestas dependentes ( $y_1, y_2$  e  $y_3, y_4$ ) cada uma. Neste modelo as variáveis latentes exógenas estão correlacionadas ( $\phi_{12}$ ). Estão também correlacionados os erros de variáveis manifestas  $y_2$  e  $y_3$  associados às variáveis latentes dependentes ( $\theta_{23}$ ) (Marôco, 2010).

Para  $\xi$  (A) Modelo de medida



para  $\eta$



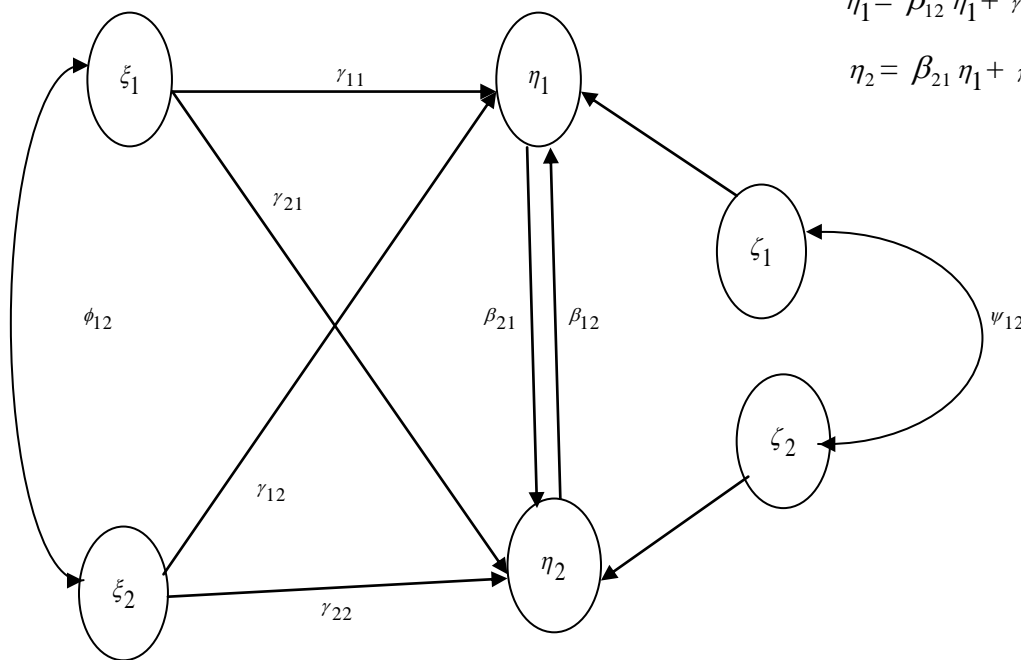
$$y_1 = \lambda_{11}^y \eta_1 + \varepsilon_1$$

$$y_2 = \lambda_{21}^y \eta_1 + \varepsilon_2$$

$$y_3 = \lambda_{32}^y \eta_2 + \varepsilon_3$$

$$y_4 = \lambda_{42}^y \eta_2 + \varepsilon_4$$

B) Modelo estrutural



$$\eta_1 = \beta_{12} \eta_1 + \gamma_{11} \xi_1 + \gamma_{12} \xi_2 + \zeta_1$$

$$\eta_2 = \beta_{21} \eta_1 + \gamma_{21} \xi_1 + \gamma_{22} \xi_2 + \zeta_2$$

C) Matrizes de covariância

$$\Theta^\varepsilon = \begin{bmatrix} \varepsilon & 0 & 0 & 0 \\ \theta_{11} & \varepsilon & \varepsilon & 0 \\ 0 & \theta_{22} & \theta_{23} & 0 \\ 0 & \theta_{32} & \theta_{33} & 0 \\ 0 & 0 & 0 & \theta_{44} \end{bmatrix}$$

$$\Phi = \begin{bmatrix} \phi_{11} & \phi_{12} \\ \phi_{21} & \phi_{22} \end{bmatrix} \quad \Psi = \begin{bmatrix} \psi_{11} & \psi_{12} \\ \psi_{21} & \psi_{22} \end{bmatrix}$$

$$\Theta_\delta = \text{diag} [\theta_{11}^\delta, \theta_{22}^\delta, \dots, \theta_{66}^\delta]$$

### 5.2.5 A qualidade do ajustamento e a parcimônia nos modelos

Para Byner (2010) quando os modelos não são validados tem implicações no seu ajuste através de um processo iterativo de alterações, até que retorne a possuir bons índices de ajustamento em um sentido com aspectos exploratório.

O modelo parcimonioso caracteriza-se por possuir uma boa capacidade explicativa. As medidas de ajuste de parcimônia relacionam a bondade do modelo com o número de coeficientes necessários para alcançar o nível de ajuste. Já com destaque para o índice de ajuste normalizado de parcimônia (PNFI) e para o índice de bondade de ajuste de parcimônia (PGFI), ambos propostos por Mulaik et al. (1989).

Assim, consideraram-se os seguintes indicadores estatísticos para o Modelo de Equações Estruturais (SEM) (Joreskög e Sörbom, 1989; Kelloway, 1998; Garson, 2003; Hair et al., 2005; Bilich et al., 2006):

- O  $\chi^2$  (qui-quadrado) normalizado testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados. Quanto maior este valor, pior o ajustamento. Ele tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ( $\chi^2/df$ ). Neste caso, valores entre 1 e 5 indicam um ajustamento adequado;
- *Root Mean Square Residual* (RMR): indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero. Para o modelo ser considerado bem ajustado, o valor deve ser menor que 0,05;
- *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI): são análogos ao  $R^2$  em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Variam de 0 a 1, com valores no intervalo igual a 0,90, ou superior, indicando um ajustamento satisfatório;
- *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA): com intervalo de confiança de 90% (IC 90%), é considerado um indicador de adequação de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA fique inferior a 0,05, mais é aceitável valores entre 0,05 a 0,08;
- *Tucker-Lewis Index* (TLI): apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de 0 a 1, com índice aceitável acima de 0,90;

A estimação do modelo corresponde à obtenção das estimativas dos parâmetros do modelo que são: pesos fatoriais, coeficientes de regressão, covariâncias, médias, etc.. A

estimação é realizada a partir das matrizes de variâncias e covariâncias das variáveis manifestas (itens dos questionários) e calculadas a partir dos dados originais. Esses métodos são geralmente iterativos e no caso do método de estimação de máxima verossimilhança, visa encontrar estimativas para os parâmetros que maximizam a probabilidade de ocorrência de uma amostra específica (Marôco, 2010).

Depois de estimado o modelo, avalia a qualidade do ajustamento, ou seja, a verificação da adequação do modelo em relação aos dados observados. Neste caso, é importante avaliar várias medidas de ajustamento para se ter maior confiabilidade dos dados, conforme o que se apresenta nos quadros a seguir.

Quadro 16 - Resumo de Estatísticas e índices de qualidade de ajustamento, com respectivos valores de referência - medidas de valor absoluto

<b>Estatística</b>	<b>Valores recomendados</b>
$\chi^2$ p-value	$\geq 0,05$
Goodness-of-FIT index (GFI)	$\geq 0,90$
Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) Root Mean Square Residual (RMR)	Bom < 0,05 0,05 $\geq$ aceitável < 0,08
Expected Cross validation Index (ECVI)	Quanto menor, melhor o ajustamento

Quadro 17 - Resumo de Estatísticas e índices de qualidade de ajustamento, com respectivos valores de referência - medidas de ajustamento incremental

<b>Estatística</b>	<b>Valores recomendados</b>
Normed Fix Index (NFI) Incremental Fit Index (IFI)	> 0,90
Tucker-Lewis Index (TLI) Comparative Fit Index (CFI)	> 0,90
Relative Fit Index (RFI)	Quanto maior, melhor o ajustamento
Expected Cross Validation Index (ECVI)	Quanto menor, melhor o ajustamento

Quadro 18 - Resumo de Estatísticas e índices de qualidade de ajustamento, com respectivos valores de referência - medidas de parcimônia do ajustamento

<b>Estatística</b>	<b>Valores recomendados</b>
Parsimonious Normed Fit Index (PNFI) Parsimonious Goodness-of-Fit Index (PGFI)	> 0,90
$\chi^2/df$	1 < bom < 5
Adjusted Goodness-of-FIT (AGFI) Akaike Information - of-FIT (AGFI)	> 0,90
Consistent Akaike Information Criterion (CAIC)	Quanto menor, melhor o ajustamento



### 5.2.6 Validade das escalas de medida e fiabilidade dos dados

Para medir e avaliar as escalas de consistência interna é importante proceder a partir da Análise Fatorial Confirmatória (AFC). Os procedimentos utilizados têm base nas recomendações de Churchill (1979), para estudar a validade (medindo-se a validade convergente<sup>28</sup>(VC) e discriminante<sup>29</sup>(VD) e a fiabilidade da escala através do estudo da consistência interna (fiabilidade individual dos itens e fiabilidade compósita (FC)<sup>30</sup>. Eles são mais atuais e tendem a resolver as limitações do índice de Cronbach<sup>31</sup> (Marôco, 2010).

A consistência interna indica o grau de fiabilidade existente entre os itens em cada uma das dimensões consideradas no instrumento (Almeida e Freire, 2003). O índice de Cronbach tem sido questionado em virtude de se mostrar um tanto conservador para os casos em que os itens da escala são heterogêneos, dicotômicos ou definem estruturas multifatoriais. Nesses casos, o alfa de Cronbach fornece uma subestimativa da verdadeira fiabilidade da medida, apresentando enviesamentos para estimativas inferiores à verdadeira fiabilidade (Marôco e Garcia-Marques, 2006).

Segundo (Hair et al., 2005), a consistência interna, avaliada através da fiabilidade individual dos itens, é adequada quando o valor do peso fatorial é superior a 0,70. Já na fiabilidade compósita, isso ocorre quando há valores acima de 0,70, que indicam boa consistência interna.

A Validade Convergente (VC) diz respeito à extensão com que a variável latente correlaciona-se com os itens escolhidos para medir a variável latente, ou seja, se os indicadores designados a formar a variável latente estatisticamente convergem (Bagozzi et al., 1991; Dunn et al., 1994). Nesse caso, ela é avaliada através da Variância Extraída Média (VEM) e os valores aceitáveis devem ser superiores a 0,50 (50%), considerados indicativos de boa validade convergente (Fornell e Larcker, 1981; Hair et al., 2005).

A Validade Discriminante (VD) envolve a comparação das correlações entre os construtos do modelo com um modelo teórico, sendo aceita quando o valor da VEM para cada constructo é maior do que o quadrado das correlações múltiplas entre esse constructo e um outro qualquer (Fornell e Larcker, 1981).

---

<sup>28</sup> Tem como premissa avaliar se todos os itens medem o mesmo construto.

<sup>29</sup> Avalia se há medição de construtos diferentes.

<sup>30</sup> Avalia a consistência interna das variáveis de medida ou indicadores associados a cada construto da análise fatorial e confirmatória.

<sup>31</sup> É um método que identifica se uma escala está relativamente livre de erros aleatórios (Nunnally ; Bernstein, 1978; Netemeyer *et al.*, 2003).

### 5.2.7 Comparação multigrupos

Um dos objetivos desta tese consiste em avaliar os efeitos das variáveis hábitos de lazer (hedonistas, lúdicos e instrutivos), do sentimento anômico e da valoração familiar sobre as condutas desviantes de jovens que cumprem medidas socioeducativas nas instituições de acolhimento da FASEPA e os atendidos pela Fundação PROPAZ. A análise multigrupos surge como solução para testar a invariância do modelo de medida e do modelo estrutural em populações com características diferentes. Ou seja, pretende-se avaliar se o modelo de medida e os coeficientes estruturais que relacionam as variáveis latentes não diferem significativamente entre as duas populações de jovens.

Maroco (2010) sugere um procedimento inicial para a comparação do ajustamento do modelo aos dois grupos em simultâneo, após o qual se impõem restrições sucessivas de forma ordenada e complexidade crescente: aos pesos fatoriais e covariâncias dos fatores de um modelo de medida, com o objetivo de verificar a sua invariância entre os grupos; aos coeficientes estruturais com o objetivo de testar se as relações causais são invariantes entre os grupos; às variâncias-covariâncias com o objetivo de avaliar se a estrutura dos resíduos do modelo se mantém invariante nos diferentes grupos.

Na análise multigrupos são estimados vários modelos, posteriormente comparados entre si: em primeiro lugar, compara-se o ajustamento do modelo livre (*unconstrained*) com o do modelo com pesos fatoriais fixos (*measurement weights*); em seguida procede-se à comparação com o modelo com pesos fatoriais e coeficientes estruturais fixos (*structural weights*) e, finalmente, com o modelo com pesos fatoriais, covariâncias e resíduos fixos (*measurement residuals*). Esta última comparação é, em geral, ignorada por ser considerada demasiado restritiva (Maroco, 2010). A hipótese nula de invariância é rejeitada quando, para um determinado nível de significância, a diferença da estatística de Qui-quadrado para os dois modelos é superior ao valor crítico da distribuição de Qui-quadrado, para a diferença dos graus de liberdade dos dois modelos.

Para avaliar a diferença entre os dois grupos de jovens foram também aplicados testes paramétricos t-Student para a igualdade de duas médias populacionais. Este teste pressupõe a normalidade das distribuições populacionais, mas é relativamente robusto quando as dimensões amostrais são elevadas. Pode ser conduzido para comparar duas populações a partir de duas amostras independentes; aplica-se sempre que se pretende comparar as médias de uma variável quantitativa em dois grupos diferentes de sujeitos e se desconhecem às respectivas variâncias (Silva, 2014).



## CAPÍTULO 6

### RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresenta-se inicialmente uma análise estatística descritiva dos dados que avalia as diferenças dos grupos PROPAZ e FASEPA. Também é feito uma análise sociodemográfica, análise descritiva das escalas de medida, validação fatorial dos construtos, confiabilidade das escalas e a discussão dos resultados do modelo de medida e estrutural.

#### 6.1 AVALIAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DA AMOSTRA DE JOVENS

Esta análise tem como premissa o estudo sociodemográfico dos grupos PROPAZ e FASEPA, análise descritiva das escalas de medida e a análise comparativa entre os grupos para verificar as diferenças existentes.

Dos 270 entrevistados da FASEPA, 88,5% pertenciam ao regime fechado, destes, 28,1% estavam internados na unidade Ciam Sideral e 90% eram do sexo masculino. A cor predominante era preta 48,5%; a faixa etária que prevaleceu foi entre 16 e 17 anos (71,9%); 68,1% tinham renda familiar de até 1 salário mínimo (valor referente ao período do estudo - R\$ 724,00). Ainda, 68,5% não possuíam religião; 20,7% não estavam estudando no momento da pesquisa, por não gostarem da escola (29,1%) e por não gostarem de estudar (21,8%), sendo que 27,4% só possuíam o ensino fundamental completo e 3,3% eram analfabetos.

Ainda sobre os entrevistados, 50,7% não tiveram uma família tradicional, composta por pai e mãe, durante a maior parte da vida; 23% disseram ser seus pais ou responsáveis ausentes na sua formação; e 11,9% tinham pais agressivos. Quando se trata de visão dos professores 58,5% disseram que eles eram calmos e para 43,7%, atenciosos. Os dados revelam que 78,5% cometeram atos violentos nos últimos doze meses, sendo que o assalto à mão armada foi citado 34,1% e homicídio por 14,1%; destacando-se que 47% eram reincidentes, ou seja, cometeram delitos duas ou mais vezes (dados relacionados ao período do estudo) (anexo 12: 12a, 12b, 12c, 12d, 12e) (quadro 19).

Dentre os 288 entrevistados do PROPAZ, 35,4% eram do polo da Sacramento e 23,3% da UFRA; 72,9% do sexo masculino; a cor predominante era parda (49%); a faixa etária que prevaleceu foi entre 12 e 13 anos (51,1%); 46,5% tinham renda familiar de até 1 salário mínimo; 48,3% eram evangélicos; e 98,3% estavam estudando e matriculado em escola pública.

Da amostra recolhida, 51,4% não tiveram uma família tradicional, composta por pai e mãe, durante a maior parte da vida; 7,3% viam seus pais ou responsáveis como ausentes na sua formação e 4,9% como agressivos. Já em se tratando dos professores, esses eram vistos por 72,2% como amigos e por 24% como atenciosos.

Eram 13,5% os que cometeram atos violentos nos últimos doze meses (em relação ao período do estudo). A agressão verbal/física foi citada por 3,5% e agressão física por 1,7%. Só 0,7% era reincidente, ou seja, cometeu delitos duas ou mais vezes nesse período (conforme (anexo 13: 13a e 13b) (quadro 19).

Quadro 19 - Síntese comparativa sociodemográfica entre os grupos PROPAZ e FASEPA

FASEPA		PROPAZ	
<b>Sexo</b>		<b>Sexo</b>	
Masculino	90%	Masculino	72,9%
Feminino	10%	Feminino	27,1%
<b>Religião</b>		<b>Religião</b>	
Católico	17%	Católico	34%
Evangélico	13,3%	Evangélico	48,3%
Afro	0,7%	Afro	0,3%
Sem religião	68,5%	Sem religião	14,9%
Outra	0,4%	Outra	2%
-	-	Espírita	0,3
<b>Cor</b>		<b>Cor</b>	
Preto	48,5%	Preto	17,7%
Pardo	25,9%	Pardo	30,9%
Branco	22,6%	Branco	49%
Amarelo	3%	Amarelo	2,4%
<b>Faixa etária</b>		<b>Faixa etária</b>	
13 a 15 anos	11,9%	12 a 15 anos	85,2%
16 a 17 anos	71,9%	16 a 17 anos	13,2%
18 anos ou mais	16,3%	18 anos ou mais	1,7%
<b>Está estudando atualmente</b>		<b>Está estudando atualmente</b>	
Sim	79,3%	Sim	98,3%
Não	20,7	Não	1,7%
<b>Renda</b>		<b>Renda</b>	
Até R\$ 724,00 (1SM)	68,1%	Até R\$ 724,00 (1SM)	46,5%
Mais que R\$ 724,00 até R\$ 2.172,00 ( até 3 SM)	15,2	Mais que R\$ 724,00 até R\$ 2.172,00 ( até 3 SM)	31,3%
Mais que R\$ 2.172,00 até R\$ 3.620,00 (até 5 SM)	2,2	Mais que R\$ 2.172,00 até R\$ 3.620,00 (até 5 SM)	3,5%
Não tem rendimento mensal	5,2%	Não tem rendimento mensal	5,9%
Não informado	9,3%		12,8%

Quadro 19 - Síntese comparativa sociodemográfica entre os grupos PROPAZ e FASEPA (Continuação)

Com que morou a maior parte da vida		Com que morou a maior parte da vida	
Com os pais	49,3%	Com os pais	48,6%
Somente com um dos pais	19,3%	Somente com um dos pais	29,5%
Com os avós	12,6%	Com os avós	15,3%
Com os parentes próximos	9,3%	Com os parentes próximos	5,9%
Com amigos ou conhecidos	8,1%	Com amigos ou conhecidos	0,7%
Mora na rua	0,4	-	-
Outros	1,1%	-	-
Como você classifica os pais ou responsáveis		Como você classifica os pais ou responsáveis	
Calmos	58,5%	Calmos	55,9%
Ausentes	23%	Ausentes	7,3%
Agressivos	11,9%	Agressivos	4,9%
Atenciosos	4,8%	Atenciosos	18,4%
Nervosos	1,1%	Nervosos	12,2%
Não há responsáveis	0,7%	Não há responsáveis	1,3
Como você classifica os professores		Como você classifica os professores	
Amigos	52,2%	Amigos	72,2%
Atenciosos	43,7%	Atenciosos	24%
Não estuda	3,3%	Displicentes	1%
Não tem professores	0,4%	Agressivos	2,1%
Outros	0,4%	Outros	1%
Reincidência em atos violentos		Reincidência em atos violentos	
Sim	59,9%	Sim	3,2%
Atos violentos cometidos nos últimos 12 meses		Atos violentos cometidos nos últimos 12 meses	
Sim	79,1%	Sim	13,6%

## 6.2 ANÁLISE DESCRITIVA DAS ESCALAS DE MEDIDA

Na tabela 34, podem ser observadas as pontuações médias dos respondentes na escala de atividades dos hábitos de lazer (0 = nunca até 5 = sempre), tanto nos seus itens quanto nas respectivas dimensões. Sendo assim, observa-se que as pontuações médias foram maiores para os hábitos de lazer hedonistas, bem como para os itens que formam tal fator, quando comparados com as demais dimensões e itens. Porém, é preciso salientar que, hierarquicamente, segue-se a segunda maior pontuação média para a dimensão lúdica e, posteriormente, para a dimensão instrutiva. De forma geral, nesse contexto de medida dos hábitos de lazer, destaca-se que alguns itens da escala de lazer hedonista são os mais priorizados pelos respondentes.

Tabela 34 - Estatísticas descritivas dos itens da escala das atividades de hábitos de lazer

<b>Itens da escala dos hábitos de lazer</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>
<b>Hábitos de lazer hedonistas</b>	<b>3,39</b>	<b>2,08</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>-0,77</b>	<b>-1,07</b>
1- Assistir a programas de televisão (filmes, novelas, desenhos, seriados, jornais etc.).	4,25	1,57	0	5	-1,98	2,33
2 - Ir a bares, boates, festas ou restaurantes.	3,14	2,13	0	5	-0,54	-1,46
3 - Encontrar-se com alguém (paquera, amigos, etc.).	3,84	1,76	0	5	-1,27	0,13
4 - Jogar conversa fora, contar piadas, etc.	3,78	1,75	0	5	-1,19	-0,01
5 - Comprar roupas (sapatos, camisas, calças, bermudas etc.).	3,60	1,80	0	5	-0,92	-0,62
6 - Navegar ou acessar a internet.	2,92	2,24	0	5	-0,37	-1,69
7 - Ir a shows, cinema, teatro, etc.	2,02	2,03	0	5	0,19	-1,56
<b>Hábitos de lazer lúdicos</b>	<b>2,52</b>	<b>2,25</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>-0,045</b>	<b>-1,81</b>
8 - Passear de bicicleta, patins, skate, etc.	2,87	2,14	0	5	-0,09	-1,70
9 - Jogar vídeo game ou jogos de ação e aventura	2,22	2,20	0	5	0,19	-1,74
10 - Praticar esportes (basquete, futebol, voleibol, natação).	3,05	2,67	0	5	-0,47	-1,65
11 - Participar de atividades relacionadas à arte e cultura (dança, música, teatro, etc.)	1,61	1,91	0	5	0,67	-1,09
12 - Ir ao museu, bosque, parque ecológico, etc.	1,61	1,90	0	5	0,67	-1,09
13 - Participar de oficinas e curso de formação (artesanato, pintura, desenho, etc.	1,34	1,85	0	5	0,99	-0,64
<b>Hábitos de lazer instrutivos</b>	<b>1,74</b>	<b>1,98</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>0,57</b>	<b>-1,30</b>
14 - Ler livros	1,78	1,92	0	5	0,49	-1,30
15 - Ler jornais	1,80	1,9	0	5	0,53	-1,33
16 - Ler revistas	1,23	1,72	0	5	1,03	-0,42
17 - Visitar familiares	2,71	2,14	0	5	-0,20	-1,68

Na tabela 35, pode-se observar as pontuações médias para a escala de sentimento anômico dos respondentes. Nela, destaca-se a distribuição das respostas dos sujeitos, na escala que varia de 1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente, acima da metade da escala. Essa condição permite avaliar a baixa segurança e credibilidade dos respondentes no apoio social, econômico e psicológico da sociedade a eles.

Visando melhor leitura, optou-se em apresentar separadamente a distribuição dessas médias para a conduta antissocial e delitiva. Na tabela 36, pode-se observar as pontuações médias para a escala de condutas antissocial em jovens (0 = nunca até 9 = sempre).

Destaca-se, nesses resultados, uma melhor frequência de condutas antissociais para os seguintes itens: “Dizer palavrões ou expressões grosseiras para as pessoas quando está zangado”, “Apanhar frutas em um jardim, terreno, quintal não sendo autorizado pelo dono” e “Chegar tarde ao trabalho, colégio, compromisso ou reunião”. Como condutas menos frequentes assinala-se: “Quebrar ou jogar no chão as coisas dos outros”, “Arrancar ou pisar em flores ou plantas em parques, praças ou jardins públicos” e “Gastar frequentemente em jogo mais dinheiro do que pode”.

Tabela 35 - Estatísticas descritivas dos itens e dimensões da escala de sentimento anômico

<b>Itens da escala do sentimento anômico</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>
<b>Sentimento anômico</b>	<b>2,95</b>	<b>1,87</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>0,06</b>	<b>-1,87</b>
1- Eu me sinto muito sozinho atualmente.	2,88	1,86	1	5	0,13	-1,85
2 - Não importa quanto a pessoa se esforce na vida, isso não faz a diferença.	2,78	1,90	1	5	0,22	-1,87
3 - Eu me sinto discriminado socialmente.	2,45	1,78	1	5	0,58	-1,52
4 - Sinto como o meu mundo estivesse caindo.	2,07	1,57	1	5	1,06	-0,57
5 - Eu queria ser alguém importante.	3,86	1,68	1	5	-0,95	-0,92
6 - É difícil para mim dizer o que é certo e errado.	3,45	1,79	1	5	-0,46	-1,62
7 - Eu não gosto de viver de acordo com as regras da sociedade.	3,15	1,87	1	5	-0,14	-1,86



Tabela 36 - Estatísticas descritivas dos itens e escala de condutas antissociais

<b>Itens da escala de condutas antissociais</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>
<b>Condutas Antissociais</b>	<b>3,78</b>	<b>4,08</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	<b>0,35</b>	<b>-1,73</b>
1 - Fazer brincadeiras pesadas com as pessoas, como empurrá-las na lama ou tirar-lhes a cadeira quando vão sentar.	3,99	4,21	0	9	0,25	-1,84
2 - Pegar escondido a bicicleta, carro ou moto de um desconhecido para dar um passeio, com a única intenção de se divertir.	3,63	4,28	0	9	0,40	-1,79
3- Receber troco a mais e não dizer nada a pessoa que lhe deu o troco.	4,11	4,25	0	9	0,21	-1,88
4 - Comer em locais proibidos (trabalho, escola, cinema, etc.).	2,58	3,47	0	9	0,95	-0,74
5 - Não dizer nada quando a garçonete ou garçom erra na conta a seu favor.	3,98	4,30	0	9	0,26	-1,88
6 - Bagunçar ou assoviar em uma reunião, lugar público, escola ou de trabalho.	3,96	4,03	0	9	0,27	-1,74
7 - Riscar em lugares proibidos (paredes, mesas, cadeiras etc.)	3,83	3,92	0	9	0,34	-1,66
8 - Tocar a campainha na casa de alguém e correr.	4,63	4,18	0	9	-0,02	-1,87
9 - Responder mal a um superior ou autoridade (no trabalho, na escola, repartição ou na rua).	4,25	4,18	0	9	0,14	-1,86
10 - Dizer palavrões ou expressões grosseiras para as pessoas quando está zangado.	4,96	4,08	0	9	-0,17	-1,83
11 - Arrancar ou pisar em flores ou plantas em parques, praças ou jardins públicos.	2,23	3,50	0	9	1,20	-0,30
12 - Chegar de propósito mais tarde do que o permitido (em casa, trabalho, compromisso).	4,44	4,11	0	9	0,05	-1,85

Tabela 36 - Estatísticas descritivas dos itens e escala de condutas antissociais (Continuação)

<b>Itens da escala de condutas antissociais</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>
<b>Condutas Antissociais</b>	<b>3,78</b>	<b>4,08</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	<b>0,35</b>	<b>-1,73</b>
13 - Incomodar pessoas desconhecidas ou fazer desordens em lugares públicos.	2,59	3,75	0	9	0,94	-0,94
14 - Gastar frequentemente em jogo mais dinheiro do que pode.	2,36	3,58	0	9	1,09	-0,58
15 - Jogar lixo no chão (quando há perto um cesto de lixo).	3,19	3,61	0	9	0,65	-1,22
16 - Apanhar frutas em um jardim, terreno, quintal não sendo autorizado pelo dono.	4,82	4,09	0	9	-0,12	-1,83
17- Quebrar ou jogar no chão as coisas dos outros.	1,92	3,28	0	9	1,42	0,33
18 - Consumir bebidas alcoólicas (cerveja, cachaça, vinho, vodka, uísque entre outras).	4,06	4,31	0	9	0,22	-1,90
19 - Chegar tarde ao trabalho, colégio, compromisso ou reunião.	4,52	4,12	0	9	0,04	-1,89
20 - Negar-se a fazer as tarefas solicitadas (no trabalho, na escola ou no local que reside).	4,13	4,11	0	9	0,09	-1,85
21 - Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas)	4,39	4,11	0	9	0,09	-1,84

Na tabela 37, pode-se acompanhar a distribuição das médias das respostas dos respondentes para a conduta delitiva (0 = nunca até 9 = sempre). É possível observar que as médias, quando comparadas com as apresentadas na tabela 36, são sempre menores. Esse fato era esperado, pois a conduta delitiva é mais específica do que a conduta antissocial. Esta última se confunde com as atitudes da fase da adolescência, frente aos processos de rompimento das normas sociais e reivindicação de direitos e vontades hedonistas.

Os itens com menor frequência são: “Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerante, telefones públicos, etc”, “Destruir ou danificar coisas, objetos em lugares públicos”, “Roubar roupas de um varal ou objetos dos bolsos de uma roupa deixada por

alguém”, “Roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão trabalhando”. Com frequência mais elevada destacam-se: “Usar ou copiar mídias piratas (CD, DVD ou jogos de computador) que você não comprou”, Enganar (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc.), “Sujar as ruas ou calçadas quebrando garrafas ou virando depósitos de lixo, fazendo arruaças” e Portar uma arma (faca, canivete ou revólver), caso considere necessário em uma briga.

Tabela 37 - Estatísticas descritivas dos itens e escala de condutas delitivas

<b>Itens da escala de condutas delitivas</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>
Condutas delitivas.	<b>3,11</b>	<b>4,14</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	<b>0,66</b>	<b>-1,50</b>
1 - Usar ou copiar mídias piratas (CD, DVD ou jogos de computador) que você não comprou.	4,67	4,23	0	9	-0,06	-1,90
2 - Roubar roupas de um varal ou objetos dos bolsos de uma roupa deixada por alguém.	1,53	3,23	0	9	1,80	1,37
3 - Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas.	3,74	4,38	0	9	0,35	-1,86
4 - Destruir ou danificar coisas, objetos em lugares públicos.	1,21	2,64	0	9	2,16	<b>-3,29</b>
5 - Portar uma arma (faca, canivete ou revólver), caso considere necessário em uma briga.	3,92	4,39	0	9	0,27	<b>-1,90</b>
6 - Roubar coisas de grandes armazéns, supermercados, entre outros, estando abertos.	3,63	4,33	0	9	0,40	<b>-1,80</b>
7- Roubar objetos dos carros (como, som, toca fitas, rodas, entre outros).	3,55	4,34	0	9	0,43	-1,79
8 - Entrar em um local proibido (jardim privado, casa vazia, prédio público, etc.).	3,70	4,18	0	9	0,39	-1,76
9 - Entrar em uma loja que está fechada, roubando algo ou não.	3,57	4,36	0	9	0,43	-1,80
10 - Resistir ou brigar para escapar de um policial.	3,77	4,37	0	9	0,34	-1,86
11 - Entrar em um apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planejado antes).	3,58	4,32	0	9	0,42	-1,80

Tabela 37 - Estatísticas descritivas dos itens e escala de condutas delitivas (Continuação)

<b>Itens da escala de condutas delitivas</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>
Condutas delitivas.	<b>3,11</b>	<b>4,14</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	<b>0,66</b>	<b>-1,50</b>
12 - Planejar de antemão entrar em uma casa ou apartamento para roubar coisas de valor.	3,66	4,33	0	9	0,38	-1,82
13 - Pegar escondido bicicleta de um desconhecido e ficar com ela.	3,53	4,30	0	9	0,45	-1,76
14 - Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerante, telefones públicos, etc.	1,11	2,77	0	9	2,32	3,84
15 - Roubar coisas de um lugar público (trabalho ou colégio) no valor de mais de R\$ 10,00.	3,26	4,25	0	9	0,57	-1,65
16 - Roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão trabalhando.	1,72	3,26	0	9	1,57	0,78
17 - Usar drogas (maconha, cola de sapateiro, cocaína, crack).	3,89	4,37	0	9	0,28	-1,89
18 - Enganar (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc.)	4,25	4,20	0	0	0,14	-1,87
19 - Sujar as ruas ou calçadas quebrando garrafas ou virando depósitos de lixo, fazendo arruaças.	4,25	4,20	0	9	0,14	-1,88
20 - Forçar a entrada em um armazém, garagem, depósito, mercearia, colégio, compromisso.	2,02	3,45	0	9	1,36	0,06
21 - Pertencer a uma turma, gangue que arma confusões, se mete em briga ou cria badernas.	3,17	4,24	0	9	0,63	-1,59

Os dados analisados da tabela 38 abaixo mostram os valores referentes à valoração familiar. É importante destacar que os valores, de maneira geral, estão acima da média geral da escala, com destaque para o item liberdade e disposição ao perdão, com médias 3,69 e 3,43, respectivamente. Observa-se que eles foram maiores por causa da influência dos jovens da PROPAZ, que tiveram valores maiores.

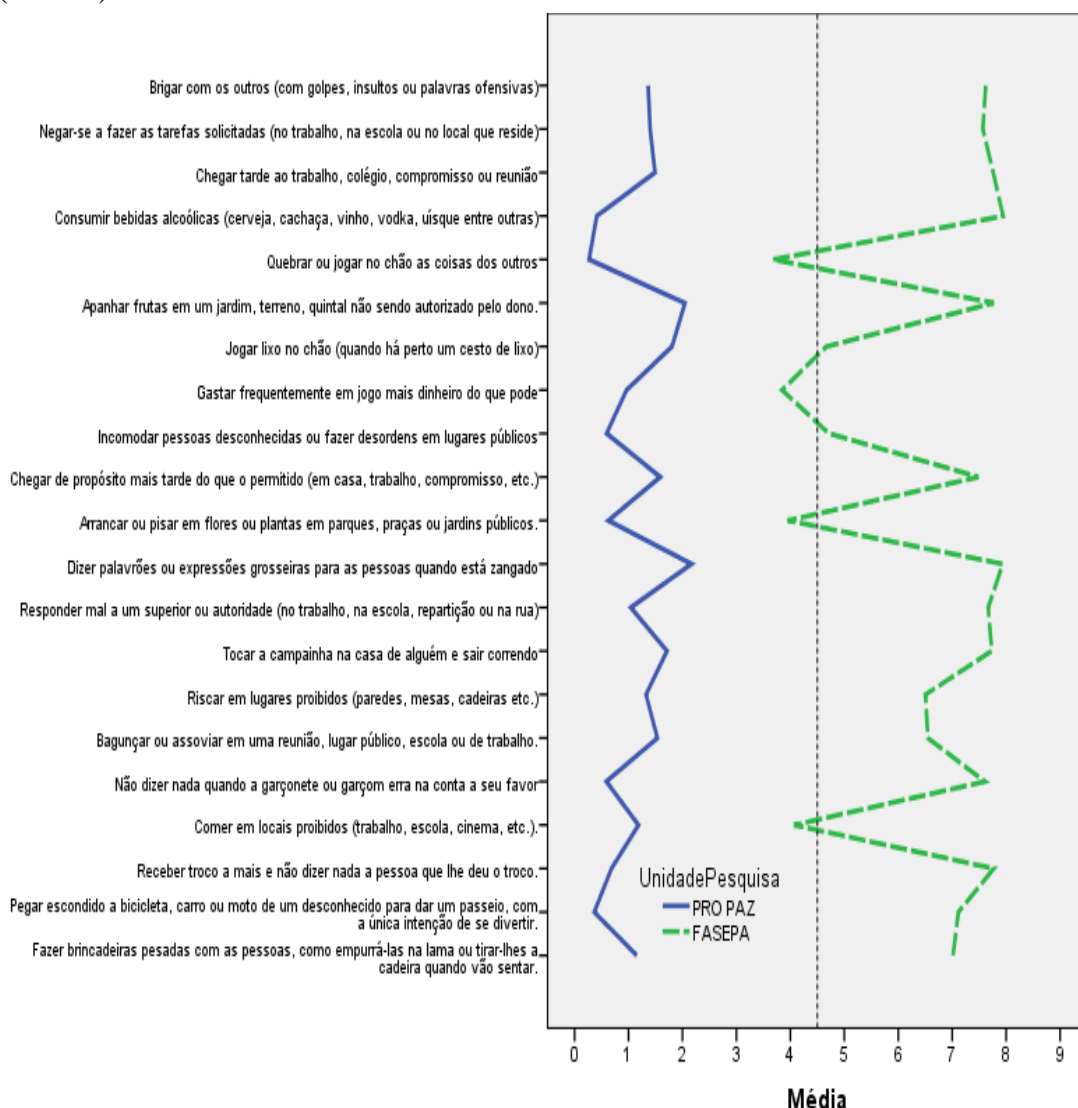
Tabela 38 - Estatísticas descritivas dos itens e escala da valoração familiar

<b>Itens da escala</b>	<b>Média</b>	<b>DesvPad</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>
<b>Valoração familiar</b>	<b>2,86</b>	<b>2,23</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>-0,32</b>	<b>-1,70</b>
1- Confiança	3,39	2,17	0	5	-0,79	-1,24
2 - Afeto e Carinho	2,81	2,29	0	5	-0,27	-1,79
3-Compreensão	2,67	2,21	0	5	-0,18	-1,75
4-Ter uma estrutura econômica boa	2,47	2,11	0	5	-0,06	-1,69
5-Liberdade	3,69	1,83	0	5	-1,10	-0,31
6-União entre toda a família	2,60	2,29	0	5	-0,11	-1,84
7-Boa relação conjugal dos pais	2,27	2,29	0	5	0,16	-1,83
8-Disposição ao perdão	3,43	2,04	0	5	-0,82	-1,05

### 6.2.1 Análise comparativa dos grupos PROPAZ e FASEPA

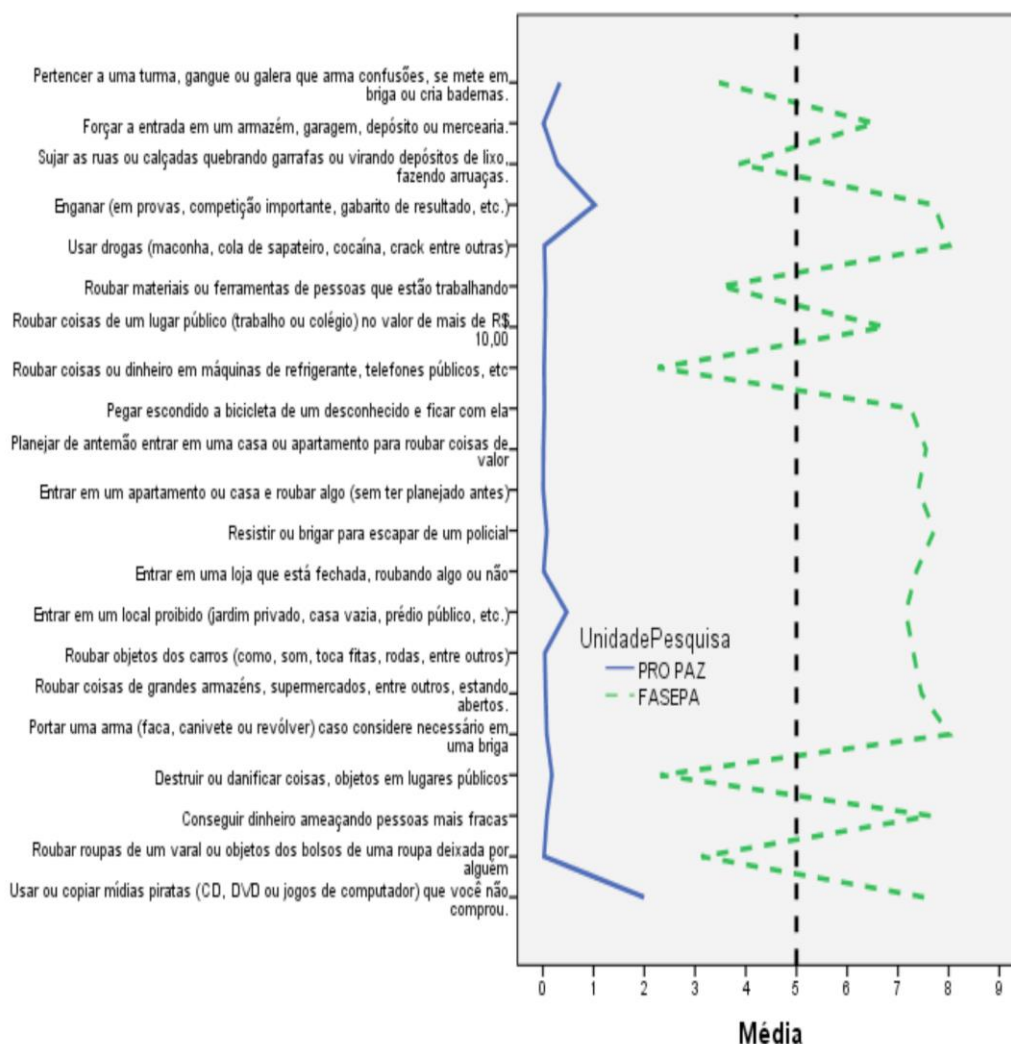
Analisado o gráfico 22 no comparativo entre os grupos PROPAZ e FASEPA relacionado às condutas antissociais, observa-se que, para todos os itens, o grupo PROPAZ encontra-se abaixo da linha média da escala. Por outro lado, o grupo FASEPA tem, em sua maioria, variáveis com valores bem acima da linha média, com exceção: “Quebrar ou jogar as coisas nos outros”, “Gastar frequentemente mais do que pode”, “Arrancar ou pisar em flores ou plantas em parques, praças ou jardins públicos” e “Comer em locais proibidos”. O patamar com que os jovens da FASEPA praticam atos de conduta antissociais é sempre muito superior ao dos jovens do PROPAZ.

Gráfico 22 - Comparação das condutas antissociais entre os grupos PROPAZ e FASEPA (médias)



Na análise do gráfico 23, que compara os grupos PROPAZ e FASEPA em relação às condutas delitivas, revela que, em sua totalidade, o grupo PROPAZ, em todas as variáveis, encontra-se bem abaixo da linha média da escala. Em média, estes jovens nunca praticam a maioria dos atos de conduta delitiva. Apenas três itens apresentam frequências médias entre 1 e 2: “Enganar (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc.)”, “Usar ou copiar mídias piratas (CD, DVD ou jogos de computador) que você não comprou” e “Entrar em um local proibido (jardim privado, casa vazia, prédio público, etc.)”.

Gráfico 23 - Comparação das condutas delitivas entre os grupos PROPAZ e FASEPA (médias)



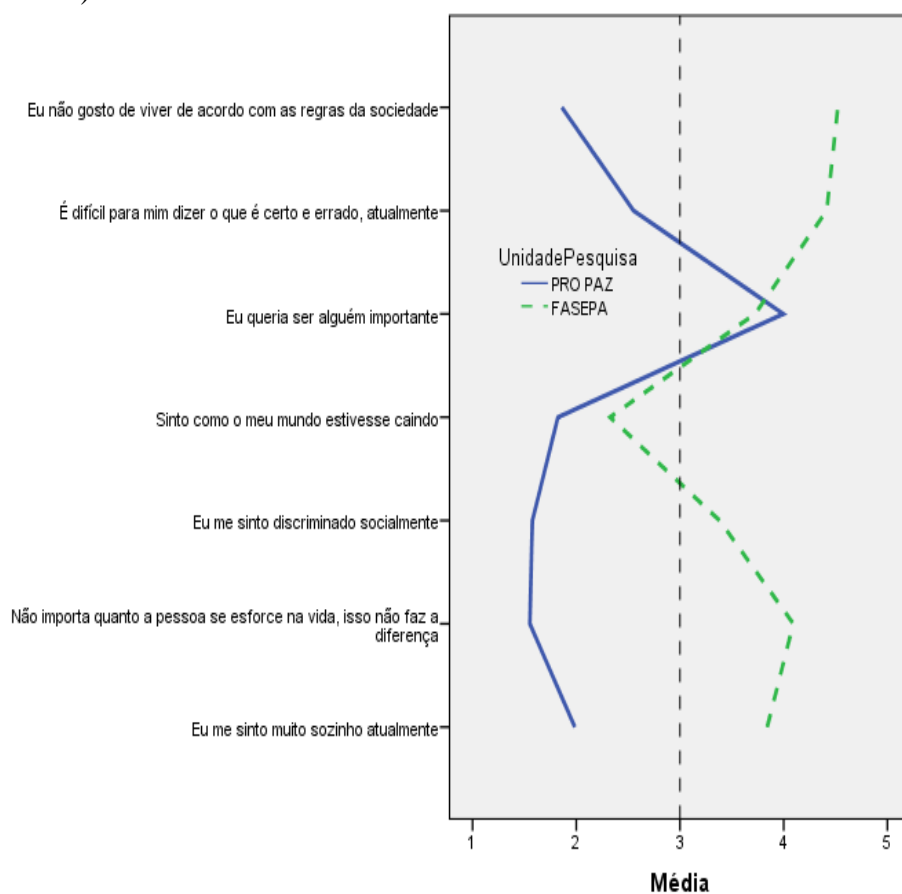
Por outro lado, o grupo FASEPA tem, em sua maioria, variáveis com valores bem acima da linha média, com exceção dos seguintes: “Pertencer a uma turma, gangue ou galera que arma confusões, se mete em briga ou cria badernas”, sujar ruas ou calçadas quebrando garrafas ou virando depósitos de lixo”, “Roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão trabalhando”, “Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerantes, telefones públicos, etc.,” “Destruir ou danificar coisas, objetos em lugares públicos” e “Roubar roupas de um varal ou objetos dos bolsos de uma roupa deixada por alguém”.

Em geral, para todos os itens de condutas delitivas, a frequência de ocorrência é sempre superior no grupo FASEPA.

Quando comparados os grupos em relação ao sentimento anômico, a variável, “Eu queria ser alguém importante” ficou acima da linha média para os dois grupos, o que mostra a vontade semelhante dos dois grupos em mudar e serem reconhecidos pela sociedade. Outro ponto importante referente aos dois grupos diz respeito à variável “Sinto como o meu mundo

estivesse caindo”, (que ficou abaixo da média da escala), que mostra que os grupos não se sentem tão depressivos. Analisado somente o grupo FASEPA, observa-se que todos os restantes itens estão bem acima da linha média da escala, em particular: “Eu não gosto de viver de acordo com as regras da sociedade”, “É difícil para mim o que é certo ou errado, atualmente”, “Não importa quanto as pessoas se esforce na vida, isso não faz a diferença”, “Eu me sinto sozinho atualmente”. Já o grupo PROPAZ, quase todos os itens apresentam-se bem abaixo da linha média (gráfico 24).

Gráfico 24 - Comparação do sentimento anômico entre os grupos PROPAZ e FASEPA (médias)

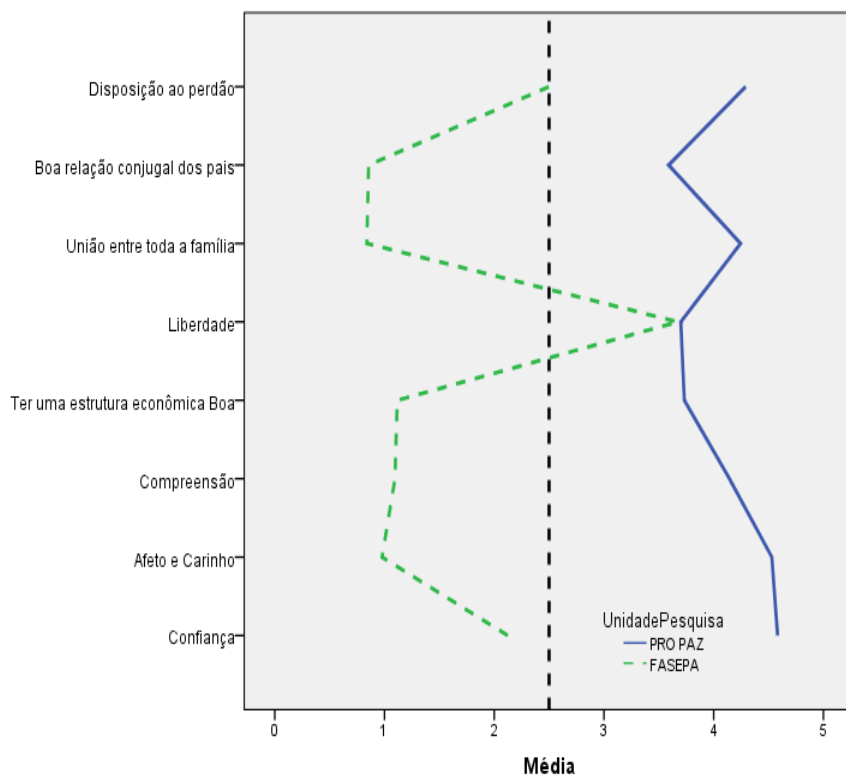




A variável valoração familiar é algo extremamente importante, segundo Formiga et al. (2003) e Osório (1989). O relacionamento familiar na vida do adolescente, tem influência direta na sua formação e no comportamento social. Apesar de essa fase - a adolescência - apresentar-se para os jovens com uma expressiva necessidade de autonomia, tanto em relação aos pais e laços familiares, quanto à sociedade e suas exigências, ainda assim parece não ser dissolvida com facilidade a condição de seguir uma norma em determinado meio.

Analisando o grupo FASEPA, a maioria das variáveis da valoração familiar tem valores bem abaixo da linha média da escala de importância: “Boa relação conjugal com os pais”, “União entre toda família”, “Ter uma estrutura econômica boa”, “Afeto e carinho” e “Compreensão”; aproximam-se da linha média de importância a “Disposição ao perdão” e “Confiança”, enquanto que apenas “Liberdade” está acima da linha média, sendo este o único item onde a importância média é idêntica para os dois grupos. Já para o grupo PROPAZ, todos os itens estão bem acima da linha média evidenciando a elevada importância dada por estes jovens a todos os itens da valoração familiar (gráfico 25).

Gráfico 25 - Comparação da valoração familiar entre os grupos PROPAZ e FASEPA(médias)



Ao evidenciar os valores na vida da juventude não somente se aponta para a construção do desenvolvimento psicossocial, mas, também, para a consistência de hábitos que os orientem às atividades de lazer diferenciadas, mas, agregando como fator de proteção: a leitura, passeio com amigos, visitas familiares, participação em cursos de formação a uso de

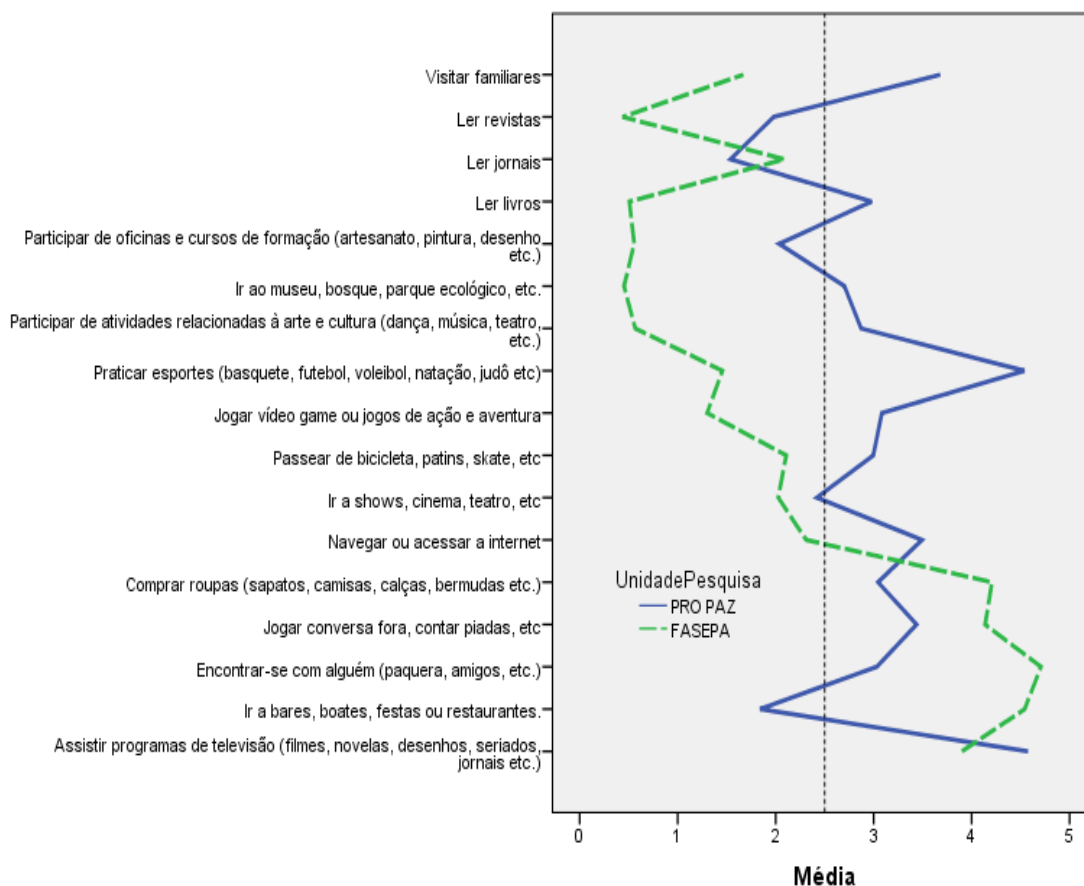
bebidas, etc., o fato está em definir uma responsabilidade pessoal. Para isso, ao considerar esse construto psicossocial, o sujeito promove, também, um conhecimento no que diz respeito à aceitação e prática social na escolha para a diversão ou lazer que se quer praticar (Argyle, 1992).

Em uma análise comparativa para os dois grupos, PROPAZ e FASEPA, observa-se que a intensidade de ocorrência dos hábitos de lazer instrutivos e lúdicos do grupo PROPAZ foram sempre superiores aos da FASEPA com exceção da variável “ler jornais”.

No grupo PROPAZ, os hábitos de lazer lúdicos apresentam, em sua maioria, elevada frequência, com destaque para a variável “Participar de atividades de esportes (basquete, futebol, voleibol, natação, judô, etc.)” com exceção na participação de oficinas e cursos de formação (artesanato, pintura, desenhos, etc.) e para os hábitos hedonistas, sendo que a variável “ Ir a bares, boates, festas ou restaurantes e ir a shows, cinema, teatro, etc., ficou abaixo da linha média.

O grupo FASEPA apresenta em sua maioria frequências acima da linha média para os hábitos hedonistas, com exceção para as variáveis, ir a shows, cinema, teatro, etc. e navegar ou acessar a internet (gráfico 26).

Gráfico 26 - Comparação do hábito de lazer entre os grupos PROPAZ e FASEPA (médias)



## 6.3 AVALIAÇÃO DAS QUALIDADES PSICOMÉTRICAS DAS ESCALAS DE MEDIDA

### 6.3.1 Validação dos construtos

Depois da análise das pontuações médias, desvios padrão, valores máximo e mínimo, foram também analisados os valores de assimetria e curtose dos itens do modelo de medida. Verifica-se que não existem desvios consideráveis em relação aos pressupostos de normalidade dos itens de medida ou variáveis, por apresentarem valores absolutos de assimetria e curtose inferiores a três e sete, respectivamente. Em seguida recorreu-se à Análise Fatorial Confirmatória (AFC) a partir das cargas fatoriais, para analisar os índices de fiabilidade dos construtos.

Nesse ponto, é possível observar uma das análises de confiabilidade das escalas administradas no estudo, o *alfa do Cronbach*. Pode-se verificar que seus valores apresentaram alfas de acordo com o padrão aceitável, que segundo Hill (2000), é acima de 0,70. Quando gerados alfas com a exclusão dos itens, esses variaram muito pouco nas referidas escalas. Vale destacar que os alfas da escala de condutas desviantes (antissocial e delitiva) e valoração familiar ficaram acima de 0,90, um valor do índice excelente (anexo 14).

Como o índice alfa de Cronbach tende a subestimar a verdadeira fiabilidade das medidas, procedeu-se, então, ao cálculo de índices de fiabilidade adicional - índice de fiabilidade compósita e variância extraída média (VEM) - que levam em conta o valor das saturações fatoriais de cada item (Hair et al., 1998).

Também se analisou a validade das medidas proporcionadas pelo modelo fatorial final (Graver e Mentzer 1999): a validade convergente permite determinar até que ponto duas medidas do mesmo conceito estão correlacionadas, ou seja, até onde os vários itens associados a um mesmo construto, partilham um elevado nível de variância comum. Para avaliar a validade convergente foram utilizados valores do VEM e da fiabilidade compósita e, ainda, magnitude, direção e significância dos pesos fatoriais.

Analisando os resultados, verificou-se que os valores da fiabilidade compósita foram adequados em todos os fatores, apresentando todos os valores iguais ou superiores a 0,70, conforme indicado por Hair et al. (1998). Em relação a VEM, todos os valores foram iguais ou superiores a 0,5. Com isso, pode-se concluir que o instrumento de medida possui validade convergente (tabela 39) e (anexos 15 e 16).

Tabela 39 - Comparativos entre os valores de fiabilidade: Alpha de Cronbach, Fiabilidade Compósita e Variância Extraída Média (VEM)

Variáveis	Fiabilidade Compósita	VEM	Alfa de Cronbach
Lúdico	0,85	0,54	0,73
Sentimento Anômico	0,86	0,56	0,78
Valoração Familiar	0,95	0,73	0,91
Hedonista	0,73	0,50	0,71
Instrutivo	0,80	0,56	0,70
Condutas antissociais	0,84	0,58	0,97
Condutas delitivas	0,85	0,59	0,98

Tendo avaliado a distribuição das respostas dos sujeitos nas escalas, bem como a consistência interna e a fiabilidade do modelo de medida, optou-se por verificar a estrutura fatorial das escalas na referida **amostra global da pesquisa**, ou seja, socioeducandos da FASEPA e jovens atendidos pelo projeto PROPAZ nos Bairros em conjunto. Para isso, procurou-se confirmar os resultados obtidos nos estudos desenvolvidos pelos autores das escalas (Formiga, 2011; Formiga e Gouveia, 2013; Formiga, 2010).

Na busca por facilitar a compreensão, procurou-se apresentar os resultados separados por escalas. Assim, inicialmente, verificou-se a estrutura fatorial da escala das atividades dos hábitos de lazer e depois as outras escalas. Optou-se por deixar livre as covariâncias ( $\phi$ ,  $\varphi$ ), que revelaram indicadores de qualidade de ajuste para o modelo proposto próximos às recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick e Fidell, 1996; Van de Vijver e Leung, 1997).

Para isso, procurou-se confirmar os resultados obtidos nos estudos desenvolvidos pelos autores das escalas, por exemplo: indicadores da valoração familiar - IDF - (Formiga, 2004), Escala das Condutas Desviantes - ECAD (Formiga e Gouveia, 2003), Escala das Atividades dos Hábitos de Lazer - EAHL (Formiga et al., 2005); (Formiga et al., 2013) e, por fim, a escala de sentimento anômico - ESA (Formiga e Souza, 2011).

Na tabela 40, a partir dos hábitos hedonistas na amostra global, é possível observar o modelo da estrutura fatorial hipotetizada, que revelou indicadores psicométricos diferentes em cada um dos modelos. Nota-se que o modelo final, a partir da exclusão das variáveis, teve um rendimento melhor do que o modelo 1 inicial, colaborando de forma aceitável em todas as medidas com a organização itens-fatores previamente propostos, como se pode observar.

Tabela 40 - Índices da qualidade do ajustamento da escala das atividades dos hábitos de lazer hedonista - amostra global

Modelos	Medidas de ajuste absoluto			Medidas de ajuste incremental			Medidas de ajuste parcimonioso	
	$\chi^2/df$	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Modelo 1	11,43	0,919	0,837	0,692	0,538	0,137	262,605	0,338
Modelo final	0,001	0,999	0,999	0,996	0,999	0,004	51,271	0,025

Considerando tais indicadores, todas as saturações ( $\lambda$ ) estiveram dentro do intervalo esperado  $|0 - 1|$ , denotando não haver problemas com a estimação proposta, como todas são estatisticamente diferentes de zero ( $t > 1,96, p < 0,05$ ), garantindo a qualidade da estrutura fatorial (tabela 41). As variáveis no modelo inicial AHLh1, AHLh5, AHLh6, AHLh7 não foram estatisticamente significativas, por isso foram excluídas do modelo final, a fim de melhorar o desempenho dos indicadores.

Tabela 41 - Estrutura fatorial da escala das atividades dos hábitos de lazer hedonista

$\xi$ (construto)	X (variáveis itens)	$\lambda$	
		Modelo1	Modelo Final
Hábitos de lazer hedonista	AHLh1	-0,09	-----
	AHLh2	0,63	0,56
	AHLh3	0,76	0,87
	AHLh4	0,54	0,51
	AHLh5	0,39	-----
	AHLh6	-0,06	-----
	AHLh7	0,09	-----

**Notas:**  $\lambda$  = Escores fatoriais da estrutura; X = variáveis (itens)  
 $\xi$  = construto das atividades dos hábitos hedonista.

Em relação à análise do modelo de medida dos hábitos de lazer instrutivo, na amostra global é possível verificar que o modelo inicial 1 teve um péssimo desempenho nos ajustes. Diferente do modelo final, que em todas as suas medidas estiveram dentro do que é estatisticamente permitido. Destaca-se a exclusão da variável 15 no modelo final (tabela 42).

Tabela 42 - Índices da qualidade do ajustamento da escala de atividades hábitos de lazer instrutivo - amostra global

Modelos	Medidas de ajuste absoluto			Medidas de ajuste incremental			Medidas de ajuste parcimonioso	
	$\chi^2/df$	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Modelo 1	11,46	0,98	0,90	0,942	0,825	0,137	81,529	0,070
Modelo final	0,001	0,99	0,99	0,999	0,999	0,001	43,946	0,020

Considerando a tabela 43, todas as saturações estiveram dentro do intervalo esperado  $[0 - 1]$ . Quando se analisa a estrutura fatorial no modelo 1 inicial, destaca-se o item AHLi15, com um valor muito baixo para o  $\lambda = 0,058$ . Já os outros valores foram considerados para compor o modelo final.

Tabela 43 - Estrutura fatorial da escala de atividades dos hábitos de lazer instrutivo

$\xi$ (construto)	X (variáveis itens)	$\lambda$	
		Modelo1	Modelo Final
Hábitos de lazer instrutivo	AHLi14	0,76	0,77
	AHLi15	0,06	-----
	AHLi16	0,70	0,69
	AHLi17	0,59	0,59

**Notas:**  $\lambda$  = Escores fatoriais da estrutura; X = variáveis (itens)  
 $\xi$  = construto das atividades dos hábitos instrutivos.

A análise dos indicadores do modelo inicial 1 do lazer lúdico, identificou que as medidas ficaram fora do padrão aceitável do que é recomendado estatisticamente. Já no modelo final, com a exclusão dos itens 8 e 9, verificou-se uma melhora considerável em seus ajustes, onde todas as medidas estão dentro do exigido estatisticamente (tabela 44).

Tabela 44 - Índices da qualidade do ajustamento da escala das atividades hábitos de lazer lúdicos - amostra global

Modelos	Medidas de ajuste absoluto			Medidas de ajuste incremental			Medidas de ajuste parcimonioso	
	$\chi^2/df$	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Modelo 1	10,35	0,94	0,87	0,91	0,85	0,130	181,050	0,210
Modelo final	0,85	0,99	0,99	0,99	0,99	0,000	66,770	0,034

Na tabela 45 todas as saturações estiveram dentro do intervalo esperado  $|0 - 1|$ . Quando se analisa a estrutura fatorial no modelo inicial, destacam-se os itens AHLu8 e AHLu9 com um valor muito baixo para o  $\lambda = 0,40$  e  $0,58$ , respectivamente, os quais foram excluídos do modelo final.

Tabela 45 - Estrutura fatorial da escala de atividades de hábitos de lazer lúdicos

$\xi$ (construto)	X (variáveis itens)	$\lambda$	
		Modelo1	Modelo Final
Hábitos lúdicos	AHLu8	0,40	-----
	AHLu9	0,58	-----
	AHLu10	0,73	0,68
	AHLu11	0,70	0,76
	AHLu12	0,73	0,74
	AHLu13	0,62	0,63

**Notas:**  $\lambda$  = Escores fatoriais da estrutura; X = variáveis (itens)  
 $\xi$  = construto dos hábitos de lazer lúdicos.

Procedimento semelhante realizado para EAHL foi também efetuado para a escala de indicadores da Valoração familiar (IDF). Com isso, deixaram-se livres as covariâncias ( $\phi$ ), observando-se indicadores de qualidade de ajuste de acordo com a literatura (Byrne, 1989; Tabachnick e Fidell, 1996; Van de Vijver e Leung, 1997). Observou-se ainda que os indicadores psicométricos referentes ao modelo inicial foram corroborados quanto às associações itens-fatores especificadas. Da mesma forma para o modelo final com ajustes e exclusão da variável IDF5, mostrou-se também dentro do que é exigido estatisticamente, tendo uma pequena melhora no ajuste (tabela 46).

Tabela 46 - Índices da qualidade do ajustamento da valoração familiar - amostra global

Modelos	Medidas de ajuste absoluto			Medidas de ajuste incremental			Medidas de ajuste parcimonioso	
	$\chi^2/df$	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Modelo 1	4,18	0,964	0,936	0,982	0,975	0,076	200,978	0,208
Modelo final	4,32	0,969	0,938	0,964	0,980	0,077	163,133	0,159

Observaram-se associações positivas entre os itens e o fator da IDF, que, revelaram boa força associativa, corroborando uma estrutura fatorial confiável e consistente. Apenas no modelo final foi excluído o item IDF5, pois o valor do  $\lambda$  foi muito baixo, 0,18 (tabela 47).

Tabela 47 - Estrutura fatorial da escala valoração familiar

$\xi$ (construto)	X (variáveis itens)	$\lambda$	
		Modelo1	Modelo Final
Indicadores da Valoração Familiar	IDF1	0,76	0,76
	IDF2	0,96	0,96
	IDF3	0,90	0,90
	IDF4	0,80	0,80
	IDF5	0,18	-----
	IDF6	0,93	0,93
	IDF7	0,84	0,84
	IDF8	0,58	0,58

**Notas:**  $\lambda$  = Escores fatoriais da estrutura; X = variáveis (itens)  
 $\xi$  = construto da valoração familiar.

Da mesma forma procedeu-se com a escala de sentimento anômico. O modelo inicial mostrou-se fora dos critérios estatísticos estabelecidos. Identificou-se que os itens SA4 e SA5 da escala ESA, além de não significativos, revelaram uma razão critério fora do padrão estatístico exigido, condição que levou à geração de um novo cálculo com a exclusão desses itens. O modelo final mostrou-se um pouco melhor a partir da exclusão dessa duas variáveis. Quando se analisou a medida de ajuste absoluto, o valor do qui-quadrado normalizado mostrou-se fora do padrão estabelecido (8,33) e na medida de ajuste incremental o valor do RMSEA foi de 0,115, bem acima do aceitável que é de 0,05 até 0,08 (tabela 48).

Tabela 48 - Índices da qualidade do ajustamento da escala do sentimento anômico - amostra global

Modelos	Medidas de ajuste absoluto			Medidas de ajuste incremental			Medidas de ajuste parcimonioso	
	$\chi^2/gf$	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Modelo 1	16,3	0,877	0,755	0,833	0,749	0,137	323,882	0,448
Modelo final	8,3	0,970	0,910	0,964	0,928	0,115	114,910	0,111



Na tabela 49, pode-se acompanhar as associações positivas itens-fator da medida de sentimento anômico variando entre  $|0 - 1|$  e os valores de  $\lambda$  entre 0,31 a 0,85 em relação a organização fatorial. Destaca-se a exclusão dos itens SA4 e SA5 no modelo final, devido a não serem estatisticamente significativas.

Tabela 49 - Estrutura fatorial da escala do sentimento anômico - ESA

$\xi$ (construto)	X (variáveis itens)	$\lambda$	
		Modelo 1	Modelo Final
Sentimento anômico	SA1	0,64	0,61
	SA2	0,83	0,85
	SA3	0,64	0,63
	SA4	0,31	----
	SA5	0,48	----
	SA6	0,68	0,68
	SA7	0,76	0,77

**Notas:**  $\lambda$  = Escores fatoriais da estrutura; X = variáveis (itens)  
 $\xi$  = construto do sentimento anômico.

Por fim, para a escala de condutas desviantes (antissociais e delitivas - ECAD), realizou-se o mesmo cálculo efetuado para as escalas anteriores. Para o cálculo da escala de condutas delitivas (CDDE), deixaram-se livres as covariâncias ( $\phi$ ). O modelo inicial 1 revelou indicadores de qualidade não ajustado às recomendações estatísticas. Para o modelo final com a exclusão dos itens 2, 4, 14, 19 e 21, por não serem estatisticamente significativos, encontraram-se indicadores um pouco melhores, mais para alguns itens, ainda fora do padrão estabelecido estatisticamente (tabela 50).

Tabela 50 - Índices da qualidade do ajustamento da escala de condutas delitivas - amostra global

Modelos	Medidas de ajuste absoluto			Medidas de ajuste incremental			Medidas de ajuste parcimonioso	
	$\chi^2/gl$	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Modelo 1	5,20	0,844	0,810	0,959	0,954	0,087	1290,380	1,921
Modelo final	6,35	0,864	0,822	0,969	0,965	0,098	895,107	1,301

Considerando a tabela 51, todas as saturações estiveram dentro do intervalo esperado  $|0 - 1|$ . Quando se analisa a estrutura fatorial no modelo 1 inicial, destacam-se os itens CDDE2, CDDE4, CDDE14, CDDE19 e CDDE21, com valores muito baixos (respectivamente  $\lambda = 0,55$ ,  $\lambda = 0,46$ ,  $\lambda = 0,47$ ,  $\lambda = 0,59$ ,  $\lambda = 0,48$ ). Para a composição do modelo final foi necessário a exclusão das variáveis em questão.

Tabela 51 - Estrutura fatorial da escala de condutas delitivas - CDDE

$\xi$ (construto)	X (variáveis itens)	$\lambda$	
		Modelo 1	Modelo Final
Conduas Delitivas	CDDE1	0,78	0,78
	CDDE2	0,55	-----
	CDDE3	0,97	0,97
	CDDE4	0,46	-----
	CDDE5	0,97	0,97
	CDDE6	0,97	0,97
	CDDE7	0,97	0,97
	CDDE8	0,91	0,91
	CDDE9	0,98	0,98
	CDDE10	0,97	0,97
	CDDE11	0,98	0,98
	CDDE12	0,98	0,98
	CDAN13	0,68	0,96
	CDDE14	0,47	-----
	CDDE15	0,92	0,92
	CDDE16	0,62	0,62
	CDDE17	0,93	0,93
	CDDE18	0,89	0,89
	CDDE19	0,59	-----
	CDDE20	0,90	0,90
	CDDE21	0,48	-----

**Notas:**  $\lambda$  = Escores fatoriais da estrutura; X = variáveis (itens);  
 $\xi$  = construto da escala de condutas delitivas.

Para o cálculo da escala CDAN, deixaram-se livres as covariâncias. O modelo inicial 1 revelou indicadores na direção com que é estatisticamente recomendado. Porém, devido a alguns itens terem saturações abaixo do recomendado, como por exemplo, os itens, CDAN4, CDAN11, CDAN14, CDAN15 e CDAN17, optou-se pela exclusão desses itens. Para o modelo final com exclusão dos itens, encontraram-se indicadores um pouco melhores, como por exemplo, nas medidas de ajuste absoluto, GFI = 0,885, AGFI = 0,850, nas medidas de ajuste incremental, TLI=0,960 e nas medidas de ajuste parcimonioso, CAIC= 760,148 e ECVI= 1,059 (tabela 52).

Tabela 52 - Índices da qualidade do ajustamento da escala de condutas antissociais - amostra global

Modelos	Medidas de ajuste absoluto			Medidas de ajuste incremental			Medidas de ajuste parcimonioso	
	$\chi^2/gf$	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Modelo 1	4,57	0,852	0,820	0,947	0,941	0,080	1171,983	1,703
Modelo final	5,05	0,885	0,850	0,885	0,960	0,085	760,148	1,059

Considerando a tabela 53, todas as saturações estiveram dentro do intervalo esperado  $|0 - 1|$ . Quanto à análise da estrutura fatorial no modelo 1 inicial, destacam-se os itens, CDAN4, CDAN11, CDAN14, CDAN15 e CDAN17, com valores muito baixos, respetivamente  $\lambda = 0,51$ ,  $\lambda = 0,58$ ,  $\lambda = 0,45$ ,  $\lambda = 0,49$ ,  $\lambda = 0,60$ .

Tabela 53 - Estrutura fatorial da escala de condutas antissociais - CDAN

$\xi$ (construto)	X (variáveis itens)	$\lambda$	
		Modelo1	Modelo Final
Conduas Antissociais	CDAN1	0,86	0,86
	CDAN2	0,91	0,91
	CDAN3	0,93	0,93
	CDAN4	0,51	-----
	CDAN5	0,93	0,93
	CDAN6	0,80	0,80
	CDAN7	0,78	0,78
	CDAN8	0,89	0,89
	CDAN9	0,93	0,93
	CDAN10	0,85	0,85
	CDAN11	0,58	-----
	CDAN12	0,87	0,87
	CDAN13	0,69	0,68
	CDAN14	0,45	-----
	CDAN15	0,49	-----
	CDAN16	0,83	0,83
	CDAN17	0,60	-----
	CDAN18	0,93	0,93
	CDAN19	0,88	0,88
	CDAN20	0,89	0,89
	CDAN21	0,91	0,91

**Notas:**  $\lambda$  = Escores fatoriais da estrutura; X = variáveis (itens);  $\xi$  = construto da escala de condutas antissociais.

Foi também avaliada a validade discriminante (VD) dos construtos que, segundo revela Fornell e Larcker (1981), permite avaliar até que ponto um construto é diferente de todos os outros.

A figura 36 apresenta os resultados do modelo de medida que foi estimado em conjunto para todas as variáveis latentes. A partir do modelo global de medida, foi possível estimar as correlações e os seus valores ao quadrado (tabela 54), e, desta forma, montar uma matriz (tabela 55). Nota-se, na parte superior, que os valores estimados foram adicionados, assim como os valores de VEM na diagonal principal, destacados em azul. A interpretação deve atender ao indicado por Fornell e Larcker (1981), na parte inferior da tabela os valores dos quadrados das correlações devem ser inferiores aos valores de VEM, para que atendam aos critérios de VD. Nota-se que todos os valores foram inferiores ao VEM, indicando validade discriminante adequada, portanto, não necessitando da aplicação de outro teste de VD.

Tabela 54 - Estimativas das correlações e valores ao quadrado das variáveis latentes

Variáveis			Correlações	Correlações ao quadrado
Sent_anom	<-->	Val_familiar	0,31	0,10
Val_familiar	<-->	Hab. hedonista	-0,289	0,08
Val_familiar	<-->	Hab. ludicos	0,578	0,33
Val_familiar	<-->	Hab. instrutivo	0,517	0,27
Cond_antissociais	<-->	Hab. instrutivo	-0,653	0,43
Cond_antissociais	<-->	Hab. ludicos	0,358	0,13
Cond_antissociais	<-->	Hab. hedonista	0,182	0,03
Cond_delitivas	<-->	Hab. instrutivo	0,343	0,12
Cond_delitivas	<-->	Hab. ludicos	-0,594	0,35
Sent_anom	<-->	Cond_antissociais	0,567	0,32
Sent_anom	<-->	Cond_delitivas	0,614	0,38
Cond_delitivas	<-->	hedonista	0,254	0,06

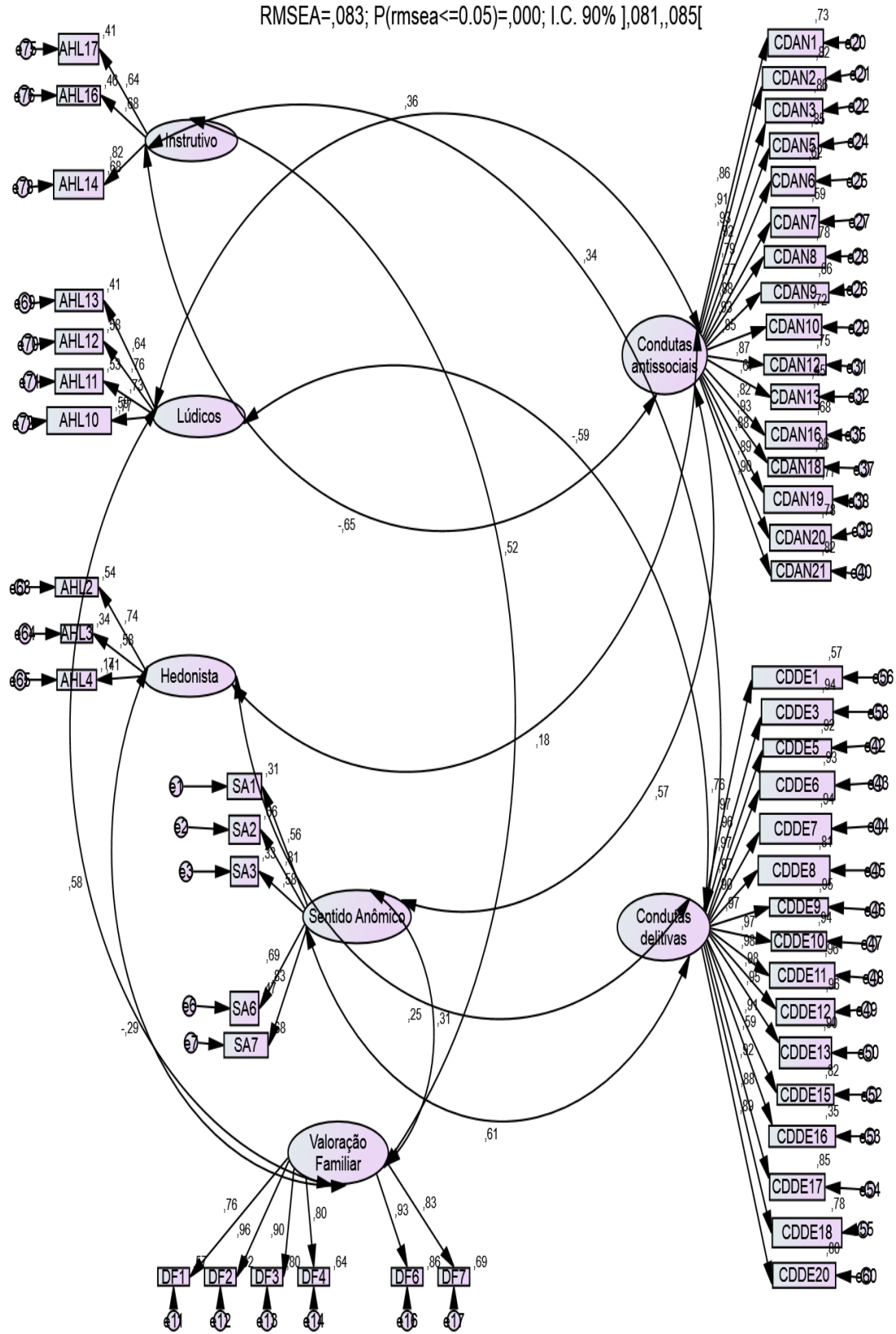
Tabela 55 - Matriz de VEM e correlações ao quadrado

Variáveis	AHLi	AHLlu	AHLh	CDDE	CDAN	IDF	SA
AHLi	<b>0,56</b>						
AHLlu	–	<b>0,54</b>					
AHLh	–	–	<b>0,50</b>				
CDDE	0,12	0,35	0,06	<b>0,59</b>			
CDAN	0,43	0,13	0,03	–	<b>0,58</b>		
IDF	0,27	0,33	0,08	–	–	<b>0,73</b>	
SA	–	–	–	0,38	0,32	0,10	<b>0,56</b>

Nota: Na diagonal principal encontra-se os valores de VEM

Figura 36 - Modelo global de medida estimado

$X^2(1313)=6373,103$ ;  $X^2/gf=4,854$ ;  $p=,000$   
 $CFI=,877$ ;  $PCFI=,836$ ;  $GFI=,733$ ;  $PGFI=,673$ ;  $MECVI=11,911$   
 $RMSEA=,083$ ;  $P(rmsea<=0.05)=,000$ ; I.C. 90% ],081,,085[



### 6.3.2 Discussão dos resultados do modelo de medida

Para os resultados com a amostra global, é possível destacar que as escalas utilizadas no estudo foram comprovadas parcialmente, pois alguns itens não foram significativos e foi necessário a exclusão no que se refere à sua estrutura fatorial, isto é, os itens e seus respectivos fatores, de acordo com o que propuseram seus autores, demonstram-se confiáveis. Especificamente a EAHL, a IDF, a ESA e a ECAD revelaram indicadores psicométricos que comprovam a precisão do construto e corroboram, embora parcialmente, os estudos supracitados, que construíram e/ou adaptaram essas medidas em distintas amostras brasileiras em particular na RMB.

De forma geral, depois de eliminados alguns dos itens não significativos dos construtos, todos eles se revelaram consistentes, sendo que os resultados contribuíram para verificação da estrutura fatorial nos sujeitos da pesquisa. Com as análises realizadas, é possível afirmar que, para quase todas as escalas, o objetivo pretendido (confirmação da organização fatorial da medidas propostas), a partir das evidências empíricas (através da análise fatorial confirmatória e da consistência interna das escalas) observadas na aplicação e mensuração em outros contextos brasileiros e internacionais, especificamente em jovens distintos nos contextos sociais e educacionais, foi alcançado. Os indicadores estatísticos garantiram o sentido e conteúdo do item-fator, baseado nos respectivos conceitos de cada construto avaliado.

Com isso, atento às condições psicométricas observadas nas escalas, os indicadores comumente levados em conta para corroborar o modelo proposto para cada escala (por exemplo:  $\chi^2/\text{gl}$ , GFI, AGFI, CFI, TLI, RMSEA, CAIC e ECVI), mostraram-se todos satisfatórios, apresentando escores que estão dentro dos intervalos considerados aceitáveis (Byrne, 1989; Kelloway, 1998; Lattin et al., 2011). Sendo assim, os resultados deste estudo não tratam, simplesmente, de uma qualificação psicométrica das medidas em questão, pois semelhantes estruturas fatoriais foram previamente observadas por outros autores brasileiros.

Os resultados observados neste estudo apontam em direção à consistência interna e robustez fatorial dos construtos EAHL, IDF, ESA e ECAD, revelando indicadores próximos aos encontrados pelos autores previamente citados (Formiga et al., 2005; Formiga et al., 2013; Formiga, 2004; Formiga, 2011; Omar et al., 2005; Formiga e Gouveia, 2003; Formiga e Diniz, 2011; Formiga et al., 2014).

A partir desses resultados, e tendo confirmado a estrutura fatorial das escalas administradas aos sujeitos da presente tese, procurou-se, na próxima etapa, verificar o modelo conceitual, que é o objetivo central da tese.

#### 6.4 VERIFICAÇÃO DO MODELO ESTRUTURAL EXPLICATIVO DAS CONDUTAS DESVIANTES DE JOVENS EM RISCO SOCIAL

A partir da confirmação das estruturas fatoriais identificadas para as escalas, estimou-se o modelo teórico hipotetizado a título de esclarecimento e com o objetivo de verificar a melhor estrutura teórica que permita explicar o fenômeno do comportamento desviante. Optou-se por avaliar um modelo global, para depois discriminar modelos para os grupos PROPAZ e FASEPA de forma individual. Assim, é possível descrever e comparar.

A elaboração do modelo teórico visou determinar os efeitos entre as variáveis conforme as seguintes hipóteses já anteriormente apresentadas no capítulo 4:

- H1: Há um efeito negativo da valoração familiar (IDF) sobre sentimento anômico.
- H2a: Há um efeito negativo da valoração familiar sobre os hábitos hedonistas.
- H2b: Há um efeito positivo da valoração familiar sobre os hábitos lúdicos.
- H2c: Há um efeito positivo da valoração familiar sobre os hábitos instrutivos.
- H3a: Há um efeito negativo dos hábitos instrutivos sobre as condutas antissociais.
- H3b: Há um efeito negativo dos hábitos lúdicos sobre as condutas antissociais.
- H3c: Há um efeito positivo dos hábitos hedonistas sobre as condutas antissociais.
- H4a: Há um efeito negativo dos hábitos instrutivos sobre as condutas delitivas.
- H4b: Há um efeito negativo dos hábitos lúdicos sobre as condutas delitivas.
- H4c: Há um efeito positivo dos hábitos hedonistas sobre as condutas delitivas.
- H5a: Há um efeito positivo do sentimento anômico sobre as condutas antissociais.
- H5b: Há um efeito positivo do sentimento anômico sobre as condutas delitivas.
- H6: Há diferença entre as condutas desviantes dos jovens que frequentam o programa PROPAZ e os que cumprem medidas socioeducativas na FASEPA.

É importante verificar a relevância das variáveis testadas a serem confirmadas, para se chegar a conclusão se elas têm condições de serem incluídas no modelo final. No modelo global, para obter uma melhor adequação, foi necessário eliminar algumas variáveis por

critérios de significância, para a adequação do modelo ao inicialmente proposto. Destaca-se as variáveis que foram utilizadas para composição do modelo:

- **Hábitos de lazer instrutivos** - foi composta pelas variáveis: AHLi14 - ler livros, AHLi16 - ler revistas e AHLi17 - visitar familiares;
- Para **hábitos lúdicos** as variáveis foram AHLu10 - praticar esportes (basquete, futebol, voleibol, natação, judô, entre outros); AHLu11 - participar de atividades relacionadas à arte e cultura (dança, música, teatro, entre outras); AHLu12 - ir ao museu, bosque, teatro, entre outras), AHLu13 - Participar de oficinas e cursos de formação (artesanato, pintura, desenho, entre outras);
- **Os hábitos hedonistas de lazer** participaram com as seguintes variáveis, AHLh1 - Assistir a programas de televisão (filmes, novelas, desenhos, seriados, jornais, entre outros); AHLh5 - Comprar roupas (sapatos, camisas, calças, bermudas, entre outras); AHLh6 - Navegar ou acessar a internet; AHLh7 - ir a shows, cinema, teatro, entre outros.
- No que diz respeito ao **sentimento anômico**, foram estudadas as variáveis: SA1 - Eu me sinto muito sozinho atualmente; SA2 - Não importa quanto a pessoa se esforce na vida, isso não faz diferença; SA3 - eu me sinto discriminado socialmente; SA6 - é difícil para mim dizer o que certo ou errado, atualmente e SA7 - eu não gosto de viver de acordo com as regras da sociedade.
- Na **avaliação familiar**, participaram as seguintes variáveis: IDF1 - confiança; IDF2 - afeto e carinho; IDF3 - compreensão; IDF4 - ter um estrutura econômica boa; IDF6 - união entre toda a família e IDF7 - disposição ao perdão.
- Já na análise das **condutas desviantes, nas condutas antissociais**, participaram as variáveis: CDAN1 - fazer brincadeiras pesadas com as pessoas, como empurrá-las na lama ou tirar-lhes a cadeira quando vão sentar; CDAN2 - pegar escondido a bicicleta, carro ou moto de um desconhecido para dar um passeio, com a única intenção de se divertir; CDAN3 - receber troco a mais e não dizer nada a pessoa que lhe deu; CDAN5 - não dizer nada quando a garçonete ou garçom erra na conta a seu favor; CDAN6 - bagunçar ou assoviar em uma reunião, lugar público, escola ou de trabalho; CDAN7 - riscar em lugares proibidos (paredes, mesas, cadeiras etc.); CDAN8 - tocar a campainha na casa de alguém e sair correndo; CDAN9 - responder mal a um superior ou autoridade (no trabalho, na escola, repartição ou na rua); CDAN10 - dizer palavrões ou expressões grosseiras para as pessoas quando está zangado; CDAN12 -



chegar de propósito mais tarde do que o permitido (em casa, trabalho, compromisso, etc.); CDAN13 - incomodar pessoas desconhecidas ou fazer desordens em lugares públicos; CDAN16 - apanhar frutas em um jardim, terreno, quintal não sendo autorizado pelo dono; CDAN18 - consumir bebidas alcoólicas (cerveja, cachaça, vinho, vodka, uísque entre outras); CDAN19 - chegar tarde ao trabalho, colégio, compromisso ou reunião; CDAN20 - Negar-se a fazer as tarefas solicitadas (no trabalho, na escola ou no local que reside) e CDAN21 - brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).

- **Nas condutas delitivas**, as variáveis que compuseram o modelo foram: CDDE1 - usar ou copiar mídias piratas (CD, DVD ou jogos de computador), que você não comprou; CDDE3 - conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas; CDDE5 - portar uma arma (faca, canivete ou revólver), caso considere necessário em uma briga; CDDE6 - roubar coisas de grandes armazéns, supermercados, entre outros, estando abertos; CDDE7 - roubar objetos dos carros (como, som, toca fitas, rodas, entre outros); CDDE8 - entrar em um local proibido (jardim privado, casa vazia, prédio público, etc.); CDDE9 - entrar em uma loja que está fechada, roubando algo ou não; CDDE10 - resistir ou brigar para escapar de um policial; CDDE11 - entrar em um apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planejado antes); CDDE12 - planejar de antemão entrar em uma casa ou apartamento para roubar coisas de valor; CDDE13 - pegar escondido a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela, CDDE15 - roubar coisas de um lugar público (trabalho ou colégio) no valor de mais de R\$ 10,00; CDDE16 - roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão trabalhando, CDDE17 - usar drogas (maconha, cola de sapateiro, cocaína, crack entre outras); CDDE18 - enganar (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc.) e CDDE20 - forçar a entrada em um armazém, garagem, depósito ou mercearia.

Após fazer as adequações, testou-se um modelo que avaliou a influência e o efeito unidirecional das atitudes de hábitos de lazer (AHL) - hedonista, lúdica e instrutiva, do sentimento anômico (SA), valoração familiar (IDF) sobre as condutas desviantes (condutas antissociais e delitivas). Assim, efetuou-se a análise a partir da modelagem de equações estruturais, para se comprovar o modelo final (depois de excluídos os 20 itens de medidas não significativos), realizado as devidas modificações nos ajustes de erro, encontraram-se as seguintes estatísticas:  $\chi^2/gf = 2,971$   $p=0,000$ ; GFI = 0,77; AGFI = 0,75; CFI = 0,94, NFI = 0,91, RMSEA = 0,059;  $P(RMSEA \leq 0,05)=0,000$ ; I.C. 90% (0,057-0,062).

Considerando o modelo teórico em questão, que enfatiza a especificidade das dimensões dos hábitos de lazer, que revelaram melhores indicadores psicométricos, aceitos na literatura estatística quanto à modelagem estrutural realizada (Joreskog e Sörbom, 1989; Hair et al., 2005), que, ao compará-los com os modelos, revelaram-se mais adequados. Dessa forma, corrobora-se o modelo esperado, que não apenas apresentou maior robustez estatística, mas converge em direção da perspectiva teórico elencada na tese.

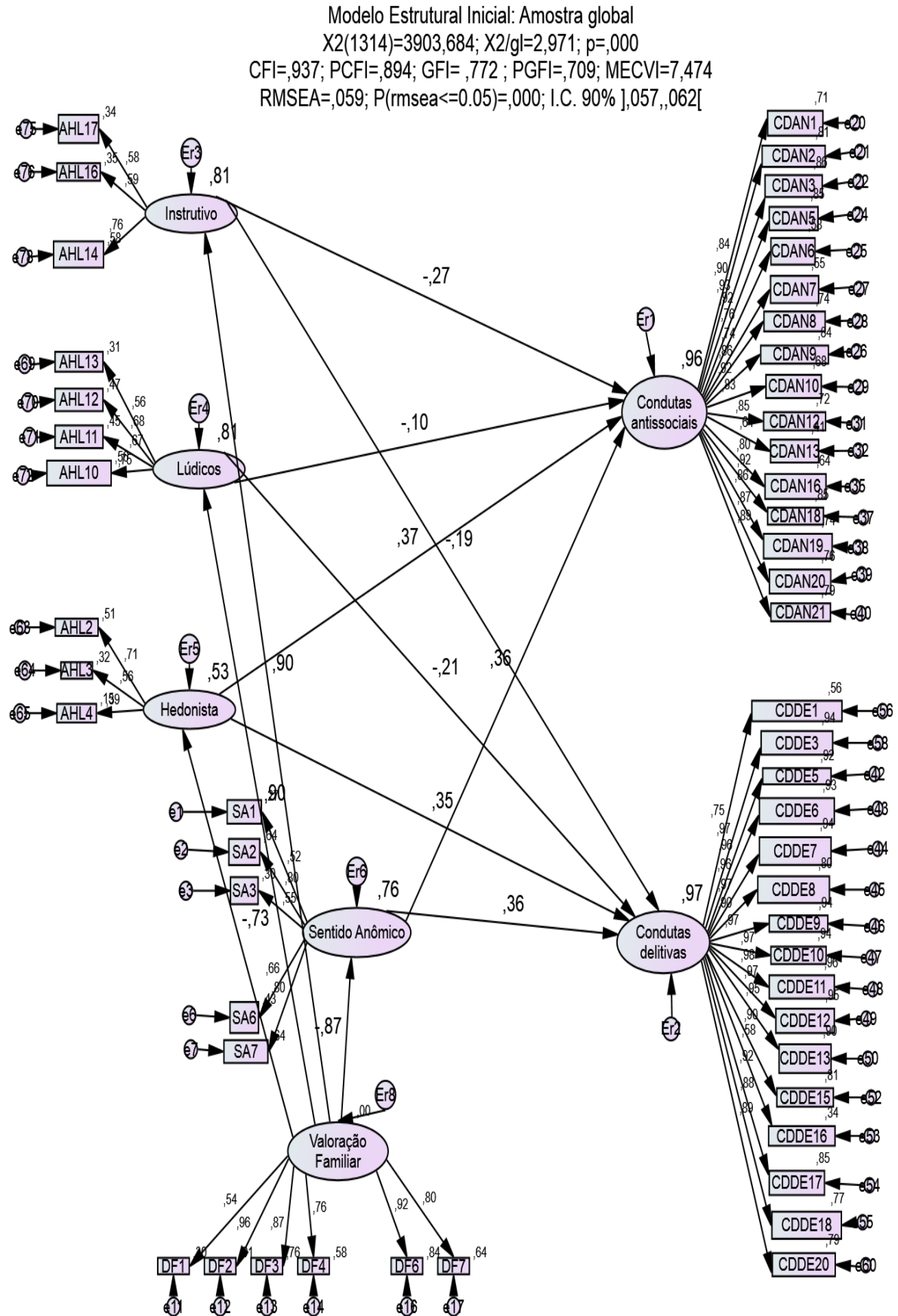
No modelo a seguir, analisando as variáveis e seus respectivos efeitos, é possível observar que o peso da variável considerada valorização familiar (IDF) teve um forte efeito negativo sobre o sentimento anômico (SA), ( $\lambda = -0,87$ ), estando em conformidade com a hipótese H1, descrita anteriormente. Já o efeito sobre os hábitos hedonistas, tiveram também um forte efeito negativo ( $\lambda = -0,73$ ), estando em conformidade com a hipótese H2a. Quando o efeito foi com os hábitos lúdicos e instrutivos, houve um forte efeito positivo, respectivamente ( $\lambda = 0,90$ ) e ( $\lambda = 0,90$ ). Já esses concordando com as hipóteses H2b e H2c, anteriormente citadas.

**Os hábitos de lazer instrutivos** tiveram efeitos negativos fracos sobre as condutas antissociais e delitivas ( $\lambda = -0,27$ ) e ( $\lambda = -0,19$ ), estando o seu sinal em conformidade com as hipóteses H3a e H4a. Os **lúdicos**, por sua vez, tiveram efeitos negativos fracos para as condutas antissociais e delitivas ( $\lambda = -0,10$ ) e ( $\lambda = -0,21$ ), em conformidade com as hipóteses já apresentadas, H3b e H4b.

Os hábitos **hedonistas** influenciaram de forma positiva as condutas antissociais e delitivas ( $\lambda = 0,37$ ) e ( $\lambda = 0,35$ ), em conformidade com as hipóteses H3c e H4c (anexo ).

**O sentimento anômico** teve efeito positivo sobre as condutas antissociais ( $\lambda = 0,36$ ), assim como sobre as condutas delitivas ( $\lambda = 0,36$ ). Isso confirmou as hipóteses anteriores, H5a e H5b (figura 37) e (anexos 17 e 18).

Figura 37 - Representação gráfica do modelo das condutas desviantes estimado global



#### 6.4.1 Avaliando e comparando os resultados a partir de modelos multigrupos

A partir dos resultados anteriores, procedeu-se com a Análise Multigrupos<sup>32</sup>, dividindo a amostra em dois grupos: os socioeducandos da FASEPA e os participantes do projeto PROPAZ nos Bairros. O principal objetivo desta análise é saber até que ponto os dois grupos apresentam o mesmo modelo de caminhos com os mesmos valores para os parâmetros ou com valores diferentes.

A partir da análise e modelagem por equações estruturais, o ajustamento final, apresentou os seguintes resultados:  $\chi^2/g.l. = 2,442$   $p=0,000$ ; GFI = 0,70; AGFI = 0,68; CFI = 0,80, NFI = 0,68, RMSEA = 0,051;  $P(RMSEA \leq 0,05)=0,168$ ; I.C= 90% (0,049-0,052). Tais resultados foram confirmados quando se observaram as estimativas de predição, a partir da análise de regressão revelada para o modelo, o que levou a identificar as variáveis significativas e a razão critério dentro do que é estatisticamente exigido, garantindo a validação do modelo teórico que se estabeleceu.

Para responder à pergunta se há diferenças entre as condutas desviantes dos jovens que frequentam o projeto PROPAZ nos Bairros e os que cumprem medidas socioeducativas na FASEPA, o software utilizado para estimar o modelo de equações estruturais cria automaticamente restrições aos parâmetros dos dois grupos, para além de estimar o modelo com os parâmetros totalmente livres (Não-restrito). São apresentados 3 modelos com diferentes combinações dos parâmetros restritos: o modelo 1 fixa os pesos fatoriais iguais para os 2 grupos; o modelo 2, para além dos pesos fatoriais fixa também os pesos estruturais; e no modelo 3 são também fixos os resíduos.

Como os modelos com restrições (modelos 1, 2 e 3) são modelos aninhados no modelo não restrito, para comparar o ajustamento do modelo não restrito com os restantes modelos recorre-se ao teste da diferença de Qui-quadrado, considerando a hipótese nula a invariância dos parâmetros dos dois grupos populacionais (tabela 56). A comparação do modelo não restrito com o modelo 1 (Diferença  $\chi^2 = 1617,325$ , diferença g.l. = 46, P-valor = 0,000) permite rejeitar a hipótese nula de que o modelo com pesos fatoriais fixos se ajusta tão bem aos dois grupos como o modelo não restrito; ou seja, rejeita-se a hipótese de invariância nos pesos fatoriais dos dois grupos. Idêntica conclusão se retira da comparação do modelo não

---

<sup>32</sup> Têm como premissa avaliar se a estrutura do modelo de medida ou do modelo estrutural equivale em diferentes grupos ou populações com características diferentes. Esta análise necessita da existência de dois grupos mutuamente exclusivos, no qual devem ser avaliados as variáveis num conjunto de dados distribuídos de forma aleatória, ou não, pelos grupos envolvidos (Marôco, 2010).

restrito com o modelo 2, sendo possível concluir sobre a rejeição da invariância, quer dos pesos fatoriais, quer dos pesos estruturais.

Tabela 56 - Resultados do ajustamento dos modelos: análise multigrupos

Modelos	NPAR	$\chi^2$	g.l.	P-valor	$\chi^2/g.l$
Não-restrito	234	6416,670	2628	,000	2,442
Pesos fatoriais (modelo 1)	188	8033,996	2674	,000	3,004
Pesos estruturais (modelo 2)	176	8805,467	2686	,000	3,278
Resíduos (modelo 3)	117	19208,986	2745	,000	6,998
Modelo saturado	2862	,000	0		
Modelo independente	106	22156,728	2756	,000	8,039
Assumindo que o modelo não-restrito é correto		Diferença $\chi^2$	Diferença g.l.	P-valor	
Pesos fatoriais		1617,325	46	,000	
Pesos estruturais		2388,797	58	,000	
Resíduos		12792,316	117	,000	

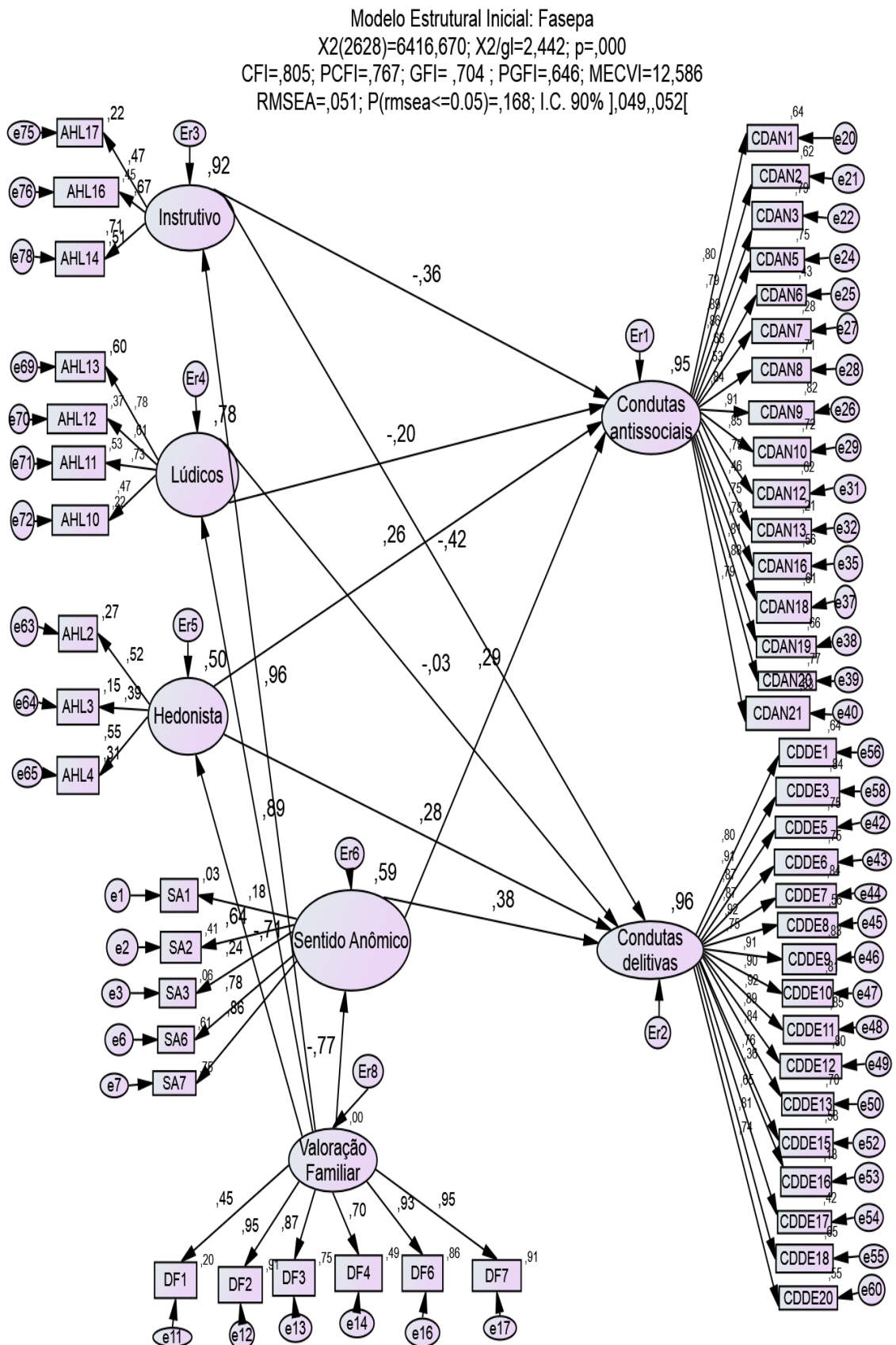
Para o modelo da FASEPA (figura 38, tabelas 57, 58 e 59) foi possível observar o peso da variável considerada na valoração familiar (IDF), um forte efeito negativo sobre o sentimento anômico (SA), ( $\lambda = -0,77$ ), em conformidade com a hipótese H1 descrita anteriormente. Já o efeito da mesma variável sobre os hábitos hedonistas, é forte e negativo ( $\lambda = -0,71$ ), estando também em conformidade com a hipótese H2a. Quando aos efeitos sobre os hábitos lúdicos e instrutivos, são fortes e positivos, respectivamente  $\lambda = 0,89$  e  $\lambda = 0,96$ , concordando com as hipóteses H2b e H2c, anteriormente descritas.

**Os hábitos de lazer instrutivos** tiveram efeitos negativos fracos sobre as condutas antissociais e delitivas ( $\lambda = -0,36$ ) e ( $\lambda = -0,42$ ), estando os seus sinais em conformidade com as hipóteses H3a e H4a. Os **lúdicos** também, por sua vez, tiveram efeitos negativos fracos sobre as condutas antissociais e delitivas ( $\lambda = -0,20$ ) e ( $\lambda = -0,03$ ) e estatisticamente não significativo no último caso (tabelas 57, 58 e 59), com sinais de acordo com as hipóteses já apresentadas (H3b e H4b).

Os hábitos **hedonistas** influenciaram de forma positiva as condutas antissociais e delitivas ( $\lambda = 0,26$ ) e ( $\lambda = 0,28$ ), em conformidade com as hipóteses H3c e H4c.

**O sentimento anômico** teve efeito positivo sobre as condutas antissociais ( $\lambda = 0,29$ ), assim como sobre as condutas delitivas ( $\lambda = 0,38$ ). Isso confirmou as hipóteses anteriores (H5a e H5b) (figura 38 e tabelas 57, 58 e 59) e (anexos 19 e 20)

Figura 38 - Representação gráfica do modelo das condutas desviantes estimado FASEPA



Para os jovens atendidos pela programa PROPAZ, foi possível observar que a variável **valoração familiar** (IDF) teve um efeito negativo sobre o sentimento anômico (SA), ( $\lambda = -0,54$ ), estando em conformidade com a hipótese H1, descrita anteriormente. Já o efeito dessa mesma variável sobre os hábitos hedonistas, foi fraco e não significativo ( $\lambda = 0,10$ ), em desacordo com a hipótese H2a. Quanto ao efeito sobre os hábitos lúdicos e instrutivos, são ambos positivos, respectivamente  $\lambda = 0,44$  e  $\lambda = 0,31$ , estes concordando com as hipóteses H2b e H2c, anteriormente descritas (figura 39, tabelas 57, 58 e 59).

Os **hábitos de lazer instrutivos** apresentam um efeito negativo e fraco sobre as condutas antissociais ( $\lambda = -0,26$ ), estando em conformidade com as hipóteses H3a, e fraco e não significativo sobre as condutas delitivas ( $\lambda = 0,08$ ), este, por sua vez, não estando em conformidade com a hipótese H4a.

Os **hábitos lúdicos** tiveram efeitos positivos fracos para as condutas antissociais e delitivas, ( $\lambda = 0,24$  e  $\lambda = 0,15$ ), não significativo no último caso, e não estando em conformidade com as hipóteses já apresentadas, H3b e H4b.

Os **hábitos hedonistas** influenciaram de forma fraca e positiva as condutas antissociais e delitivas ( $\lambda = 0,28$  e  $\lambda = 0,08$ ), sendo o efeito não significativo no caso das condutas delitivas, o que confirma apenas parcialmente as hipóteses H3c e H4c.

Em resumo, para os jovens do PROPAZ, os hábitos de lazer apresentam efeitos fracos mas significativos sobre as condutas antissociais, mas não significativos sobre as condutas delitivas, o que pode ser explicado devido aos jovens do PROPAZ já terem absorvido valores e ensinamentos sobre as práticas de lazer lúdicas e instrutivas, através de práticas esportivas, culturais, leituras, cursos e oficinas, entre outras. Portanto, a adoção dessas práticas já está enraizada em seus cotidianos.

O **sentimento anômico** teve efeito positivo sobre as condutas antissociais, ( $\lambda = 0,47$ ), assim como sobre as condutas delitivas ( $\lambda = 0,32$ ) confirmando as hipóteses H5a e H5b. (figura 39 e tabelas 57, 58 e 59) e (Anexos 21 e 22).

Figura 39 - Representação gráfica do modelo das condutas desviantes estimado PROPZ

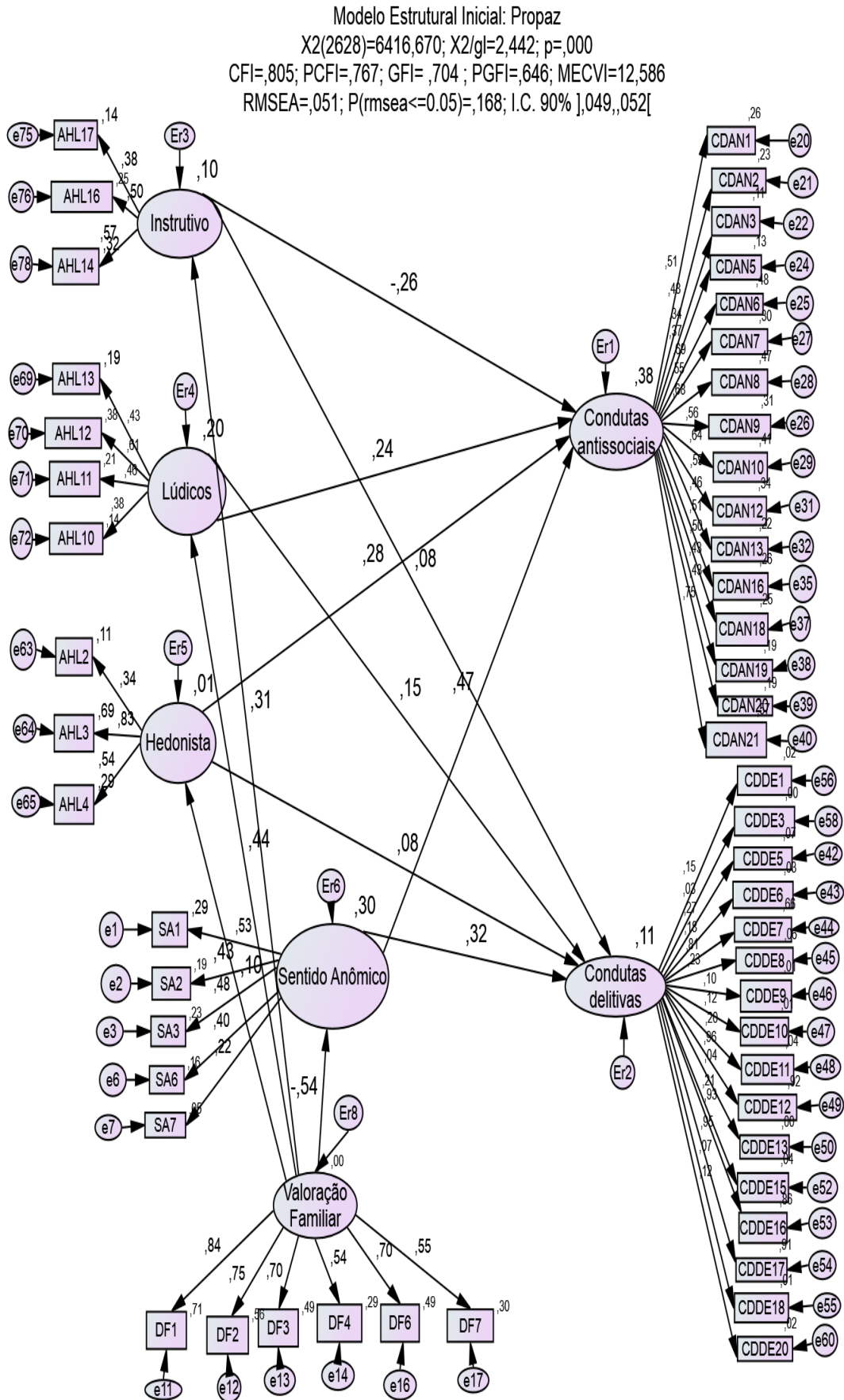




Tabela 57 - Comparativos das estimativas entre os modelos PROPAZ e FASEPA

<b>Estimativa</b>	<b><math>\lambda</math> (PROPAZ)</b>	<b><math>\lambda</math> (FASEPA)</b>
Valor_familiar → Sent anômico	-0,545	-0,769
Valor_familiar → Instrutivo	0,311	0,960
Valor_familiar → Lúdico	0,443	0,885
Valor_familiar → Hedonista	0,102	-0,710
Sent_anômico → Cond antissocial	0,467	0,289
Sent_anômico → Cond delitivas	0,323	0,378
Instrutivos → Cond antissociais	-0,262	-0,355
Lúdico → Cond antissociais	0,239	-0,203
Hedonista → Cond antissociais	0,276	0,259
Hedonista → Cond delitivas	0,081	0,284
Lúdico → Cond delitivas	0,150	-0,029
Instrutivos → Cond delitivas	0,076	-0,419

Tabela 58 - Comparativos entre o P-valores dos modelos PROPAZ e FASEPA

<b>Estimativa</b>	<b>P-valor (PROPAZ)</b>	<b>P-valor (FASEPA)</b>
Valor_familiar → Sent anômico	0,009	*****
Valor_familiar → Instrutivo	0,011	*****
Valor_familiar → Lúdico	0,002	*****
Valor_familiar → Hedonista	0,301	*****
Sent_anômico → Cond antissocial	0,013	*****
Sent_anômico → Cond delitivas	0,092	*****
Instrutivos → Cond antissociais	0,013	0,007
Lúdico → Cond antissociais	0,024	0,036
Hedonista → Cond antissociais	*****	0,002
Hedonista → Cond delitivas	0,292	0,001
Lúdico → Cond delitivas	0,184	0,742
Instrutivos → Cond delitivas	0,449	0,001

Nota: \*\*\*\*\* = P-valor < 0,001

Tabela 59 - Comparativos entre os valores de R<sup>2</sup> nos modelos PROPAZ e FASEPA

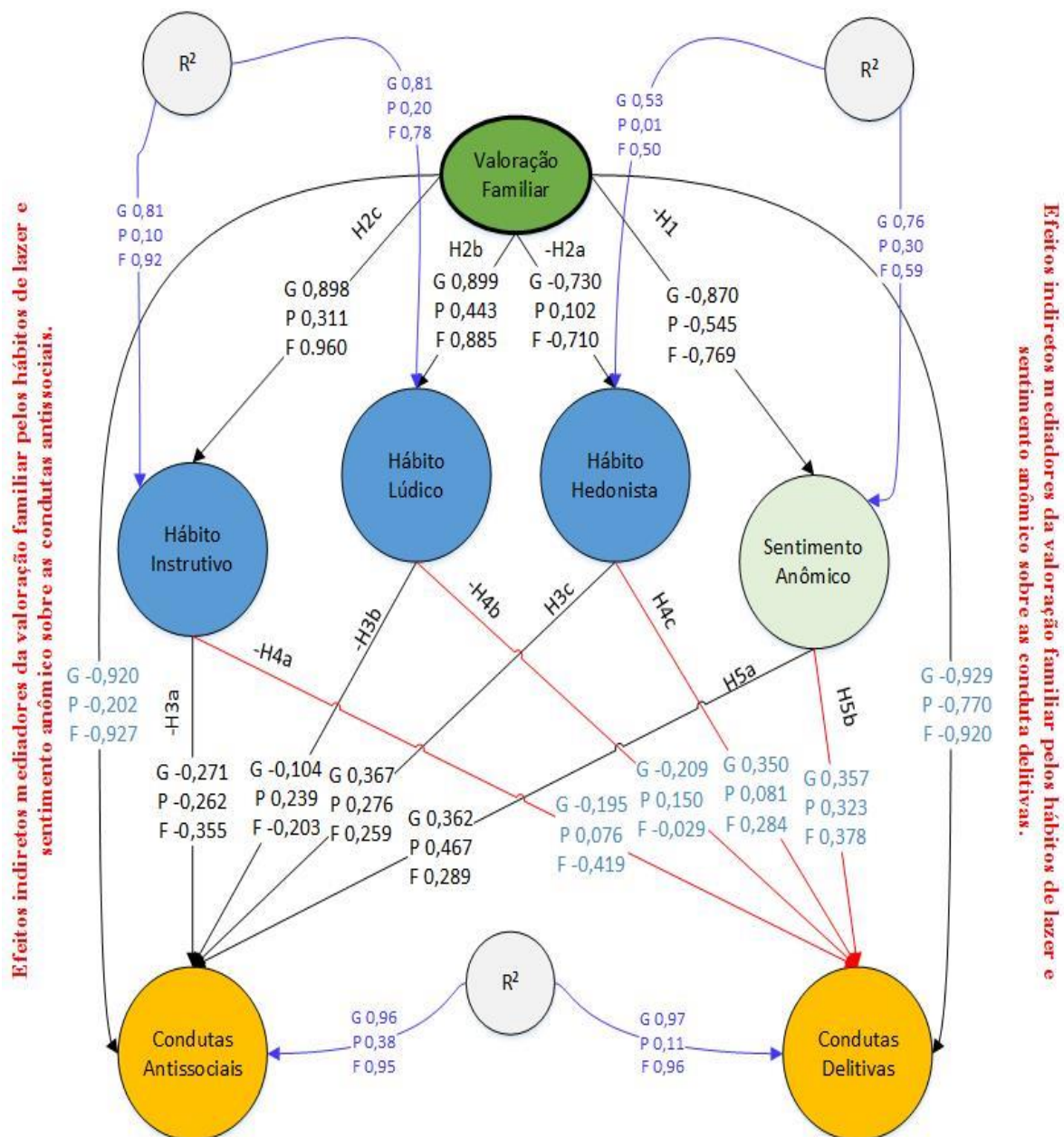
Estimativa	R <sup>2</sup> (PROPAZ)	R <sup>2</sup> (FASEPA)
Valor_familiar → Sent anômico	0,30	0,59
Valor_familiar → Instrutivo	0,10	0,92
Valor_familiar → Lúdico	0,20	0,78
Valor_familiar → Hedonista	0,01	0,50
Sent_anômico → Cond antissocial	0,22	0,08
Sent_anômico → Cond delitivas	0,10	0,14
Instrutivos → Cond antissociais	0,07	0,13
Lúdico → Cond antissociais	0,06	0,04
Hedonista → Cond antissociais	0,08	0,07
Hedonista → Cond delitivas	0,01	0,08
Lúdico → Cond delitivas	0,02	0,00
Instrutivos → Cond delitivas	0,00	0,18

Na figura 40 apresenta-se um resumo das principais conclusões relativas às estimativas encontradas para os três modelos gerados: Modelo Global, PROPAZ e FASEPA. É importante ressaltar o efeito da valoração familiar sobre as outras variáveis que compõe o modelo. Quando ela se relaciona de forma secundária e mediadora com as condutas desviantes, tem uma forte influência sobre elas: modelo global ( $\lambda = -0,93$ ), modelo PROPAZ ( $\lambda = -0,77$ ) e FASEPA ( $\lambda = -0,92$ ) e sobre as condutas antissociais, modelo global ( $\lambda = -0,92$ ), modelo PROPAZ ( $\lambda = -0,20$ ) e FASEPA ( $\lambda = -0,93$ ). Isso demonstra que quanto maior o efeito da valoração familiar sobre as condutas desviantes, menor será o comportamento desviantes desses jovens, ou seja, jovens que têm uma boa relação familiar (relação com os pais, irmãos, tios, sobrinhos, cunhados, primos, entre outros familiares) são mais propensos a ter menos condutas desviantes.

O efeito da valoração familiar sobre os hábitos de lazer (hedonista) foi forte e negativo nos modelos global ( $\lambda = -0,73$ ) e FASEPA ( $\lambda = -0,71$ ). Concluí-se, com isso, que quanto maior o efeito da valoração familiar sobre os hábitos hedonistas, menor será o comportamento hedônico. No caso do PROPAZ, o efeito foi positivo e não significativo a  $p > 0,01$ , ( $\lambda = 0,10$ ). A explicação para o efeito positivo ocorre devido os participantes do PROPAZ receberem ações e ensinamentos específicos sobre as relações familiares e comportamentos em grupos, através de valores que diminuem os efeitos desses comportamentos, ou seja, os jovens que

participam do PROPAZ nos Bairros assimilam os comportamento hedonistas de forma positiva quando relacionados à questão intra-familiar.

Figura 40 - Resumo comparativo das estimativas dos três modelos: amostra Global, amostra PROPAZ e amostra FASEPA



Nota: G - modelo Global; P- modelo PROPAZ; F- modelo FASEPA

Quando a influência da valoração familiar recai sobre os hábitos instrutivos, nota-se um efeito positivo tanto no modelo global ( $\lambda = 0,90$ ), modelo FASEPA ( $\lambda = 0,96$ ) e PROPAZ ( $\lambda = 0,31$ ). Isso indica que quanto maior é o efeito da valoração familiar sobre os hábitos

instrutivos, maior será o comportamento instrutivo desses jovens. A valoração familiar também tem valor positivo sobre os hábitos lúdicos. Percebido na avaliação dos três modelos: modelo global ( $\lambda = 0,90$ ), modelo FASEPA ( $\lambda = 88$ ) e modelo PROPAZ ( $\lambda = 0,44$ ). Isso significa que: quanto maior é o efeito da valoração familiar sobre os hábitos lúdicos, maior será o comportamento lúdico desse jovem.

A valoração familiar em relação ao sentimento anômico tem efeito negativo nos: modelos global ( $\lambda = -0,87$ ), FASEPA ( $\lambda = -0,77$ ) e PROPAZ ( $\lambda = -0,55$ ). Explica-se isso da seguinte maneira: quanto maior o efeito da valoração familiar sobre o sentimento anômico, menor será o comportamento anômico desse jovem. Portanto, deve-se ter jovens menos depressivos, desmotivados e solitários.

Resumidamente: o fortalecimento da valoração familiar entre os jovens é um importante balizador, que influencia no equilíbrio comportamental, tendo efeito inibidor nas condutas desviantes. Os sentimentos anômico e hedonista mostraram um efeito ativador em relação às condutas.

A partir desses modelos, optou-se em realizar um teste t-Student, para avaliar as diferenças nos escores médios dos dois grupos (jovens da FASEPA e PROPAZ) em relação as variáveis do modelo global. Observaram-se os seguintes resultados: em todas as variáveis, os jovens da FASEPA apresentaram escores médios superiores, quando comparados aos escores médios dos jovens do PROPAZ, nas variáveis sentimento anômico, hábitos de lazer hedonistas e a conduta antissocial e delitiva. Por outro lado, nas variáveis dos hábitos de lazer lúdico e instrutivo e na valoração da família, os resultados se inverteram, isto é, os jovens do PROPAZ revelaram maiores escores nessas variáveis do que os jovens da FASEPA. Todos os resultados foram significativos a  $p < 0,01$  (tabela 60).

Tabela 60 - Estatísticas do teste t-Student para a igualdade de médias populacionais

Variáveis	Grupos	N	Média	Desvio Padrão	Estatística		
					t	p<	95% IC
Sentimento Anômico	FASEPA	270	26,30	6,89	21,35	0,01	9,95/11,97
	PROPAZ	288	15,34	5,19			
Conduta Antissocial	FASEPA	270	136,97	47,60	35,47	0,01	106,71/119,22
	PROPAZ	288	24,00	24,79			

Tabela 60 - Estatísticas do teste t-Student para a igualdade de médias populacionais (Continuação)

Variáveis	Grupos	N	Média	Desvio Padrão	Estatística		
					t	p<	95% IC
Conduta Delitiva	FASEPA	270	129,94	49,04	47,74	0,01	119,43/130,93
	PROPAZ	288	4,76	7,83			
Hábitos de Lazer Hedonista	FASEPA	270	25,83	6,02	7,46	0,01	3,05/5,24
	PROPAZ	288	21,68	7,03			
Hábitos de Lazer Lúdico	FASEPA	270	5,315	5,36	-19,22	0,01	-8,83/-7,19
	PROPAZ	288	13,32	4,46			
Hábitos de Lazer Instrutivo	FASEPA	270	4,70	4,22	-14,96	0,01	-6,19/-4,75
	PROPAZ	288	10,18	4,41			
Identificação Dinâmica Família (Valoração da família)	FASEPA	270	13,18	11,77	-24,47	0,01	-21,07 / -17,94
	PROPAZ	288	32,69	6,46			

Segue a avaliação dos resultados referente ao conjunto de hipóteses citadas: a conclusão para cada uma delas (quadro 20).

Quadro 20 - Resumo dos resultados da comprovação das hipóteses

Hipóteses de Investigação	Resultados da comprovação das hipóteses
H1: Há um efeito negativo da valoração familiar (IDF) sobre sentimento anômico.	Os jovens que disseram dar pouca importância às relações familiares (confiança; afeto e carinho; ter uma estrutura econômica boa; liberdade; união entre toda a família; boa relação conjugal entre os pais e disposição ao perdão), são os que mais apelam ao sentimento de exclusão social (eu me sinto muito sozinho atualmente; não importa o quanto a pessoa se esforce na vida, isso não faz diferença). Portanto, a hipótese foi confirmada para todos os três modelos gerados: modelo global ( $\lambda = -0,87$ ), modelo PROPAZ ( $\lambda = -0,54$ ) e modelo FASEPA ( $\lambda = -0,77$ ). Isso significa que quanto maior a valoração familiar, menor será o comportamento anômico dos jovens.
H2a: Há um efeito negativo da valoração familiar sobre os hábitos hedonistas.	A hipótese foi <b>confirmada parcialmente</b> , pois somente os modelos global e da FASEPA confirmaram esta hipótese: modelo global ( $\lambda = -0,73$ ), modelo PROPAZ ( $\lambda = 0,10$ ) e modelo FASEPA ( $\lambda = -0,71$ ). Isso significa que quanto mais um jovem valoriza a relação familiar, menor será o comportamento hedonista desse jovem, embora este efeito não seja significativo para os jovens do PROPAZ.

Quadro 20 - Resumo dos resultados da comprovação das hipóteses (Continuação)

Hipóteses de Investigação	Resultados da comprovação das hipóteses
H2b: Há um efeito positivo da valoração familiar sobre os hábitos lúdicos.	A hipótese foi confirmada para todos os três modelos gerados: modelo global ( $\lambda=0,90$ ), PROPAZ ( $\lambda= 0,44$ ) e FASEPA ( $\lambda= 0,89$ ). Isso significa que quanto mais um jovem valoriza a relação familiar, maior será a frequência de hábitos lúdicos, sendo esse efeito seja mais forte para os jovens do FASEPA.
H2c: Há um efeito positivo da valoração familiar sobre os hábitos instrutivos.	Portanto, a hipótese foi confirmada para todos os três modelos gerados: modelo global ( $\lambda=0,90$ ), modelo PROPAZ ( $\lambda= 0,31$ ) e modelo FASEPA ( $\lambda= 0,96$ ). Isso significa que quanto maior o efeito da valoração familiar sobre os hábitos instrutivos, maior será o comportamento instrutivo que este jovens deve ter.
H3a: Há efeito negativo dos hábitos instrutivos sobre as condutas antissociais.	A hipótese foi confirmada para todos os três modelos gerados: modelo global ( $\lambda= - 0,27$ ), PROPAZ ( $\lambda= - 0,26$ ) e FASEPA ( $\lambda= - 0,35$ ). Isso significa que quanto maior a frequência dos hábitos instrutivos, menor será o comportamento antissocial. No entanto, em ambos os grupos o efeito, embora significativo, é fraco.
H3b: Há um efeito negativo dos hábitos lúdicos sobre as condutas antissociais.	A hipótese foi confirmada parcialmente, apenas para os modelos global e FASEPA e sempre com efeitos muito fracos: modelo global ( $\lambda= -0,10$ ), PROPAZ ( $\lambda= 0,24$ ) e FASEPA ( $\lambda= -0,20$ ). Isso significa que quanto maior a frequência dos hábitos lúdicos, menor será o comportamento antissocial dos jovens.
H3c: Há um efeito positivo dos hábitos hedonistas sobre as condutas antissociais.	A hipótese foi confirmada para todos os três modelos gerados embora, com efeitos fracos: modelo global ( $\lambda=0,37$ ), PROPAZ ( $\lambda= 0,28$ ) e FASEPA ( $\lambda= 0,26$ ). Isso significa que quanto maior a frequência dos hábitos hedonistas, maior será o comportamento antissocial.
H4a: Há um efeito negativo dos hábitos instrutivos sobre as condutas delitivas.	O hábito de lazer instrutivo tem foco na formação cultural e intelectual, especificamente. Refere-se à experiência de crescimento e desenvolvimento dos sujeitos, que os torna capazes de fazer escolhas diferenciadas e exclusivas, assumindo uma atividade quanto à transmissão, habilitação e ensino de conhecimentos de forma a conduzir a debates e discussões frente ao saber intelectual e à relação histórica-familiar. Portanto, a hipótese foi confirmada parcialmente, somente para os modelos global e FASEPA: modelo global ( $\lambda=-0,19$ ), PROPAZ ( $\lambda= 0,08$ ) e FASEPA ( $\lambda= -0,42$ ). Isso significa que quanto maior a frequência dos hábitos instrutivos, menor será o comportamento delitivo desse jovem.
H4b: Há um efeito negativo dos hábitos lúdicos sobre as condutas delitivas.	A hipótese foi confirmada parcialmente, para o modelo global o efeito é significativo mas muito fraco ( $\lambda=-0,21$ ), mas para os modelos PROPAZ ( $\lambda= 0,15$ ) e FASEPA ( $\lambda= -0,03$ ) foram obtidos efeitos não significativos. Isso significa que, para os jovens do PROPAZ e do FASEPA, a frequência dos hábitos lúdicos tem apresentado um efeito direto sobre o comportamento delitivo desses jovens.

Quadro 20 - Resumo dos resultados da comprovação das hipóteses (Continuação)

Hipóteses de Investigação	Resultados da comprovação das hipóteses
<p>H4c: Há um efeito positivo dos hábitos hedonistas sobre as condutas delitivas.</p>	<p>Os hábitos hedonistas, com características egoístas e individualistas, ou seja, aqueles que representam o consumo e utilitarismo, enfatizando prazer individual e imediato como único bem possível do indivíduo para que alcance, unicamente, seu próprio prazer, são capazes de conduzir em direção à conduta desviante.</p> <p>Portanto, a hipótese foi confirmada para todos os três modelos gerados: modelo global (<math>\lambda=0,35</math>), PROPAZ (<math>\lambda= 0,08</math>) e FASEPA (<math>\lambda= 0,28</math>). Isso significa que quanto maior a frequência dos hábitos hedonistas, maior será o comportamento delitivo.</p>
<p>H5a: Há um efeito positivo do sentimento anômico sobre as condutas antissociais.</p>	<p>A hipótese foi confirmada para todos os três modelos gerados: modelo global (<math>\lambda=0,36</math>), modelo PROPAZ (<math>\lambda= 0,47</math>) e modelo FASEPA (<math>\lambda= 0,29</math>). Isso significa que quanto maior o efeito do sentimento anômico sobre as condutas antissociais, maior será o comportamento antissocial desse jovem</p>
<p>H5b: Há um efeito positivo do sentimento anômico sobre as condutas delitivas.</p>	<p>A hipótese foi confirmada para todos os três modelos gerados: modelo global (<math>\lambda=0,36</math>), modelo PROPAZ (<math>\lambda= 0,32</math>) e modelo FASEPA (<math>\lambda= 0,38</math>). Isso significa que quanto maior o efeito do sentimento anômico sobre as condutas delitivas, maior será o comportamento delitivo desse jovem.</p>
<p>H6: Há diferença entre as condutas desviantes dos jovens que frequentam o programa PROPAZ e os que cumprem medidas socioeducativas na FASEPA.</p>	<p>Note-se que há diferenças entre os dois grupos, PROPAZ e FASEPA, nos pesos dos coeficientes estruturais e nas variâncias explicadas.</p> <p>Na análise do teste t-Student para comparação das médias entre os dois grupos: os jovens que frequentam o PROPAZ nos Bairros apresentaram escores médios superiores em relação aos socioeducandos da FASEPA, nas variáveis que não são influenciadoras nas condutas desviantes, como e o caso das variáveis hábitos de lazer lúdicos e instrutivos e na valoração da família.</p> <p>Esse resultado mostra que os jovens do PROPAZ praticam mais atividades lúdicas e instrutivas, além de valorizarem mais a relação familiar por parte de seus pares e parentes, tendem a ter comportamentos menos violentos que os jovens da FASEPA.</p> <p>Os escores médios referentes aos jovens da FASEPA foram superiores aos do PROPAZ nas variáveis: condutas delitivas, antissociais e sentimento anômico. Portanto, jovens com históricos violentos foram mais propensos a ter comportamentos desviantes. Pode-se concluir que há diferenças significativas nos comportamentos dos dois grupos de jovens envolvidos na pesquisa.</p>

## **CAPÍTULO 7**

### **CONCLUSÃO DOS RESULTADOS**

Considerando o conjunto de resultados, é importante destacar a confirmação de todas as hipóteses formuladas para o modelo global e FASEPA e em sua maioria para o modelo PROPAZ, quanto à explicação de uma perspectiva multiterminante da conduta desviante em jovens, mas também que os supostos modelos específicos revelaram melhores indicadores psicométricos para compreender tal fenômeno entre os jovens.

Ao considerar os modelos apresentados nesta tese, destaca-se o poder inibidor da dinâmica familiar (valoração familiar) sobre as condutas desviantes, que se apresentam como um sentimento de marginalidade e de formas diversas de condutas e que são influenciadoras do desvio social. Esses achados corroboram com os apresentados por (Formiga et al., 2003; Formiga, 2004; Formiga, 2011; Formiga et al., 2013), através de amostras de jovens brasileiros que diferenciaram em seus contextos.

Destaca-se que, ao mesmo tempo, independente do contexto social em que os jovens do estudo estão inseridos, quando há um processo de socialização familiar é, além de dinâmico, esse, pode garantir bem estar social e psicológico ao jovem. Com isso, não apenas está garantida uma perspectiva hipotética do modelo teórico, mas também um refletir sobre o efeito entre as variáveis apresentadas em relação às concepções teóricas e empíricas na elaboração e direção do modelo.

Os resultados mostraram que a interação familiar é também inibidora do sentimento anômico. Portanto, quanto maior a valoração familiar, menor será o comportamento anômico do jovem.

Outro ponto a destacar é a influência dos hábitos de lazer (hedonistas, lúdicos e instrutivos) sobre as condutas desviantes (antissociais e delitivas). Neste caso, as hipóteses foram comprovadas da seguinte maneira: umas de forma parcial, outras de forma total, dependendo das relações: o efeito negativo dos hábitos instrutivos sobre as condutas antissociais significa que quanto maior a frequência dos hábitos instrutivos, menor será o comportamento antissocial desse jovem, confirmada a hipótese para todos os grupos. Já o efeito dos hábitos lúdicos sobre as condutas antissociais, mostrou que quanto maior a frequência dos hábitos lúdicos, menor será o comportamento antissocial desse jovem, confirmando-se apenas, para amostra global e FASEPA, a hipótese inicial. Quando o efeito partiu dos hábitos hedonistas para as condutas antissociais, observa-se que quanto maior a



frequência dos hábitos hedonistas, maior será o comportamento antissocial desse jovem, confirmou-se a hipótese para todos os grupos. Para as condutas delitivas, o efeito dos hábitos instrutivos sobre as condutas delitivas, mostrou que quanto maior a frequência dos hábitos instrutivos, menor será o comportamento delitivo desse jovem, confirmando-se apenas, para amostra global e FASEPA a hipótese anteriormente definida. Já os hábitos lúdicos tiveram os seguintes resultados; quanto maior a frequência dos hábitos lúdicos, menor será o comportamento delitivo desse jovem, confirmando-se apenas, para amostra global e FASEPA a hipótese. Quanto ao efeito dos hábitos hedonistas sobre as condutas delitivas, o resultado foi que quanto maior a frequência dos hábitos hedonistas, maior será o comportamento delitivo desse jovem, confirmando-se, a hipótese para todos os grupos.

Nesse sentido, aponta-se em direção, não somente da atenção dispensada ao espaço de diversão adotado pelos jovens, mas também em relação ao tipo de lazer que os jovens podem aderir em sua dinâmica interpessoal.

Portanto, de forma geral, os hábitos de lazer assumem, neste estudo, uma perspectiva psicológica, pois não somente revelaram resultados com capacidade estimulante e inibidora das condutas desviantes, mas confirmaram os primeiros estudos iniciados por Muenjohn e Armstrong (2007), Triandis et al. (1993), Triandis (1994) e Van de Vijver e Leung (1997).

O modelo teórico em si, quando são avaliados os indicadores estatísticos, revelou sua adequabilidade, confirmando a validade e fiabilidade. As análises realizadas, tendo por base as diferentes evidências empíricas para as duas amostras, corroboram com o modelo exposto (por exemplo,  $\chi^2/gf$ , RMR, GFI, AGFI, CFI, TLI, RMSEA), confirmando o esperado, com exceção para alguns dos modelos de medida citados anteriormente.

Assim, os resultados do estudo sustentam o poder explicativo da dinâmica interna da família sobre as condutas desviantes, hábitos de lazer (hedonista, lúdico e instrutivo) e o sentimento anômico. Trata-se de um sistema dinâmico entre as variáveis que aportam os conceitos psicossociais da conduta juvenil, apontando tanto para a necessidade de se investir mais nas atividades de formação sócio-familiar contemplando espaços de teoria (social ou psicológica) e de medida para o tema, sobre o desenvolvimento psicossocial da adolescência. Tal modelo chama a atenção para a importância de um conjunto de variáveis que deverá ser abordado, em um *continuum*, necessário para a qualidade de vida social e interpessoal da sociedade como um todo.

De acordo com Formiga (2013) esta estrutura familiar é o arcabouço mais importante da história de vida de cada indivíduo. Os laços familiares bem conservados são instrumentos importantes para a convivência harmônica e pacífica das pessoas.

Vidas construídas a partir de núcleos familiares tradicionais, como pai e mãe, são mais propensas a ter comportamentos adequados do ponto de vista social. É o que apontou a pesquisa realizada na FASEPA, com os jovens que cumpriam medidas socioeducativas em 2014. A pesquisa revelou que 50,7% não tiveram uma família tradicional, composta por pai e mãe, durante a maior parte da vida, 23% avaliaram seus pais ou responsáveis como ausentes na sua formação e 11,9% apontaram pais agressivos. No entanto, a hipótese de que famílias formadas por núcleos não tradicionais contribuem com a fragilidade na formação comportamental é algo que precisa ser explorado e esclarecido em todas as suas vertentes.

As reflexões apresentadas em todas as questões acima foram comprovadas quando se avaliou as diferenças entre os escores das respostas nas variáveis apresentadas. Os jovens com história de delituosidade foram os que apresentaram escores mais altos nas variáveis influenciadoras da conduta desviante. Já aqueles sem história de delitos pontuaram mais alto nas variáveis consideradas fator de proteção desse tipo de conduta.

Tais resultados buscaram contribuir para a explicação de uma melhor administração e aplicação dos conhecimentos teóricos e práticos na área das Ciências Humanas e Sociais, em relação aos fatores de riscos (seja de forma preditiva ou explicativa) dos grupos de jovens pesquisados. No entanto, esses resultados também garantiram a organização teórica-empírica tanto da proposta, confirmatória, das medidas administradas aos respondentes, quanto para a compreensão da dinâmica delincente dos jovens.

Sendo assim, no que se refere ao modelo teórico, nas relações existentes entre as variáveis, é possível afirmar que o sujeito que valora os indicadores da relação familiar, provavelmente, terá mais atividades de lazer psicologicamente saudáveis e menor conduta desviante.

Então podemos concluir a partir dos resultados condensados que algumas condutas têm importantes **fatores protetores de comportamento** como:

Valoração familiar - é um importante caminho para frear as condutas desviantes de jovens, pois quanto maior a boa relação familiar entre jovem e familiares teremos diminuídas as condutas desviantes a partir da confiança, afeto e carinho, compreensão, estrutura econômica boa, liberdade, união entre toda a família, boa relação conjugal com os pais e disposição ao perdão.

Outro caminho de atuação é referente a anomia social dos jovens, ou seja, quanto maior a boa relação familiar, interação, convívio, menor é o sentimento de exclusão social.

Hábitos de lazer instrutivo - Atua como fator inibidor da conduta desviante de jovens a partir das atitudes desenvolvidas como: ler livros, jornais, revistas e visitar familiares, portanto, quanto maior atividades neste sentido é enfraquecida a conduta desviante.

Hábitos de lazer lúdico - Também tem um efeito inibidor sobre as condutas desviantes, quando o jovem costuma praticar esporte, lazer, formação cultural, entre outros.

#### **Fatores de riscos:**

Sentimento anômico - atua de forma ativadora sobre as condutas desviantes de jovens, ou seja, quanto maior a sua frequência maiores são as chances de acontecer um ato violento, pois, quando ficamos à margem da sociedade, ficamos mais frágeis.

Hábitos de lazer Hedonista - é também ativador da conduta desviante, pois, refere-se aos hábitos que assumem uma característica de consumo, enfatizando prazer individual e imediato como único bem possível do indivíduo para que alcance, unicamente, seu próprio prazer. Neste sentido é necessário uma maior atenção quando se pretender investir nesse tipo de lazer para os jovens a fim de não gerar problemas de comportamentos.

Destaca-se, com isso, a inserção de processos socializadores para o lazer, exigindo, não somente a atenção, mas participação, envolvimento dos pais, professores e profissionais da área da recreação (Formiga, 2010).

## **7.1 IMPLICAÇÕES PARA A GESTÃO**

### **7.1.1 Os desafios do marketing social na construção de uma estratégia de mudança**

A falta de proteção social adequada é um fator preponderante e decisivo para o aumento da reprodução da pobreza social e para o aparecimento de novos casos de miséria, injustiça e violência. A falta de proteção social por parte do Estado, por exemplo, aumenta a insegurança e a vulnerabilidade, constrange a coesão social, limita a capacidade de acesso a rendimentos, influencia na economia e afasta o sentimento de solidariedade das pessoas.

Sem a participação da sociedade e da opinião pública e dos métodos sociais neste processo, a proteção é restringida apenas a uma ajuda. Para que ela possa ocorrer de forma concreta, deve-se buscar ferramentas do marketing social para interagir de forma simultânea, usando técnicas e instrumentos que possam influenciar os valores e comportamentos das pessoas.

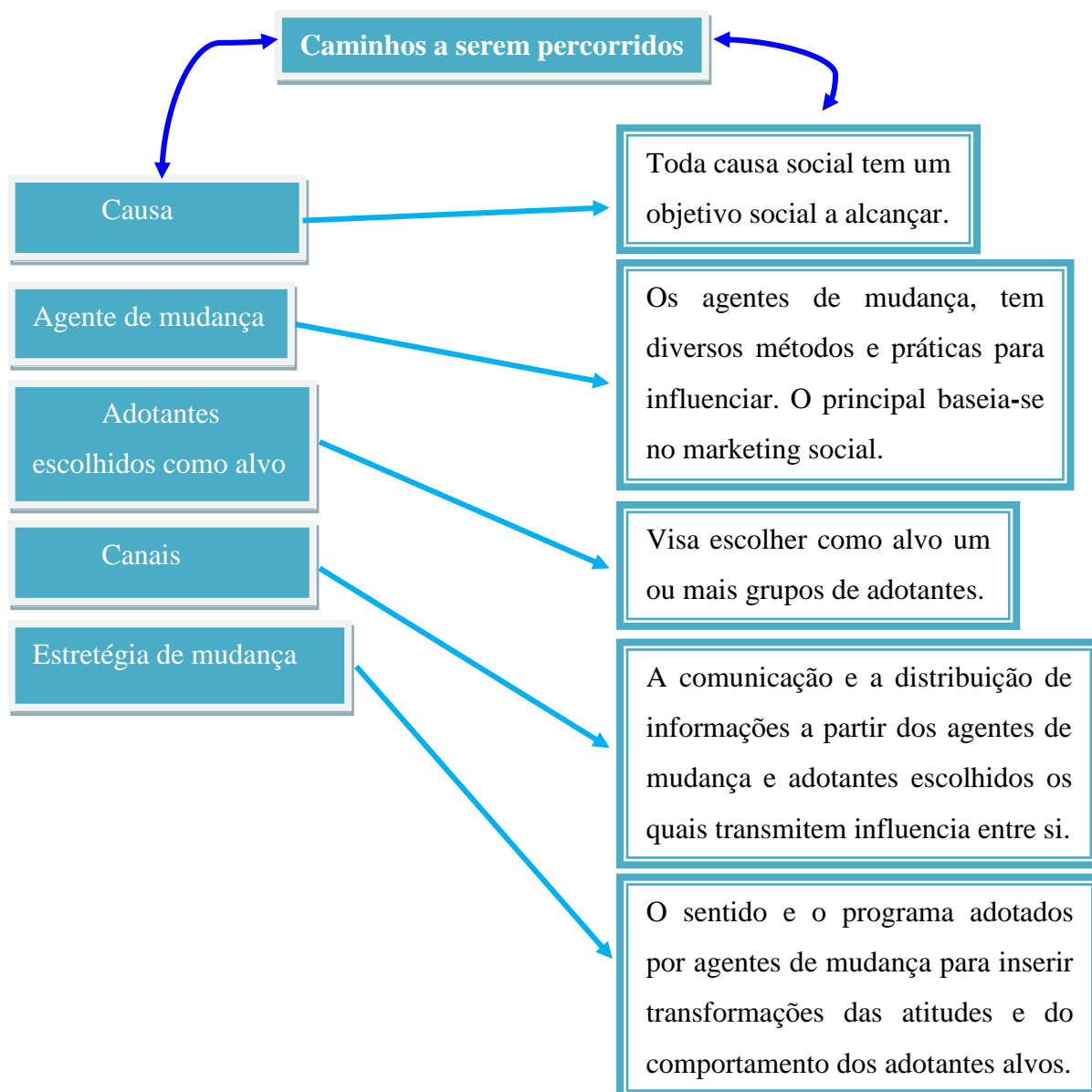
Uma estratégia importante que deve ser levada em consideração, refere-se à gestão do marketing social em instituições que visam atender à demanda de jovens em situação de risco social, em regiões propensas ao crime e à violência cotidiana. Os resultados deste estudo

apontam, fundamentalmente, para a necessidade de entender a história de vida dessas populações: como vivem suas famílias, a relação com os pais, familiares diretos e indiretos, comunidades, professores, de que forma é composto o seu entorno social, a sua convivência é relacionada por quais elementos, como interagem diante ao meio social em que vivem. A ausência de equipamentos públicos, que visam garantir a convivência harmônica em relação aos aspectos de lazer (lúdicos e instrutivos), pode influenciar de forma significativa as ações e atividades desta juventude. Recomendam-se projetos de marketing social que visem alcançar resultados expressivos no campo social que mudem suas estratégias focando nos eixos acima citados, buscando a interação com grupos de comunidades e dialogando com a opinião pública.

Diante dessas proposições, qualquer estratégia de marketing social que vise a diminuição das condutas desviantes de jovens, deve levar em consideração, em primeiro lugar, um novo produto social, fundamentado em projetos que tenham critérios sociais, voltados à família, escola, lazer, esportes, aspectos motivacionais e enriquecidos com indicadores estatísticos de monitoramento, avaliação e controle, que, sem dúvida nenhuma, terão maior possibilidades de sucesso.

O desafio maior para as Fundações PROPAZ e FASEPA são as campanhas de mudança social envolvendo jovens em vulnerabilidade social. Neste caso, sugere-se levar em consideração os elementos centrais apresentados na figura abaixo, adaptados de Kotler e Roberto (1992).

Figura 41 - Campanhas de mudança social



Os esforços destinados à mudança de valores e comportamentos de pessoas são complexos e sempre tiveram resultados com um baixo grau de sucesso. Neste caso, abandonar uma ideia que não seja boa, atitude ou comportamentos inadequados, são objetivos fundamentais do marketing social. Para que não caia em insucesso, é importante, antes de tudo, estudar o comportamento dos jovens e de seus pais a partir de levantamentos sobre a consciência e as relações de grupos adotantes escolhidos como alvo, relacionando às campanhas de combate à violência e a atitudes comportamentais (Kotler e Roberto, 1992).

Depois de todos os esforços, é recomendado desenvolver um plano para monitorar e avaliar as ações de implementação na gestão do marketing social, seguindo os seguintes critérios (quadro 21):

Quadro 21 - Modelo de avaliação: programa para prevenção de condutas desviantes de jovens

Avaliação do processo			Avaliação do impacto		
Financiamento	Atividades	Produção	Resultado em curto prazo	Resultado em médio prazo	Resultado em longo prazo
Municipal, federal e estadual	Identificação dos maiores fatores de risco	Jovens e famílias envolvidas são informados a respeito dos fatores de risco e da disponibilidade recursos em fóruns nas comunidades envolvidas	Maior entendimento entre jovens, famílias, comunidades, opinião pública, sobre os riscos gerados pelo aumento de condutas desviantes	Inclusão de valores e mudança de comportamento para contrapor às condutas desviantes de jovens e familiares	Redução dos índices de condutas desviantes de jovens em risco social

As técnicas opcionais para medição incluem levantamentos quantitativos, qualitativos, observacionais e ou técnicos-científicos por natureza, assim como as que usam grupos de controle e baseiam-se em registros e base de dados.

O *timing*<sup>33</sup> deve ser feito para verificar as avaliações, considerando oportunidades para medir antes, durante e após do lançamento de campanha (Kotler e Lee, 2011).

<sup>33</sup> Refere-se à capacidade de identificar o melhor momento para ação, de modo a obter o efeito ideal (Kotler e Lee, 2011).

### 7.1.2 Perspectivas e abordagens para um cenário desafiador na gestão pública

A partir dos resultados consolidados, não é possível estimar o quanto a direção das entidades públicas citadas, PROPAZ e FASEPA, estaria errada em sua política de gestão. No entanto, ao sinalizarmos que os jovens que disseram dar mais importância nas relações intra-familiares tendem a ter menos atitudes violentas e jovens que praticam mais esporte e lazer (lúdico e instrutivo) também seguem na mesma direção, abre-se um leque de opções que pode ilustrar uma perspectiva mais animadora do ponto de vista social no convívio comunitário e parental das boas práticas e das relações. Neste caso, os ensinamentos corretos dos pais, avós e professores, fundamentalmente, podem consolidar um modelo inovador, que consiga resultados positivos para frear as condutas desviantes.

O estado precisa pensar em um novo modelo de gestão social, visando uma política pública baseada em metodologia que aponte para o fortalecimento dos laços intra-familiares e práticas de atividades lúdicas e instrutivas, e para a qualificação dessa juventude para o mercado de trabalho. Ele precisa, mais do que nunca, dar uma resposta convincente à sociedade, implementando projetos que fortaleçam o convívio familiar e comunitário.

Talvez o caminho possa ser traçado a partir das 361 escolas públicas da RMB, onde estudam aproximadamente 250 mil jovens, até 17 anos, que, geralmente são pessoas com baixa qualificação, de classes desfavorecidas, e de bairros periféricos, onde há precária infraestrutura social e imperam o tráfico de drogas e os crimes. Pode-se pensar, nessa perspectiva, em escolas em tempo integral, buscando aulas de reforço e de cultura de paz no currículo escolar.

Outro ponto a ser discutido em relação à FASEPA: os jovens que estão apreendidos não demonstraram avanços comportamentais significativos para conter as condutas desviantes, quando comparados aos jovens que participaram do projeto PROPAZ nos Bairros. Os comportamentos não mudaram em 61,3% dos que estavam apreendidos em regime fechado e disseram ser reincidentes uma ou mais vezes em um período de até um ano, enquanto que 52% dos que estavam em regime semiaberto declararam ter tais atitudes.

Diante desse cenário preocupante, é importante que a gestão da FASEPA adote estratégias de ressocialização desses jovens pautadas em ações que possam impactar na auto-estima social, que promova a inclusão dos socioeducandos no convívio harmônico, e na estrutura familiar que, em sua maioria, estão enfraquecidas, segundo confirma este estudo: 51% jovens da FASEPA viveram a maior parte das suas vidas sem, pelo menos, um dos pais -mãe ou pai, 21% declararam que não estavam estudando no momento da pesquisa, 67% ou

eram analfabetos, ou não tinham completado o ensino fundamental. Entre eles, 48,5% eram pretos; 5,7% declararam que a família não tem renda alguma; 75,1% que a família ganha até um salário mínimo, e 68,5% declararam não possuir religião.

No caso específico dos socieducandos, a implementação de políticas de gestão social baseadas em um conjunto de ações para as famílias seria um bom caminho, a exemplo de Cheque Moradia<sup>34</sup>, Projovem Adolescente<sup>35</sup>, Prouni<sup>36</sup>, PROPAZ Juventude<sup>37</sup>, além de atividades voltadas ao lúdico e à instrução e ao fortalecimento dos aspectos religiosos, pois 68,5% declararam que não seguem nenhum credo e não têm religião.

Os resultados mostram, ainda, que o fortalecimento da dinâmica familiar nos aspectos subjetivos da relação humana (confiança, afeto, compreensão, perdão entre outros,) diminuem as intensidades das condutas desviantes. Por isso, conclui-se que é importante buscar alternativas de fortalecimento familiar desses jovens, criando alternativas de consolidação dessa relação através de projetos de apoio à estruturação familiar, como: fortalecimento dos aspectos educacionais, na saúde, emprego, renda, moradia, esportes e oportunidades igualitárias.

Outro ponto importante é o sentimento anômico que poderá atuar como fator incentivador da conduta desviante ao associar-se positivamente, ou seja, quanto maior a anomia social, maiores serão as condutas desviantes. A redução do sentimento anômico, por sua vez, agiria como fator de proteção da conduta desviante. A autoestima desse jovem precisa ser aumentada a partir de ações que estimulem o seu desenvolvimento social. No caso, projetos voltados a cursos profissionalizantes, musicalidade, dança, cultura urbana, arte, entre outros, podem ser um bom apelo para integrar este jovem à sociedade.

Essas realidades mostram a distância que separa as políticas que o poder público promove às verdadeiras circunstâncias que cada indivíduo carrega em sua história de vida,

---

<sup>34</sup> Programa Cheque Moradia, criado em 2003 pelo Governo do Pará, já beneficiou mais de 53 mil famílias paraenses. O recurso pode ser usado na compra de material de construção, melhoria ou ampliação da casa, reduzindo o déficit e a inadequação habitacional do Estado.

<sup>35</sup> Projovem adolescente programa do governo federal, tem por foco o fortalecimento da convivência familiar e comunitária, o retorno dos adolescentes à escola e sua permanência no sistema de ensino. Isso é feito por meio do desenvolvimento de atividades que estimulem a convivência social, a participação cidadã e uma formação geral para o mundo do trabalho.

<sup>36</sup> É o programa do Ministério da Educação que concede bolsas de estudo integrais e parciais de 50% em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior.

<sup>37</sup> O PROPAZ Juventude é um projeto da Fundação PROPAZ que tem como missão desenvolver, articular e implantar ações estruturantes através de um assessoramento técnico, elaboração e desenho de projetos, diagnósticos, monitoramento, capacitação, formação, treinamento, avaliação, acompanhamento e execução das ações para a população jovem de 18 a 29 anos.



pautada em uma trajetória que não lhe deu a mínima condição de competir diante das adversidades que nortearam os seus caminhos.

Aqui é apenas a ponta do iceberg, se conseguirmos plantar uma semente que possa germinar e dar bons frutos, já é um bom começo para enfrentarmos um problema tão complexo e com tantos desafios, que remete a todos nós, sem dúvida nenhuma.

## 7.2 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO

Este estudo tem contribuições importantes no campo teórico, no sentido de alcançar o campo da investigação científica, deixando o seu legado a partir do Marketing Social, Gestão, Psicologia, Economia e Métodos Quantitativos. Mais especificamente:

- Abre uma discussão temática na área da Gestão Social, buscando soluções para problemas da violência juvenil, dando ênfase ao comportamento dos jovens.
- Cria perspectiva para um cenário de quebra de paradigma, no qual os valores familiares possam ser construídos de forma estratégica, dentro de projetos sociais e de políticas públicas no Estado do Pará.
- Trilha um novo caminho para o Marketing Social, visando à interatividade entre esporte, lazer, família e as condições sociais desses indivíduos.
- Revela a fragilidade dos atendidos pela FASEPA, mas aponta como atividades lúdicas e instrutivas, somadas à dinâmica familiar, podem contribuir para a inibição das condutas desviantes praticadas por esses jovens.
- Indica a possibilidade de novo modelo de gestão social, baseado nas práticas lúdicas, instrutivas e na valoração familiar para as instituições que trabalham com jovens, buscando a redução das condutas desviantes.
- Apresenta um modelo teórico inédito, a partir das condutas desviantes de jovens que cumprem medidas socioeducativas na FASEPA e de os que são atendidos pela Fundação PROPAZ, especificamente no projeto PROPAZ nos Bairros.

## 7.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O estudo apresenta algumas limitações que são evidentes. A primeira refere-se ao foco do trabalho, pois o estudo limita-se a estudar apenas os jovens na faixa etária de 12 a 19 anos. Ainda no quesito faixa etária, não foi possível analisar os intervalos entre 12 a 15 anos e 16 a 19 anos, devido a amostra ser reduzida. Outra limitação é que ele tem foco na RMB, deixando de lado outras instituições que realizam trabalhos semelhantes no interior do Estado do Pará. Mais uma dificuldade foi a coleta de informações de forma espontânea, pois a entrevista com

os jovens tende a buscar informações pessoais e confidenciais. Portanto, existe o risco de haver informações que não sejam totalmente verdadeiras. A pesquisa não aprofunda as questões religiosas dos entrevistados, mesmo sendo um fator identificado nas análises dos dados, (68,5% dos entrevistados não possuem religião).

A partir dos resultados deste estudo, apesar de se observar validade e robustez na avaliação dos construtos em questão, algumas condições avaliativas deverão ser contempladas em futuros estudos: replicações e comparações amostrais e de instrumentos em diferentes contextos sociais, políticos, educacionais e econômicos, levando em consideração os aspectos mais específicos ou universais de cada cultura; considerar as dimensões locais, específicas ou exclusivas (*emics*) da orientação de cada cultura, avaliar as dimensões universais (*etics*) da cultura, com o objetivo de comparar os construtos estudados aqui para outro espaço geopolítico e social (Triandis et al., 1993; Triandis, 1994; Van de Vijve e Leung, 1997; Muenjohn e Armstrong, 2007); reunir tais evidências da validade e precisão intra, inter e pan-cultural; conhecer a estabilidade temporal (teste-reteste), replicando o mesmo instrumento com amostras maiores e mais diversificadas quanto às características dos participantes.

#### 7.4 PERSPECTIVA PARA UMA INVESTIGAÇÃO FUTURA

Em um futuro próximo, seria interessante analisar o comportamento dos pares (pais e professores) diante das condutas desviantes e investigar as escalas que possam avaliar a influência dessas variáveis sobre o comportamento violento, incluindo, por exemplo, a origem, procedência e migração dos parentes como variáveis explicativas do cometimento de condutas desviantes nos jovens.

Para outras pesquisas, uma alternativa seria avaliar grupos de jovens que não estão em situação de risco permanente e cruzar os resultados com esses de jovens que estão em situação de vulnerabilidade social.

Um ponto fundamental seria comparar as condutas envolvendo jovens de cultura americana (Brasil, Argentina, México, entre outros) com os de cultura europeia, para avaliar as razões dos maiores índices de violência no continente americano.

No âmbito da gestão social, especificamente na FASEPA e no PROPAZ, analisar a estrutura fornecida por essas instituições, através de instrumentos que possam medir a satisfação dos participantes, é algo fundamental do ponto de vista estratégico. Seria importante, também, analisar a metodologia de atuação do PROPAZ no aspecto do comportamento hedonista, pois os resultados indicaram que os frequentadores do PROPAZ,

por terem sido instruídos e ensinados para uma mudança de comportamento através de valores baseados na cultura de paz, solidariedade, amor, disciplina, compaixão, amor ao próximo, respeito, ética, entre outros, transformaram esses comportamentos em algo positivo para frear as atitudes desviantes.

Em termos metodológicos seria importante utilizar outros softwares disponíveis no mercado para estimação dos modelos, como EQS e LISREL, entre outros, que disponibilizam a aplicação dos modelos de equações estruturais em populações com diferentes distribuições e que não obrigam a pressupostos como por exemplo, o de normalidade multivariada, sendo por isso mais adequados à estimação de modelos com variáveis de medida categóricas.

Por último, seria interessante averiguar se a origem e procedência das migrações inter-regionais ocorridas no passado têm influência nas condutas desviantes nos jovens em risco na RMB.

## BIBLIOGRAFIA

- [1] Agnew, R. (2001). Building on the foundation of general strain theory: specifying the types of strain most likely to lead to crime and delinquency. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 38, 319-361.
- [2] Argyle, M. (1992). Leisure. In Argyle, M. *The social psychology of everyday life*. 103-130. New York: Routledge
- [3] Almeida, L. e Freire, T. (2003). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- [4] Andreasen, A. (1995). *Marketing Social Change*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- [5] Andreasen, A. (2002). Marketing Social Marketing in the Social Change Marketplace. *Journal of Public Policy & Marketing*. Vol 21 (p.13-21).
- [6] ANPEPP-Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (2000). *contribuições para a discussão das resoluções CNS n°.196/96 e CFP n° 016/2000*. Disponível em: <http://www.anpepp.org.br>, acesso em 02 de dezembro/2014.
- [7] Arendt, H. (1994). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro.
- [8] Ashley, P.A. (Coord.) (2002), *Ética e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo, Saraiva.
- [9] Arbuckle, J.L. (2008). *Amos 17 users guide*. Chicago , IL:SPSS.
- [10] Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil (2013). *Plataforma online do atlas 2013*, <http://www.pnud.org.br>.26/08/2014.
- [11] Bandalos, D.L. (1993). Factors Influencing Cross-Validation of Confirmatory Factor Analysis Models. *Multivariate Behavioral Research*, 28(3), 351-374.
- [12] Barrera, M.J. e Li, S.A. (1996). The relation of family support to adolescents' psychological distress and behavior problems. In G. R. Pierce, and I. G. Sarason (Eds.), *Handbook of social support and the family*,313-343. New York: Plenum Press.
- [13] Bauman, Z. (2008). *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar.
- [14] Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children, *Youth and Society*, 9, 239-276.
- [15] Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use, *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95.

- [16] Baum, F. (1998). Measuring effectiveness in community-based health promotion. In K. Davies, & G. MacDonald (Eds.), *Quality, evidence and effectiveness in health promotion-Striving for certainties*, 68-89, London, England: Routledge.
- [17] Baiardi, A. e Laniado, R.N. (2002). A ação social extrafirma do empresariado baiano. In T. Fischer (Org.), *Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação*, 314-330, Salvador: Casa da Qualidade.
- [18] Bagozzi, R.P., Yi, Y. e Phillips, L.W. (1991). Assessing construct validity in organizational research. *Administrative Science Quarterly*, 36, 421-458.
- [19] Ben-David, S. e Goldberg, I. (2008). The Relationship of Childhood Victimization, Drug Abuse and PTSD to Adult Delinquency in a Prison Population. In: N. Ronel, K. Jaishankar and M. Bensimon (eds.): *Trends and Issues in Victimology*, 205-221, Newcastle: Cambridge Scholar Publishing.
- [20] Benson, J. e Bandalos, D.L. (1992). Second-Order Confirmatory Factor Analysis of the Reactions to Tests scale with Cross-Validation. *Multivariate Behavioral Research*, 27(3), 459-487.
- [21] Bentler, P.M. e Bonett, D.G. (1980). Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, New York, v. 88, n. 3, 588-606.
- [22] Bilich, F., Silva, R. e Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3 (2), 93-122
- [23] Bloom, P.N. e Novelli, W.D. (1981). Problems and Challenges in Social Marketing, *Journal of Marketing*, 45 (Spring), 79-88.
- [24] Bonila Garcia, A. e Gruat, J.V. (2003). *Social Protection: A life Cycle continuum investment for social justice, poverty reduction and sustainable development*, Genebra, ILO
- [25] Bollen, K.A. (1989). *Structural equations with latent variables*. New York: John Wiley and Sons.
- [26] Bourdieu, P. (1979). *Entwurf einer Theorie der Praxis*. Frankfurt Am Main.
- [27] Bourdieu, P. (2011). *A Distinção: A crítica social do julgamento*. 2ª ed. Porto Alegre, Zouk.
- [28] Brook, J., Whiteman, M., Finch, S. e Cohen, P. (1996). Young adult drug use and delinquency: Childhood antecedents and adolescent mediators, *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 35, 1584-1592.
- [29] Browne, M.W. e Cudeck, R. (1989). Single sample cross-validation indices for covariance structures, *Multivariate Behavioral Research*, 24,445-455.
- [30] Byrne, B.M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.

- [31] Byrne, B.M. (2010). *Structural Equation Modeling with AMOS: basic concepts, applications, and programming*. 2. ed. (Multivariate Applications Series). New York: Taylor & Francis Group.
- [32] Calheiros, V. e Soares, C.A. (2007). *A naturalização do ato infracional de adolescentes em conflito com a lei. Juventude em conflito com a lei*. Rio de Janeiro: Garamond.
- [33] Caldwell, R.M., Sturges, S.M. e Silver, N.C. (2007). Home versus School environments and their influence on the affective and behavioral states of African American, Hispanics, Caucasian Juvenile Offenders, *Journal of Child and Family Studies*, 16, 125 -138.
- [34] Carrion, R.M. (2003). *Discurso e práticas em responsabilidade social: análise das práticas de gestão das relações de trabalho em empresas filiadas ao Instituto Ethos e signatárias do Global Compact, no Rio Grande do Sul*. Projeto de Pesquisa não publicado, Programa de Pós - Graduação em Administração, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos Sobre o Terceiro Setor, UFRS, Porto Alegre, Brasil.
- [35] Carline, E., Noto, A. e Sanchez, Z. (2010). *VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras*. 1ª Edição, Brasília, DF.
- [36] Chaves, J.F. e Mitschein, T. (2006). *Crescimento, Pobreza e Violência em Belém*. 2º edição. Numa, Ufpa, Poema.
- [37] Chaves, J.F. (2010). *Sistema de Transporte Público Urbano: Análises de Modelos da Qualidade na Visão de Gestores e Usuários de Ônibus da Região Metropolitana de Belém-RMB no Estado do Pará-Brasil*. Dissertação de Mestrado em Gestão de empresas, ISCTE.
- [38] Chaves, J.F., Souza, I., Monteiro, V. e Fonseca, E. (2014). A tecnologia para a garantia de direitos: O Sistema de Informação do PROPAZ Integrado para a garantia dos direitos humanos a partir das práticas de controle e prevenção das violências. *Encontro da ANDHEP - Políticas Públicas para a Segurança Pública e Direitos Humanos*, Faculdade de Direito da USP, São Paulo, SP.
- [39] Churchill, G.A. (1979). A paradigm for developing better measures of marketing constructs, *Journal of Marketing Research*, 16(1), 64-73.
- [40] Conger, R.D., Conger, K.J., Elder, G.H., Lorenz, F.O., Simons, R.L. e Whitbeck, L.B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys, *Child Development*. 63:526-541.
- [41] Contas Regionais do Brasil (2012). *Contas Nacionais*, IBGE. Rio de Janeiro.
- [42] Craig, G. e Mayo, M. (1995). *Community empowerment: A reader in participation and development*. London, England: Zed books.
- [43] CNS-Conselho Nacional de Saúde (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Acesso em 02 de Setembro de 2014. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso96.htm>.

- [44] Demaray, M.P. e Malecki, C.K. (2002). The relationship between perceived social support and maladjustment for students at risk, *Psychology in the Schools*, 39, 305-316.
- [45] Dishion, T.J. e McMahon, R.J. (1998). Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: A conceptual and empirical formulation, *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1:61-75.
- [46] Donovan, R. e Henley, N. (2003). *Social Marketing: Principles and Practice*. Melbourne, Australia: Ip Communications.
- [47] Dunn, S.C., Seaker, R.F. e Waller, M.A. (1994). Latent variables in business logistics research: scale development and validation, *Journal of Business Logistics*, 15, 145-172.
- [48] Durkheim, É. (1895). *Da Divisão Social do Trabalho*. São Paulo, Ed. Martins Fontes. Publicado originalmente em 1894.
- [49] Elzo, J.I. (1999). *Materiales para estudio y prevención de la violencia juvenil*, Disponível em [http://www.fad.es/sala\\_lectura/](http://www.fad.es/sala_lectura/) Acesso em 15 de Março de 2013.
- [50] Estévez, E. e Emler, N.P. (2010). *A Structural Modelling Approach to Predict Adolescent Offending Behaviour from Family, School and Community Factors*. Universidad Miguel Hernández de Elche, Alicante, Spain.
- [51] FASEPA - Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará (2012). *Diagnóstico Estatístico do Atendimento Socioeducativo*, Pará.
- [52] Feliciano, J., Lopes, C. e Rodrigues, C. (2008). *Proteção Social, Economia Informal e exclusão Social nos PALOP*. Príncipe editora Lda, Portugal.
- [53] Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2012). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, São Paulo, Brasil.
- [54] Formiga, N.S., Fachini, A.C., Curado, F. e Teixeira, J. (2003). Construção e validação da escala dos indicadores da relação familiar, [Resumo expandido] Em: III Congresso Científico do Ceulp-Ulbra (Org.). *Resumos do III Congresso Científico do Ceulp-Ulbra Mercado e cidadania: O papel da Universidade*, 462-464, Palmas-TO: Ceulp-Ulbra.
- [55] Formiga, N.S. e Gouveia, V.V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas antissociais e delitivas ao contexto brasileiro, *Revista Psico*, 34(2), 367-388.
- [56] Formiga, N.S. (2004). Um estudo intracultural dos indicadores da relação familiar, *PSIC: Revista de Psicologia do Vetor Editora*, 5 (1), 66 -71.
- [57] Formiga, N.S. e Gouveia, V.V. (2005). Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*. Paraíba.
- [58] Formiga, N.S., Ayroza, I. e Dias, L. (2005). Escala das atividades de hábitos de lazer: construção e validação em jovens, *PSIC - Revista de Psicologia do Vetor Editora*, 6 (2), 71-79.

- [59] Formiga, N.S. (2010). Hábitos de Lazer e condutas desviantes: testagem de um modelo teórico em jovens, *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 30 (79), 394-414.
- [60] Formiga, N.S. (2011). Valoração da família e condutas desviantes: testagem de um modelo teórico, *Revista Psico*, 42, 376-385.
- [61] Formiga, N.S. e Souza, M.A (2011). Escala de sentimento anômico: verificação de sua estrutura fatorial em brasileiros. *Revista de Psicologia da Gepu*, 2 (2), 80-97.
- [62] Formiga, N.S. e Diniz, A. (2011). Estilo da Orientação Cultural e Condutas Desviantes: Testagem de um Modelo Teórico. *Revista Psicologia em Pesquisa*, UFJF.
- [63] Formiga, N.S. (2012). Testagem de um modelo teórico entre pares sócio-sormativos, atitudes do tempo livre e condutas desviantes, *Revista de Psicologia*, UNESP.
- [64] Formiga, N.S., Melo, G., Pires, R. e Aguiar, A.V. (2013). Escala das Atividades de Hábitos de Lazer: Comparação de Modelos Estruturais em função de sexo, idade, tipo de escola. *Revista de Psicologia - Universidad César Vallejo*, 15, 1-20.
- [65] Formiga, N.S. (2013). Atitudes e Hábitos de Lazer e Condutas Desviantes: Proposta de um modelo teórico a partir de uma revisão metodológica e Estatística, *Portal dos Psicólogos, Paraíba*, Brasil.
- [66] Formiga, N.S. (2013). Sentimento Anômico e Condutas Antissociais e Delitivas: verificação de um modelo causal em jovens brasileiros, *liber*. [online], vol.19, n.1, pp. 33-44. ISSN 1729-4827.
- [67] Formiga, N., Sintra, C. e Lopes, P. (2014). Modelo empírico entre busca de sensação e as variações do delinquir em brasileiros, *Psicologia Argumento*, 32 (77), 27-40.
- [68] Fornell, C. e Larcker, D.F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error, *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50.
- [69] Frías-Armenta, M. e Corral-Verdugo, V. (2013). Environmental and Individual Factors in Adolescent Antisociality: A Structural Model of Mexican Teenagers, *Official Journal of the South Asian Society of Criminology and Victimology (SASCV)*, 8 (2), 198-214.
- [70] Galtung, J. (1972). Theorien des Friedens, in.: Senghaas, A. (Ed) *Kritische Friedensforschung*, Frannkfurt am Main.
- [71] Garson, G.D. (2003). *PA765 Statnotes*: Disponível em: <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm> acesso em 09/11/2014.
- [72] Glassman, T.J. e Braun, R.E. (2010). Confusion surrounding social marketing strategies and social norm theory: To prevent high-risk drinking among college students, *Social Marketing Quarterly*, 16, 94-103.
- [73] Goldberg, E. (1995). Social Marketing: Are We Fiddling While Rome Burns?, *Journal of Consumer Psychotogv*, 4 (4), 347-70.



- [74] Goldstein, P.J. (1989). Drugs and crime, In N. A. Weiner & M. E. Wolfgang (Eds.), *Pathways to criminal violence*, 16-48, Newbury Park, CA: Sage.
- [75] Gorman-Smith, D., Henry, D.B. e Tolan, P.H (2004). Exposure to community violence and violence perpetration: the protective effects of family functioning, *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*. 33:439-449.
- [76] Governo do Pará (2014). *Relatório Fasepa*, Belém-Pa, Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2014). *Relatório PROPAZ*, Belém-Pa, Brasil.
- [77] Graver, M.S. e Mentzer, J.T. (1999). Logistics research methods: employing structural equation modelling to test for construct validity. *Journal of Business Logistics*, n. 20 (1), 33-57.
- [78] Griffin, K.W., Botvin, G.J., Scheier, L.M., Diaz, T. e Miller, N.L. (2000). Parenting practices as predictors of substance use, delinquency, and aggression among urban minority youth: Moderating effects of family structure and gender, *Psychology of Addictive Behaviors*, 14, 174-184.
- [79] Hair, J.F., Anderson, R.E., Tatham, R.L. e Black, W.C. (1998). *Multivariate Data Analysis*, 5. th ed., Prentice Hall, Upper sanddle River, New Jersey.
- [80] Hair, J.F., Anderson, R.E., Tatham, R.L. e Black, W.C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman.
- [81] Hair, J.F., Black, W.C., Babin, B.J., Anderson, R.E. e Tatham, R.L. (2009). *Análise Multivariada de Dados*. 6° ed., New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- [82] Hastings, G.B., Stead, M. e Webb, J. (2004). Fear Appeals in Social Marketing: Strategic and Ethical Reasons for Concern, *Psychology & Marketing*, 21(11), 961-986.
- [83] Haggerty, K.P., Skinner, M.L., McGlynn, A. e Catalano, R.F. (2013). Parent and Peer Predictors of Violent Behavior of Black and White Teens, *Nih Public Acess*. 28, 145-160.
- [84] Heimer, K. (1997). Socioeconomic status, subcultural definitions, and violent delinquency. *Social Forces*. 75, 799-833.
- [85] Henry, D.B., Tolan, P.H. e Gorman-Smith, D. (2001). Longitudinal family and peer group effects on violence and nonviolent delinquency, *Journal of Child Clinical Psychology*, 20, 172-186.
- [86] Herrenkohl, T.I., Hill, K.G., Chung, I.J, Guo, J., Abbott, R.D. e Hawkins, J.D. (2003). Protective factors against serious violent behavior in adolescence: A prospective study of aggressive children, *Social Work Research*, 27, 179-191
- [87] Hill, M. e Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

- [88] Hoyle, R.H. (2000). Confirmatory factor analysis, In H. E. A. Tinsley e S. D. Brown (Eds.), *Handbook of applied multivariate statistics and mathematical modeling*, 465-497, New York: Academic Press.
- [89] IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000). *Censo demográfico*. Rio de Janeiro.  
\_\_\_\_ (1970). *Censo demográfico*. Rio de Janeiro  
\_\_\_\_ (1991). *Censo demográfico*. Rio de Janeiro  
\_\_\_\_ (1980). *Censo demográfico*. Rio de Janeiro  
\_\_\_\_ (1990). *Censo demográfico*. Rio de Janeiro
- [90] IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Contagem populacional*. Rio de Janeiro.  
\_\_\_\_ (2011). *Contagem populacional*. Rio de Janeiro  
\_\_\_\_ (2012). *Contagem populacional*. Rio de Janeiro  
\_\_\_\_ (2013). *Contagem populacional*. Rio de Janeiro
- [91] IDESP-Instituto de Desenvolvimento Econômico Social e Ambiental do Pará (2012). *Relatório de Atividade 2012*, Belém.  
\_\_\_\_ (2013). *Relatório de atividades-2013*. Pará
- [92] INFOPEN (2012). *Relatório estatístico INFOPEN*, Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/main.asp>. Acesso em 16/06/2013.
- [93] Ipea-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2012). *Mercado de Trabalho, Conjuntura e Análise, Ministério do trabalho e Emprego*, Novembro, Brasília.
- [94] Iriondo, J.M., Albert, M.J. e Escudero, A. (2003). Structural equation modelling:na alternative for assessing causal relationships in threatened plant populations, *Biological Conservation*, 113, 367-377.
- [95] Jaquaribe, G. (1986). *Brasil, 2000: para um Novo Pacto Social*, Rio de Janeiro.
- [96] Joreskog, K.G. e Sorbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.
- [97] Joreskog, K.G. (1970). A general method for th analysis of covariance structures. *Psychometrika*, 34, 183-202.
- [98] Kelloway, E.K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- [99] Keesling, J.W. (1972). *Maximum Likelihood approaches to causal analysis*. Ph.D., University of Chicago, Chicago.
- [100] Klem, L. (1995). Path analysis. In: Grimm, L. G.; Yarnold, P. R. (Eds) *Reading and understanding multivariate statistics*. Washington, DC: American Psychological Association.
- [101] Kline, R.B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.

- [102] Kotler, P. e Roberto, E. (1992). *Marketing Social: Estratégias para alterar o comportamento Público*. Editora Campus. Rio de Janeiro.
- [103] Kotler, P. e Lee, N.R. (2011). *Marketing Social: Influenciando comportamentos para o bem*. Editora Bookman. 3ª Edição, Rio de Janeiro.
- [104] Lattin, J. J., Douglas, C. e Paul, E.G. (2011). *Análise de dados Multivariados*. Editora: Cengage Learning. PR-Curitiba.
- [105] Lemke, C. (2005). *Modelos de Equações Estruturais com Ênfase em Análise Fatorial Confirmatória no Software AMOS*, UFRS-Instituto de Matemática, Departamento de Estatística. Porto Alegre.
- [106] Leandro, F., Lucilene, F., Stavarengo, W., Manharello, R., Roseli, A. e Scoarize, R. (2004). *Marketing social: um novo diferencial para competitividade das marcas ou empresas*, III Seminário do Centro de Ciências Sociais Aplicada. Cascavel, Paraná.
- [107] Lennings, C.J., Copeland, J. e Howard, J. (2003), Substance use patterns of young offenders and violent crime, *Aggressive Behavior*, 29, 414-422
- [108] Longshore, D., Chang, E. e Messina, N. (2005). Self-Control and Social Bonds: A Combined Control Perspective on Juvenile Offending, *Journal of Quantitative Criminology*, 21, 419-437.
- [109] Maroco, J. e Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- [110] Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais. Fundamentos Teóricos, Software e Aplicações*. Report Number, Lda. Lisboa.
- [111] Maruyama, G.M. (1998). *Basics of structural equation modeling*. London : Sage Publications.
- [112] Marsh, H.W., Balla, J.R. e McDonald, R.P. (1988). Goodness-of-fit indexes in confirmatory factor analysis: the effect of sample size. *Psychological Bulletin*, New York, v. 103, n. 3, 391-410.
- [113] Magalhães, F. (1986). *Grandes Projetos ou Grande Projeto?* IDESP Desenvolvimento, Belém-Pará.
- [114] McDonald, R.P. e Marsh, H.W. (1990). Choosing a multivariate model: noncentrality and goodness of fit, *Psychological Bulletin*, 107, 247-55.
- [115] McCord, J., Widom, C.S. e Crowell, N.A. (2001). *Juvenile crime. Juvenile justice. Panel on juvenile crime: Prevention, treatment, and control*. Washington, DC: National Academy Press.
- [116] MDS - Ministério do desenvolvimento Social (2013). *Relatório de gestão*, Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acesso em 02/10/2013.

- [117] Melo, F., Neto, P. e Froes, C. (1999). *Responsabilidade social e cidadania empresarial: a administração do terceiro setor*. Rio de Janeiro: Qualimark.
- [118] Melo, F., Neto, P. e Froes, C. (2002). *Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro*. Rio de Janeiro: Qualimark.
- [119] Medeiros, C.A.F. (2003). *Comportamento Organizacional: Um estudo com suas relações com características Organizacionais e Desempenho nas Empresas Hoteleiras*. Tese de Mestrado em economia e administração, USP, São Paulo.
- [120] Mendonça, P. e Shommer, P.C. (2000). *O Marketing e sua Relação com o Social: dimensões conceituais e estratégicas e o caso de duas organizações em interação*. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD), Florianópolis.
- [121] Middlestadt, S.E., Schechter, C., Peyton, C. e Tjugum, B. (1997). Community involvement in health planning: Lessons learned from practicing social marketing in a context of community control, participation and ownership. In M. E. Goldberg, M. Fishbein, & S. E. Middlestadt (Eds.), *Social marketing-Theoretical and practical perspectives*, 291-311. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- [122] Ministério da Saúde (2012). *Base de dados DATA SUS - Ministério da Saúde*-Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/index.html>. Acesso em 15/03/2013.
- [123] Mitschein, T. e Paraense, M. (1989). *Urbanização Selvagem e Proletarização Passiva da Amazônia. O caso de Belém*. Belém.
- [124] Mitschein, T., Chaves, J.F., Rocha, G. e Vasconcellos, M. (2013). *Desenvolvimento Local e o Direito à Cidade na Floresta Amazônica*. Belém: Numa/UFPA.
- [125] MTE - Ministério do Trabalho e Renda (2012). *Relatório de dados Estatísticos*. <http://portal.mte.gov.br/portal-mte/> Disponível em: Acesso em 03/2013.
- [126] Musitu, G., Estévez, E. e Emler, N. (2007). Adjustment problems in the family and school context, attitude towards authority, and violent behaviour at school in adolescence, *Adolescence*, 42, 779-794.
- [127] Mulaik, S.A., James, L.R., Van Alstine, J., Bennet, N., Lind, S. e Stilwell, C.D. (1989). Evaluation of Goodness-of-Fit Indices for Structural Equation Models, *Psychological Bulletin*, 105 (3), 430-45.
- [128] Muenjohn, N. e Armstrong, A. (2007). Transformational leadership: The influence of culture on the leadership behaviors of expatriate managers, *International Journal of Business and Information*, 2(2), 265-283.
- [129] Netemeyer, R.G., Bearden, W.O. e Sharma, S. (2003). *Scaling Procedures: Issues and Applications*. London: Sage.
- [130] Nunnally, J.C. e Bernstein, I.H. (1978). *Psychometric Theory*. London: McGraw Hill.

- [131] OECD (2012). *Education at a glance: indicators*, Paris: Organisation for Economic Co-Operation and Development - OECD, 2012. 565 p. Disponível em: <[http://www.oecd.org/edu/EAG%202012\\_ebook\\_EN\\_200912.pdf](http://www.oecd.org/edu/EAG%202012_ebook_EN_200912.pdf)>. Acesso em: 16/06/2013.
- [132] Olson, M. (1965). *Logic of collective action: Public goods and the theory of groups*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- [133] Omar, A., Souza, M.A. e Formiga, N.S. (2005). Generalização transcultural de um modelo de busca de sensações: um estudo Argentina-Brasil. In: *Anais XXXV Reunião Anual de Psicologia*. Curitiba - PR.
- [134] ONU (2010). *World population prospects: the 2010 revision*. New York: United Nations. Department of Economic and Social Affairs, 2011. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/es/> . Acesso em: Maio. 2015.
- [135] Osório, L.C. (1989). *Adolescência hoje*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- [136] PROPAZ (2005). *Programa para a redução da violência. Pesquisa sobre as Causas da Violência na RMB*. Belém.  
\_\_\_\_ (2012). *Relatório PROPAZ*. Belém  
\_\_\_\_ (2013). *Relatório PROPAZ*. Belém  
\_\_\_\_ (2015). *Relatório PROPAZ*. Belém
- [137] Pilati, R. e Laros, J. (2007). Modelos de Equações Estruturais em Psicologia: Conceitos e Aplicações. Universidade de Brasília-UNB, *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 205-216.
- [138] Pudney, S. (2002). *The road to ruin? Sequences of initiation into drug use and offending by young people in Britain* (Home Office Research Study 253). London: Home Office.
- [139] Quinn, G.P., Ellisson, B.A., Loomis, W. e Tucci, M. (2007). Adolescent perceptions of violence: Formative research findings from a social marketing campaign to reduce violence among middle school youth, *Journal of the Royal Society of Public Health*, 121, 357-366.
- [140] Rogers, E.M. (2003). *Diffusion of innovations*. New York: The Free Press.
- [141] Santos, B.S. (2006). *A Gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo, Cortez, volume 4.
- [142] Santos, R.B. (2002). *Modelos de equações estruturais*. UFRS. Porto Alegre, Monografia.
- [143] Schumacker, R.E. e Lomax, R.G. (2004). *A Beninner's guide to structural equation modeling*, (2end.) Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- [144] Secretaria Adjunta de Inteligência (2012). *Relatório de análises criminais*. SEGUP.
- [145] Seisdodos, N.C. (1998). *Cuestionario A - D de conductas antisociais - delictivas*. Madrid: TEA.

- [146] Souza, A.C.R. (2003). Uma avaliação das dimensões da escala de orientação para o mercado de George Day. In: *Encontro de estudos em estratégia da Associação de Pós-graduação e pesquisa em administração*. Anais, Curitiba.
- [147] Silva, T.M. (2014). *Teste t-Student de igualdade de médias*, UFPA.
- [148] Síntese de Indicadores Sociais (2012). *Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira*, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE.
- [149] SIM - Sistema de Informação de Mortalidade (2012). *Base de dados de mortalidade, Brasil*.
- [150] SISP - Sistema Integrado de Segurança Pública (2012). *Base de dados das ocorrências, Pará*.  
\_\_\_\_\_. (2013). *Base de dados*. Pará
- [151] Streiner, D.L. (2005). Finding Our Way: Na introduction to Path Analysis. *Canadian journal of Phychiatry*. V.50, n. 2, p.115.
- [152] Stattin, H. e Kerr, M. (2000). Parental monitoring: A reinterpretation, *Child Development*, 71, 1072-1085.
- [153] Sudam, (1976). *II Plano Nacional de Desenvolvimento*, Programa de Ação do Governo Para a Amazônia. 1975-1978,
- [154] Tabachnick, B.G. e Fidell, L.S. (1996). *Using Multivariate Statistics* (3rd ed.). New York: Harper Collins.
- [155] Toledo, G.L. e Ovale, I. (1985). *Estatística Básica*. 2º edição. São Paulo: Atlas.
- [156] Taylor, R.D. e Lopez, E.I. (2005). Family management practice, school achievement, and problem behavior in African American adolescents: Mediating processes. *Applied Developmental Psychology*, 26, 39-49.
- [157] Travis, R. (1993). The MOS alienation scale: an alternative to Srole's anomia scale, *Social Indicators Research*, 28, 71-91.
- [158] Triandis, H.C. (1994). *Culture and Social Behavior*. New York: McGraw-Hill
- [159] Triandis, H.C., McCusker, C., Betancourt, H., Iwao, S., Leung, K., Salazar, J.M., Setiadi, B., Sinha, B., Touzard, H. e Zaleski, Z. (1993). An eticemic analysis of individualism and collectivism, *Journal of Cross-cultural Psychology*, 24(3), 366-383.
- [160] Tucker, L.R. e Lewis, C. (1973). A reliability coefficient for maximum likelihood factor analysis. *Psychometrika*, California , 38(1), 1-10.
- [161] Van de Vijver, F. e Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- [162] Vicente, P. (2012). *Estudos de Mercado e de Opinião. princípios e aplicações de amostragem*. Lisboa: Sílabo.
- [163] Zhang, S. e Eamon, M.k. (2012). *Community violence and aggressive Child behavior: the role of aggressive parenting*. Children and family Research Center.
- [164] Waiselfisz, J. (2011). *Os Jovens do Brasil, Mapa da Violência 2011*. Instituto Sangari. São Paulo.
- [165] Waiselfisz, J. (2012). *Criança e adolescente do Brasil, Mapa da Violência 2012*. CEBELA Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. Rio de Janeiro.
- [166] Waiselfisz, J. (2013). *Mortes Matadas por Armas de Fogo, Mapa da Violência 2012*. CEBELA-Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. Rio de Janeiro.
- [167] Wiley, D.E. (1973). The Identification Problem for Structural Equation Models with Unmeasured variables. In A.S. Goldenberg e O.D Ducan (Eds.), *Structural Equation Models in the Social Sciences*,69-83. New York: Academic Press.
- [168] Windle, M., Brener, N., Cuccaro, P., Dittus, P., Kanouse, D.E. e Murray, N. (2010). Parenting predictors of early-adolescents' health behaviors: Simultaneous group comparisons across sex and ethnic groups, *Journal of Youth and Adolescence*, 39, 594-606.
- [169] Wright, S. (1921). Correlation and causation, *Journal of Agricultural Research*, 20, 557-585.
- [170] Wright, S. (1934). The method of path coefficients, *Annals of Mathematical Statistics*, 5, 161-215.

## **ANEXOS**



Anexo 1- Produto Interno Bruto-PIB e participação das Grandes Regiões e Unidades da Federação, 2010

Grandes regiões e unidades da Federação	Produto Interno Bruto	
	Valor Corrente (1000 000 R\$)	Participação %
<b>Brasil</b>	<b>3 770 085</b>	<b>100,0</b>
<b>Norte</b>	<b>201 511</b>	<b>5,3</b>
Rondônia	23 561	0,6
Acre	8 477	0,2
Amazonas	59 779	1,6
Roraima	6 341	0,2
<b>Pará</b>	<b>77 848</b>	<b>2,1</b>
Amapá	8 266	0,2
Tocantins	17 240	0,5
<b>Nordeste</b>	<b>507 502</b>	<b>13,5</b>
Maranhão	45 256	1,2
Piauí	22 060	0,6
Ceará	77 865	2,1
Rio Grande do Norte	32 339	0,9
Paraíba	31 947	0,8
Pernambuco	95 187	2,5
Alagoas	24 575	0,7
Sergipe	23 932	0,6
Bahia	154 340	4,1
<b>Sudeste</b>	<b>2 088 221</b>	<b>55,4</b>
Minas Gerais	351 381	9,3
Espírito Santo	82 122	2,2
Rio de Janeiro	407 123	10,8
São Paulo	1 247 596	33,1
<b>Sul</b>	<b>622 255</b>	<b>16,5</b>
Paraná	217 290	5,8
Santa Catarina	152 482	4,0
Rio Grande do Sul	252 483	6,7
<b>Centro Oeste</b>	<b>350 596</b>	<b>9,3</b>
Mato Grosso do Sul	43 514	1,2
Mato Grosso	59 600	1,6
Goiás	97 576	2,6
Distrito Federal	149 906	4,0

Fonte: Contas Regionais do Brasil, 2012

Anexo 2 - Taxas de homicídio (em 100 mil) de crianças e adolescentes (&lt;1 a 19 anos) por UF/Região, Brasil, 2000-2010

UF/Região	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Média
Acre	9,9	5,5	12,4	7,2	7,7	6,8	5,2	6,1	7,3	8,5	10,8	7,9
Amapá	20,4	16	15,4	19,3	18,6	16,7	15,2	10,7	14,5	14,2	22	16,6
Amazonas	8,1	6,8	7,6	7,9	6,1	6,7	7,6	8	9,7	10,3	12,1	8,3
Pará	4,3	5,7	6	7,5	6,8	9,9	10,1	11,8	15,8	16,7	19,2	10,3
Rondônia	9,5	10,7	11,6	10	12,7	10,9	10,3	10,6	12,9	14,3	12,4	11,4
Roraima	19,7	10,7	12,7	6,1	8,1	8,2	12,4	13	9,5	17,7	8,7	11,5
Tocantins	4,1	6,3	5,1	5,2	4,9	3,9	6,1	5,3	8,1	7	8,2	5,8
<b>Norte</b>	<b>6,9</b>	<b>7</b>	<b>7,7</b>	<b>8,1</b>	<b>7,6</b>	<b>8,9</b>	<b>9,3</b>	<b>10</b>	<b>12,9</b>	<b>13,7</b>	<b>15,5</b>	<b>9,8</b>
Alagoas	10,1	11,5	11,8	14,8	14,3	17,3	24,1	27,1	28,1	24,9	34,8	19,9
Bahia	3,5	4,5	5,1	6,3	5,9	7,3	8,6	10,8	14,6	21	23,8	10,1
Ceará	6,1	6,1	6,1	6,2	6,6	7,8	8,6	10,6	11	12,2	16,6	8,9
Maranhão	2,3	3,1	2,8	3,4	3,7	4,5	5,3	6,2	6,9	7	6,8	4,7
Paraíba	7,5	6	8	5,4	7,4	8,9	10,4	11,5	12,5	18	21,6	10,7
Pernambuco	22,3	26,2	23	21,6	24,2	23,7	23,1	27	24,9	22,4	19,3	23,4
Piauí	3,1	3,9	4,7	3,9	3,4	5	5,2	4,2	4,4	4,9	3,6	4,2
Rio Grande do Norte	2,6	4	3,2	4,1	3,8	5,2	5,2	9,1	12	12,5	12,7	6,8
Sergipe	8,5	9,4	9,8	8,8	7,7	6,1	9,1	9,4	9,7	10,7	11,2	9,1
<b>Nordeste</b>	<b>7,5</b>	<b>8,6</b>	<b>8,4</b>	<b>8,6</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11,1</b>	<b>13,2</b>	<b>14,4</b>	<b>16,1</b>	<b>17,8</b>	<b>11,3</b>
Espírito Santo	20,6	21	25,3	22,6	24,8	22,1	22,9	29	31,2	34,2	33,8	26,1
Minas Gerais	5,2	5,7	7,2	9,6	10,5	10,9	10,9	12,1	11,3	10,8	10,7	9,5
Rio de Janeiro	25,9	25,1	28,1	25,7	24,1	24,5	23,2	21,1	18,4	15,1	17,2	22,6
São Paulo	22,3	21,9	20,4	18,3	13	9,1	7,9	6	5,8	5,2	5,4	12,3
<b>Sudeste</b>	<b>18,4</b>	<b>18,2</b>	<b>18,6</b>	<b>17,6</b>	<b>15</b>	<b>13</b>	<b>12,2</b>	<b>11,5</b>	<b>10,8</b>	<b>9,9</b>	<b>10,3</b>	<b>14,1</b>
Paraná	8,4	8,2	10,6	12,2	13,6	15,9	15,4	18	19,5	19,3	18,8	14,5
Rio Grande do Sul	7,1	8	8,3	7,5	8,6	8,3	7,1	10,5	9,9	10	9,5	8,6
Santa Catarina	2,7	2,8	4,1	4,9	5	5,5	4,6	5,7	7,4	6,6	6,4	5,1
<b>Sul</b>	<b>6,7</b>	<b>7</b>	<b>8,3</b>	<b>8,8</b>	<b>9,8</b>	<b>10,6</b>	<b>9,8</b>	<b>12,4</b>	<b>13,2</b>	<b>12,9</b>	<b>12,5</b>	<b>10,2</b>
Distrito federal	23,9	24,4	18,9	25,3	22,5	18,3	14,9	18,2	21,2	23,5	22,9	21,3
Goiás	8,5	9,1	10,2	8,5	10,6	10	9,9	10,6	12,2	12,6	15,1	10,7

Mato Grosso	12	13	12,8	11	9,3	10,8	11	11	11,3	11,8	12,1	11,5
Mato Grosso Sul	11,9	9,4	12,3	13	11,7	12,1	10,9	15,2	15,7	15,6	11,1	12,6
<b>Centro-Oeste</b>	<b>12,5</b>	<b>12,7</b>	<b>12,6</b>	<b>12,8</b>	<b>12,6</b>	<b>12</b>	<b>11,2</b>	<b>12,8</b>	<b>14,2</b>	<b>14,9</b>	<b>15,1</b>	13,0
<b>Brasil</b>	<b>11,9</b>	<b>12,2</b>	<b>12,6</b>	<b>12,4</b>	<b>11,5</b>	<b>11,3</b>	<b>11,2</b>	<b>12,1</b>	<b>12,7</b>	<b>13</b>	<b>13,8</b>	12,2

Fonte: SIM - Sistema de Informações de Mortalidade, 2012

Anexo 3 - Taxas de homicídio (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais, Brasil, 2000 a 2010

<b>Capitais</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>Média</b>
<b>Belém</b>	<b>14,8</b>	<b>18,2</b>	<b>16,6</b>	<b>21,4</b>	<b>13,6</b>	<b>23,1</b>	<b>16,8</b>	<b>19</b>	<b>28,8</b>	<b>30,3</b>	<b>39,5</b>	22,0
Boa Vista	24	12	19,5	8,5	11	10,4	9,2	8,1	9	13,3	13,1	12,6
Macapá	29,3	22,6	19,8	24,2	25,7	20,5	20,3	11,7	18,5	16,7	31,7	21,9
Manaus	16,1	11,8	13,4	14	10,5	12	12,9	14,9	16,6	18,8	21,2	14,7
Palmas	1,6	8,9	6,9	3,9	8,5	7,5	4	3,2	10,8	6,3	15,4	7,0
Porto velho	21,5	27,4	23,8	19,7	35,1	26,2	29,1	30,8	26,8	30,5	21,2	26,6
Rio Branco	22	11,5	24,8	14,1	13	8,4	8,9	9,5	11,1	13,9	13,6	13,7
<b>Norte</b>	<b>17,6</b>	<b>15,8</b>	<b>16,7</b>	<b>16,8</b>	<b>14,9</b>	<b>16,5</b>	<b>15,1</b>	<b>15,7</b>	<b>19,9</b>	<b>21,4</b>	<b>25,4</b>	<b>17,8</b>
Aracaju	18,8	27,8	23,1	18,1	15,8	11,8	20,2	14,7	16,5	21,2	19,2	18,8
Fortaleza	13,4	13,5	13	9,5	11	17,2	18,5	23,6	24,5	26,4	41,1	19,2
João Pessoa	23,8	18,3	24,3	18,1	22,3	21,2	24,7	28,3	40	47,1	59,4	29,8
Maceió	23,2	31	27,2	33,9	35,8	42,1	57,9	52,3	63,4	49,3	79,8	45,1
Natal	2,9	9,2	8	11,3	6,4	10,5	10,9	18,3	23,1	22,4	30,5	14,0
Recife	53,3	52,8	48,9	45,3	64	58,6	51	61,2	58,1	46,7	41,8	52,9
Salvador	6,3	10,1	12	13,7	13,7	18,2	20,2	26,4	36,8	50,8	58	24,2
São Luís	8,3	12,2	7,4	11	13,3	13,3	14,2	19,3	19,2	21,6	21,3	14,6
Teresina	11,5	12,9	16,2	13,2	10,5	14	15,8	12,5	11,9	14,3	10,9	13,1
<b>Nordeste</b>	<b>17,2</b>	<b>19,7</b>	<b>19</b>	<b>18,5</b>	<b>21,1</b>	<b>23,6</b>	<b>25,5</b>	<b>29,7</b>	<b>34</b>	<b>35,9</b>	<b>43,5</b>	<b>26,2</b>
Belo Horizonte	21,8	19,7	25,3	38	41,3	34,6	36,2	41,2	34,8	29,8	29,8	32,0
Rio de Janeiro	35,2	33,1	37,2	33,9	31,5	25,3	28,4	21,4	18,3	15,7	15,9	26,9
São Paulo	36	35,1	30,4	28,4	19,6	12,2	9,4	7	5,6	5,5	5,3	17,7
Vitória	40,4	59,3	58,6	50,4	58,3	60,6	49	56,3	52,3	56	76,8	56,2
<b>Sudeste</b>	<b>34,1</b>	<b>33</b>	<b>32,2</b>	<b>31,4</b>	<b>26,4</b>	<b>19,5</b>	<b>18,8</b>	<b>16,1</b>	<b>13,7</b>	<b>12,2</b>	<b>12</b>	<b>22,7</b>
Curitiba	18,1	13,4	18,7	20,6	21,3	27,8	29,6	33,9	36,4	32,9	37	26,3
Florianópolis	5,1	10,8	13,8	22,3	24,9	25,9	15,9	23,1	20	19,7	19,4	18,3
Porto Alegre	22,3	20,8	23,8	19,6	22,3	24,1	19,2	33	28,2	29,5	26,9	24,5
<b>Sul</b>	<b>18,4</b>	<b>16</b>	<b>20,1</b>	<b>20,4</b>	<b>22,1</b>	<b>26,2</b>	<b>24,1</b>	<b>32,4</b>	<b>31,5</b>	<b>30,2</b>	<b>31,2</b>	<b>24,8</b>
Brasília	23,9	24,4	18,9	25,3	22,5	18,3	14,9	18,2	21,2	23,5	22,9	21,3
Campo Grande	19,7	14	14,8	18,9	16,1	14,7	10,7	21,4	16	17,2	10,5	15,8

Cuiabá	34,3	41,2	31,6	23,9	18,2	25	28,7	21,4	20,5	20,5	23,4	26,2
Goiânia	17,6	16	20,9	19,4	18,9	14,2	17,8	18,1	21	15,7	18,8	18,0
<b>Centro-Oeste</b>	<b>22,9</b>	<b>22,8</b>	<b>20,2</b>	<b>22,7</b>	<b>20,1</b>	<b>17,5</b>	<b>16,5</b>	<b>19</b>	<b>20,3</b>	<b>20,4</b>	<b>20,1</b>	<b>20,2</b>
<b>Brasil</b>	<b>25,2</b>	<b>24,9</b>	<b>24,5</b>	<b>24,3</b>	<b>22,5</b>	<b>20,5</b>	<b>20,3</b>	<b>21,3</b>	<b>22,1</b>	<b>22</b>	<b>24,4</b>	<b>22,9</b>

Fonte: SIM - Sistema de Informações de Mortalidade, 2012

Anexo 4 - Índice de vulnerabilidade juvenil das capitais brasileiras na faixa etária de 12 a 29 anos, 2010

Capitais	Índice de vulnerabilidade juvenil	Ranking
Belém	0,328	10°
Boa Vista	0,346	3°
Macapá	0,345	4°
Manaus	0,306	15°
Palmas	0,315	14°
Porto velho	0,342	6°
Rio Branco	0,321	12°
<b>Norte</b>	<b>0,329</b>	<b>-</b>
Aracaju	0,290	18°
Fortaleza	0,330	9°
João Pessoa	0,344	5°
Maceió	0,419	1°
Natal	0,279	19°
Recife	0,325	11°
Salvador	0,341	7°
São Luís	0,303	16°
Vitória	0,297	17°
Teresina	0,316	13°
<b>Nordeste</b>	<b>0,324</b>	<b>-</b>
São Paulo	0,230	28°
Belo Horizonte	0,248	24°
Rio de Janeiro	0,248	25°
<b>Sudeste</b>	<b>0,242</b>	<b>-</b>
Curitiba	0,258	23°
Florianópolis	0,247	26°
Porto Alegre	0,347	2°
<b>Sul</b>	<b>0,284</b>	<b>-</b>
Brasília	0,262	22°
Campo Grande	0,275	21°
Cuiabá	0,333	8°
Goiânia	0,278	20°
<b>Centro-Oeste</b>	<b>0,287</b>	<b>-</b>
<b>Brasil</b>	<b>0,306</b>	<b>-</b>

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2012

Anexo 5 - (%) Participação das despesas realizadas com a função Segurança Pública no total de despesas realizadas, Brasil, 2006 a 2011

Unidades da Federação	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Brasil/União	0,3	0,4	0,6	0,6	0,5 <sup>1</sup>	0,4
Rondônia	12,8	12,9	13	12,7	13,2	13,3
Acre	7,1	8,4	8,3	7,9	7,3	7,7
Amazonas	7,5	7,4	7,2	7,3	7,2	7,6
Roraima	7,2	7,1	7,7	6,3	6,9	5,9
Pará	9,1	9,1	9,2	9,2	8,9	9,9
Amapá	8,9	8,8	10,1	10,5	9,5	10,6
Tocantins	7,7	8	6,9	8,3	9,4	10,8
Maranhão	7,4	8,1	7,6	8,6	8,9	7,3
Piauí	6,2	6,3	4,1	5	5,2	4,1
Ceará	4,5	5,8	5,8	6,7	6,0	5,8
Rio Grande Norte	6,6	7,7	8,5	8,6	7,9	8,2
Paraíba	8,6	9,1	9,1	10,4	9,9	10,6
Pernambuco	8,4	8	8,3	8,4	9,4	10,3
Alagoas	11,9	12,8	13,6	14,2	13,4	12,4
Sergipe	7,8	8,9	8,2	9,6	11,7	12,2
Bahia	9	9,4	8,9	9,1	8,5	9,5
Minas Gerais	13,5	13,2	12,6	14	13,4	13,6
Espírito Santo	6	7,7	6,4	6,3	6,6	6,4
Rio de Janeiro	12,3	12,3	12,1	8,6	8,0	8,4
São Paulo	8,5	7,9	7,4	7,7	5,5 <sup>4</sup>	7,7
Paraná	6,7	6,5	6,3	6,1	6,3	6,5
Santa Catarina	11,5	11,6	1,6 <sup>2</sup>	11,7 <sup>3</sup>	10,9	10,5
Rio Grande do sul	7,6	7,6	5,7	7,7	7,5	5,2
Mato Grosso do Sul	8,9	10,2	9,4	9	8,5	9,3
Mato grosso	8,9	6,9	9,2	9,2	9,4	9,8
Goiás	8,6	10	8,2	9,2	8,3	9,3
Distrito Federal	1,2	1	1,5	1,8	2,3	2,3

(1) Retificação das informações publicadas no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 5, 2011.

(2) Os gastos com Pessoal e Encargos não foram incluídos na Função, Segurança Pública.

(3) Os gastos com Pessoal e Encargos retornaram à Função Segurança Pública.

(4) As despesas realizadas em 2010 no estado de São Paulo não incluem as despesas intra-orçamentárias

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2012; Ministério da Fazenda/Secretaria do Tesouro Nacional - STN; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE;

Anexo 6 - Despesa per capita realizada com a Função Segurança Pública, Brasil 2006 - 2011 em despesas correntes em R\$

Unidades da federação	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Brasil	18,47	25,12	31,52 <sup>1</sup>	38,05	38,24 <sup>2</sup>	29,86
Rondônia	225,76	241,57	327,62	376,43	405,91	458,64
Acre	221,55	264,15	335,8	402,77	380,86	376,18
Amazonas	130,09	137,25	167,47	186,96	200,32	228,56
Roraima	221,07	253,12	332,84	301,21	325,41	316,38
Pará	88,95	95,17	117,56	126,63	136,03	150,69
Amapá	244,98	258,35	370,66	399,8	365,13	445,47

Tocantins	163,01	192,95	216,73	262,69	307,53	374,8
Maranhão	58,74	67,68	82,59	100,62	119,38	107,49
Piauí	67,79	77,28	57,3	84,25	93,63	76,35
Ceará	54,81	62,43	74,15	103,88	113,33	113,02
Rio Grande do Norte	97,02	128,21	157,99	180,48	164,49	182,68
Paraíba	100	111,26	128,48	149,22	153,09	168,27
Pernambuco	91,76	107,05	132,21	155,11	181,22	223,01
Alagoas	126,54	149,36	188,18	227,68	238,46	227,16
Sergipe	139,72	149,39	176,14	235,39	341,07	324,55
Bahia	102,45	113,53	122,29	133,43	140	182,09
Minas Gerais	200,78	217,07	249,82 <sup>1</sup>	280,51	301,58	335,27
Espírito Santo	136,48	196,04	190,21 <sup>1</sup>	200,67	218,71	227,2
Rio de Janeiro	269,91	278,69	309,97	231,78	244,81	283,15
São Paulo	173,33	182,87	218,4	244,47	177,48 <sup>5</sup>	294,75
Paraná	97,28	98,67	108,9	112,47	133,95	152,74
Santa Catarina	152,46	169,52	28,07 <sup>3</sup>	225,64 <sup>4</sup>	216,42	234,88
Rio Grande do sul	132,01	138,43	127	201,04	245,49	175,09
Mato Grosso do Sul	180,63	231,65	269,66	273,19	260,31	354,32
Mato grosso	177,89	153,88	246,98	285,67	301,79	346,98
Goiás	136,48	196,04	190,21	200,67	218,71	227,2
Distrito Federal	38,69	33,56	57,32	82,27	110,28	120,05
<b>Média</b>	<b>137,5</b>	<b>154,7</b>	<b>188,2</b>	<b>207,2</b>	<b>219,1</b>	<b>233,0</b>

(1) Retificação das informações publicadas no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 3, 2009.

(2) Retificação das informações publicadas no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 5, 2011.

(3) Os gastos com Pessoal e Encargos não foram incluídos na Função Segurança Pública.

(4) Os gastos com Pessoal e Encargos retornaram à Função Segurança Pública.

(5) As despesas realizadas com a Função Segurança Pública em 2010 no estado de São Paulo não incluem as despesas intra-orçamentárias.

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2012; Ministério da Fazenda/Secretaria do Tesouro Nacional - STN

#### Anexo7 - Evolução dos Registros de atos infracionais cometido por crianças e adolescentes, na Região Metropolitana de Belém/Pa

<b>REGISTROS</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<i>Roubo</i>	816	774	707	2297	28,3
<i>Furto</i>	390	402	277	1069	13,2
<i>Lesão corporal</i>	220	340	347	907	11,2
<i>Ameaça</i>	212	286	311	809	10,0
<i>Tráfico de drogas</i>	124	259	357	740	9,1
<i>Porte ilegal de arma de fogo de uso permitido</i>	173	139	122	434	5,3
<i>Dano</i>	85	64	71	220	2,7
<i>Dirigir sem habilitação</i>	63	42	64	169	2,1
<i>Consumo pessoal de drogas</i>	32	55	64	151	1,9
<i>Vias de fato</i>	51	40	59	150	1,8
<i>Homicídio</i>	37	34	60	131	1,6

Tentativa de homicídio	32	52	30	114	1,4
Apresentação - Mandado de prisão	26	47	15	88	1,1
Desacato	23	16	19	58	0,7
Receptação	10	21	27	58	0,7
Injúria	11	12	19	42	0,5
Apresentação - Preso foragido	21	15	1	37	0,5
Desaparecimento de pessoa	12	15	8	35	0,4
Posse irregular de arma de fogo de uso permitido	15	10	10	35	0,4
Porte de arma (arma branca)	8	6	15	29	0,4
Fuga do lar	10	11	5	26	0,3
Assistência social	15	6	4	25	0,3
Lesão corporal culposa	3	11	11	25	0,3
Atentado ao pudor mediante fraude	11	8	5	24	0,3
Constrangimento ilegal	3	7	10	20	0,2
Violação de domicílio	9	6	5	20	0,2
Difamação	0	8	11	19	0,2
Roubo seguido de morte	2	8	9	19	0,2
Estupro	5	7	5	17	0,2
Falsidade ideológica	3	6	6	15	0,2
Abandono de incapaz	6	4	4	14	0,2
Falsa identidade	3	4	7	14	0,2
Rixa	3	7	4	14	0,2
Induzimento a fuga, entrega arbitrária ou sonegação de incapaz	3	4	6	13	0,2
Perturbações da tranquilidade	3	5	5	13	0,2
Violação direito autoral	4	7	2	13	0,2
Perturbação do trabalho ou sossego alheios	1	6	5	12	0,1
Arma de fogo de uso restrito	1	5	5	11	0,1
Calúnia	2	4	5	11	0,1
Formação de quadrilha ou bando	4	4	2	10	0,1
Satisfação de lascívia mediante presença de menor	2	4	4	10	0,1
Apropriação indébita	4	4	1	9	0,1
Corrupção de menores	6	2	1	9	0,1
Maus tratos	3	2	3	8	0,1
Desobediência	2	2	3	7	0,1
Falsificação de documento público	1	4	2	7	0,1
Fuga de preso	1	5	1	7	0,1
Apresentação de veículo	5	1	0	6	0,1
Comercio ilegal de arma de fogo	3	3	0	6	0,1
Entregar direção de veículo a pessoa não habilitada	0	5	1	6	0,1
Estelionato	2	4	0	6	0,1
Extravio de objetos	3	2	1	6	0,1
Abandono de lar	2	3	0	5	0,1

Acidente fortuito	2	3	0	5	0,1
Conduzir veículo sob influência	4	1	0	5	0,1
Dano culposos (Civil)	2	0	3	5	0,1
Extorsão	2	0	3	5	0,1
Posse sexual mediante fraude	0	3	2	5	0,1
Resistência	0	2	3	5	0,1
Apreensão de objetos	1	2	1	4	0,0
Homicídio culposos	3	0	1	4	0,0
Outras fraudes	2	1	1	4	0,0
Perigo para vida e saúde de outrem	2	1	1	4	0,0
Sequestro e cárcere privado	2	2	0	4	0,0
Comunicação falsa de crime/contravenção	1	1	1	3	0,0
Direção perigosa de veículo na via pública	1	0	2	3	0,0
Escrito ou objeto obsceno	1	0	2	3	0,0
Falsificação de documento particular	1	0	2	3	0,0
Incêndio	0	0	3	3	0,0
Mediação p/servir a lascívia de outrem	0	2	1	3	0,0
Roubo seguido de lesão grave	0	0	3	3	0,0
Servir bebida alcoólica	0	3	0	3	0,0
Trafegar em velocidade incompatível c/ a segurança	2	0	1	3	0,0
Apologia ao crime ou criminoso	1	0	1	2	0,0
Corrupção ativa	1	1	0	2	0,0
Disparo de arma de fogo	1	1	0	2	0,0
Exercício ilegal da medicina/odonto/farmácia	0	0	2	2	0,0
Facilitar fuga de preso	1	0	1	2	0,0
Sequestro relâmpago	2	0	0	2	0,0
Uso de documento falso	2	0	0	2	0,0
Abandono material	0	0	1	1	0,0
Aborto	1	0	0	1	0,0
Abuso de incapaz	1	0	0	1	0,0
Arremesso ou colocação perigosa	0	1	0	1	0,0
Associação de pessoas para crime de tráfico	1	0	0	1	0,0
Cobrança indevida	1	0	0	1	0,0
Corrupção passiva	0	1	0	1	0,0
Crimes contra a flora	1	0	0	1	0,0
Denúncia caluniosa	0	0	1	1	0,0
Embriaguez	1	0	0	1	0,0
Estupro de vulnerável	1	0	0	1	0,0
Exercício ilegal de profissões ou atividades	0	1	0	1	0,0
Extravio de dinheiro	1	0	0	1	0,0
Favorecimento pessoal	0	0	1	1	0,0
Incitação ao crime	0	1	0	1	0,0
Jogo de azar	1	0	0	1	0,0



Jogo do bicho	0	1	0	1	0,0
Moeda falsa	1	0	0	1	0,0
Motim de preso	1	0	0	1	0,0
Participar de corrida/disputa/competição não autorizada	0	1	0	1	0,0
Perigo de contágio de moléstia grave	1	0	0	1	0,0
Privilegiar comprador ou freguês	0	1	0	1	0,0
Provocação de tumulto/conduta inconveniente	0	1	0	1	0,0
Rufianismo	0	1	0	1	0,0
Tortura	0	0	1	1	0,0
Violação de lacre de instituições públicas	1	0	0	1	0,0
Violência doméstica	1	0	0	1	0,0
<b>Total geral</b>	<b>2534</b>	<b>2830</b>	<b>2754</b>	<b>8118</b>	<b>100,0</b>

Anexo 8 - Evolução dos Registros de atos infracionais cometido por crianças e adolescente, na Região Metropolitana de Belém/PA divididos por bairros.

MUNICÍPIO	BAIRRO	2010	2011	2012	Total
<b>Ananindeua</b>	Águas Brancas	6	8	11	25
	Águas Lindas	25	38	30	93
	Atalaia	1	2	3	6
	Aurá	7	8	4	19
	Centro de Ananindeua	39	44	41	124
	Cidade Nova	72	59	84	215
	Conj. Guajara I	2	1	0	3
	Coqueiro	36	47	47	130
	Curuçambá	14	27	23	64
	Distrito Industrial	20	24	16	60
	Guajara	0	0	3	3
	Guajará	5	2	1	8
	Guanabara	17	23	18	58
	Icuí-Guajará	28	24	37	89
	Jaderlândia	11	20	17	48
	Jiboia Branca	1	0	1	2
	Julia Seffer	5	8	11	24
	Levilândia	1	5	10	16
	Maguari	10	7	13	30
	Paar	50	52	30	132
Quarenta Horas (Coqueiro)	16	16	14	46	
Una	0	1	0	1	
<b>Ananindeua total</b>		<b>366</b>	<b>416</b>	<b>414</b>	<b>1196</b>
<b>Belém</b>	Marco	61	80	78	219
	ÁGUA BOA	14	13	15	42
	Águas Lindas	3	1	0	4
	Águas Negras	7	5	12	24
	Agulha	23	17	16	56

Ariramba	0	0	1	1
Atalaia	0	3	2	5
Barreiro	25	18	18	61
Batista Campos	23	44	29	96
Bengui	47	29	38	114
Brasília	5	8	15	28
Cabanagem	47	20	30	97
Campina	42	32	41	115
Campina de Icoaraci	22	26	25	73
Canudos	27	17	14	58
Carananduba	2	0	0	2
Castanheira	7	15	11	33
Chapéu Virado	0	1	0	1
Cidade Velha	24	28	34	86
Condor	45	48	35	128
Coqueiro	37	35	72	144
COTIJUBA	4	2	4	10
Cremação	56	65	46	167
Cruzeiro	20	26	30	76
Curió-Utinga	15	10	10	35
FAROL	1	0	0	1
Fátima	25	20	20	65
Fidelis	0	1	0	1
Guamá	169	176	123	468
ILHA DE CARATATEUA	1	0	1	2
Ilha do Cumbú	0	0	2	2
Ilhas Adjacentes	0	0	1	1
Ilhas Adjacentes do Arquipélago de Belém	0	1	0	1
ILHAS MENORES DE OUTEIRO	1	0	0	1
ITAITEUA	2	7	3	12
Jurunas	122	127	147	396
Mangueirão	28	23	20	71
Maracacuera	9	17	9	35
Maracangalha	4	8	14	26
Marambaia	68	56	72	196
MURUBIRA	1	2	0	3
Nazaré	37	30	30	97
Paracuri	3	8	14	25
PARAÍSO	0	0	1	1
Parque Guajará	13	16	15	44
Parque Verde	26	38	25	89
Pedreira	100	122	93	315
Ponta Grossa	27	20	25	72
PORTO ARTHUR	2	0	0	2
Pratinha	21	48	40	109
Reduto	5	10	11	26

	Sacramenta	78	68	51	197
	São Brás	36	42	38	116
	São Clemente	2	0	0	2
	SÃO JOÃO DO OUTEIRO	19	30	31	80
	Souza	6	14	15	35
	Tapanã	46	68	63	177
	Telégrafo Sem Fio	70	41	46	157
	Tenoné	41	38	29	108
	Terra Firme	54	73	82	209
	Umarizal	21	42	31	94
	Una	7	6	5	18
	Val-de-Cães	36	27	28	91
	Zona Rural de Mosqueiro	0	0	1	1
<b>Belém Total</b>		<b>1637</b>	<b>1722</b>	<b>1662</b>	<b>5021</b>
<b>Benevides</b>	Centro de Benevides	2	3	4	9
	Centro de Benfica	1	0	0	1
	Maguari	1	0	0	1
	Muririm	1	1	0	2
	Zona Rural de Benevides	0	1	0	1
	Zona Rural de Benfica	1	0	1	2
<b>Benevides Total</b>		<b>6</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>16</b>
<b>Marituba</b>	Almir Gabriel	5	4	3	12
	Bairro Novo	2	8	8	18
	Boa Vista	1	1	1	3
	Centro de Marituba	30	29	17	76
	Comunidade Japão	0	1	0	1
	Comunidade Sta. Lúcia I	0	0	1	1
	D.Aristides	6	7	6	19
	Decouville	26	14	19	59
	Mirizal	0	2	4	6
	Nova União	3	1	1	5
	Novo Horizonte	1	6	5	12
	Pedreirinha	1	2	3	6
	Riacho Doce	1	1	0	2
	São Francisco	5	9	4	18
	São João	1	4	5	10
União	7	3	2	12	
<b>Marituba Total</b>		<b>90</b>	<b>95</b>	<b>82</b>	<b>267</b>
<b>Santa Bárbara do Pará</b>	Centro	0	4	3	7
	Genipaúba	0	1	0	1
	Outras localidades	4	0	3	7
<b>Santa Bárbara do Pará Total</b>		<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>15</b>
<b>Total geral</b>		<b>2103</b>	<b>2243</b>	<b>2169</b>	<b>6515</b>

Fonte: SISP-Sistema Integrado de Segurança Pública

## Anexo 9 - Delitos registrados envolvendo menores na condição de vítima na RMB

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>DELITO</b>	<b>Total</b>
<b>Ananindeua</b>	Abandono de incapaz	1
	Abandono de Lar	8
	Aborto	2
	Acidente fortuito	9
	Afastar-se o condutor do local do acidente	2
	Afogamento	3
	Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por...	2
	Ameaça	133
	Apropriação indébita	1
	Assédio Sexual	5
	Assistência Social	55
	Atentado ao pudor mediante fraude	1
	Ato Obsceno	3
	Calúnia	10
	Cobrança Indevida	2
	Comunicação de Óbito	18
	Conduzir veículo sob influência	3
	Constrangimento ilegal	9
	Corrupção de menores	2
	Crimes de Trânsito Prescritos	1
	Dano	6
	Dano Culposo (Civil)	13
	Desaparecimento de Pessoa	65
	Descump. deveres inerente ...ou decorrent.de tutela	4
	Difamação	11
	Dirigir sem habilitação	1
	Escrito ou objeto obsceno	4
	Estelionato	3
	Estupro	27
	Estupro de vulnerável	141
	Exercíc.ilegal da medicina/odonto/farmácia	2
	Exercício arbitrário das próprias razões	1
	Exercício ilegal de profissões ou atividades	1
Extravio de Celular	1	
Extravio de Documento e Celular	2	
Extravio de Documentos	33	
Extravio de Objetos	12	

Fuga do Lar	50
Furto	33
Homicídio	41
Homicídio Culposo	4
Importunação ofensiva ao pudor	11
Induzimento a fuga, entrega arbit. ou soneg. incap	2
Injúria	26
Lesão Corporal	357
Lesão corporal culposa	53
Maus tratos	33
Omissão de socorro de terceiros	1
Omissão na guarda de animais	3
Parto suposto.Supressão/alteração de direitos iner	2
Perturbações da Tranquilidade	2
Perturbação do trabalho ou sossego alheios	1
Porte ilegal de arma de fogo de uso permitido	2
Posse irregular de arma de fogo de uso permitido	2
Posse sexual mediante fraude	3
Quebra de contrato	5
Receptação	1
Rixa	2
Roubo	284
Roubo seguido de morte	1
Satisfaç.lascívia mediant.presenç.de criança/adol.	1
Satisfação de lascívia mediante presença de menor	2
Seqüestro e Cárcere privado	1
Servir bebida alcoólica	1
Suicídio	1
Tentativa de Homicídio	19
Trafegar em velocidade incompatível c/ a segurança	4
Tráfico de drogas	10
Transações Bancárias	1
Vias de fato	23
Violação de domicílio	1
Violação de lacre de Instituições Públicas	1
Violação sexual mediante fraude	2
Violência Domestica	21
<b>Ananindeua Total</b>	<b>1604</b>

<b>Belém</b>	Abandono de incapaz	19
	Abandono de Lar	11
	Acesso a informações	1
	Acidente fortuito	37
	Afastar-se o condutor do local do acidente	7
	Afogamento	5
	Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por...	8
	Ameaça	520
	Apresentação - Preso foragido	1
	Apropriação indébita	6
	Assédio Sexual	10
	Assistência Social	168
	Atentado ao pudor mediante fraude	8
	Ato Obsceno	13
	Calúnia	52
	Coação no curso do processo	1
	Cobrança Indevida	10
	Comunicação de Óbito	29
	Conduzir veículo sob influência	4
	Constrangimento ilegal	28
	Corrupção de menores	8
	Cumprimento de Carta Precatória	10
	Dano	19
	Dano Culposos (Civil)	24
	Deficiência	1
	Desacato	2
	Desaparecimento de Pessoa	175
	Descump.deveres inerente ...ou decorrent.de tutela	1
	Desobediência	2
	Difamação	38
	Dirigir sem habilitação	1
	Disparo de arma de fogo	3
	Divulgar, produzir, vender, fornecer...	6
	Entregar direção d veículo a pessoa não habilitada	1
	Escrito ou objeto obsceno	1
	Escrito ou objeto obseno	2
	Estelionato	14
	Estupro	84
	Estupro de vulnerável	440

Executar serviço perigoso	1
Exercício arbitrário das próprias razões	4
Extorsão	2
Extravio de Celular	3
Extravio de Dinheiro	1
Extravio de Documento e Celular	7
Extravio de Documentos	96
Extravio de Documentos de Veículos Automotores	1
Extravio de Objetos	24
Favoreça prostituição /exploraç.sex.vulnerável	1
Favoreca prostit./outra forma d.exploraç.sexual	4
Formação de quadrilha ou bando	4
Fuga do Lar	134
Furto	243
Homicídio	95
Homicídio Culposo	11
Importunação ofensiva ao pudor	19
Induzimento a fuga, entrega arbit. ou soneg. incap	4
Injúria	65
Lesão Corporal	1108
Lesão corporal culposa	173
Maus tratos	63
Mercadoria em desacordo com descrição legal	1
Omissão de socorro	5
Omissão de socorro de terceiros	2
Omissão na guarda de animais	5
Perigo de contágio venéreo	2
Perigo para Vida e Saúde de Outrem	2
Perturbações da Tranquilidade	24
Perturbação do trabalho ou sossego alheios	1
Portar/deter/transportar instrumento p/ violência	1
Porte ilegal de arma de fogo de uso permitido	4
Posse sexual mediante fraude	1
Provocação de tumulto/conduita inconveniente	1
Quebra de contrato	8
Receptação	7
Resistência	1
Rixa	10
Roubo	952
Roubo seguido de morte	10

	Satisfaç.lascívia mediant.presenç.de criança/adol.	3
	Satisfação de lascívia mediante presença de menor	1
	Seqüestro e Cárcere privado	7
	Seqüestro Relâmpago	1
	Servir bebida alcoólica	4
	Submeter criança/adolescente exploração sexual	1
	Subtrair criança/adolescente	1
	Suicídio	2
	Tentativa de aborto	1
	Tentativa de Homicídio	26
	Tortura	3
	Trafegar em velocidade incompatível c/ a segurança	2
	Tráfico de drogas	32
	Tráfico interno de pessoa p/fim de exploraç.sexual	1
	Tráfico interno de pessoas	1
	Transações Bancárias	1
	Usar criança/adoles em cena pornográfica/vexatória	1
	Vender/fornecer a criança/adolescente	2
	Vias de Fato	110
	Violação sexual mediante fraude	2
	Violência Domestica	73
	<b>Belém Total</b>	<b>5145</b>
<b>Benevides</b>	Acidente fortuito	2
	Ameaça	10
	Assédio Sexual	1
	Assistência Social	4
	Ato Obsceno	1
	Calúnia	2
	Comunicação de Óbito	2
	Conduzir veículo sob influência	2
	Constrangimento ilegal	1
	Dano	1
	Desaparecimento de Pessoa	3
	Estupro	9
	Estupro de vulnerável	26
	Extravio de Objetos	1
	Fuga do Lar	3



	Furto	5
	Homicídio	5
	Injúria	3
	Lesão Corporal	28
	Lesão corporal culposa	1
	Roubo	32
	Tráfico de drogas	5
	Vias de Fato	1
	Violação de domicílio	1
	Violência Domestica	2
	<b>Benevides Total</b>	<b>151</b>
<b>Marituba</b>	Abandono de incapaz	1
	Abandono de Lar	1
	Acidente fortuito	2
	Afastar-se o condutor do local do acidente	1
	Ameaça	51
	Assédio Sexual	1
	Assistência Social	10
	Calúnia	9
	Comunicação de Óbito	3
	Conduzir veículo sob influência	3
	Constrangimento ilegal	1
	Corrupção de menores	1
	Dano	1
	Desacato	1
	Desaparecimento de Pessoa	7
	Difamação	3
	Estelionato	1
	Estupro	8
	Estupro de vulnerável	47
	Extravio de Documento e Celular	2
	Extravio de Documentos	5
	Extravio de Documentos de Veículos Automotores	1
	Fuga do Lar	2
	Furto	7
	Homicídio	22
	Homicídio Culposos	6
	Injúria	6
Lesão Corporal	77	
Lesão corporal culposa	15	

	Maus tratos	4
	Perturbações da Tranquilidade	1
	Perturbação do trabalho ou sossego alheios	1
	Porte ilegal de arma de fogo de uso permitido	1
	Posse sexual mediante fraude	2
	Roubo	51
	Satisfação de lascívia mediante presença de menor	1
	Tentativa de aborto	1
	Tentativa de Homicídio	6
	Trafegar em velocidade incompatível c/ a segurança	1
	Tráfico de drogas	11
	Vender/fornecer a criança/adolescente	3
	Violência Domestica	6
<b>Marituba Total</b>		<b>384</b>
<b>Santa Bárbara do Pará</b>	Abandono de incapaz	1
	Ameaça	13
	Assistência Social	2
	Calúnia	1
	Difamação	2
	Estupro	3
	Estupro de vulnerável	9
	Extravio de Documentos	2
	Extravio de Objetos	1
	Furto	2
	Lesão Corporal	13
	Lesão corporal culposa	1
	Roubo	4
	Vias de Fato	1
Violência Domestica	1	
<b>Santa Bárbara do Pará Total</b>		<b>56</b>

Fonte: SISP-Sistema Integrado de Segurança Pública

## **Estudo sobre as condutas desviantes entre jovens**

**Este questionário tem por objetivo levantar a sua opinião, em relação às atitudes desviantes, sobre diferentes aspectos relacionados a esses atos e também assuntos relacionados à prática de esporte e lazer, sentimento anômico, pares socionormativos e a religiosidade. Assim, solicitamos sua participação respondendo às questões a seguir com seriedade. Não existem respostas corretas ou erradas, apenas lhe pedimos que responda com a maior a verdade. Os resultados destinam-se exclusivamente a fins de pesquisa científica, assim sendo assegurada a total confidencialidade das respostas individuais, ou seja, existe a confiabilidade das informações.**

**Para preenchimento do questionário siga as seguintes orientações:**

- Pesquisador, leia atentamente cada questão e faça as perguntas.
- Em seguida, selecione a alternativa e a resposta que melhor expressa a opinião ou situação do respondente.

## Anexo 10a - Características sociodemográficas do entrevistados

**BLOCO- CARACTERÍSTICAS DOS QUE RESPONDEM**

<b>1.1 Unidade/pesquisa:</b> 1= PROPAZ 2= FASEPA	[ ]	<b>1.2 Data da entrevista:</b>	[ ]
<b>1.3 Gênero:</b> 1 = Masculino 2 = Feminino	[ ]	<b>1.4 Idade</b> (em anos completos)	[ ]
<b>1.5 Estado civil:</b> 1= Casado 2= solteiro 3= divorciado 4= viúvo 5= outros _____			[ ]
<b>1.6 Nome:</b>		<b>1.7 CPF:</b> _____	<b>1.8 ID:</b> _____
<b>1.9 Renda média Familiar:</b> 0= Não tem Rendimento mensal 1= Até R\$ 724,00 (Até 1 SM) 2= Mais que R\$ 724,00 até R\$ 2.172,00 (Até 3 SM) 3= Mais que R\$ 2.172,00 até R\$ 3.620,00 (Até 5 SM) 4= Mais que R\$ 3.620,00 até R\$ 4.344,00 (Até 6 SM) 5= Mais que R\$ 4.344,00 (Mais de 6 SM)			[ ]
<b>1.10 Cor:</b> 1= Branco 2= Preto 3= Pardo 4= Amarelo			[ ]
<b>1.11 Religião:</b> 1= Católica 2= Evangélica 3= Espírita 4= Afro 5= Oriental 6= Sem Religião 7= Outra			[ ]
<b>1.12 Está estudando atualmente:</b> 1= sim 2= não, se não porque _____			[ ]
<b>1.13 Habilitações acadêmicas:</b> 1 = Analfabeto 2 = Ensino fundamental incompleto 3= Ensino Fundamental completo 4= Ensino médio incompleto 5= Ensino médio completo 6 = Superior completo 7 = Pós-graduação			[ ]
<b>1.14 Local de residência:</b> a) Município/Bairro _____/_____ b) Estado _____ c) Rua _____ d) Nº ____ E) Complemento _____			
<b>1.15 Atual situação profissional: Está trabalhando?</b> 1= Não trabalha, por opção 2 = Está desempregado ou procurando emprego 3 = É menor de idade e ainda não procura emprego 3= Trabalha por conta própria 4= Trabalha com carteira assinada 5=Estagiário			[ ]
<b>1.16 Atualmente reside:</b> 1 = Na unidade 2= Na sua casa 3 = Em casa de parentes 4 = em casa de amigos/conhecidos 5 = Não tem casa, mora na rua			[ ]
<b>1.17 Com que morou ou foi criado a maior parte da sua vida?</b> 1= Com os Pais 2= Somente com um dos pais 3= Com os avós 4= Com parentes próximos 5= Morou na rua 6= Com amigos ou conhecidos 7= Outros _____			[ ]
<b>1.18 Cometeu algum ato violento nos últimos 12 meses:</b> 1= Sim, qual _____ (passe para a Quest. 1.19) 2= Não (passe para a Quest. 1.20)			[ ]
<b>1.19 É reincidente em atos violentos?</b> 1= sim 2= não			[ ]
<b>1.20 Como você classifica seus pais ou responsáveis?</b> 1= agressivos 2= calmos 3=nervosos 4=atenciosos 5= ausentes 6= Não há responsáveis			[ ]
<b>1.21 Os meus professores são:</b> 1=atenciosos 2=agressivos 3=displicentes 4=amigos 5= não estuda 6= não tem professores			[ ]

## Anexo 10b - Escala condutas antissociais

**BLOCO - CONDUTAS ANTISSOCIAIS**

**2.1** Abaixo são apresentados alguns comportamentos que as pessoas podem apresentar no seu dia a dia. Por favor, pedimos-lhe que indique com que frequência os faz. Na escala de resposta abaixo, anote ao lado de cada frase o número que melhor expressa a intensidade do seu comportamento. Para responder escolha um valor de 0 a 9, sabendo que o valor **0** significa "**NUNCA**" e que o valor **9** representa "**SEMPRE**".

**NUNCA****SEMPRE**

<b>a.</b> Fazer brincadeiras pesadas com as pessoas, como empurrá-las na lama ou tirar-lhes a cadeira quando vão sentar.	<input type="text"/>
<b>b.</b> Pegar escondido a bicicleta, carro ou moto de um desconhecido para dar um passeio, com a única intenção de se divertir.	<input type="text"/>
<b>c.</b> Receber troco a mais e não dizer nada a pessoa que lhe deu o troco.	<input type="text"/>
<b>d.</b> Comer em locais proibidos (trabalho, escola, cinema, etc.).	<input type="text"/>
<b>e.</b> Não dizer nada quando a garçonete ou garçom erra na conta a seu favor	<input type="text"/>
<b>f.</b> Bagunçar ou assoviar em uma reunião, lugar público, escola ou de trabalho.	<input type="text"/>
<b>g.</b> Riscar em lugares proibidos (paredes, mesas, cadeiras etc.)	<input type="text"/>
<b>h.</b> Tocar a campainha na casa de alguém e sair correndo	<input type="text"/>
<b>i.</b> Responder mal a um superior ou autoridade (no trabalho, na escola, repartição ou na rua)	<input type="text"/>
<b>a.</b> Dizer palavrões ou expressões grosseiras para as pessoas quando está zangado	<input type="text"/>
<b>j.</b> Arrancar ou pisar em flores ou plantas em parques, praças ou jardins públicos.	<input type="text"/>
<b>k.</b> Chegar de propósito mais tarde do que o permitido (em casa, trabalho, compromisso, etc.)	<input type="text"/>
<b>l.</b> Incomodar pessoas desconhecidas ou fazer desordens em lugares públicos	<input type="text"/>
<b>m.</b> Gastar frequentemente em jogo mais dinheiro do que pode	<input type="text"/>
<b>n.</b> Jogar lixo no chão (quando há perto um cesto de lixo)	<input type="text"/>
<b>o.</b> Apanhar frutas em um jardim, terreno, quintal não sendo autorizado pelo dono.	<input type="text"/>
<b>p.</b> Quebrar ou jogar no chão as coisas dos outros	<input type="text"/>
<b>q.</b> Consumir bebidas alcoólicas (cerveja, cachaça, vinho, vodka, uísque entre outras)	<input type="text"/>
<b>r.</b> Chegar tarde ao trabalho, colégio, compromisso ou reunião	<input type="text"/>
<b>s.</b> Negar-se a fazer as tarefas solicitadas (no trabalho, na escola ou no local que reside)	<input type="text"/>
<b>t.</b> Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas)	<input type="text"/>

## Anexo 10c - Escala condutas delitivas

**BLOCO - CONDUTAS DELITIVAS**

**2.1** Abaixo são apresentados alguns comportamentos que as pessoas podem apresentar no seu dia a dia. Por favor, pedimos-lhe que indique com que frequência os faz. Na escala de resposta abaixo, anote ao lado de cada frase o número que melhor expressa a intensidade do seu comportamento. Para responder escolha um valor de 0 a 9, sabendo que o valor **0** significa **"NUNCA"** e que o valor **9** representa **"SEMPRE"**.

**NUNCA****SEMPRE**

<b>b.</b> Usar ou copiar mídias piratas (CD, DVD ou jogos de computador) que você não comprou.	[ ]
<b>c.</b> Roubar roupas de um varal ou objetos dos bolsos de uma roupa deixada por alguém	[ ]
<b>d.</b> Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas	[ ]
<b>e.</b> Destruir ou danificar coisas, objetos em lugares públicos	[ ]
<b>f.</b> Portar uma arma (faca, canivete ou revólver) caso considere necessário em uma briga	[ ]
<b>g.</b> Roubar coisas de grandes armazéns, supermercados, entre outros, estando abertos.	[ ]
<b>h.</b> Roubar objetos dos carros (como, som, toca fitas, rodas, entre outros)	[ ]
<b>i.</b> Entrar em um local proibido (jardim privado, casa vazia, prédio público, etc.)	[ ]
<b>j.</b> Entrar em uma loja que está fechada, roubando algo ou não	[ ]
<b>k.</b> Resistir ou brigar para escapar de um policial	[ ]
<b>l.</b> Entrar em um apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planejado antes)	[ ]
<b>m.</b> Planejar de antemão entrar em uma casa ou apartamento para roubar coisas de valor	[ ]
<b>n.</b> Pegar escondido a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela	[ ]
<b>o.</b> Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerante, telefones públicos, etc	[ ]
<b>p.</b> Roubar coisas de um lugar público (trabalho ou colégio) no valor de mais de R\$ 10,00	[ ]
<b>q.</b> Roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão trabalhando	[ ]
<b>r.</b> Usar drogas (maconha, cola de sapateiro, cocaína, crack entre outras)	[ ]
<b>s.</b> Enganar (em provas, competição importante, gabarito de resultado, etc.)	[ ]
<b>t.</b> Sujar as ruas ou calçadas quebrando garrafas ou virando depósitos de lixo, fazendo arruaças.	[ ]
<b>u.</b> Forçar a entrada em um armazém, garagem, depósito ou mercearia.	[ ]
<b>v.</b> Pertencer a uma turma, gangue ou galera que arma confusões, se mete em briga ou cria badernas.	[ ]

Anexo 10d - Escala do sentimento anômico

**BLOCO - OPINIÃO SOBRE O SENTIMENTO ANÔMICO**

**3.1** Abaixo são apresentadas várias frases sobre possíveis situações do sentimento. Indique sua opinião sobre cada situação dando uma nota de 1 até 5 para expressar o quanto discorda ou concorda de cada frase utilizando a escala de respostas a seguir, sabendo que **a nota mínima 1 significa DISCORDO TOTALMENTE** da frase e a **nota máxima 5 significa CONCORDO TOTALMENTE** com a frase. Assinale a alternativa que melhor reflete a frequência com que você experimenta tais sentimentos de acordo com a seguinte escala:



<b>a.</b> Eu me sinto muito sozinho atualmente	[ ]
<b>b.</b> Não importa quanto a pessoa se esforce na vida, isso não faz a diferença	[ ]
<b>c.</b> Eu me sinto discriminado socialmente	[ ]
<b>d.</b> Sinto como o meu mundo estivesse caindo	[ ]
<b>e.</b> Eu queria ser alguém importante	[ ]
<b>f.</b> É difícil para mim dizer o que é certo e errado, atualmente	[ ]
<b>g.</b> Eu não gosto de viver de acordo com as regras da sociedade	[ ]

Anexo 10e - Escala dos indicadores da valoração familiar

**BLOCO/Anexo IX - INDICADORES DA VALORAÇÃO FAMILIAR**

**7.1** Por favor, indique, o quanto cada um dos itens abaixo é importante para **uma boa relação familiar**, isto é, para sua relação com os pais, irmãos, tios, sobrinhos, cunhados, primos entre outros familiares. Para cada uma das seguintes situações, escolha um valor de 0 a 5 para indicar a intensidade da ocorrência, sabendo que o valor 0 significa **"NADA"** e que o valor 5 significa **"TOTALMENTE"**.



<b>a.</b> Confiança	<input type="text"/>
<b>b.</b> Afeto e Carinho	<input type="text"/>
<b>c.</b> Compreensão	<input type="text"/>
<b>d.</b> Ter uma estrutura econômica Boa	<input type="text"/>
<b>e.</b> Liberdade	<input type="text"/>
<b>f.</b> União entre toda a família	<input type="text"/>
<b>g.</b> Boa relação conjugal dos pais	<input type="text"/>
<b>h.</b> Disposição ao perdão	<input type="text"/>



Anexo 10f - Escala das atividades dos hábitos de lazer

**BLOCO - ATIVIDADES DE HÁBITOS DE LAZER**

**6.1** Considere as frases abaixo e indique com que frequência você ocupa seu horário de lazer, isto é, o tempo livre que tens quando você já cumpriu todas as atividades exigidas pela família, responsáveis ou escola. Para isso, circule ou marque com um **X** na escala de resposta ao lado de cada frase

Para cada uma das seguintes situações, escolha um valor de 0 a 5 para indicar a intensidade de ocorrência, sabendo que o valor 0 significa "**NUNCA**" e que o valor 5 significa "**SEMPRE**".



<b>i.</b> Assistir programas de televisão (filmes, novelas, desenhos, seriados, jornais etc.)	<input type="text"/>
<b>j.</b> Ir a bares, boates, festas ou restaurantes.	<input type="text"/>
<b>k.</b> Encontrar-se com alguém (paquera, amigos, etc.)	<input type="text"/>
<b>l.</b> Jogar conversa fora, contar piadas, etc	<input type="text"/>
<b>m.</b> Comprar roupas (sapatos, camisas, calças, bermudas etc.)	<input type="text"/>
<b>n.</b> Navegar ou acessar a internet	<input type="text"/>
<b>o.</b> Ir a shows, cinema, teatro, etc	<input type="text"/>
<b>p.</b> Passear de bicicleta, patins, skate, etc	<input type="text"/>
<b>q.</b> Jogar vídeo game ou jogos de ação e aventura	<input type="text"/>
<b>r.</b> Praticar esportes (basquete, futebol, voleibol, natação, judô etc)	<input type="text"/>
<b>s.</b> Participar de atividades relacionadas à arte e cultura (dança, música, teatro, etc.)	<input type="text"/>
<b>t.</b> Ir ao museu, bosque, parque ecológico, etc.	<input type="text"/>
<b>u.</b> Participar de oficinas e cursos de formação (artesanato, pintura, desenho etc.)	<input type="text"/>
<b>v.</b> Ler livros	<input type="text"/>
<b>w.</b> Ler jornais	<input type="text"/>
<b>x.</b> Ler revistas	<input type="text"/>
<b>y.</b> Visitar familiares	<input type="text"/>

**Muito Obrigado pela sua Colaboração.**

<b>Espaço reservado aos pesquisadores</b>	Cidade /Município <input type="text"/>
	Entrevistador <input type="text"/>

Anexo 11 - Documento de autorização assinado pelo Senhor Juiz de direito da infância e adolescência de Belém do Pará

Ofício nº 001/2014

Belém, 15 de setembro de 2014.

Ao Senhor  
**VANDERLEY DE OLIVEIRA SILVA**  
Juiz de Direito da 3ª Vara Civil da Infância e Juventude

*R. H.  
autorizo a pesquisa  
na academia vinculada  
da com as reservas  
legais  
Belém, 16/09/14*

**Assunto: Permissão para realização de pesquisa**

Senhor Juiz,

*Vanderley de Oliveira Silva  
Juiz de Direito*

Cumprimentando-o, solicitamos a V. Exa. a prestimosa atenção em viabilizar a permissão para a aplicação de pesquisa com os socioeducandos de todas as Unidades da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará - FASEPA, na Região Metropolitana de Belém.

Ressaltamos que a pesquisa supracitada fará parte do doutorado em Métodos Quantitativos, Estatísticas e Análise de Dados do Instituto Universitário de Lisboa-ISCTE/IUL, que tem como tese "Meninos em Risco na Amazônia: Análises de Modelos Teóricos a partir das Condutas Desviantes de Jovens que estão apreendidos e os que são atendidos pelo Programa PRO PAZ". O estudo tem como orientadora Profª Drª Elizabeth Reis.

Na oportunidade, encaminhamos os nomes dos pesquisadores que aplicarão os questionários:

- Jadson Fernandes Chaves – CPF: 381.207.042-15 ( 91) **82631526**
- Líria Natacha Sena do Vale – CPF: 007701926260
- Rodrigo Alves do Nascimento – CPF: 09507206744

Diante do exposto acima, encaminho em anexo, projeto de pesquisa e questionário de aplicação.

Sem mais para o momento, renovamos nossos préstimos de estima e consideração.

Atenciosamente,  
*Jadson - JC*  
**JADSON FERNANDES CHAVES**  
Doutorando em Métodos Quantitativos

RECEBIDO NA DAS  
EM 17/09/14  
ÀS 14:08  
Assinatura  
ASSINATURA

3210330504 23

## Anexo 12 - Tabelas referente aos grupo FASEPA - análise sociodemográfica

## Anexo 12a - Municípios das localizações das unidades da FASEPA

Municípios	Frequência	%
Belém	145	53,7
Ananindeua	82	30,4
Benevides	43	15,9
<b>Total</b>	<b>270</b>	<b>100,0</b>

## Anexo 13b- entrevistas por unidades em regime fechado e em semiliberdade/FASEPA

Unidades	Frequência	%
Ciam Sideral	76	28,1
Benevides	43	15,9
Cesem	34	12,6
Uase	26	9,6
Cijam	22	8,1
Cas	20	7,4
Cesef	19	7,0
CJM	16	5,9
Casf	11	4,1
SAS	3	1,1
<b>Total</b>	<b>270</b>	<b>100,0</b>

## Anexo 12c - Regime dos entrevistados/ FASEPA

Regime	Frequência	%
Regime fechado	239	88,5
Semiliberdade	31	11,5
<b>Total</b>	<b>270</b>	<b>100,0</b>

## Anexo 12d - O porquê de não querer estudar/ FASEPA

O porquê de não estudar?	Frequência	%
Não gosta de escola	16	29,1
Não gosta de estudar	12	21,8
Não quer isso	4	7,3
Quer ficar na rua	4	7,3
Foi expulso da escola	2	3,6
Estou roubando	2	3,6
Quer ficar com os amigos	2	3,6
Brigou com o professor	2	3,6
Falta de Interesse	2	3,6
Outros motivos	9	16,4
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>100,0</b>

## Anexo 12e - Tipos de atos violentos cometidos/ FASEPA

<b>Tipos de atos violentos?</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Assalto	92	34,1
Homicídio	38	14,1
Tráfico de drogas	27	10,0
Tentativa de homicídio	24	8,9
Latrocínio	12	4,4
Roubo	5	1,9
Estupro	2	,7
Porte ilegal de armas	2	,7
Tráfico e homicídio	2	,7
Latrocínio	2	,7
Fuga e refém	1	,4
Agressão	1	,4
Assalto e tentativa de homicídio	1	,4
Não informado	61	22,6
<b>Total</b>	<b>270</b>	<b>100,0</b>

## Anexo 13 - Tabelas referente aos grupo PROPAZ - análise sociodemográfica

## Anexo 13a - Polo PROPAZ

<b>Polos PRO PAZ</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Sacramenta	102	35,4
UFRA	67	23,3
Mangueirão	45	15,6
UFPA	39	13,5
IESP	35	12,2
<b>Total</b>	<b>288</b>	<b>100,0</b>

## Anexo 13b - Tipos de atos violentos cometidos/PROPAZ

<b>Tipos de atos violentos?</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Agressão Verbal/ Física	10	3,5
Agressão Verbal	5	1,7
Agressões diversas	4	1,4
Brigou com um colega	2	,7
Vandalismo	1	,3
Não Informado	266	92,4
<b>Total</b>	<b>288</b>	<b>100,0</b>

Anexo 14 - Exemplos do cálculo de Cronbach para as condutas delitivas

Exemplo do Cálculo do Alfa de Cronbach para as condutas antissociais

RELIABILITY  
/VARIABLES=CDAN1 CDAN2 CDAN3 CDAN4 CDAN5 CDAN6 CDAN7 CDAN8 CDAN9 CDAN10 CDAN11 CDAN12 CDAN13 CDAN14 CDAN15 CDAN16 CDAN17 CDAN18 C  
DAN19 CDAN20 CDAN21  
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL  
/MODEL=ALPHA.

**Confiabilidade**

**Escala: ALL VARIABLES**

**Resumo de processamento do caso**

Casos	Válido	N	%
	Válido	558	100,0
	Excluídos <sup>a</sup>	0	,0
	Total	558	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

**Estadísticas de confiabilidade**

Alfa de Cronbach	N de itens
,974	21

IBM SPSS Statistics O processador está pronto | Unicode:ON | 21:00 | 09/01/2016

Exemplo do Cálculo do Alfa de Cronbach para as condutas delitivas

RELIABILITY  
/VARIABLES=CDDE1 CDDE2 CDDE3 CDDE4 CDDE5 CDDE6 CDDE7 CDDE8 CDDE9 CDDE10 CDDE11 CDDE12 CDDE13 CDDE14 CDDE15 CDDE16 CDDE17 CDDE18  
CDDE19 CDDE20 CDDE21  
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL  
/MODEL=ALPHA.

**Confiabilidade**

**Escala: ALL VARIABLES**

**Resumo de processamento do caso**

Casos	Válido	N	%
	Válido	558	100,0
	Excluídos <sup>a</sup>	0	,0
	Total	558	100,0

a. Exclusão de lista com base em todas as variáveis do procedimento.

**Estadísticas de confiabilidade**

Alfa de Cronbach	N de itens
,980	21

IBM SPSS Statistics O processador está pronto | Unicode:ON | 21:09 | 09/01/2016

## Anexo 15 - Exemplos de cálculos das fiabilidade compósita e VEM - Sentimento anômico

FC=	0,8649722
VEM=	0,5652174

FC - Fiabilidade Compósita

VEM - Variância Extraída média

$$\frac{(\text{somatorio das cargas fatoriais})^2}{(\text{somatório de cargas fatoriais}) + [\text{somatorio de 1-cargafatorial}]}$$

## CARGAS FATORIAIS

## Sentimento Anômico

VARIÁVEL	CARGA	CARGA ^2	e	Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)			
				Estimate			
@1_1	0,6	0,36	0,4	hedonista	<---	lazer	0,847
@2_1	0,8	0,64	0,2	ludicos	<---	lazer	0,955
@3_1	0,6	0,36	0,4	instrutivo	<---	lazer	0,956
		0	0	SA1	<---	Sent_anom	0,536
		0	0	SA2	<---	Sent_anom	0,819
		0	0	SA3	<---	Sent_anom	0,554
		0	0	SA6	<---	Sent_anom	0,642
		0	0	SA7	<---	Sent_anom	0,634
		0	0	IDF1	<---	Val_familiar	0,545
		0	0	IDF2	<---	Val_familiar	0,953
		0	0	IDF3	<---	Val_familiar	0,876
		0	0	IDF4	<---	Val_familiar	0,764
		0	0	IDF6	<---	Val_familiar	0,921
		0	0	IDF7	<---	Val_familiar	0,808
		0	0	IDF8	<---	Val_familiar	0,537
		0	0	AHL2	<---	hedonista	-0,697
		0	0	AHL3	<---	hedonista	-0,588
		0	0	AHL4	<---	hedonista	-0,399
	<b>3,3</b>	<b>2,21</b>	<b>1,7</b>	AHL5	<---	hedonista	-0,298
				AHL7	<---	hedonista	0,479
				AHL11	<---	ludicos	0,669
				AHL17	<---	instrutivo	0,583
				AHL16	<---	instrutivo	0,607
				AHL14	<---	instrutivo	0,781
				AHL10	<---	ludicos	0,748
				AHL12	<---	ludicos	0,707
				AHL9	<---	ludicos	0,528
				AHL13	<---	ludicos	0,566

## Anexo 16 - Exemplos de cálculos das fiabilidade compósita e VEM - Hábitos de lazer lúdicos

FC=	0,8531826
VEM=	0,541673

FC - Fiabilidade Compósita

VEM - Variância Extraída média

(somatório das cargas fatoriais)^2/(somatório de cargas fatoriais)+[somatório de 1-cargafatorial]							
CARGAS FATORIAIS							
Hábitos de lazer lúdico							
VARIÁVEL	CARGA	CARGA^2	e	Standardized Regression Weights			
@1_1	0,748	0,559504	0,252	: (Group number 1 - Default model)			
@2_1	0,707	0,499849	0,293				
@3_1	0,528	0,278784	0,472	<b>Estimate</b>			
	0,566	0,320356	0,434	hedonista	<---	lazer	0,847
	0,669	0,447561	0,331	ludicos	<---	lazer	0,955
		0	0	instrutivo	<---	lazer	0,956
		0	0	SA1	<---	Sent_anom	0,536
		0	0	SA2	<---	Sent_anom	0,819
		0	0	SA3	<---	Sent_anom	0,554
		0	0	SA6	<---	Sent_anom	0,642
		0	0	SA7	<---	Sent_anom	0,634
		0	0	IDF1	<---	Val_familiar	0,545
		0	0	IDF2	<---	Val_familiar	0,953
		0	0	IDF3	<---	Val_familiar	0,876
		0	0	IDF4	<---	Val_familiar	0,764
		0	0	IDF6	<---	Val_familiar	0,921
		0	0	IDF7	<---	Val_familiar	0,808
		0	0	IDF8	<---	Val_familiar	0,537
		0	0	AHL2	<---	hedonista	-0,697
		0	0	AHL3	<---	hedonista	-0,588
	<b>3,218</b>	<b>2,106054</b>	<b>1,782</b>	AHL4	<---	hedonista	-0,399
				AHL5	<---	hedonista	-0,298
				AHL7	<---	hedonista	0,479
				AHL11	<---	ludicos	0,669
				AHL17	<---	instrutivo	0,583
				AHL16	<---	instrutivo	0,607
				AHL14	<---	instrutivo	0,781
				AHL10	<---	ludicos	0,748
				AHL12	<---	ludicos	0,707
				AHL9	<---	ludicos	0,528
				AHL13	<---	ludicos	0,566

## Anexo 17 - efeitos de predição - Modelo global

A seguir, mostra-se os efeitos das variáveis e suas influências, razão de critérios e os níveis de significância de cada uma das variáveis no **modelo global**.

É possível notar que o efeito dos hábitos instrutivos e lúdicos sobre as condutas antissociais não foram significativos, assim como os efeitos sobre as condutas desviantes.

## Estimativas de predição e efeitos das variáveis - modelo global

Efeito variáveis		Estimate	S.E.	C.R.	P	
Sent_anom	<---	Val_familiar	-1,231	,058	-21,254	***
instrutivo	<---	Val_familiar	1,244	,061	20,354	***
Lúdicos	<---	Val_familiar	1,444	,073	19,756	***
hedonista	<---	Val_familiar	-,487	,055	-8,772	***
Cond_antissociais	<---	Sent_anom	,846	,123	6,893	***
Cond_antissociais	<---	instrutivo	-,646	,250	-2,589	,010
Cond_antissociais	<---	ludicos	-,215	,164	-1,310	,190
Cond_antissociais	<---	hedonista	1,819	,335	5,427	***
Cond_delitivas	<---	instrutivo	-,421	,199	-2,116	,034
Cond_delitivas	<---	ludicos	-,389	,133	-2,917	,004
Cond_delitivas	<---	hedonista	1,571	,288	5,461	***
Cond_delitivas	<---	Sent_anom	,755	,102	7,436	***
SA1	<---	Sent_anom	,670	,050	13,402	***
SA2	<---	Sent_anom	1,016	,045	22,449	***
SA3	<---	Sent_anom	,669	,047	14,100	***
SA6	<---	Sent_anom	,802	,045	17,779	***
SA7	<---	Sent_anom	1,000	---	-----	----
IDF1	<---	Val_familiar	1,000	----	-----	----
IDF2	<---	Val_familiar	1,987	,057	34,738	***
IDF3	<---	Val_familiar	1,775	,060	29,489	***
IDF4	<---	Val_familiar	1,505	,063	23,750	***



IDF6	<---	Val_familiar	1,921	,060	32,199	***
IDF7	<---	Val_familiar	1,700	,067	25,485	***
CDAN7	<---	Cond_antissociais	,832	,036	23,216	***
CDAN8	<---	Cond_antissociais	1,009	,034	29,611	***
CDAN10	<---	Cond_antissociais	,955	,035	27,527	***
CDAN12	<---	Cond_antissociais	,982	,034	28,718	***
CDAN13	<---	Cond_antissociais	,697	,037	18,946	***
CDAN16	<---	Cond_antissociais	,930	,036	26,128	***
CDDE8	<---	Cond_delitivas	1,155	,045	25,607	***
CDDE9	<---	Cond_delitivas	1,290	,046	28,271	***
CDDE10	<---	Cond_delitivas	1,290	,046	28,224	***
CDDE11	<---	Cond_delitivas	1,285	,045	28,501	***
CDAN6	<---	Cond_antissociais	,876	,036	24,113	***
CDAN9	<---	Cond_antissociais	1,069	,032	33,308	***
CDDE1	<---	Cond_delitivas	1,000	----	-----	-----
CDDE3	<---	Cond_delitivas	1,295	,046	28,236	***
CDDE5	<---	Cond_delitivas	1,285	,046	27,834	***
CDDE6	<---	Cond_delitivas	1,271	,045	27,957	***
CDDE7	<---	Cond_delitivas	1,281	,045	28,198	***
CDDE18	<---	Cond_delitivas	1,141	,046	25,029	***
CDDE17	<---	Cond_delitivas	1,236	,047	26,415	***
CDDE16	<---	Cond_delitivas	,611	,039	15,661	***
CDDE15	<---	Cond_delitivas	1,183	,046	25,777	***
CDDE13	<---	Cond_delitivas	1,246	,045	27,405	***
CDDE12	<---	Cond_delitivas	1,285	,045	28,381	***
CDAN1	<---	Cond_antissociais	1,000	-----	-----	-----
CDAN2	<---	Cond_antissociais	1,078	,034	32,060	***
CDAN3	<---	Cond_antissociais	1,096	,032	33,809	***

CDAN5	<---	Cond_antissociais	1,101	,033	33,321	***
CDAN21	<---	Cond_antissociais	1,021	,033	31,121	***
CDAN20	<---	Cond_antissociais	1,009	,033	30,283	***
CDAN19	<---	Cond_antissociais	1,001	,034	29,577	***
CDAN18	<---	Cond_antissociais	1,110	,033	33,645	***
CDDE20	<---	Cond_delitivas	1,163	,046	25,304	***
AHLh2	<---	hedonista	2,199	,250	8,783	***
AHLh3	<---	hedonista	1,459	,174	8,406	***
AHLh4	<---	hedonista	1,000	-----	-----	-----
AHLu11	<---	ludicos	,853	,051	16,768	***
AHLi17	<---	instrutivo	,876	,061	14,473	***
AHLi16	<---	instrutivo	,710	,047	14,971	***
AHLi14	<---	instrutivo	1,000	----	-----	-----
AHLu10	<---	ludicos	1,000	-----	-----	-----
AHLu12	<---	ludicos	,775	,046	16,859	***
AHLu13	<---	ludicos	,626	,045	13,841	***

p>0,001

#### Anexo 18 - Influência das variáveis no Modelo Global

Os dados abaixo, mostra os efeitos dos lambdas ( $\lambda$ ) para cada uma das variáveis envolvidas, todas estando em conformidade com o padrão [0 a 1].

#### Influência das variáveis - modelo global

Variáveis e efeito			$\lambda$
Sent_anom	<---	Val_familiar	-,870
Instrutivo	<---	Val_familiar	,898
Lúdicos	<---	Val_familiar	,899
Hedonista	<---	Val_familiar	-,730
Cond_antissociais	<---	Sent_anom	,362
Cond_antissociais	<---	instrutivo	-,271

Cond_antissociais	<---	ludicos	-,104
Cond_antissociais	<---	hedonista	,367
Cond_delitivas	<---	instrutivo	-,195
Cond_delitivas	<---	ludicos	-,209
Cond_delitivas	<---	hedonista	,350
Cond_delitivas	<---	Sent_anom	,357
SA1	<---	Sent_anom	,521
SA2	<---	Sent_anom	,800
SA3	<---	Sent_anom	,545
SA6	<---	Sent_anom	,657
SA7	<---	Sent_anom	,800
IDF1	<---	Val_familiar	,544
IDF2	<---	Val_familiar	,956
IDF3	<---	Val_familiar	,873
IDF4	<---	Val_familiar	,760
IDF6	<---	Val_familiar	,919
IDF7	<---	Val_familiar	,798
CDAN7	<---	Cond_antissociais	,741
CDAN8	<---	Cond_antissociais	,862
CDAN10	<---	Cond_antissociais	,827
CDAN12	<---	Cond_antissociais	,848
CDAN13	<---	Cond_antissociais	,641
CDAN16	<---	Cond_antissociais	,801
CDDE8	<---	Cond_delitivas	,897
CDDE9	<---	Cond_delitivas	,971
CDDE10	<---	Cond_delitivas	,970
CDDE11	<---	Cond_delitivas	,978
CDAN6	<---	Cond_antissociais	,761

CDAN9	<---	Cond_antissociais	,919
CDDE1	<---	Cond_delitivas	,749
CDDE3	<---	Cond_delitivas	,970
CDDE5	<---	Cond_delitivas	,959
CDDE6	<---	Cond_delitivas	,963
CDDE7	<---	Cond_delitivas	,969
CDDE18	<---	Cond_delitivas	,879
CDDE17	<---	Cond_delitivas	,920
CDDE16	<---	Cond_delitivas	,581
CDDE15	<---	Cond_delitivas	,901
CDDE13	<---	Cond_delitivas	,947
CDDE12	<---	Cond_delitivas	,974
CDAN1	<---	Cond_antissociais	,841
CDAN2	<---	Cond_antissociais	,901
CDAN3	<---	Cond_antissociais	,926
CDAN5	<---	Cond_antissociais	,919
CDAN21	<---	Cond_antissociais	,887
CDAN20	<---	Cond_antissociais	,874
CDAN19	<---	Cond_antissociais	,862
CDAN18	<---	Cond_antissociais	,924
CDDE20	<---	Cond_delitivas	,888
AHLh2	<---	hedonista	,713
AHLh3	<---	hedonista	,563
AHLh4	<---	hedonista	,386
AHLu11	<---	ludicos	,674
AHLi17	<---	instrutivo	,585
AHLi16	<---	instrutivo	,590
AHLi14	<---	instrutivo	,761

*Anexos*

AHLu10	<---	lúdicos	,746
AHLu12	<---	lúdicos	,682
AHLu13	<---	lúdicos	,561

## Anexo 19 - Estimativas de predição e efeitos das variáveis -Modelo FASEPA

A seguir, mostra-se os efeitos das variáveis e suas influências, razão de critérios e os níveis de significância de cada uma das variáveis no **modelo FASEPA**

## Estimativas de predição e efeitos das variáveis - Modelo FASEPA

Efeito variável		Estimate	S.E.	C.R.	P
Sent_anom	<--- Val_familiar	-,781	,059	-13,291	***
ludicos	<--- Val_familiar	,854	,112	7,614	***
hedonista	<--- Val_familiar	-,627	,084	-7,461	***
instrutivo	<--- Val_familiar	,861	,064	13,375	***
Cond_antissociais	<--- Sent_anom	,810	,142	5,708	***
Cond_antissociais	<--- instrutivo	-1,127	,415	-2,718	,007
Cond_antissociais	<--- ludicos	-,598	,285	-2,100	,036
Cond_antissociais	<--- hedonista	,834	,268	3,109	,002
Cond_delitivas	<--- instrutivo	-1,164	,354	-3,290	,001
Cond_delitivas	<--- ludicos	-,075	,229	-,329	,742
Cond_delitivas	<--- hedonista	,800	,248	3,225	,001
Cond_delitivas	<--- Sent_anom	,929	,126	7,373	***
SA1	<--- Sent_anom	,310	,107	2,896	,004
SA2	<--- Sent_anom	,993	,088	11,338	***
SA3	<--- Sent_anom	,424	,112	3,775	***
SA6	<--- Sent_anom	1,013	,067	15,227	***
SA7	<--- Sent_anom	1,000			
IDF6	<--- Val_familiar	1,587	,074	21,598	***
IDF7	<--- Val_familiar	1,622	,071	22,713	***
CDAN7	<--- Cond_antissociais	,639	,067	9,492	***
CDAN8	<--- Cond_antissociais	,851	,050	17,065	***
CDAN10	<--- Cond_antissociais	,757	,044	17,215	***
CDAN12	<--- Cond_antissociais	,845	,054	15,552	***
CDAN13	<--- Cond_antissociais	,648	,080	8,103	***
CDAN16	<--- Cond_antissociais	,733	,050	14,511	***
CDDE8	<--- Cond_delitivas	,978	,067	14,648	***
CDDE9	<--- Cond_delitivas	1,184	,061	19,367	***
CDDE10	<--- Cond_delitivas	1,031	,054	19,026	***
CDDE11	<--- Cond_delitivas	1,144	,058	19,871	***
CDAN6	<--- Cond_antissociais	,801	,065	12,264	***
CDAN9	<--- Cond_antissociais	,912	,048	19,085	***
CDDE1	<--- Cond_delitivas	1,000			
CDDE3	<--- Cond_delitivas	1,098	,056	19,589	***
CDDE5	<--- Cond_delitivas	,870	,048	18,040	***
CDDE6	<--- Cond_delitivas	1,070	,060	17,977	***
CDDE7	<--- Cond_delitivas	1,201	,061	19,735	***
CDDE18	<--- Cond_delitivas	,942	,058	16,262	***

CDDE17	<---	Cond_delitivas	,651	,053	12,280	***
CDDE16	<---	Cond_delitivas	,565	,090	6,307	***
CDDE15	<---	Cond_delitivas	1,116	,075	14,967	***
CDDE13	<---	Cond_delitivas	1,082	,063	17,098	***
CDDE12	<---	Cond_delitivas	1,056	,056	18,875	***
CDAN1	<---	Cond_antissociais	1,000			
CDAN2	<---	Cond_antissociais	,937	,060	15,567	***
CDAN3	<---	Cond_antissociais	,869	,047	18,581	***
CDAN5	<---	Cond_antissociais	,903	,051	17,760	***
CDAN21	<---	Cond_antissociais	,813	,052	15,748	***
CDAN20	<---	Cond_antissociais	,909	,050	18,156	***
CDAN19	<---	Cond_antissociais	,803	,049	16,296	***
CDAN18	<---	Cond_antissociais	,694	,045	15,327	***
CDDE20	<---	Cond_delitivas	1,124	,078	14,420	***
AHLh2	<---	hedonista	,738	,121	6,103	***
AHLh3	<---	hedonista	,408	,078	5,236	***
AHLh4	<---	hedonista	1,000			
AHLu11	<---	ludicos	1,086	,144	7,519	***
AHLi17	<---	instrutivo	1,102	,143	7,733	***
AHLi16	<---	instrutivo	,885	,079	11,133	***
AHLi14	<---	instrutivo	1,000			
AHLu10	<---	ludicos	1,000			
AHLu12	<---	ludicos	,755	,111	6,826	***
AHLu13	<---	ludicos	1,054	,138	7,639	***
IDF1	<---	Val_familiar	1,000			
IDF4	<---	Val_familiar	1,267	,091	13,856	***
IDF3	<---	Val_familiar	1,556	,082	19,053	***
IDF2	<---	Val_familiar	1,658	,073	22,724	***

## Anexo 20 - Influência das variáveis -Modelo FASEPA

Os dados abaixo, mostra os efeitos dos lambdas ( $\lambda$ ) para cada uma das variáveis envolvidas, todas estando em conformidade com o padrão [0 a 1].

## Influência das variáveis - Modelo FASEPA

Variáveis e efeito			$\lambda$
Sent_anom	<---	Val_familiar	-,769
Lúdicos	<---	Val_familiar	,885
Hedonista	<---	Val_familiar	-,710
Instrutivo	<---	Val_familiar	,960
Cond_antissociais	<---	Sent_anom	,289
Cond_antissociais	<---	instrutivo	-,355
Cond_antissociais	<---	ludicos	-,203
Cond_antissociais	<---	hedonista	,259
Cond_delitivas	<---	instrutivo	-,419
Cond_delitivas	<---	ludicos	-,029
Cond_delitivas	<---	hedonista	,284
Cond_delitivas	<---	Sent_anom	,378
SA1	<---	Sent_anom	,182
SA2	<---	Sent_anom	,639
SA3	<---	Sent_anom	,235
SA6	<---	Sent_anom	,779
SA7	<---	Sent_anom	,864
IDF6	<---	Val_familiar	,929
IDF7	<---	Val_familiar	,954
CDAN7	<---	Cond_antissociais	,526
CDAN8	<---	Cond_antissociais	,840
CDAN10	<---	Cond_antissociais	,846
CDAN12	<---	Cond_antissociais	,788
CDAN13	<---	Cond_antissociais	,457
CDAN16	<---	Cond_antissociais	,746
CDDE8	<---	Cond_delitivas	,749
CDDE9	<---	Cond_delitivas	,909
CDDE10	<---	Cond_delitivas	,899
CDDE11	<---	Cond_delitivas	,923
CDAN6	<---	Cond_antissociais	,655
CDAN9	<---	Cond_antissociais	,906
CDDE1	<---	Cond_delitivas	,803
CDDE3	<---	Cond_delitivas	,915
CDDE5	<---	Cond_delitivas	,867
CDDE6	<---	Cond_delitivas	,867
CDDE7	<---	Cond_delitivas	,918
CDDE18	<---	Cond_delitivas	,806



Anexos

CDDE17	<---	Cond_delitivas	,652
CDDE16	<---	Cond_delitivas	,361
CDDE15	<---	Cond_delitivas	,760
CDDE13	<---	Cond_delitivas	,837
CDDE12	<---	Cond_delitivas	,895
CDAN1	<---	Cond_antissociais	,800
CDAN2	<---	Cond_antissociais	,785
CDAN3	<---	Cond_antissociais	,890
CDAN5	<---	Cond_antissociais	,864
CDAN21	<---	Cond_antissociais	,795
CDAN20	<---	Cond_antissociais	,877
CDAN19	<---	Cond_antissociais	,814
CDAN18	<---	Cond_antissociais	,779
CDDE20	<---	Cond_delitivas	,739
AHLh2	<---	hedonista	,517
AHLh3	<---	hedonista	,389
AHLh4	<---	hedonista	,554
AHLu11	<---	ludicos	,726
AHLi17	<---	instrutivo	,470
AHLi16	<---	instrutivo	,673
AHLi14	<---	instrutivo	,715
AHLu10	<---	ludicos	,473
AHLu12	<---	ludicos	,611
AHLu13	<---	ludicos	,777
IDF1	<---	Val_familiar	,451
IDF4	<---	Val_familiar	,700
IDF3	<---	Val_familiar	,865
IDF2	<---	Val_familiar	,953

## Anexo 21 - Estimativas de predição e efeitos das variáveis - Modelo PROPAZ

A seguir, mostra-se os efeitos das variáveis e suas influências, razão de critérios e os níveis de significância de cada uma das variáveis no **modelo PROPAZ**.

## Estimativas de predição e efeitos das variáveis - Modelo PROPAZ

Efeito da variável			Estimate	S.E.	C.R.	P
Sent_anom	<---	Val_familiar	-,171	,065	-2,616	,009
ludicos	<---	Val_familiar	,198	,064	3,094	,002
hedonista	<---	Val_familiar	,098	,095	1,035	,301
instrutivo	<---	Val_familiar	,288	,113	2,558	,011
Cond_antissociais	<---	Sent_anom	1,748	,706	2,477	,013
Cond_antissociais	<---	instrutivo	-,334	,134	-2,490	,013
Cond_antissociais	<---	ludicos	,630	,279	2,260	,024
Cond_antissociais	<---	hedonista	,336	,097	3,465	***
Cond_delitivas	<---	instrutivo	,039	,052	,757	,449
Cond_delitivas	<---	ludicos	,159	,120	1,329	,184
Cond_delitivas	<---	hedonista	,040	,038	1,054	,292
Cond_delitivas	<---	Sent_anom	,486	,288	1,687	,092
SA1	<---	Sent_anom	2,576	,991	2,599	,009
SA2	<---	Sent_anom	1,684	,643	2,618	,009
SA3	<---	Sent_anom	1,825	,726	2,514	,012
SA6	<---	Sent_anom	2,195	,863	2,544	,011
SA7	<---	Sent_anom	1,000			
IDF6	<---	Val_familiar	,957	,086	11,102	***
IDF7	<---	Val_familiar	1,083	,139	7,810	***
CDAN7	<---	Cond_antissociais	1,076	,154	7,011	***
CDAN8	<---	Cond_antissociais	1,609	,203	7,944	***
CDAN10	<---	Cond_antissociais	1,690	,222	7,620	***
CDAN12	<---	Cond_antissociais	1,284	,179	7,189	***
CDAN13	<---	Cond_antissociais	,734	,118	6,197	***
CDAN16	<---	Cond_antissociais	1,287	,194	6,624	***
CDDE8	<---	Cond_delitivas	,634	,299	2,122	,034
CDDE9	<---	Cond_delitivas	,033	,024	1,392	,164
CDDE10	<---	Cond_delitivas	,156	,102	1,535	,125
CDDE11	<---	Cond_delitivas	,034	,017	1,973	,049
CDAN6	<---	Cond_antissociais	1,615	,202	8,009	***
CDAN9	<---	Cond_antissociais	,977	,141	6,951	***
CDDE1	<---	Cond_delitivas	1,000			
CDDE3	<---	Cond_delitivas	,041	,084	,481	,631
CDDE5	<---	Cond_delitivas	,403	,183	2,204	,028
CDDE6	<---	Cond_delitivas	,150	,078	1,913	,056
CDDE7	<---	Cond_delitivas	,629	,254	2,474	,013
CDDE18	<---	Cond_delitivas	,302	,279	1,080	,280

CDDE17	<---	Cond_delitivas	,634	,255	2,487	,013
CDDE16	<---	Cond_delitivas	1,100	,443	2,483	,013
CDDE15	<---	Cond_delitivas	,155	,076	2,039	,041
CDDE13	<---	Cond_delitivas	,032	,046	,705	,481
CDDE12	<---	Cond_delitivas	,266	,107	2,483	,013
CDAN1	<---	Cond_antissociais	1,000			
CDAN2	<---	Cond_antissociais	,584	,092	6,342	***
CDAN3	<---	Cond_antissociais	,488	,103	4,758	***
CDAN5	<---	Cond_antissociais	,549	,107	5,153	***
CDAN21	<---	Cond_antissociais	1,486	,178	8,349	***
CDAN20	<---	Cond_antissociais	,879	,150	5,867	***
CDAN19	<---	Cond_antissociais	,914	,155	5,876	***
CDAN18	<---	Cond_antissociais	,626	,096	6,537	***
CDDE20	<---	Cond_delitivas	,034	,022	1,590	,11 2
AHL2	<---	hedonista	,670	,153	4,384	***
AHL3	<---	hedonista	1,686	,404	4,170	***
AHL4	<---	hedonista	1,000			
AHL11	<---	ludicos	2,118	,584	3,628	***
AHL17	<---	instrutivo	,672	,216	3,107	,00 2
AHL16	<---	instrutivo	,976	,283	3,447	***
AHL14	<---	instrutivo	1,000			
AHL10	<---	ludicos	1,000			
AHL12	<---	ludicos	2,494	,654	3,816	***
AHL13	<---	ludicos	1,931	,538	3,588	***
IDF1	<---	Val_familiar	1,000			
IDF4	<---	Val_familiar	,818	,106	7,717	***
IDF3	<---	Val_familiar	,993	,088	11,233	***
IDF2	<---	Val_familiar	,825	,066	12,508	***

Significância-value 0,1

## Anexo 22 - Influência das variáveis - Modelo PROPAZ

Os dados, abaixo, mostra os efeitos dos lambdas ( $\lambda$ ) para cada uma das variáveis envolvidas, todas estando em conformidade com o padrão [0 a 1].

### Influência das variáveis - Modelo PROPAZ

Variáveis e efeito			$\lambda$
Sent_anom	<---	Val_familiar	-,545
ludicos	<---	Val_familiar	,443
hedonista	<---	Val_familiar	<u>.102</u>
instrutivo	<---	Val_familiar	,311
Cond_antissociais	<---	Sent_anom	,467

Anexos

Cond_antissociais	<---	instrutivo	-,262
Cond_antissociais	<---	ludicos	,239
Cond_antissociais	<---	hedonista	,276
Cond_delitivas	<---	instrutivo	,076
Cond_delitivas	<---	ludicos	,150
Cond_delitivas	<---	hedonista	,081
Cond_delitivas	<---	Sent_anom	,323
SA1	<---	Sent_anom	,535
SA2	<---	Sent_anom	,433
SA3	<---	Sent_anom	,475
SA6	<---	Sent_anom	,405
SA7	<---	Sent_anom	,223
IDF6	<---	Val_familiar	,701
IDF7	<---	Val_familiar	,547
CDAN7	<---	Cond_antissociais	,549
CDAN8	<---	Cond_antissociais	,682
CDAN10	<---	Cond_antissociais	,637
CDAN12	<---	Cond_antissociais	,586
CDAN13	<---	Cond_antissociais	,465
CDAN16	<---	Cond_antissociais	,507
CDDE8	<---	Cond_delitivas	,235
CDDE9	<---	Cond_delitivas	,101
CDDE10	<---	Cond_delitivas	,116
CDDE11	<---	Cond_delitivas	,196
CDAN6	<---	Cond_antissociais	,691
CDAN9	<---	Cond_antissociais	,556
CDDE1	<---	Cond_delitivas	,147
CDDE3	<---	Cond_delitivas	,029
CDDE5	<---	Cond_delitivas	,273
CDDE6	<---	Cond_delitivas	,176
CDDE7	<---	Cond_delitivas	,815
CDDE18	<---	Cond_delitivas	,071
CDDE17	<---	Cond_delitivas	,952
CDDE16	<---	Cond_delitivas	,926
CDDE15	<---	Cond_delitivas	,209
CDDE13	<---	Cond_delitivas	,044
CDDE12	<---	Cond_delitivas	,959
CDAN1	<---	Cond_antissociais	,514
CDAN2	<---	Cond_antissociais	,480
CDAN3	<---	Cond_antissociais	,336
CDAN5	<---	Cond_antissociais	,366
CDAN21	<---	Cond_antissociais	,752
CDAN20	<---	Cond_antissociais	,435
CDAN19	<---	Cond_antissociais	,435
CDAN18	<---	Cond_antissociais	,500

Anexos

CDDE20	<---	Cond_delitivas	,124
AHL2	<---	hedonista	,337
AHL3	<---	hedonista	,830
AHL4	<---	hedonista	,536
AHL11	<---	ludicos	,463
AHL17	<---	instrutivo	,378
AHL16	<---	instrutivo	,499
AHL14	<---	instrutivo	,568
AHL10	<---	ludicos	,377
AHL12	<---	ludicos	,614
AHL13	<---	ludicos	,435
IDF1	<---	Val_familiar	,840
IDF4	<---	Val_familiar	,538
IDF3	<---	Val_familiar	,700
IDF2	<---	Val_familiar	,750

